Catequese Permanente

Orione Silva Solange Maria do Carmo

Evangelização Fundamental

Módulo 4

SOMOS IGREJA

Roteiros de encontros para crianças de 8 a 11 anos

Introdução

Este é o quarto e último módulo dá série que chamamos de Evangelização Fundamental. Evangelização, porque tem como objetivo apresentar para os catequizandos a boa-nova de Jesus, a mensagem cativante e motivadora da fé. Fundamental, porque tem como objetivo construir os alicerces da vida cristã, em um processo de iniciação que leve o catequizando a mergulhar nos mistérios de Deus.

No módulo 1, apresentamos a beleza de Deus, em seu amor pela humanidade e, ao mesmo tempo, a fraqueza humana, que nos leva a necessitar ainda mais da bondade desse Deus que é todo amor.

No módulo 2, apresentamos Jesus Cristo, com seu projeto, sua pregação, sua vida, e convidamos os catequizandos a fazerem sua opção de fé em Jesus, aceitando o desafio de segui-lo.

No módulo 3, falamos desse seguimento, mostrando aos catequizandos que é no discipulado de Cristo que realmente conhecemos Jesus e experimentamos sua presença viva. Nesse caminho do discipulado, não estamos sozinhos. Somos sustentados pela força do Espírito Santo.

Agora, no módulo 4, vamos perceber que, no seguimento de Cristo, não caminhamos sozinhos. Somos Igreja! A fé cristã só pode ser pensada no âmbito da comunidade e nunca na solidão, ainda que ela seja uma decisão pessoal e intransferível de cada um que atende ao apelo de Jesus. Quando acolhemos Jesus e nos dispomos a segui-lo, percebemos que há muita gente nessa jornada. A fé nos leva, então, a abraçar um compromisso comunitário fundamental. Nós nos tornamos, pela fé, membros de uma família, irmãos em uma comunidade. Assim unidos, encontramos ainda mais força para perseverar na fé.

Com esse percurso, caminhamos desde o mistério do Deus que se revela até a necessidade de nos unirmos para viver a fé e o nosso compromisso com Ele. Entendemos que, no fim desse processo, o catequizando terá feito as experiências fundamentais do processo da iniciação cristã: primeiro, uma boa *experiência de Deus*, que é Pai amoroso, e da realidade humana, que é cercada de limites. O catequizando sentirá a importância de Deus em sua vida, amando-o e encorajando-o em suas fraquezas. Depois, a *experiência de Jesus* e do mistério da redenção, que consiste não somente em ser salvo por Cristo, mas em dar a ele uma resposta e segui-lo com fé. E ainda a experiência do *Espírito Santo*, que é nossa força no seguimento de Jesus; afinal ninguém tem força para fazer esse caminho do discipulado sem a presença do Espírito. E a *experiência de ser Igreja*, pois ninguém inventa a fé cristã, nem faz seu seguimento na solidão. Nós herdamos a fé

da Igreja, dela nos apossamos e a professamos com tantos outros irmãos que estão na mesma caminhada.

É bom lembrar que essas *experiências* estão assim ordenadas somente para fins didáticos. Na vida daquele que acolhe a presença de Deus em seu coração, elas acontecem simultaneamente. Não é possível fazer a experiência do Pai, senão por meio de Jesus Cristo, pela ação do seu Espírito, no interior de uma comunidade eclesial. Mas é preciso tematizar cada uma dessas experiências, oferecendo ao catequizando não só a oportunidade de saborear essa presença misteriosa da Trindade, mas ajudando-o também a perceber que ele professa a fé em um Deus Uno e Trino. Não cremos em um Deus uno apenas: cremos no Pai, no Filho e no Espírito Santo. Quando separamos as experiências em módulos distintos, não temos a intenção de separar as pessoas da Trindade. Queremos apenas distinguir a presença marcante de cada uma dessas pessoas. Não pretendemos diminuir a força da Trindade em nossa experiência de fé, ao contrário, pretendemos realçá-la.

Sugerimos, para o final desse módulo ou durante o mesmo, a celebração da primeira Comunhão, precedida da primeira Confissão. Esses dois sacramentos serão um rito importantíssimo nesse processo de mergulho nos mistérios fundamentais da nossa fé católica. Nossa coleção de Catequese Permanente não está centrada nos sacramentos, mas no processo de evangelização dos catequizandos, ou seja, em sua iniciação cristã. Porém, dentro desse processo de iniciação, vamos situar a celebração dos sacramentos, como marcos na caminhada de fé. Ao terminar o que chamamos de Evangelização Fundamental, estamos em um momento muito oportuno para celebrar a primeira Confissão e a primeira Comunhão. Isso vale apenas como uma sugestão.

Sugerimos que a celebração da primeira Comunhão seja precedida de alguns retiros. Seriam encontros especiais, para rezar e refletir, fazendo uma preparação próxima para a primeira confissão e a primeira comunhão. No fim do livro, há sugestões para se organizarem esses encontros.

O processo catequético, porém, não termina aqui. No próximo módulo, vamos continuar a catequese, agora com novo ânimo, pois os catequizandos já participam da mesa da Eucaristia e se fortalecem da presença de Jesus eucarístico. Depois de experimentar a alegria da boa-nova, por meio do mergulho nos mistérios de nossa fé, vamos ajudar os catequizandos — que, aliás, já devem estar adolescentes — na vivência desses mistérios, enfrentando os desafios que se avizinham.

Neste módulo que ora apresentamos, esperamos que os catequistas também façam, juntamente com os seus catequizandos, esse mergulho no mistério de ser Igreja. É desafiador, mas estimulante, experimentar e compreender a fé em Deus que nos faz irmãos e partilhar a vivência da fé que nos torna comunidade: um só corpo, um só coração, uma só alma. Somamos nossas qualidades e talentos,

mas também unimos nossas limitações e fraquezas, em um grande esforço de viver o que cremos. Vamos descobrir juntos os desafios de ser Igreja e a beleza de viver em comunhão, em um processo sempre iluminado pelo amor de Deus, cuja misericórdia tudo supera, pelo chamado de Jesus, cuja ação libertadora nos remete para além de nós mesmos, e pelo impulso do Espírito Santo, cuja força sempre nos sustenta nesse compromisso.

Especialmente durante este módulo, sugerimos aos catequistas que incentivem os catequizandos a perseverar na fé. Mostrem a eles que a nossa formação nunca acaba. Isso ajuda a quebrar aquela visão, muito cristalizada entre nós, de que a primeira Comunhão é o fim de um processo, como a formatura no final de um curso. Devido a essa antiga mentalidade, muitos tendem a desanimar e abandonar a catequese depois de fazer a primeira Comunhão. Porém, se o próprio catequista estiver convencido de que a formação é permanente, saberá mostrar aos catequizandos que o processo de iniciação na fé precisa prosseguir. A catequese é permanente e isso é fundamental. Comungamos não para concluir um processo, mas para nos unir mais ainda a Jesus e a seu povo que caminha aprofundando sua fé. Comunhão é união, não afastamento.

Vamos combater, especialmente durante este módulo, o afastamento da catequese depois da primeira Comunhão. Vamos mostrar que, depois dessa caminhada, temos um compromisso maior com a Igreja, pois somos Igreja. E isso se expressa na comunhão e na participação, que supõem a continuidade da caminhada. A Eucaristia é alimento para quem caminha; quem está se tornando adolescente ou jovem precisa, ainda mais, da força de Deus. Não é a primeira e última comunhão. É o primeiro passo de quem tem um longo caminho a percorrer, um caminho de novas descobertas que nos leva ao amadurecimento de nossa fé, porque não podemos crescer em tamanho sem crescer também em sabedoria e graça diante de Deus e do mundo. Não fosse assim, permaneceríamos eternamente como crianças na fé.

Argumentos não faltam. Os catequistas se esmerem na conscientização de que a catequese é permanente. Não termina na primeira Comunhão. Mais importante que fazer a primeira Comunhão é viver sempre em comunhão e isso significa comungar sempre, participando da vida da comunidade e da Igreja.

Que Deus ilumine e dê perseverança a todos os catequistas e catequizandos.

Os autores.

Primeira Etapa Como nasceu nossa Igreja

Vamos iniciar este módulo com uma volta às origens. Vamos mergulhar no mistério da Igreja, revendo como ela surgiu, como foram seus primeiros passos, como começou a se organizar.

Não dá para fazermos aqui um apanhado geral de toda a história da Igreja. Mas entendemos que as pessoas não se comprometerão de fato com a Igreja, com sua missão, se não tiverem boa compreensão de suas origens. A experiência dos primeiros seguidores de Jesus é convite sedutor para nossa experiência eclesial.

Fala-se muito de voltar às raízes da fé, para não perdermos a identidade do projeto de Cristo. É o que pretendemos nessa primeira etapa.

Vamos ver como a Igreja nasceu e como começou o seu trabalho em comunidades, organizando-se aos poucos, contando com o testemunho e a coragem de pessoas muito decididas, enfrentando ao mesmo tempo fraquezas e limitações, mas tentando vencer sempre.

Acreditamos que uma boa retomada das origens da Igreja ajudará muito para que os catequizandos aprendam a amar a Igreja de que fazem parte. E esse amor será fundamental para que perseverem em comunhão com a Igreja.

Nós não somos apenas cristãos. Somos católicos. Temos o maior respeito por todas as pessoas que amam a Cristo e que participam de outras Igrejas ou de nenhuma Igreja até. Apesar de todo o respeito a outras religiões e crenças, e da vertente ecumênica desta coleção, lembramos que estamos lidando com uma coleção católica, escrita por pessoas católicas, para uma catequese paroquial nas comunidades católicas. Nossa experiência eclesial se insere nesse contexto católico.

Sugerimos, então, reforçar a identidade do católico. O verdadeiro ecumenismo ou diálogo inter-religioso não pretende unir todos os que crêem numa única religião. O que se deseja é incentivar o respeito às diferenças que marcam a identidade de cada profissão de fé. Respeitar os demais cristãos não significa que não devamos clarear e firmar nossa identidade eclesial. Para ficar ainda mais claro, é bom entender: Cristão é uma palavra genérica para designar quem se identifica com Cristo de alguma forma. Católico é uma palavra que designa quem se identifica com Cristo, não de uma forma qualquer, mas em sintonia com essa Igreja, cujo surgimento procuraremos entender melhor e cuja experiência tentaremos resgatar.

Aqui, em nossa catequese, é momento de falarmos da Igreja de que fazemos parte: Igreja Católica Apostólica Romana. Nesse módulo 4, vamos trabalhar isso de modo intenso, mostrando o sentido de ser católico ou a alegria de seguir Jesus em comunhão com a Igreja Católica Apostólica Romana. Não podemos perder a identidade de nossa fé, deixando-a diluir-se nos diversos cristianismos – e até outras crenças – que há por aí.

O reforço de nossa identidade sempre caminhará junto com a atitude ecumênica que se espera de todo cristão e até reforçará o ecumenismo, pois, estando mais seguros, poderemos compreender as diferenças entre cristãos e dialogar melhor, até mesmo com outras religiões não cristãs.



1º Encontro A ESCOLHA DOS DOZE APÓSTOLOS

1. Acolhida e oração inicial

- Receber a turma com simpatia e atenção. Cantar músicas animadas. No fim do livro, há diversas sugestões. O catequista poderá usar outras que achar oportunas.
- Montar um cartaz com o nome de cada pessoa da turma, incluindo a data do aniversário natalício e do aniversário de batismo. Lembramos a importância de celebrar essas datas: o dia do nascimento e do batismo. Se as pessoas ainda não se conhecerem pelo nome, sugerimos usar crachás para facilitar a identificação. O catequista ajude para que todos se conheçam pelo nome.
- Para montar o cartaz, sugerimos o seguinte. O catequista entrega a cada participante um cartão de papel em branco em forma de cruz, onde ele deve escrever seu nome, a data do nascimento e a data do batismo (se ele souber, é claro!). No cartaz, o catequista terá escrito: Vem e segue-me! O catequista pode fazer um belo desenho de uma cruz ou colar uma estampa de Jesus ao centro. Cada catequizando, depois de preencher o cartão, vai à frente e cola sua cruz no cartaz. Enquanto isso, todos cantam. Sugerimos a música 18.

- Terminada a montagem, todos podem se cumprimentar, dando-se as boas vindas e se apresentando aos colegas ainda não conhecidos.
- Depois, sossegar a turma e fazer o Sinal da Cruz.
- Dar as mãos, fazendo uma roda, e silenciar o coração para rezar.
- Motivar: Hoje é o nosso primeiro encontro da catequese, nesse ano. Viemos aqui para conhecer e amar mais a Jesus, que nos ama e nos chama a segui-lo na comunidade de fé, a Igreja. Vamos entregar com confiança a ele a nossa vida, nossas esperanças e alegrias, nossos medos e receios, nossa vontade de conhecê-lo e segui-lo ainda mais. Em silêncio, cada um feche os olhos, abaixe a cabeça e reze; converse com Deus entregando a ele sua vida e abrindo seu coração para acolher sua presença amorosa.
- Depois de breve momento de silêncio, o catequista convida a turma para erguer os braços rumo ao céu e repetir com ele a prece seguinte: Ó Deus de amor, Pai de Jesus e nosso Pai querido, nós confiamos ao Senhor nossa vida e pedimos força para nossa caminhada na catequese. Amém!
- Cantar algo animado, se for oportuno. Sugerimos a música 4.

2. O QUE A BÍBLIA DIZ

Motivação

Nesse ano, em nossos encontros, vamos fazer experiências importantes. Vamos experimentar, com mais força ainda, como é bom ser Igreja. Vamos mergulhar nesse mistério da comunhão: o mistério de não crermos sozinhos, mas de partilharmos da mesma fé de muita gente que também segue Jesus. Já tivemos a oportunidade de experimentar e refletir que Deus nos ama e nos ajuda a vencer nossas fraquezas; que Jesus é nosso salvador, nele devemos crer e confiar; já vimos também que somos discípulos de Jesus e podemos testemunhar que, no seguimento do Ressuscitado, contamos com a força do Espírito Santo. Agora, vamos perceber melhor uma realidade que já conhecemos: não estamos sozinhos nesta caminhada. Conosco caminham muitos irmãos e irmãs, formando a Igreja de Jesus: o povo de Deus unido pela fé. Tudo começou quando Jesus chamou os doze apóstolos. É o que veremos no texto de hoje.

Texto: Lc 6,12-19

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

Partilha

- O que Jesus foi fazer no alto da montanha? O que ele fez durante toda a noite?
- O que Jesus fez ao amanhecer?

• Depois de escolher os doze apóstolos, para onde Jesus foi com eles?

Aprofundamento

- Jesus passou uma noite inteira em oração. Depois escolheu doze pessoas, entre os seus discípulos, a quem chamou de apóstolos. E, com eles, Jesus foi ao encontro da multidão que os esperava. Assim, Lucas narra a escolha dos doze apóstolos de Cristo.
- Convém notar que há aqui uma diferença entre o apóstolo e o discípulo. O texto diz que, dentre os seus discípulos, Jesus escolheu doze apóstolos. Discípulo é aquele que aceita Jesus e sua mensagem, que aprende o jeito novo de Jesus e por isso se torna seu seguidor. É uma espécie de simpatizante. Apóstolo é mais. É aquele que recebe uma missão, que é enviado para uma tarefa especial. Diríamos que o apóstolo é um missionário. Em resumo, discípulo é quem aprende com Jesus; apóstolo é quem é enviado por Jesus para uma missão.
- Quando Jesus escolhe doze apóstolos, uma coisa fica clara: ele não quer formar apenas admiradores, simpatizantes. Ele dá uma missão a um grupo de pessoas, cheias de boa vontade e disposição para trabalhar. Desse grupo dos doze vai nascer a Igreja. Depois de escolhidos, eles passam a seguir Jesus de perto, aprendendo a amar e servir como Jesus fazia.
- No começo, os apóstolos não entenderam exatamente qual seria a missão deles. O que Jesus faz eles fazem também. Jesus os leva ao encontro do povo. Eles ficam observando como Jesus trata o povo, como socorre a cada um, como perdoa, como cura, como acolhe, como ensina a Palavra de Deus. Depois, eles vão sair pelo mundo fazendo isso em nome de Jesus. Aí a Igreja vai se organizando devagarzinho, a partir do trabalho desses missionários.
- Duas coisas ficam certas: 1ª) O primeiro grupo de apóstolos, que vai dar mais tarde origem à Igreja, nasce de uma vontade de Jesus. Jesus quis contar com colaboradores e deu a um grupo de apóstolos uma missão especial. Ele achou que isso era necessário. 2ª) A Igreja nasce com uma missão estabelecida: fazer as coisas que Jesus fazia, tornando Jesus presente no meio do mundo, levando socorro, acolhida, ajudando o povo a também conhecer e amar Jesus. É o Reino de Deus que vai acontecendo devagarzinho por meio da ação transformadora dos seguidores de Jesus.

3. ATIVIDADE

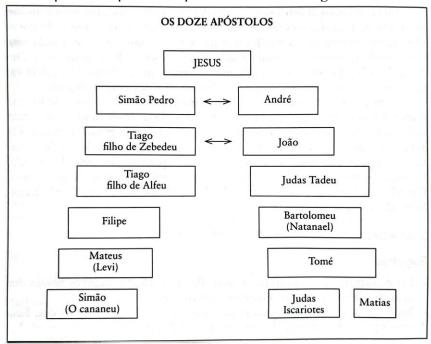
Sugestão

- Ler novamente para a turma os versículos 14 e 16 que citam os nomes dos doze apóstolos. Pedir que guardem bem os nomes.

- Pedir que encontrem no caça-palavras os nomes dos doze apóstolos. Essa tarefa pode ser feita individualmente ou em duplas.

A	S	D	F	G	Н	J	*	J	P	I	L	A	T	O	S	Z	X	J	\mathbf{C}
В	I	U	Y	*	R	Ε	W	Q	O	L	*	0	M	K	J	U	D	A	S
A	P	O	A	S	*	D	F	G	I	U	J	В	T	L	M	N	В	R	O
R	U	J	U	D	A	S	*	I	S	\mathbf{C}	A	R	I	O	T	E	S	O	P
T	Y	O	T	R	R	Е	W	Q	Y	A	F	A	A	*	J	В	I	N	L
O	Y	Ã	T	R	\mathbf{C}	Ε	A	W	*	S	Z	S	G	\mathbf{C}	V	S	M	I	M
L	L	O	K	J	*	Η	N	G	F	D	A	S	O	Q	W	T	A	M	R
O	Z	J	Η	G	S	F	D	A	T	P	*	Y	P	A	U	L	O	I	T
M	A	T	Е	U	S	В	R	N	Ι	*	Α	S	G	J	*	W	*	Q	W
Е	K	J	A	G	F	D	É	S	A	P	I	I	U	Y	T	A	P	Ε	F
U	W	Q	E	*	T	Y	U	Ι	\mathbf{G}	P	0	M	L	*	N	P	Е	\mathbf{C}	I
J	Η	N	I	C	O	D	Ε	M	O	S	V	Ã	D	S	A	В	D	X	L
T	R	Y	P	*	M	Q	*	A	J	E	R	O	N	I	M	0	R	N	I
D	$\overline{\mathbf{C}}$	A	S	D	É	F	G	Н	J	*	D	U	*	M	A	T	O	В	P
J	O	S	Е	*	D	E	*	A	R	I	M	A	T	Е	I	A	M	N	Е

 Quando terminarem, montar um painel sobre os doze apóstolos, conforme sugestão abaixo. Enquanto monta o painel, o catequista vai conversando e explicando pontos importantes que se encontram a seguir:



- Há duas duplas de irmãos: Simão Pedro e André; Tiago e João filhos de Zebedeu.
- Simão Pedro chamava-se só Simão. Jesus lhe atribuiu o nome Pedro, que quer dizer pedra, por causa de sua firmeza.
- Há nomes repetidos: Simão Pedro e o outro Simão, conhecido como Simão cananeu natural de Canaã; Tiago de Zebedeu e Tiago de Alfeu; Judas, conhecido como Judas Tadeu hoje chamado de São Judas Tadeu e Judas Iscariotes, aquele que traiu e entregou Jesus. Bartolomeu parece ser o mesmo Natanael (cf. Jo 1,43-51).
- Mateus era tido como grande pecador, porque trabalhava como funcionário do Imperador de Roma, que, naquela época, dominava os judeus. Ele era cobrador de impostos. Os cobradores de impostos eram conhecidos como publicanos, ou seja, funcionários públicos. Os judeus daquela época não gostavam de quem trabalhava para o Imperador, ainda mais quando eram cobradores de impostos. A forte cobrança de impostos oprimia o povo e enriquecia o Império Romano. Alguns dizem que os cobradores de impostos exigiam tarifas maiores e ficavam com um pouco para si. Dessa forma estavam, de algum modo, roubando do povo. O importante é notar que Jesus confiou em alguém que não era muito bem visto pelo povo. Jesus não tem preconceito. Dá uma chance a Mateus e ele se torna também apóstolo. Se o povo acha que ele é pecador, Jesus quer mostrar que os pecadores também estão sendo chamados. Que se convertam e sigam a Cristo.
- Judas Iscariotes foi quem traiu Jesus. Não entendeu bem a proposta de Jesus. Dizem que ele acabou se matando, arrependido de ter traído Jesus. No lugar dele, para não desfalcar o grupo dos doze, foi escolhido Matias. Assim, o grupo ficou completo de novo (cf. At 1,23-26).
- O grupo dos doze é bem diversificado. Jesus escolhe pessoas diferentes que vão trabalhar juntas, com o mesmo ideal. A Igreja é assim também: um grupo de pessoas diferentes, cada qual com seu jeito, com seu dom, mas todos empenhados na mesma causa: o Reino de Deus.
 - Importante: Sugerimos que o catequista guarde esse painel, pois em outros encontros ele poderá ser reutilizado, quando voltarmos a falar dos apóstolos.

Conclusão

Esses foram os primeiros apóstolos, os primeiros discípulos que receberam de Jesus uma missão especial. O grupo dos doze é a raiz de nossa Igreja. Com o tempo, outras pessoas foram assumindo a mesma missão dos apóstolos. O grupo

foi crescendo e se organizou. E virou uma grande Igreja de apóstolos de Jesus. É importante saber isso: conforme contam os evangelistas, Jesus achou necessário escolher alguns para serem apóstolos, mostrando com isso seu desejo de formar um grupo de pessoas comprometidas com o Reino de Deus. A Igreja nasce do grupo dos doze, com a missão bem definida de fazer as coisas que Jesus fazia. Aqui estão, portanto, as raízes de nossa Igreja.

4. Oração final e encerramento

- Convidar a turma para louvar a Deus pela Igreja, pelos apóstolos que acreditaram em Jesus e assumiram sua missão e por todas as pessoas que, como os apóstolos, se esforçam por tornar Jesus presente no mundo de hoje.
- Cantar música de louvor. Sugerimos a nº 6.
- Fazer preces espontâneas, agradecendo a Deus pelas pessoas que são para nós motivo de paz e sinal da presença de Jesus, por todos aqueles que atendem o apelo de Jesus e aceitam a proposta de segui-lo e construir o Reino. Explicar que os apóstolos eram sinal da presença de Jesus para as pessoas. Em nossa vida, certamente há pessoas que nos transmitem essa presença e essa força de Jesus. É por elas que vamos louvar a Deus. A resposta pode ser a própria música acima, cantada de vez em quando entre algumas preces. O catequista pode iniciar com preces assim:
- Senhor, eu te agradeço por... (citar o nome) que sempre foi para mim motivo de fé e coragem.
- Senhor, eu te agradeço por... (minha mãe ou meu pai) que procura me transmitir a presença e a força de Jesus. Etc.
- Repetir a música anterior.
- Motivar para o próximo encontro e encerrar cantando à vontade.

Dicas para o catequista

- Nesse primeiro encontro, ainda mais que em todos os outros, é importante começar rezando, e rezando bem. A turma deve perceber desde o começo da jornada catequética que os encontros semanais são diferenciados: não são aula de catequese ou religião, nem catecismo para decorar coisas, apesar do valor de ambos. A catequese é encontro com Deus, é comunhão com ele e com os irmãos de fé, com quem partilhamos as esperanças do Reino. Por isso, capriche o catequista na preparação das orações. Evite rezar apenas orações decoradas como o Pai-Nosso e a Ave-Maria ou a Oração ao Espírito Santo. Motive a turma a dialogar com Deus, a se entregar a ele, a confiar sua vida a ele. Nós sempre colocamos uma sugestão, só para facilitar, mas o catequista aprimore os roteiros, melhore os momentos orantes, pois ele conhece a turma e sabe de suas capacidades e li-

mites.

- Como a catequese é iniciação na fé, convidamos o catequista a aproveitar cada encontro para fazer também sua experiência de Deus, seu mergulho no mistério que ele mesmo transmite aos catequizandos. Cada encontro que ele prepara é ocasião de renovar sua fé, de deixar-se tocar pelo Deus vivo que o chamou a ser catequista e o mantém no caminho. Cada encontro que ele realiza é oportunidade única para partilhar a fé e redescobrir as maravilhas do mistério celebrado com a turma.



2º Encontro O COMPROMISSO DOS APÓSTOLOS

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Receber a turma com toda a atenção. Fazer momento de animação, cantando músicas apropriadas.
- Sossegar a turma para rezar.
- Fazer o Sinal da Cruz, lembrando antes seu sentido: é em nome de Deus, ou seja, na presença de Deus, por causa de seu amor que nos congrega, que a turma se reúne. Lembrar a promessa de Jesus: "Onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles" (Mt 18,20).
- Motivar: Vamos começar nosso encontro rezando. Vamos entregar nossa vida a Jesus com muita confiança, sem jamais desanimar por causa das dificuldades que aparecem no caminho. As dificuldades do caminho não devem nos fazer desistir. São apenas atropelos que a vida tem. É preciso confiar em Deus, colocar nossa vida em suas mãos e seguir em frente, pois ele está conosco, como um farol, uma luz em nosso caminho.
- Sugerimos cantar várias vezes a música nº 3, até silenciar a turma.
- Depois, convidar a turma para fazer preces. Cada um pode dizer algo como: Jesus, eu te entrego minha vida; Jesus, eu te entrego minha família; Jesus, eu te entrego minhas tristezas; etc.
- Depois de cada prece, todos dizem: Senhor, escuta a nossa prece.

- Ao final, repetir a música anterior.

2. O QUE A BÍBLIA DIZ

Motivação

Estamos vendo como nasceu a Igreja. Primeiro, Jesus escolheu doze apóstolos e confiou a eles uma missão. Esses apóstolos acompanharam Jesus de perto. Durante toda a sua missão, Jesus ensinou a eles muitas coisas. Mas, como já sabemos, um dia a missão de Jesus nesse mundo chegou ao fim. Era a hora de os apóstolos assumirem suas tarefas. Assim se deu o começo da missão da Igreja. No texto de hoje, vamos recordar como isso aconteceu, lembrando alguns momentos marcantes no começo de nossa Igreja.

Texto: At 1,1-14

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

Partilha

- O livro dos Atos dos Apóstolos foi escrito por Lucas o mesmo autor do Evangelho segundo Lucas. O Evangelho é o primeiro livro de Lucas. De acordo com o texto que ouvimos, o que Lucas explicou em seu primeiro livro, ou seja, no Evangelho que escreveu?
- Qual foi a ordem que Jesus deu aos apóstolos?
- Qual era a promessa do Pai que devia se realizar?
- Para que o Pai mandaria o Espírito Santo?
- O que significa a ascensão de Jesus?
- O que os dois homens vestidos de branco disseram aos discípulos?
- O que os apóstolos fizeram depois da ascensão do Senhor?

Aprofundamento

Com esse texto, queremos recordar alguns passos muito marcantes para o começo de nossa Igreja. São coisas das quais já falamos nos módulos anteriores, mas vamos recapitular, para que fique bem claro.

Sugerimos que o catequista use o seguinte cartaz:

COMO NASCEU NOSSA IGREJA?

- 1°) Jesus chama os doze apóstolos.
- 2°) Jesus morre e ressuscita.
- 3°) Os discípulos fazem a experiência de Jesus ressuscitado.
- 4°) Jesus volta para junto do Pai.

- 5°) Jesus envia o Espírito Santo.
- 6°) Os apóstolos assumem seu compromisso.
- 1º) Jesus chama os doze apóstolos: É o que vimos no encontro anterior. De toda a multidão que o seguia, Jesus convidou um grupo especial, os doze apóstolos, que aprenderam com Jesus o que depois deveriam anunciar aos outros. Esse grupo dos doze acompanhou Jesus de perto, em toda a sua missão. Eles viram o que Jesus fazia. Foram testemunhas de tudo o que aconteceu com Cristo, para depois contar a verdade para os outros. Daí a importância desse grupo.
- 2º) Jesus morre e ressuscita: Também já sabemos como isso aconteceu. A pregação de Jesus agradou a muitos, mas incomodou as autoridades de seu tempo, especialmente as autoridades religiosas. Jesus foi condenado e morreu na cruz. Mas a morte não o venceu. Deus o ressuscitou e ele continua vivo no meio de nós.
- 3°) Os discípulos fazem a experiência de Jesus ressuscitado: Após sua ressurreição, os apóstolos e muitos outros discípulos experimentaram a presença viva e vitoriosa de Jesus. Essas pessoas tornaram-se testemunhas da ressurreição de Cristo. Com a morte de Jesus, os discípulos ficaram desanimados. Acharam que a missão havia chegado ao fim. Mas, com a ressurreição, eles se animaram novamente. Se Jesus estava vivo, a missão devia continuar. No texto que lemos hoje, Lucas diz que Jesus, depois de sua morte, mostrou-se vivo aos apóstolos, tirando deles todo temor e toda tristeza. Com isso, ficou claro que Jesus queria que a missão continuasse. E eles recobraram ânimo, para continuar construindo o Reino de Deus.
- 4º) Jesus volta para o Pai: Também já ouvimos falar da ascensão de Jesus. Ela significa que Jesus voltou para junto do Pai, pois sua missão já tinha sido cumprida nesse mundo. A ascensão marca, então, o momento em que Jesus se despede dos discípulos. É como se ele dissesse: "Agora que vocês já sabem que eu ressuscitei, já acreditaram em tudo o que aconteceu, eu não preciso mais ficar paparicando vocês. Vocês já estão bem grandinhos. É hora de assumir a missão!" Então, Jesus se despede de seus amigos e volta para junto do Pai. A partir de então, os discípulos é que devem continuar fazendo o que Jesus fazia. Jesus prometeu acompanhar e abençoar o trabalho da Igreja. Ele não estaria mais fisicamente presente, mas sua presença amiga estava garantida, mesmo que os discípulos não pudessem mais vê-lo.
- 5º) Jesus envia o Espírito Santo: A promessa do Pai, da qual Lucas fala, é esta: Jesus vai enviar o Espírito Santo para acompanhar o trabalho dos

- apóstolos. Desse modo, eles não estarão sós. Terão consigo a força do alto, a luz do Espírito Santo para guiá-los. Já refletimos no Módulo 3 sobre o Espírito Santo. Mas vamos lembrar que o envio do Espírito foi muito importante para o começo da Igreja. Tendo o Espírito como guia, os apóstolos ganharam coragem para testemunhar a fé.
- 6º) Os apóstolos assumem seu compromisso: Depois de tudo isso, os apóstolos e demais discípulos estavam preparados para assumir o compromisso, cumprindo as recomendações de Jesus. Esse compromisso se resume numa expressão muito bonita, lembrada por Lucas, no texto que ouvimos. Jesus pede aos discípulos que sejam testemunhas em Jerusalém, por toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra. Vamos entender melhor o compromisso dos seguidores de Cristo?

Sugerimos usar outro cartaz para falar da missão dos apóstolos.

O COMPROMISSO DOS APÓSTOLOS

- At 1,8: Ser testemunhas de Cristo em todo o mundo.
- Mt 28,19-20: Fazer discípulos, batizar e ensinar.
- Mc 16,20: Ensinar a boa-nova por toda parte.
- No texto que lemos, Jesus fala que os discípulos devem ser testemunhas dele em toda parte, até os confins da terra. Testemunha é a pessoa que viu, presenciou, experimentou e, por isso mesmo, pode transmitir aos outros essa experiência que teve. No caso, estamos falando da experiência de Cristo: do que ele ensinou, de como ele deu sua vida na cruz, de como ressuscitou e prometeu estar sempre presente na vida dos seus seguidores.
- Em Mt 28, Jesus pede aos discípulos que saiam pelo mundo inteiro fazendo outros discípulos, ou seja, convidando outras pessoas para conhecer e seguir Jesus. Eles seriam, agora mais que nunca, pescadores de homens. Além de fazer discípulos, os apóstolos deviam batizar e ensinar. O batismo cria um vínculo de compromisso das pessoas com Deus e com a comunidade, pois é um rito de iniciação; ele mergulha a pessoa em Deus e na comunidade de fé. O ensino leva a um aprofundamento da fé. Jesus queria que os novos discípulos fossem realmente comprometidos e bem orientados. E essa é a tarefa dos discípulos e apóstolos de Jesus.
- Em Mc 16, Jesus ressalta que os apóstolos devem ensinar a boa-nova por toda parte. A expressão boa-nova é muito importante para Marcos. A boa-nova, ou boa notícia, é o relato da vida, morte e ressurreição de Jesus; é o anúncio do modo novo de viver que Jesus ensinou aos discípulos e que, agora, eles devem pas-

- sar adiante. A boa-nova é a novidade da presença de Deus entre nós, por meio de seu filho Jesus Cristo.
- Esse era o compromisso dos apóstolos. E desse compromisso nasceu a Igreja. O compromisso dos apóstolos é o compromisso da Igreja. A Igreja é o grupo de seguidores de Cristo, que, depois de passar por todas as experiências das quais falamos chamado de Jesus, seguimento, morte e ressurreição de Jesus, experiência da Páscoa, Pentecostes –, agora recebe a incumbência de se manter unida porque tem uma missão importante a desempenhar. Dessa missão confiada por Jesus, começa a nascer a Igreja da qual fazemos parte.

3. ATIVIDADE

Sugestão

- Convidar a turma para resolver uma Palavra Cruzada. Sugerimos fazer em pequenos grupos de duas ou três pessoas.

PALAVRA CRUZADA

- 1. Nome que os seguidores de Jesus receberam logo no início da Igreja, pelo qual são conhecidos até hoje. (CRISTÃOS)
- **2.** Nome dado aos doze discípulos que foram escolhidos por Jesus para acompanhá-lo mais de perto. (APÓSTOLOS)
- **3.** Tarefa que os apóstolos receberam de Jesus, pela qual são também conhecidos como missionários. (MISSÃO)
- **4.** Nome dado à festa que acontece cinquenta dias após a ressurreição de Jesus, que comemora a vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos. (PENTECOSTES)
- **5.** Acontecimento muito especial que ocorreu depois da morte de Cristo e que fez os discípulos perceberem que Jesus havia vencido a morte. (RESSURREI-ÇÃO)
- **6.** Nome dado ao acontecimento narrado por Lucas, segundo o qual Jesus voltou para junto de Deus, despedindo-se dos seus seguidores. (ASCENSÃO)
- **7.** Cidade onde Jesus foi crucificado e onde os discípulos deveriam, segundo Lucas, começar sua missão de pregar o evangelho. (JERUSALÉM)
- 8. Nome dado a todos os seguidores de Jesus. (DISCÍPULOS)
- **9.** Função que os apóstolos deveriam desempenhar perante o mundo, depois de presenciar a ressurreição de Jesus. O que eles deveriam ser. (TESTEMUNHAS)
- **10.** Tarefa que Jesus deu a seus discípulos, além de batizar (cf. Mt 28,20). (ENSINAR)
- **11.** O mesmo que evangelho ou boa notícia. (BOA NOVA)

								C	R	I	S	Т	Â	О	S				
	Α	P	Ó	S	T	О	L	0	S			ı							
								M	I	S	S	Â	О						_
								P	Е	N	T	Е	C	0	S	T	Е	S	
								R	Е	S	S	U	R	R	Е	I	Ç	Â	O
	Α	S	C	Е	N	S	Ã	O											
J	Е	R	U	S	Α	L	É	M											
							D	I	S	C	Í	P	U	L	О	S			
						T	Е	S	T	Е	M	U	N	Н	Α	S			
						Е	N	S	Ι	N	A	R							
							В	0	A	*	N	O	V	A					

- Corrigir a Palavra Cruzada, aproveitando para recapitular o assunto.

Conclusão

Todo o movimento de evangelização, que transmitiu a fé em Jesus Cristo em toda aquela região até os dias de hoje, não teria sido possível se não fosse o compromisso dos apóstolos e de todos aqueles que seguiam Jesus Cristo. A Igreja surge desse compromisso. Jesus deu a missão. E os apóstolos assumiram sua tarefa com disposição. Por isso, em pouco tempo, toda aquela região já conhecia a Palayra de Jesus.

4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Motivar: O que mais nos chama a atenção nesse começo da Igreja é o compromisso dos cristãos. Com que entusiasmo eles assumiam sua missão! Em todas as épocas da vida da Igreja e já são mais de dois mil anos não faltaram pessoas comprometidas com os ideais de Jesus. Vamos refletir sobre isso e nos perguntar: Será que nós estamos bem comprometidos com Jesus? Será que não precisamos renovar e reanimar nosso compromisso?
- Cantar a música 9.
- Rezar todos juntos com o catequista, pedindo a Deus que anime e renove o compromisso de todos os cristãos espalhados pelo mundo inteiro. O catequista reza e a turma repete: Senhor Jesus, abençoa toda a sua Igreja, que está presente no mundo inteiro. Que todos nós, seus seguidores, tenhamos coragem e força para testemunhar seu nome, dando a vida na construção

- do seu Reino. Amém!
- Motivar a turma para o próximo encontro.
- Encerrar à vontade. Que tal cantar algo bem animado?

Dicas para o catequista

- Sobre a ascensão de Jesus, há no módulo 3, 3ª etapa, 1º encontro, explicações preciosas para o catequista. Caso o catequista ainda não tenha trabalhado com esse módulo, seria bom retomar esse encontro e rever algumas explicações importantes. De qualquer modo, vão aqui algumas explicações de expressões que aparecem no texto e que podem confundir o catequista.
- A restauração do reino de Israel: Os judeus viviam na expectativa messiânica: esperavam um messias que tirasse sua nação do domínio estrangeiro, tornando-a um reino livre. Segundo os evangelistas, até mesmo os discípulos de Jesus pensavam que ele fosse esse messias que tinha vindo governar o povo em nome de Deus. É por isso que Lucas diz que eles perguntaram a Jesus: "É agora que vais restaurar o reino de Israel?" Eles não entenderam que Jesus era um messias bem diferente do esperado.
- O número quarenta: Esse número tem sentido teológico e não quantitativo. Ele significa o tempo suficiente para se amadurecer uma idéia. Note que o povo ficou quarenta anos no deserto, até estar pronto para entrar na Terra Prometida; Elias caminhou quarenta dias sustentado pelo pão que os anjos lhe serviram, até criar coragem para enfrentar de novo seus inimigos; Jesus ficou quarenta dias no deserto sendo tentado, até se sentir pronto para assumir sua missão. Os discípulos levaram quarenta dias para fazer a experiência da ressurreição e entender que Jesus está vivo. Logo, o número é algo teológico, denso de significado e não uma marca de dias, meses ou anos no calendário.
- A expressão "sereis batizados no Espírito Santo": O batismo de João Batista era feito na água. O mergulho significava a morte para a vida velha e a conversão que traz a vida nova: um rito de iniciação no grupo dos batistas. Jesus promete batizar com o Espírito Santo, que é fogo. Uma expressão forte apenas para dizer que Jesus é muito mais que João Batista e que a vida nova que se tem nele nem se compara com algo já experimentado antes. O Espírito Santo anima, capacita, ilumina todo aquele que se torna seguidor de Jesus. Alguns movimentos religiosos costumam usar a expressão "batismo no Espírito Santo" para significar a renovação do fervor no coração da pessoa que estava um pouco afastada de sua vivência religiosa. Mas não devemos pensar que o "batismo no Espírito" seja hoje para nós outro batismo diferente do sacramento que um dia recebemos. Todos nós, quando fomos batizados, já recebemos a semente da fé e o dom do Espírito Santo. Pode ser que alguém cuide mal dessa semente e

um dia passe por um verdadeiro despertar religioso, redescobrindo a força do Espírito que habita em seu coração. Não se trata, como se vê, de um novo sacramento, mas da renovação e da redescoberta do que estava esquecido.

- Os "homens de branco": Não é a primeira vez que aparecem homens de branco nos relatos bíblicos acerca da ressurreição. Em Mc 16,15, um jovem de branco comunica às mulheres que Jesus está vivo; em Lc 24,5, dois homens de vestes brilhantes interpelam as mulheres no sepulcro; em Mt 28,2-3, é um anjo que está vestido de branco e comunica a boa-nova da ressurreição; em Jo 20,12-13 dois anjos vestidos de branco perguntam a Madalena: "Por que choras?". Esses homens são personagens literários, criados pelo autor, para transmitir alguma mensagem importante: uma mensagem que o ser humano não seria capaz de descobrir sozinho. Por vezes, os autores bíblicos usam esse recurso, dizendo que anjos foram enviados (a Maria, a José, etc.). É o mesmo sentido: são mensageiros de Deus.
- A subida para o céu e a nuvem: Durante muito tempo se pensou que o céu fosse um lugar, bem ali acima das nuvens. E acima das nuvens estava o trono de Deus, de onde ele governa todas as coisas. Era essa a cosmovisão predominante. No tempo em que a Bíblia foi escrita, isso ainda era mais visível. É só abrir o Apocalipse (cap. 4) e leremos que João viu o céu se abrir e, lá no alto, o trono de Deus com uma maravilhosa liturgia celeste acontecendo. É isso que está na cabeça de Lucas: Jesus veio do céu (lá em cima) e para lá deve voltar. Por isso ele sobe para o céu e uma nuvem o oculta. Mas é importante saber que esta é uma linguagem figurada. Não devemos pensar que Jesus subiu como um foguete espacial. O céu não está acima das nuvens, nem está lá o trono de Deus. Os astronautas já exploraram o espaço e não viram o céu lá. Até porque o céu não é um lugar. É algo mais existencial. Então, o que significa a subida de Jesus para o céu? Significa que, a partir de então, Jesus está em outra dimensão que não a nossa e que os discípulos devem conviver com sua presença viva, mas espiritual e não física, assim como nós o experimentamos hoje.



3º Encontro AS PRIMEIRAS COMUNIDADES

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Receber a turma com entusiasmo. Não se esquecer nunca da pontualidade e da preparação do ambiente. Iniciar o encontro cantando músicas animadas. No final do livro, há sugestões.
- Sossegar a turma para rezar. Fazer o Sinal da Cruz.
- Convidar a turma para invocar a força do Espírito Santo. Erguer as mãos e rezar a oração ao Espírito Santo.
- Colocar a mão no ombro do companheiro e rezar pedindo que o Espírito Santo o ilumine e fortaleça. Pode-se repetir com o catequista: Venha, Espírito Santo, iluminar esse meu colega. Que ele se sinta fortalecido pela sua presença e animado pela sua força. Que ele se torne, sempre mais, um verdadeiro cristão, comprometido com o reino de Jesus. Amém!
- Fazer preces espontâneas, pedindo a Deus o que for mais necessário para sermos verdadeiros cristãos. A resposta pode ser: "Fortaleça, Senhor, nossa fé e nosso amor." Sugerimos algumas preces:
 - Venha nos dar, Senhor, coragem e força para nos comprometermos com Jesus.
 - Venha afastar de nós o medo e o desânimo de seguir Jesus.
 - Jesus, coloque em nosso coração mais entusiasmo para servir aos nossos irmãos. Etc.

Cantar a música número 2.

2. O QUE A BÍBLIA DIZ

Motivação

No encontro de hoje, vamos ver como se formaram e como viviam as primeiras comunidades de cristãos. Já vimos que Jesus chamou doze apóstolos e deu a eles uma missão. Vimos também que, depois da ressurreição, Jesus confirmou essa missão e pediu aos apóstolos e outros discípulos que percorressem o mundo pregando a boa-nova, ou seja, o novo jeito de viver que tinham aprendido com Jesus. Surgiram, então, as primeiras comunidades cristãs. Vamos ver hoje como era a vida dessas comunidades ou, pelo menos, como Lucas desejava que as comunidades vivessem.

Texto: At 2,42-47

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

Partilha

- Como Lucas, autor desse texto, descreve a vida nas primeiras comunidades cristãs?
- Quais as qualidades que mais se destacam?
- Como os cristãos viviam?
- O número de cristãos crescia ou diminuía?

Aprofundamento

- Vamos continuar a entender como surgiu nossa Igreja. Depois que Jesus ressuscitou, os discípulos perceberam que não estavam sozinhos. Uma força especial estava com eles: o Espírito Santo. Então, eles saíram pelo mundo pregando a Palavra de Deus, anunciando a todos que Jesus estava vivo e que era possível construir o seu Reino. Começaram por Jerusalém, mas não ficaram somente lá. Foram levando a pregação para outros lugares, atingindo mais pessoas.
- Por onde os apóstolos passavam, anunciavam a boa nova de Cristo. As pessoas que acolhiam a pregação e aceitavam Jesus começavam a sentir o desejo de se unirem. Surgiram assim as comunidades cristãs. Eram grupos de seguidores de Cristo, unidos pela mesma fé e pelo compromisso do seguimento de Jesus. Afinal, um dos pedidos de Jesus foi que seus seguidores vivessem sempre em clima de profunda união. A necessidade de se unirem para cultivar e celebrar a fé fez surgirem as comunidades cristãs.
- Nessas comunidades, os cristãos cultivavam muitos costumes que são des-

tacados por Lucas no texto que lemos hoje. Não vamos pensar, porém, que tudo fosse uma perfeição. Onde está o ser humano, aí existem também imperfeições, problemas, egoísmo. Mas Lucas destacou algumas qualidades importantes nas primeiras comunidades, qualidades que continuam sendo importantes para a Igreja até os dias de hoje. Vamos ver quais são?

COMUNIDADES CRISTÃS Qualidades importantes

- Perseverança nos ensinamentos dos apóstolos
- Perseverança na comunhão fraterna
- Perseverança na fração do pão
- Perseverança nas orações
- Temor do Senhor
- Numerosos prodígios e sinais
- Alegria e simplicidade de coração
- Perseverança nos ensinamentos: Os apóstolos sempre tinham muita coisa importante para ensinar. Esse era um dos aspectos da missão que Jesus confiou a eles. Eles deviam ensinar tudo o que aprenderam com Jesus. Lucas destaca, então, esta qualidade importante: a perseverança dos primeiros cristãos nos ensinamentos de Jesus, repassados pelos apóstolos. Havia muita gente ensinando outras coisas, divulgando outro tipo de fé, baseando-se em outros ensinamentos que não eram os dos apóstolos. Mas Lucas lembra: a Igreja do começo ouvia atentamente os ensinamentos dos apóstolos, e os cristãos aprofundavam sempre mais seu conhecimento e sua fé.
- Perseverança na comunhão fraterna: Comunhão fraterna significa união de irmãos. Jesus pediu muito que seus seguidores fossem unidos, que uns ajudassem e servissem aos outros, vivendo como irmãos. Lucas destaca essa qualidade, porque sem união não existe vida comunitária. Havia também algumas desavenças, é claro. Mas, quando isso acontecia, os cristãos procuravam meios de superá-las, mantendo a união da comunidade.
- Perseverança na fração do pão: A expressão "fração do pão" é usada para designar as celebrações que os cristãos faziam, principalmente no primeiro dia da semana, que passou a se chamar domingo, ou seja, dia do Senhor. Vamos lembrar que o povo do Antigo Testamento o povo judeu guardava o sábado como dia santo, dia de repouso dedicado a Deus. Os cristãos passaram a guardar como dia santo o domingo, por ser o dia em que Cristo ressuscitou. Todo domingo, os cristãos se reuniam para celebrar a Eucaristia, como Jesus tinha pedido. Na celebração da Eucaristia ou Fração do Pão os cristãos fortaleciam

ainda mais sua fé e os laços de solidariedade entre eles.

- **Perseverança nas orações**: Os cristãos se reuniam não somente para a celebração da Eucaristia chamada, então, de Fração do Pão –, mas estavam sempre unidos na oração. Lucas quer aqui lembrar a importância da oração para a vida de fé dos cristãos. Orar é buscar sempre a comunhão com Deus. E isso é importante para fazer crescer a fé e manter fortes os laços de união do grupo.
- Temor do Senhor: Lucas diz que todos os cristãos estavam cheios de "temor". Temor aqui não significa medo. A gente já sabe que não é preciso ter medo de Deus. Temor é um grande respeito, uma grande admiração pelas coisas de Deus. O respeito e a admiração pelas coisas de Deus fazem a comunidade valorizar ainda mais a fé que recebeu de Jesus, por meio dos apóstolos.
- Numerosos prodígios e sinais: Lucas diz que nas primeiras comunidades aconteciam numerosos prodígios e sinais, realizados pelos apóstolos. O que ele quer dizer com isso? Prodígios são coisas importantes que os cristãos faziam. Essas coisas eram sinais de fé, ou seja, sinais de que ali estavam pessoas que viviam de modo especial porque acreditavam em Jesus e seguiam sua mensagem. Um gesto de acolhida e amor, por exemplo, é um grande prodígio e é sinal de fé. Partilhar os bens materiais também é uma coisa prodigiosa, sinal de fé. Viver com alegria é outro prodígio e sinal de fé. Onde a fé brilha, surgem grandes coisas.
- Alegria e simplicidade de coração: Lucas diz que havia entre os cristãos grande alegria e simplicidade de coração. Isso é consequência da fé. Não vamos pensar que eles nunca ficavam tristes. Mas a fé ajuda a vencer as tristezas e a manter o coração alegre. A simplicidade de coração faz a gente lembrar que, muitas vezes, Jesus disse aos discípulos que eles deviam ter um coração simples e desarmado como o coração de uma criança. Simplicidade aqui é um coração puro, reto, bondoso, sincero. Isso é também fruto da fé.
- Assim viviam as primeiras comunidades. Alegres, cultivavam a união, a fraternidade, a partilha, a fé. E cresciam sempre mais, porque outras pessoas vinham se juntar aos cristãos. Havia dificuldades? Com certeza. Mas os cristãos procuravam enfrentar e vencer com coragem as dificuldades que iam surgindo.

3. ATIVIDADE

Sugestão

- Fazer um debate sobre a vida comunitária na Igreja hoje. Que qualidades precisamos cultivar para que nossas comunidades eclesiais sejam mais unidas hoje? Que desafios precisamos enfrentar e vencer, para sermos fiéis à nossa fé cristã?
- Fazer um painel com as sugestões.

COMUNIDADES HOJE								
Qualidades	Desafios							

- Comentar o painel e motivar a turma a cultivar as qualidades lembradas.

Conclusão

Certamente as primeiras comunidades passaram por muitos problemas. É só continuar lendo os Atos dos Apóstolos e a gente vai ver um monte de coisas ruins acontecendo. Mas não importa. Lucas olha com otimismo para sua comunidade e vê tudo de bom e belo que nela há. E ele acredita que, pela força de Jesus ressuscitado, tudo vai ficar ainda melhor.

4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Motivar a oração, falando brevemente da importância da união na Igreja.
- Cantar a música número 10.
- Dar as mãos e rezar pela união entre as pessoas que seguem Jesus. Pode-se rezar o Pai-Nosso ou fazer preces espontâneas e concluir com o Pai-Nosso.
- Convidar cada um a desejar a paz aos demais, como gesto de união.
- Encerrar à vontade.

Dicas para o catequista

- Hoje falamos sobre como Lucas descreve as comunidades cristãs do começo. Lucas escreve o ideal. Ele vê, mesmo em meio a fraquezas, muitos sinais de força em sua comunidade. Mas não nos iludamos. Nem tudo são flores nos primórdios da vida cristã. É só ler mais um pouquinho dos Atos dos Apóstolos. Ananias e sua esposa Safira vendem seus bens e mentem para a comunidade sobre o valor recebido. Eles são excluídos da comunidade (cf. At 5,1-11). Veja que essa exclusão é simbolizada pela morte, na palavra de Pedro, que descobre a trapaça deles. Temos ainda o caso de Simão, o mago, que quer tirar lucro da ação do Espírito e para isso quer comprar o Espírito Santo (cf. At 8,9-24). Temos ainda Paulo e Barnabé que se desentendem na hora de organizar a segunda viagem missionária (cf. At 15,36-41). E Paulo e Pedro que se desentendem por causa de questões judaicas (cf. Gl 2,11-21). Por enquanto, basta saber que havia problemas no seio da comunidade. Mais adiante, há um encontro sobre fraquezas e divergências na vida da Igreja.

- O livro dos Atos dos Apóstolos fala de numerosos prodígios e sinais. Será que no começo da Igreja, havia mais "milagres" do que hoje? Será que milagres e curas são sinais da presença de Deus? Eles são garantia da ação de Deus no meio da comunidade? Esse é um assunto complicado e não dá para explicar tudo aqui, mas é bom saber que, quando a Bíblia diz que havia sinais e prodígios, ela não se refere necessariamente a curas, milagres e outras coisas mirabolantes. Esse é um gênero literário que o autor adota para dizer que coisas maravilhosas estão acontecendo; mudanças significativas estão se dando na vida da comunidade; pequenos gestos transformadores que ganham conotação importante, pois são sinais da ação de Deus. Ainda hoje usamos expressões assim para realçar o que queremos dizer. Falamos que "a reunião pegou fogo", mas certamente não houve incêndio, foi só uma discussão mais calorosa. Dizemos que "o pau quebrou" ou que foi "o maior barraco", mas certamente houve só uma briga. Afirmamos que alguém ficou "louco de raiva", mas certamente não foi internado no hospício, só ficou bastante nervoso naquela hora. Veja bem! Não negamos que milagres e prodígios aconteçam. Só afirmamos que, nos relatos bíblicos, a tônica do autor está na ação do Ressuscitado por meio da Igreja de Deus e não no que de fato está acontecendo. Confira o 6º encontro, da 4ª etapa deste mesmo módulo, que trata melhor desse assunto.



4º Encontro NECESSIDADE DE LIDERANÇA E ORGANIZAÇÃO

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Receber a turma com alegria e descontração. Cantar músicas animadas, à escolha.
- Acalmar a turma, silenciando para conversar com Deus. Fazer o Sinal da Cruz.
- Cantar suavemente uma música que ajude na interiorização. Sugerimos a música número 8.
- Motivar: Mais uma vez iniciamos nosso encontro. Vamos nos colocar na presença de Jesus e entregar a ele nossa vida. Ele desejou ardentemente que seus apóstolos fossem firmes e fiéis, anunciando ao mundo seus ensinamentos. Hoje, ele deseja que nós sejamos os novos apóstolos, firmes e fiéis, comprometidos com o seu Reino.
- Convidar a turma para fazer preces espontâneas pedindo essa firmeza para toda a Igreja: para os jovens, para as crianças, para os padres, os catequistas e todos os que se dedicam ao serviço da Igreja de Deus. A resposta pode ser algo como: "Venha, Senhor, nos fortalecer". As preces podem ser assim:
 - Venha, Senhor, dar firmeza a todas as pessoas de fé que andam cansadas e desanimadas.

- Venha, Senhor, fortalecer nosso Papa, para que continue firme à frente de nossa Igreja; etc.
- Sugerimos cantar a música número 2 ou 16.

2. O QUE A BÍBLIA DIZ Motivação

As comunidades foram surgindo e a fé se espalhando. Com o crescimento da Igreja, vai surgindo também a necessidade de melhor organização. Vamos ler um texto que mostra diversos líderes da Igreja empenhados na pregação do evangelho e na organização da Igreja. Isso aconteceu depois que as lideranças judaicas daquela época e os cristãos se desentenderam. Houve uma grande perseguição e os cristãos se espalharam por todas as partes. E, por onde passavam, pregavam a fé e organizavam comunidades. Assim surgiam novos líderes e novas maneiras de organizar a vida da Igreja.

Texto: At 11,19-26

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

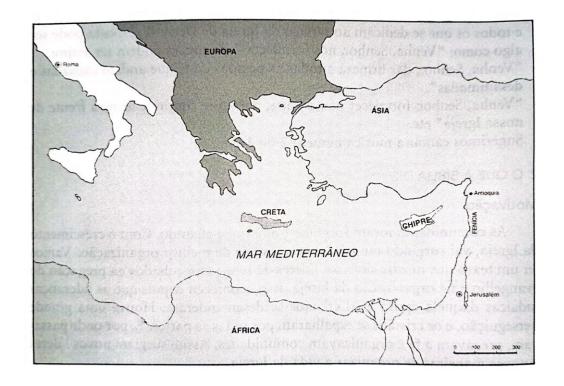
Partilha

- Por que os cristãos se dispersaram, ou seja, tiveram que se afastar de Jerusalém e das redondezas e ir para lugares mais distantes?
- Quem havia morrido nas perseguições que os cristãos começaram a sofrer?
- No começo, a quem os cristãos anunciavam a Palavra de Deus?
- Depois, para qual povo eles começaram a pregar também?
- Como as pessoas acolhiam a pregação dos cristãos?
- Quem foi enviado para conferir como andavam as coisas em Antioquia?
- O que Barnabé encontrou e o que pensou diante do que viu?
- Onde os seguidores de Cristo foram, pela primeira vez, chamados de cristãos?

Aprofundamento

- O texto que vimos é muito interessante. Mostra o cristianismo se expandindo cada vez mais. Lucas diz que os cristãos foram pregar na Fenícia, em Chipre e em Antioquia. Vamos ver no mapa onde ficam essas localidades?

Sugerimos mostrar em um mapa, como os cristãos saíram das redondezas de Jerusalém e foram parar nessas demais localidades aqui citadas.

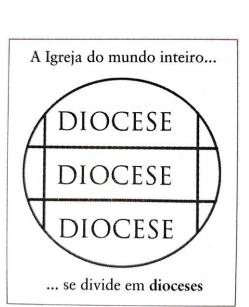


- O texto começa falando que houve uma grande perseguição aos cristãos em Jerusalém. É que os seguidores de Jesus eram judeus e obedeciam às autoridades judaicas, que até então toleravam a pregação dos seguidores de Jesus. Mas, com o passar do tempo, cristãos e judeus se desentenderam. Os cristãos aceitaram Jesus como salvador, mas as autoridades judaicas acharam isso um absurdo: "Como pode um salvador morrer humilhado na cruz?" É que eles não tinham vivido a experiência da ressurreição como os apóstolos. Então, as autoridades judaicas, achando um absurdo a fé dos seguidores de Jesus, proibiram os cristãos de falar em nome de Cristo. Começaram a perseguir, prender e até a matar cristãos. Estêvão foi vítima dessa perseguição e morreu apedrejado.
- Muitos, vendo que em Jerusalém e redondezas não havia mais clima para pregar o evangelho, foram para outras regiões: Chipre, Fenícia, Antioquia e outros lugares. Chegando a terras novas, encontraram um povo sedento, com o coração disposto a acolher a pregação do evangelho. No começo, os líderes cristãos ficaram até com certo receio. Eles estavam acostumados a pregar somente para os judeus. Não sabiam direito se deviam ou não anunciar o evangelho também aos povos gregos que viviam nessas outras localidades.

- Surgiram então líderes corajosos que resolveram pregar o evangelho aos gregos que moravam nessas novas comunidades. A pregação fez sucesso nesses lugares. A notícia chegou aos líderes que estavam em Jerusalém, que eram uma espécie de coordenadores da Igreja daquela época. Eles enviaram um representante para conferir as coisas de perto: Barnabé.
- Barnabé viu o progresso do evangelho entre os novos povos e gostou da acolhida deles. Ele foi se encontrar com outro grande líder que estava surgindo: Paulo, aqui ainda chamado de Saulo.
- Vejam como a Igreja vai crescendo, vão surgindo novos líderes, novas realidades. E a Igreja precisa se organizar para dar conta de sua missão, mantendo a união e a disposição de anunciar o evangelho a todos.
- Observem também que naquele tempo já havia alguma liderança na Igreja. Quando surgem novidades em comunidades mais distantes, eles consultam os líderes que estão em Jerusalém. Percebemos aí um esforço de se abrir a novidades, mas sem perder a unidade. O certo é que, desde o começo, a Igreja precisou de lideranças animadas e de muita organização. Tal organização tem sua origem no próprio Cristo, que chama os apóstolos e a eles confia uma missão especial. Com o tempo, em função das necessidades da Igreja, surgiram outros ministérios. Pelos séculos afora, muita gente boa já deu sua contribuição na pregação do evangelho. Quantas pessoas, quantas lideranças já viveram a fé em Cristo, antes de nós! E a Igreja adotou muitos modos de se organizar. Com o passar do tempo e o surgimento de novas necessidades, a Igreja vai aperfeiçoando sua organização para atender melhor as necessidades que surgem.
- Vamos entender, então, como a Igreja se organiza hoje. Ao longo do caminho, muitas mudanças foram necessárias. Vamos ver como está hoje a organização de nossa Igreja.

Sugerimos apresentar e comentar os seguintes painéis. Pode-se montar um álbum seriado.



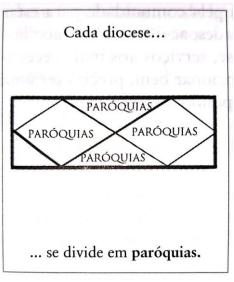


1º Painel:

Roma é uma espécie de capital da Igreja Católica. Lá mora o Papa, que é o líder de toda a Igreja Católica, no mundo inteiro. O lugar em que o papa mora chama-se Vaticano e é considerado um país, apesar de ser um lugar pequeno, que fica dentro da cidade de Roma. O Papa, com um grupo de auxiliares, preocupa-se em orientar os cristãos para que se mantenham unidos, mesmo estando espalhados pelo mundo inteiro.

- 2º Painel:

- Para ajudar na organização, o mundo inteiro está dividido em regiões chamadas Dioceses. Cada Diocese é formada por um conjunto de municípios próximos. Para coordenar cada Diocese, é nomeado um bispo. A função do bispo é acompanhar e orientar os trabalhos da Igreja na região que compõe a sua diocese, com a ajuda de seus auxiliares, os padres.



- 3º Painel

Para facilitar ainda mais a organização, as Dioceses estão divididas em Paróquias. A Paróquia é uma região menor, às vezes do tamanho de uma cidade. À frente de cada Paróquia, existem padres coordenando os trabalhos e orientando o povo. A função do padre é, em geral, orientar os trabalhos da Igreja nas Paróquias. Mas ele não atua sozinho. Juntamente com o padre, atuam leigos, religiosos, diáconos... Os leigos são todos os batizados que não seguiram a vida

religiosa ou sacerdotal e estão dando a vida pela Igreja nas diversas comunidades cristãs. Os religiosos são pessoas que vivem por conta de algum trabalho específico: cuidam de colégios, de hospitais, de pastorais e de muitas outras coisas. Os diáconos prestam vários serviços na Paróquia: fazem batizados, casamentos, presidem celebrações, acompanham as pastorais, etc.

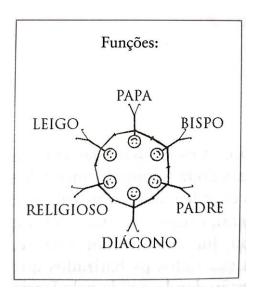


4º Painel

As Paróquias se organizam em comunidades. Cada comunidade é formada por um grupo de pessoas de fé que se reúnem para seguir Jesus, como no começo da Igreja. Nas comunidades, normalmente, quem coordena os trabalhos são os leigos, isto é, pessoas escolhidas pela comunidade para estar à frente das atividades Nas comunidades. pastorais. acontecem os trabalhos mais diversos: celebrações, encontros, catequese, serviços aos mais ne-

cessitados, etc. E cada um desses trabalhos, para funcionar bem, precisa ter uma boa coordenação, com muita gente de fé se dispondo ao serviço do

Reino.



- 5º Painel

- Assim, há várias funções na Igreja. Todos, trabalhando de mãos dadas, contribuem para o bom andamento da vida da Igreja. E formam uma grande corrente: os bispos se mantém unidos ao papa, os padres se mantém ligados ao bispo de sua diocese, e contando com o trabalho valioso dos diáconos, dos religiosos e dos leigos, orientam todo o povo de Deus que faz parte da grande família que é a Igreja.

Seria importante mostrar ainda o mapa da diocese local e recordar o nome do bispo local, do papa, dos padres e religiosos da Paróquia. Pode-se ainda mostrar como a Paróquia está organizada, quantas comunidades existem na área da paróquia, ou um quadro com a organização pastoral com os diversos líderes leigos que estão à frente destes trabalhos, etc.

- Terminada essa explicação, concluir o seguinte: Tudo na vida precisa de organização. E, para haver organização, todos precisam participar, cada um assumindo sua função e ocupando seu lugar. A Igreja se parece com uma grande família em que cada pessoa cuida de uma coisa: O pai trabalha na oficina, a mãe dá aulas na escola, a irmã mais velha faz a comida, um filho varre a casa, outra filha faz compras no mercado. E assim por diante. Se cada um fizer bem a sua tarefa, tudo funcionará bem nessa casa. A participação de todos é importante. Por isso, é preciso haver organização. Se a mesma pessoa tivesse que trabalhar na oficina, no colégio, fazer comida, varrer a casa e ir ao mercado, na certa não daria conta. Tudo viraria uma confusão. A boa organização e a participação de todos contribuem para o bom funcionamento da Igreja. E assim ela executa melhor a missão que lhe foi confiada por Cristo.

3. ATIVIDADE

Sugestão

- Convidar a turma para debater sobre um texto que mostra a importância de todos os fiéis participarem da organização da Igreja, dando sua colaboração na execução da missão dada por Cristo.
- Dividir a turma em pequenos grupos, repartir o texto e deixar que reflitam. Depois, fazer uma partilha.

EU TENHO VALOR

Apxsar dx mxu computador sxr bxm modxrno x funcionar bxm, xstá com dxfxito xm uma txcla. Todo o txclado funciona bxm, mxnos uma txcla, x isso faz uma grandx difxrxnça.

Txnhamos o cuidado para qux nossa xquipx não sxja como xssx mxu txclado x todos os sxus mxmbros trabalhxm como dxvxm. Ninguém txm dirxito dx pxnsar: Afinal sou apxnas uma pxssoa, x sxm dúvida não fará difxrxnça para a xquipx a minha participação.

Comprxxndxmos qux, para a xquipx podxr progrxdir xficixntxmxntx, prxcisa da participação ativa dx todos os sxus mxmbros.

Sxmprx qux vocx pxnsar qux não prxcisam dx vocx, lxmbrx-sx do txclado dxssx mxu computador x diga a si próprio: Xu sou uma das txclas importantxs nas nossas atividadxs x os mxus sxrviços são muito nxcxssários.

 Partilhar o texto, cada um dando sua opinião, dizendo o que entendeu e o que isso tem a ver com a organização da Igreja. O que falta nesse texto?
 Por que ele está tão estranho? O que isso nos mostra, com relação à nossa Igreja?

Conclusão

Numa Igreja enorme como a nossa, que se estende pelo mundo inteiro, precisa haver organização. E, nessa organização, cada um precisa assumir sua tarefa. Todos são importantes. Se cada um exercer com eficiência seu papel, toda a Igreja caminhará bem. Por isso, a Igreja se organizou tanto assim. Para isso existem ministérios diferentes: o papa cuida da unidade, o bispo cuida do pastoreio da diocese, o padre atende o povo e o motiva na paróquia, o leigo atua em sua comunidade e assume sua missão de discípulo de Jesus, o teólogo pensa e repensa as questões da fé, o religioso se põe a serviço em diversas tarefas conforme o carisma de sua instituição. Mas todos estão a serviço da evangelização e da construção do reino de Deus. Todos se esforçam para ajudar a Igreja a funcionar do melhor modo possível, para o bem de todo o povo de Deus. Liderança e organização são necessárias em todos os tempos para o bom funcionamento da Igreja. Isso supõe que to-

dos se disponham a participar com dedicação da vida da Igreja. Entendendo como nossa Igreja se organiza, cada um de nós deve procurar ocupar o seu lugar, a sua função nessa organização. Se faltar alguém, a comunidade fica parecida com o texto que lemos na atividade. A falta de uma só letra atrapalhou o texto inteiro.

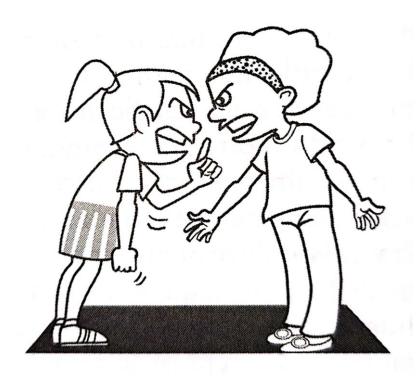
4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Cantar a música número 9.
- Rezar pelas pessoas que desempenham funções na Igreja. Pode-se rezar espontaneamente ou seguir preces escritas, repartidas com a turma. A resposta pode ser: "Ilumine, Senhor, toda a nossa Igreja". Sugerimos as seguintes preces:
 - Rezemos pelos leigos: Ó Deus bom, venha sustentar os leigos de nossa Igreja, todos aqueles que assumem funções nas comunidades, coordenando e participando com entusiasmo. Não deixe, Senhor, que se cansem, mas renove sempre suas forças.
 - Rezemos pelos diáconos e religiosos: Senhor Deus, venha abençoar todos os diáconos e religiosos, para que, trabalhando nas paróquias e nas diversas atividades que assumem, perseverem sempre com alegria contribuindo assim para o crescimento de toda a Igreja.
 - Rezemos pelos nossos padres: Deus amado, socorra sempre os nossos padres, animando-os na fé e dando-lhes perseverança e alegria para se dedicarem com carinho ao povo de Deus, especialmente aos mais pobres e necessitados.
 - Rezemos pelo nosso bispo (nome) e por todos os bispos do mundo inteiro: Senhor Deus, olhe com carinho para os bispos de nossa Igreja, para que, em suas Dioceses, sejam motivo de encorajamento e exemplo de dedicação a todo o povo de Deus.
 - Rezemos pelo nosso papa (nome): Deus nosso Pai, venha abençoar o nosso papa, dando a ele força e sabedoria para manter toda a nossa Igreja unida na fé e ainda ser sinal de paz e bênção para toda a humanidade.
- Cantar de novo a música anterior ou a música número 2.
- Motivar a turma para o próximo encontro.
- Encerrar à vontade.

Dicas para o catequista

- Esses encontros sobre a Igreja exigem do catequista certa habilidade com relação aos ministros ordenados, especialmente padres e bispos. Corre-se sempre o risco de "pesar a mão" na crítica aos representantes da Igreja. Toda pessoa está sujeita a críticas, que podem até ser justas, mas o encontro não deve se tornar "uma lavação de roupa suja", criticando padres, bispos, etc. Não é essa a finalidade. Além do mais, delicadeza e elegância ficam bem em qualquer lugar, e mesmo líderes que tenham sido motivo de escândalo merecem ser tratados com bondade. Não é incomum ouvirmos histórias de padres ou bispos envolvidos em questões nas quais não deveriam estar envolvidos, às vezes coisas que nos escandalizam. Isso deve aparecer ainda mais no próximo encontro, quando falaremos de força e fraqueza no interior da Igreja. O catequista não negue a realidade, nem "tape o sol com a peneira", como diz nossa gente. Assuma as fraquezas dos representantes da Igreja, caso elas venham à tona. Mas lembre-se: o povo se assusta quando certos casos vêm à tona – o que é compreensível. O povo entende, com razão, que os ministros da Igreja devem ter uma vida honrada e evitar coisas que não combinam com a proposta cristã. Mas, para quem entendeu que a Igreja somos nós, não parece menos escandaloso que qualquer batizado faça o mesmo. Todos fomos mergulhados em Cristo. Isso não vale só na hora de exigir os direitos dos leigos. Vale também na responsabilização e na tarefa ética que isso implica. Além do mais, é preciso levar em conta que mesmo padres, bispos e leigos bem intencionados não estão livres das ciladas da fraqueza humana. Vamos tratar as fraquezas com justiça e misericórdia.

- Muitos podem não entender o constrangimento em pregar para os gregos, ou seja, para os gentios ou não-judeus. O povo judeu descendente de Abraão era monoteísta, adorava o Deus único, chamado de Deus de Israel. A maioria dos povos era politeísta. Sair pregando para esses povos era algo mais ou menos novo. Alguns profetas e escritores sagrados já tinham intuído a universalidade da fé. Mas isso não era tão claro assim. Então, no começo do cristianismo, anunciava-se Jesus como salvador nas sinagogas, onde os judeus se reuniam para ler a Palavra de Deus, chamada por eles de Torá. Só depois, quando eles perceberam que a liderança judaica não acolhia essa boa-nova, é que foram se abrindo para a evangelização aos gentios ou estrangeiros. Paulo foi o grande representante dessa inovação.
- No começo da Igreja, a "capital" era Jerusalém. Agora, é Roma. Por que essa mudança? É bom saber que, com as perseguições, nem todos fugiram de Jerusalém. A comunidade que lá vivia e suas lideranças tinham grande influência sobre as comunidades espalhadas pelo império romano. Mas, depois, sendo Roma a capital desse império, ela tornou-se o grande polo de evangelização. Jerusalém era pequena, com população quase toda judaica. Era preciso expandir as fronteiras. Roma representava os "confins da Terra", como disse Lucas em At 1,8. Lá estava a chance de o cristianismo crescer. Muita gente dos mais diversos povos ia tentar a vida em Roma. Sabendo disso, Paulo e Pedro vão anunciar a Palavra lá e lá são martirizados. Então, a Igreja centralizou sua sede na cidade de Roma.



5º Encontro FRAQUEZAS E DIVERGÊNCIAS NA VIDA DA IGREJA

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Acolher a turma com alegria e disposição. Fazer momentos de animação, cantando músicas apropriadas.
- Preparar a turma para rezar. Fazer o Sinal da Cruz.
- Erguer as mãos e rezar a oração ao Espírito Santo.
- Cantar a música número 7.
- Convidar cada um a declarar seu amor por Jesus, sem medo, sem vergonha, como fizeram os seguidores de Jesus, dando a vida por ele.
- Colocar a mão no ombro do companheiro e invocar a presença do Espírito Santo, repetindo junto com o catequista: Derrame, Senhor, seu Espírito em nossos corações. Ajuda-nos a te amar cada vez mais, a nos entregar à sua causa, a nos dedicar à construção do seu reino, a nos empenhar no serviço da Igreja. Que seu Espírito traga novo ardor, nova força, nova coragem a cada um de nós. Assim renovados, queremos ocupar nosso lugar na Igreja de Jesus, unindo-nos sempre mais a essa grande família que segue

os passos do nosso Salvador. Amém!

- Cantar de novo a música anterior, se oportuno.

2. O QUE A BÍBLIA DIZ

Motivação

Desde que a Igreja começou a existir, sempre houve muita coragem e dedicação por parte dos cristãos. Mas também houve fraquezas e divergências. E não podia ser diferente. Onde está o ser humano, aí estão as fraquezas que o acompanham. Vamos ver hoje como a Igreja aprendeu a lidar com as fraquezas desde seu começo.

Texto: At 6,1-6

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

Partilha

- O número de cristãos crescia e começaram a surgir queixas e reclamações. Quem estava reclamando?
- Por que os fiéis de língua grega reclamavam dos fiéis de língua hebraica?
- O que estava acontecendo com as viúvas, parentes dos gregos?
- O que fizeram os apóstolos para resolver a questão?
- Que decisão tomaram? Qual foi a solução encontrada?

Aprofundamento

- Começou a haver reclamações e desentendimentos na Igreja, na comunidade de Jerusalém. Acontecia o seguinte: as comunidades tinham o bom costume de recolher donativos, principalmente alimentos, para socorrer as pessoas mais necessitadas. Naquele tempo, as viúvas viviam muito desamparadas e eram elas que mais recebiam ajuda dos cristãos. Só que, na hora de distribuir os alimentos arrecadados, parece que não havia muita organização. Desse modo, algumas viúvas recebiam mais e outras ficavam esquecidas.
- Havia principalmente uma rixa entre os gregos ou fiéis de língua grega e os hebreus – ou fiéis de língua hebraica. Os gregos eram judeus que moraram fora do país e depois voltaram falando grego. Os hebreus eram judeus que nunca moraram fora. Os gregos começaram a pensar que suas viúvas estavam sendo esquecidas na hora de distribuir os alimentos, talvez até de propósito. Surgiu a discussão.
- Estamos, então, diante de dois problemas: 1º) Quem distribui os alimentos faz seu serviço de qualquer jeito, privilegia uns e prejudica os outros. É uma fraqueza preocupante na Igreja. Cristãos fazendo coisas malfeitas e prejudicando

pessoas inocentes. 2º) Grupos de cristãos brigando entre si por causa da divergência de idéias, até por causa do erro de outros. A Igreja de Jesus já nasce enfrentando dificuldades internas.

- Os apóstolos, então, vão ajudar a resolver os problemas. Eles propõem duas coisas: 1º) Eles os apóstolos estão muito ocupados com a pregação da Palavra e a divulgação da fé. Portanto, não parece oportuno deixar de pregar a Palavra para distribuir donativos, apesar de ser muito importante repartir alimentos. Deve haver outra solução. 2º) Se o problema é que as pessoas estão distribuindo mal os alimentos, então é o caso de escolher, na comunidade, pessoas sérias e responsáveis que se encarreguem honestamente da distribuição de alimentos às viúvas, sem prejudicar nenhuma delas.
- A solução agradou a todos e escolheram sete homens honestos e de total confiança, que foram chamados de diáconos. A palavra "diácono" significa "aquele que serve." São eles: Estevão, Felipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau. Todos esses nomes são de origem grega, o que indica que os sete diáconos escolhidos eram representantes dos gregos que reclamaram da distribuição dos alimentos. Isso significa que quem reclama está fazendo uso de seu direito. Todo mundo deve mesmo reclamar e apontar os erros da Igreja, mas também deve estar disposto a procurar uma solução e assumir sua tarefa. Não adianta reclamar e depois tirar o corpo fora. Esses sete homens assumiram a distribuição dos alimentos entre as viúvas, organizaram tudo sem prejudicar ninguém e não houve mais reclamação. Resolvido o problema.
- Podemos concluir duas coisas: 1ª) Entre cristãos, também há fraquezas e divergências. Ninguém é perfeito só por ser cristão. Por isso, a Igreja sempre há de conviver com fraquezas e dificuldades internas. 2ª) As fraquezas se resolvem organizando melhor a vida da Igreja, buscando soluções inteligentes, dialogando e entrando em acordo.
- Não é possível evitar toda fraqueza, nem se deve fazer de conta que fraquezas não existem na Igreja. Ao contrário, é preciso reconhecer as fraquezas e buscar soluções, sem se acomodar. A Igreja nasce e cresce, mas não está livre de fraquezas, já que é formada de pessoas, e pessoas são mesmo frágeis.

3. ATIVIDADE

Sugestão

- Convidar a turma para analisar alguns casos concretos, que acontecem entre os cristãos nos tempos de hoje. Dividir a turma em quatro grupos. Cada grupo receberá uma folha com um caso concreto de fraqueza e proporá uma solução pacífica para o caso, levando em consideração que é preciso tratar com caridade cristã todas as pessoas envolvidas, sem deixar que a

fraqueza prejudique a vida da Igreja. Frisar bem isto: nunca se pode faltar com a caridade, mesmo que a pessoa esteja dominada pela fraqueza. É preciso haver soluções inteligentes, criativas, mas caridosas. Sugerimos dois casos a seguir e propomos que dois grupos discutam o primeiro, e os outros dois discutam o segundo.

1º Caso:

Carlos é um menino muito participativo em sua comunidade. Ele está com onze anos, frequenta a catequese e ajuda na Igreja como coroinha.

Sua família o incentiva muito na fé, pois sabe que é importante cultivar a fé desde cedo. Carlos conhece os ensinamentos de Jesus, pois, além de ver o testemunho de seus pais, faz experiências muito importantes na catequese.

Mas, outro dia, na escola, Carlos acabou se desentendendo com um colega, que o insultava, porque seu time havia perdido o jogo. E foi tanto insulto que Carlos ficou fora de si. Chamou o colega para a briga e houve pancadaria. No meio da confusão, uma pedra foi jogada e quebrou o vidro da janela da escola. E foi Carlos quem jogou, querendo atingir o colega que o insultava.

As pessoas ficaram admiradas com Carlos e diziam: "Nossa, o que está acontecendo com este menino? É um garoto tão bom! A gente o vê sempre na Igreja, ajudando no altar! De repente, ele avança no colega, começa uma briga feia, joga pedra, quebra vidraça na escola... cruz credo!"

Alguns acharam até que Carlos não devia mais ser coroinha, depois disso tudo.

E agora? Como vamos resolver isso?

2º Caso:

Maria é uma menina dedicada e cheia de qualidades. Ela está com doze anos e já ajuda no coral da Igreja. Pega o microfone e canta sem medo, porque tem uma bela voz e muita vontade de ajudar.

Nas missas, Maria se destaca. Está sempre animando as celebrações com seu canto bonito e afinado.

Se tem casamento na Igreja, ela é convidada para cantar. E faz isso com muito gosto e dedicação.

O problema é que, em casa, as coisas não andam bem. Maria tem uma irmã mais nova. Os pais saem para trabalhar e deixam a caçula, com cinco anos apenas, por conta de Maria.

Outro dia, a irmã caçula fez arte e pegou a maior birra. Maria, sem

saber o que fazer, acabou dando uns tapas na irmã mais nova e xingou a irmã todinha. A mãe de Maria chegou, viu a confusão e, também nervosa, deu uns tapas em Maria. O pai de Maria foi chegando do serviço, viu a confusão e deu uns tapas na esposa, que tinha dado uns tapas em Maria, que tinha dado uns tapas na irmã caçula.

A vizinhança ouviu o barulho e correu para acudir. Alguém ligou para o Conselho Tutelar.

Uns diziam: "Nossa, essa menina já está bem grandinha, com doze anos, para fazer um escândalo desses. Vejam, ela agrediu a irmã caçula! Depois, dá uma de santa cantando na Igreja. Isso não pode ser! Pra que serve cantar na Igreja, se depois fica brigando em casa? Vejam que ela causou uma confusão para a família inteira, envolvendo até os pais, que chegam em casa cansados do serviço. Agora eles terão que se acertar com as autoridades. O Conselho Tutelar vai fazer uma ocorrência. Que vergonha!"

E agora, como resolver essa questão?

Depois do trabalho em grupo, fazer um debate. Um dos grupos que refletir sobre o 1º caso apresenta o caso e as soluções. O outro grupo complementa e debate. A turma participa. O catequista orienta. Outro grupo apresenta o 2º caso e as soluções. Faz-se a mesma coisa. O catequista fica de olho para que a turma perceba a importância de buscar soluções caridosas e criativas. O catequista tratará com cuidado especial soluções que não levarem em conta esses dois princípios. Para ajudar o catequista, vamos comentar cada caso:

1º caso: O fato de Carlos ter perdido a cabeça não significa que ele não possa mais ser coroinha. Para resolver isso direito, seria bom conversar com Carlos. Ele precisa aprender a perder no jogo, sem perder a cabeça. Será preciso também conversar com o colega. O fato de ter ganhado o jogo não lhe dá o direito de insultar os colegas que perderam. Todos precisam aprender a se controlar na hora da raiva, saber ganhar e saber perder. Faz parte da vida. E ainda tem o vidro da escola para consertar. Não podemos sair por aí quebrando tudo só porque estamos com raiva. Que tal convencer Carlos e o colega a consertar o vidro da janela, envolvendo nisso até os pais, já que na verdade os dois meninos estão errados no caso? E os dois podem consertar os erros e ainda aprender com isso. Carlos pode até convidar o colega para ser coroinha também. Daí pode brotar uma grande amizade.

2º caso: Maria está com problemas na família. Não são problemas tão graves, mas tudo o que envolve família é delicado. Irmãos precisam combinar bem. Pelo menos, fazer um esforço para isso. Há um agravante. Maria não tem maturidade ainda para cuidar sozinha de uma irmã tão nova. Irmãos mais novos costumam ser difíceis mesmo. Por que será que os pais de Maria a deixam sozinha com uma irmã dessa idade? Isso precisa ser levado em conta. Os vizinhos, em vez de criticar, precisam ajudar essa família a encontrar uma solução. Os pais precisam trabalhar, mas sem deixar de cuidar dos filhos. Além disso, se os filhos brigaram, não adianta os pais brigarem também. Essa violência toda só complica as coisas. Maria precisa fazer as pazes com a irmã e continuar cantando na Igreja. E os pais dela precisam de ajuda para encontrar um modo de não deixar uma criança cuidando de outra. Afinal, ela perdeu o controle diante de uma situação para a qual ela não tem a obrigação de ter controle. Os pais estão errados ao agir com violência. Por isso, o Conselho Tutelar entra em cena. Ele é o órgão que deve mesmo ser chamado quando há violência contra crianças ou adolescentes. Se fosse apenas uma briguinha de criança, nem precisaria do Conselho Tutelar. Mas a coisa piorou porque tanto o pai quanto a mãe de Maria agiram com violência. Isso precisa ser olhado com atenção. Eles são adultos e precisam saber que violência só complica as coisas.

- Ampliar o debate, perguntando se a turma deseja comentar outras fraquezas que podem ocorrer na vida da Igreja ou que tenham ocorrido mesmo. Debater o assunto e buscar soluções.
- **Observação importante:** Às vezes a turma tem na memória tristes acontecimentos envolvendo a Igreja. É hora de botar isso para fora, conversar, superar. Com o auxílio do catequista, isso é possível. Fique claro que qualquer pessoa, por mais cristã que seja, às vezes erra e erra feio. Os jovens erram, os adultos também, os padres erram e até os bispos e o papa erram. Ninguém está livre disso! A fraqueza faz parte do ser humano.

Conclusão

O fato de alguém pertencer a determinada Igreja não significa que nunca mais vá ter fraquezas ou incorrer em algum erro. O fato de alguém ser católico e participar assiduamente da Igreja não significa que já seja perfeito e esteja livre de qualquer possibilidade de erro. A Igreja é formada por pessoas e pessoas cometem erros. O que fazer? Não adianta condenar as pessoas, nem julgar, nem criticar. O que se deve fazer é ajudar a encontrar soluções para as fraquezas e erros. Errar é humano. Enfrentar os erros e buscar soluções inteligentes e carido-

sas é mais humano ainda e ajuda no nosso crescimento. Não devemos esconder os erros e fazer de conta que eles não existem. Devemos enfrentá-los, procurando sempre soluções justas e caridosas.

4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Fazer preces espontâneas pelas pessoas que enfrentam momentos de fraquezas, dificuldades, crises e preocupações. Mas lembre-se: não é para trazer a público as fraquezas dos outros. A oração deve ser genérica, não direcionada. A resposta pode ser algo como: "Ajude-nos, Senhor, a superar nossas fraquezas". As preces podem ser assim:
 - Ajude, Senhor, os jovens que se sentem incompreendidos em suas famílias
 - Ajude, Senhor, as crianças que passam por dificuldades.
 - Ajude, Senhor, as pessoas que são dominadas pelos vícios. Etc.
- Cantar a música número 13.
- Motivar a turma para o próximo encontro. Pedir que tragam alguma coisa sobre alguém que se destacou ou se destaca na vida da Igreja por sua atuação corajosa e determinada, ainda que tenha alguma fraqueza. A turma pode trazer reportagens ou recortes de jornais ou revistas sobre pessoas empenhadas no bem da Igreja; podem ser pessoas da comunidade mesmo, da Igreja no Brasil, santos canonizados, enfim, qualquer material que mostre como ainda existe muita gente boa fazendo coisas boas em nome de Cristo, na Igreja. O catequista também pode selecionar algum material, para complementar o que a turma conseguir levar. Há revistas católicas que falam de pessoas e trabalhos importantes realizados na Igreja e pela Igreja. Confira, antes, a atividade do próximo encontro.
- Encerrar à vontade.

Dicas para o catequista

- Um pequeno detalhe, só para informação: Um dos diáconos Nicolau de Antioquia era um prosélito. Que significa isso? Os judeus chamavam de prosélito toda pessoa estrangeira convertida ao judaísmo. Normalmente é considerado judeu quem nasce de pais judeus. Mas, se um estrangeiro resolvesse seguir os princípios do judaísmo e as leis judaicas, era aceito, sendo chamado de prosélito.
- Lidar com a fraqueza humana nem sempre é muito fácil. Mas é preciso falar disso sem medo e enfrentar os problemas. Vamos falar a verdade. Pode haver muita coisa estranha mesmo na vida da Igreja. Muito autoritarismo e pouca fra-

ternidade; muita pompa e pouca simplicidade; muito discurso e pouco compromisso com os sofredores. Pode haver jogos de interesses, politicagem, contra-testemunhos de todo tipo. Pode haver opiniões divergentes, até opostas; perseguições, onde deveria haver apoio e perdão; ciúmes, onde deveria haver encorajamento do dom do outro; omissões e falta de energia, onde deveria haver coragem e profecia. E não é só na hierarquia não. É em toda parte. O que fazer? Desistir? Perder a fé? Abandonar o barco da Igreja? Não foi isso que Jesus fez. Ele lidou com dignidade e coragem com a fraqueza dos discípulos: com o jogo de interesses de alguns que procuravam o primeiro lugar, com a traição de Judas, com a negação de Pedro. E foi assim também no começo da Igreja: Paulo e Barnabé brigaram; Pedro e Paulo se desentenderam; Ananias e Safira traíram a comunidade; Simão – o mago – comercializou o que há de mais sagrado; alguns renegaram a fé. Mas a vida continua. A Igreja segue seu curso, pela força do Espírito, na fraqueza que lhe é própria, mas sempre procurando se superar.

- Alertamos o catequista para o seguinte: a mídia sempre divulga casos de lideranças da Igreja – padres e bispos entre eles – envolvidos em questões escandalosas. Nada contra a mídia. Ela divulga fatos. Precisamos ser sinceros. Padres, bispos e quaisquer outras pessoas continuam sendo seres humanos, sujeitos a fraquezas. Mas vale para eles a mesma regra que se aplica a todos os cristãos: quando erram, precisam responder perante Deus, admitindo os erros e pedindo perdão. E, se o erro é também um crime, precisam responder na justiça. Vamos supor que um padre esteja envolvido em escândalo sexual, por exemplo. Se for corrupção de menor, pedofilia etc., ele vai responder na justica por seus atos. E será também responsabilizado por parte das autoridades eclesiásticas. A tendência da Igreja é afastá-lo das funções eclesiais. No entanto, não deve faltar misericórdia também para ele, mas sem corporativismo. É lamentável que existam erros, mas não devemos idealizar demais a figura dos líderes eclesiásticos, achando que sejam uma espécie de anjos, acima de qualquer fraqueza. Quando os erros não são crimes, um padre será corrigido pelo seu bispo e por sua comunidade; se for bispo será corrigido pelo colégio episcopal ou pelo papa, mas também por sua comunidade. E se for o próprio papa, aí será mais difícil, mas a comunidade de fé está aí firme e forte e deve corrigi-lo. A Igreja já teve papas bem excêntricos. Mas muitos são até santos. Felizmente, os mais recentes têm dado bons testemunhos. Porém, ainda que algum deles desse algum mau exemplo, não seria o fim da Igreja. Qualquer líder não é a Igreja, mas apenas parte dela.
- Se a turma perguntar sobre casos de pedofilia atração sexual por crianças o catequista não deve "tapar o sol com a peneira". Realmente, há pessoas com

essa tendência. A pedofilia é considerada um desvio de comportamento, praticamente uma doença. Há padres que incorrem nesse erro, mas qualquer pessoa pode se ver nessa tentação: médicos, policiais, pais de família e outras autoridades de quem se esperava outro comportamento. Constatado o crime, entra em cena a justiça comum. O caso seja investigado e os responsáveis punidos, porque a lei é para todos, inclusive para os padres. É até bom que as crianças tirem as dúvidas sobre isso, até mesmo para que se animem a denunciar caso sejam vítimas de abusos. As crianças devem saber que podem confiar nos padres e bispos, como podem confiar em qualquer outra autoridade da sociedade, mas sempre lembrando que são pessoas humanas, não anjos. É bom "confiar desconfiando", como diz o ditado mineiro. Apesar desses desvios presentes em alguns representantes da Igreja, lembramos que uma imensa maioria de líderes da Igreja dá a vida pelo Reino de Deus com extrema dignidade. O erro de uns não deve nos levar a julgar todos na vala comum. Assim também, se um médico erra, por exemplo, isso não significa que todos os médicos sejam um perigo. Há padres que caem no alcoolismo ou em outros vícios e precisam de tratamento. Há padres que levam vida incompatível com o testemunho que devem dar. E há aqueles que, com muita luta, conseguem vencer as tentações que são comuns a todo ser humano. Não devemos negar os fatos, nem promover um linchamento moral das pessoas que erram, seja quem for.



6º Encontro FORÇA E CORAGEM NA VIDA DA IGREJA

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Receber a turma com simpatia, preparando ambiente acolhedor. Cantar músicas animadas. Que tal a número 1?
- Silenciar a turma e criar clima de oração. Fazer o Sinal da Cruz.
- Cantar suavemente música de interiorização. Sugerimos a música nº 17.
- Dar as mãos e rezar com o catequista: Jesus, sabemos que o Senhor nos ama e por isso nos chama e nos confia uma missão. Queremos acolher seu chamado a ser Igreja, pois nossa fé se fortalece e se anima na força da fé dos irmãos. Pedimos que o Senhor nos ajude a enfrentar com coragem as fraquezas da Igreja e a superar todas as dificuldades que encontramos em nosso caminho comunitário. Venha nos dar força e coragem, Jesus. Amém!
- Rezar juntos a oração ao Espírito Santo, pedindo sua força para superar as fraquezas presentes na vida da Igreja.

2. O QUE A BÍBLIA DIZ

Motivação

Vimos, no encontro passado, que há fraquezas na Igreja, pois as pessoas não são perfeitas. Hoje vamos ver que não só de fraqueza vive a Igreja. Há muita coisa

boa entre os cristãos, muita força, muita coragem, muita luta, muitas qualidades e muita fé. Vamos ouvir um texto que mostra como os cristãos enfrentavam as perseguições e conflitos com firmeza e serenidade. Essa firmeza serena é uma qualidade digna de nota.

Texto: At 6,7-15; 7,54-8,3

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

Trata-se de um texto maior sobre a perseguição sofrida por Estêvão, que era um diácono. O discurso de Estêvão – At 7,1-53 – pode ser saltado. O catequista pode fazer dele um breve resumo para a turma.

Partilha

- Quem era Estevão? Qual era a sua função na Igreja?
- Por que alguns membros da sinagoga armaram intrigas contra Estêvão?
- Como Estêvão reagiu? Teve força para enfrentar as perseguições?
- O que fizeram com Estêvão?
- Começou então, em Jerusalém, uma grande perseguição contra os cristãos.
 O que eles fizeram?

Aprofundamento

- No começo da Igreja, os cristãos enfrentaram muitas perseguições. Aconteceu com eles mais ou menos o que houve com Jesus. Havia todo um povo com sede de Deus que aderia à fé cristã. Mas havia as autoridades e um grupo menor de pessoas de elite que temiam o sucesso do cristianismo. Então, perseguiam e matavam os cristãos.
- O texto que ouvimos narra a morte do diácono Estêvão, apedrejado nos arredores de Jerusalém. Ele, apesar de perseguido, prega a Palavra de Deus sem se acovardar. Mostra coragem e firmeza em sua missão. Nem a morte o assusta ou, se assusta, não o impede de prosseguir. Assistindo tudo está Saulo, que era uma autoridade importante, então. Depois, ele vai se converter e se transformar no grande apóstolo Paulo.
- Com a morte de Estêvão, rompe-se grande perseguição a todos os cristãos de Jerusalém. Eles, para não morrer, saem da cidade e se dispersam pelo mundo. Por onde passam, pregam a fé, divulgando o amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo. Com isso, a Igreja até cresceu ainda mais, porque os cristãos fundaram outras comunidades fora de Jerusalém. Vejam como uma provação, enfrentada com coragem, pode resultar até em algo bom.
- Tudo isso faz a gente pensar que nunca foi muito fácil ser cristão. Para manter a fidelidade a Jesus, era preciso ter coragem, firmeza e muita disposição para enfrentar as autoridades. O cristão tem de ser, antes de tudo,

um forte.

- A gente pode perceber que a Igreja não vive só de fraquezas. Há muita força e boa vontade, muitas qualidades nessas pessoas que, desde o começo, se desdobram, se arriscam, se sacrificam para seguir Jesus. Em todos os tempos da Igreja – nesses mais de dois mil anos – vamos encontrar pessoas que se destacaram por suas qualidades: por sua retidão, por sua caridade, por sua santidade, por sua dedicação e por tantas outras coisas. Ao olhar a história da Igreja, podemos sentir a presença de Deus agindo por meio dessas pessoas que, mesmo sendo fracas, deram um testemunho da fortaleza da fé.

3. ATIVIDADE

Sugestão

- Conversar com a turma sobre pessoas que se destacaram ou se destacam na vida da Igreja, por sua coragem e determinação. Podem ser pessoas da própria comunidade. Podem ser pessoas de destaque mais amplo: Dom Hélder Câmara, Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, Irmã Dulce, Irmã Dorothy Stang, Madre Tereza de Calcutá, Dom Oscar Romero. Podem ser santos canonizados ou em processo de canonização: São Francisco de Assis, Madre Paulina, Santo Antônio Galvão, Santo Inácio de Loyola. Que tal lembrar vultos importantes na história da Igreja no Brasil? E a vida de São Tarcísio, que era apenas uma criança? Que tal lembrar, por exemplo, os milhares de pessoas, quase anônimas, que fazem a Pastoral da Criança funcionar em todo o Brasil e até fora dele? E os milhares de categuistas empenhados em evangelizar? E as pessoas, leigos e religiosos, que partem em missão para países e lugares distantes em nome de Cristo? E outras pastorais que ajudam pessoas que não têm moradia, pessoas tomadas pelos vícios das drogas, casais em dificuldade... Há muita coisa boa para lembrar! Dêem importância às coisas boas da própria comunidade também, da própria paróquia ou diocese. Falem dos santos de devoção do lugar, os que são mais conhecidos, mas sem exageros ou lendas. As virtudes é que devem ser realçadas.
- Para essa conversa, usar o material que a turma tiver levado, como foi pedido no encontro anterior. Quem levou apresenta o seu material e explica o que há de importante nele. Se alguém não levou, certamente o catequista terá levado material suficiente para todos trabalharem.
- Pode-se fazer um mural ou varal com o material da turma.

Conclusão

O objetivo desse debate é nos ajudar a perceber quanta coisa bonita vem sendo realizada dentro da Igreja, por pessoas de fé e de enorme generosidade. A Igreja nasceu para ser um espaço em que se cultivam esses valores: a solidariedade, o amor ao próximo, o seguimento de Jesus, a união e tantas outras coisas. Há na Igreja, como em qualquer lugar, muitas fraquezas. Mas há — e com um peso muito maior — muita força, coragem e dedicação da parte de pessoas que acreditam na força do bem e dão a vida nessa causa. Quando vemos tantas pessoas de todas as classes unidas em torno da missão de evangelizar e fazer o bem, não podemos deixar de reconhecer a importância de tudo quanto é feito em nome da fé plantada pela Igreja. A Igreja nasceu para tornar sempre presente o sonho de Jesus. À medida que esse sonho se vai concretizando em todos os cantos do mundo, a gente vai compreendendo o sentido e a importância da Igreja.

4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Convidar a turma para rezar, pedindo a Deus que fortaleça e confirme na fé todas as pessoas comprometidas com o bem, dentro e fora da Igreja, para que continuem a realizar seus trabalhos com amor e dedicação.
- Fazer preces, espontâneas ou escritas, por quem se põe a serviço da Igreja e trabalha ajudando as crianças, as famílias, os drogados, os doentes. A resposta pode ser: "Abençoa, Senhor, os seus servos".
- Encerrar cantando a música nº 2.
- Motivar a turma para o próximo encontro.
- Encerrar à vontade.

Dicas para o catequista

- De novo, a história da perseguição aos cristãos. Ainda há em alguns lugares do mundo perseguição aberta aos cristãos. Em outros lugares, há certa animosidade contra a Igreja. Parece que a pregação do evangelho sempre encontra algum obstáculo. Até mesmo no Brasil, temos bispos, religiosos e outros líderes ameaçados de morte porque denunciam situações de opressão e injustiça em suas comunidades. E não falta quem calunie essa gente boa e cheia de fé que tem dado sua vida na construção do Reino de Deus.
- Não queremos ser ingênuos nem otimistas demais, mas é bom lembrar quanta gente boa e quanta força há na Igreja. A gente não deve se deixar enganar por um escândalo, uma notícia qualquer. Às vezes, basta uma pessoa se tornar foco de um escândalo, de um acontecimento suspeito, para que toda a comunidade a crucifique. Acabamos esquecendo tudo de bom que a pessoa fez, tanta gente que foi beneficiada por sua caridade, sua presença amiga. Vejamos: um padre que deu a vida pela Igreja, num certo dia, é pego fazendo o que não devia. Péssimo exemplo, sem dúvida. Mas isso não destrói todo esforço e toda dedicação mostrados até agora. Um bispo vive para a Igreja. Depois fica velho, entra em de-

pressão e começa a beber. Não valeu nada sua vida a serviço do Reino? Uma catequista gastou sua vida com o trabalho da evangelização. Um belo dia se envolve com um homem casado e a comunidade não perdoa. Não significou nada todo seu empenho? É preciso aprender a olhar com caridade e ternura a fraqueza dos outros, afinal também queremos ser tratados com essa mesma misericórdia quando estamos numa situação complicada.



7º Encontro RIQUEZA E FORÇA DA PALAVRA DE DEUS

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Receber a turma com carinho.
- Cantar músicas animadas. Que tal a nº 18?
- Criar clima de oração. Fazer o Sinal da Cruz.
- Motivar: Na semana passada, conversamos sobre fraquezas e forças presentes na Igreja. Nós mesmos temos tantas fraquezas, tantos pecados, tantas coisas nada boas que devemos procurar superar. Vamos, hoje, pedir perdão a Deus, reconhecendo nosso pecado e confiantes no amor que ele tem por nós.
- Cantar a música nº 13.
- Fazer preces espontâneas, pedindo perdão a Deus pelas fraquezas mais frequentes em nossa vida. A resposta pode ser: "Vem, Jesus, nos ajudar." As preces podem ser como:
 - Perdão, Senhor, pela preguiça que nos paralisa e não nos deixa construir seu Reino.
 - Perdão, Senhor, pelo rancor que ainda mora em nossos corações.
 - Perdão, Senhor, pela mentira que causa tantos problemas em nossas comunidades.

- Perdão, Senhor, pela violência e falta de paciência com os irmãos.
- Cantar de novo a música acima.

2. O QUE A BÍBLIA DIZ

Motivação

Vamos ler hoje um texto do Antigo Testamento, do profeta Ezequiel. Ele nos conta um caso que parece complicado, mas no fundo é muito simples. Ele quer mostrar que o templo é fonte de água viva. Uma força muito especial brota do templo do Senhor. Vamos meditar esse texto para refletir sobre a força especial que brota da Igreja – que é o povo de Deus.

Texto: Ez 47,1-12

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

Partilha

- O que entendemos com esse texto? O profeta Ezequiel fala que foi levado até a entrada do templo. Trata-se do templo de Jerusalém, onde o povo se reunia sempre para rezar, para fazer seu culto. O que o profeta vê, então, brotando do templo?
- A água simboliza o quê?
- O profeta e outro homem (Ezequiel não diz quem é esse outro) saem do templo, com uma corda na mão. O que eles faziam com essa corda?
- O que ia acontecendo de quinhentos em quinhentos metros?
- O que o profeta viu nas margens do rio?
- O rio que brotava do templo era de água boa, pura? Ou era uma água contaminada, poluída?

Aprofundamento

- Esse texto é uma espécie de parábola, contada por Ezequiel, como se fosse uma visão ou um sonho. Podemos compará-lo com as parábolas contadas por Jesus. São casos e histórias compostos pelo autor para transmitir uma mensagem. Não vamos imaginar que houve uma enchente no templo de Jerusalém ou que de fato um rio nascia do templo. O que o profeta quer dizer é outra coisa.
- O profeta escreve para um povo que vivia numa terra seca e deserta. Quem vive numa terra assim conhece bem a importância da água. Ele aproveita essa situação para falar da água viva que brota do santuário de Deus e traz vida nova à terra. A mensagem é simples: da casa de Deus, brota uma água abundante. Essa água vai formando um rio que vai crescendo de volume até chegar ao mar. Por onde essa água passa, o deserto ganha vida nova: surgem plantas, peixes, frutos,

- etc. O que o profeta quer mostrar é que o templo de Deus é fonte de vida para o mundo. De Deus, sai uma fonte que renova o mundo: sua palavra transformadora, que nos revela seu amor sem fim.
- Agora podemos comparar as palavras do profeta com a Igreja. A Igreja é o povo de Deus. Não é exatamente a casa, o templo, mas o povo de fé que se reúne no templo. O mundo é como o deserto seco e sem vida que necessita de cuidados para produzir frutos e reviver. Da Igreja de sua vida, de sua fé, de seu testemunho brota uma água viva, uma força renovadora que dá vida nova ao mundo. Por onde passava aquele rio, brotava a vida. Por onde passa a Igreja, também deve brotar a vida. A Palavra de Deus que a Igreja transmite é fonte de vida e de renovação para o mundo.
- Jesus usou comparação muito semelhante quando disse que o mundo estava em trevas e a Igreja devia ser luz para iluminar o mundo. Então, é esta a importância da Igreja. Ela ilumina o mundo com a mensagem e a presença de Jesus. Ela fertiliza e renova, fazendo brotar vida onde há deserto. E faz isso, porque comunica a Palavra de Deus. O mundo sem a fé seria como o deserto sem a água ou as trevas sem a luz. E a fé é difundida pela Igreja de Jesus. Daí a importância da Igreja.
- Por ter essa força de transformação, a Igreja, desde o seu começo, foi acolhida por muitas pessoas, graças à mensagem de Cristo que ela sempre transmitiu. Essa mensagem de Jesus, transmitida pela Igreja, é como água que renova e faz brotar vida até no deserto.
- Vamos pensar como era o mundo em que os apóstolos começaram a pregar a boa-nova de Jesus. Havia os judeus que tinham esperado, por muito tempo, a chegada do Filho de Deus. Mas eles pensavam que esse messias esperado viesse cheio de poder para governar o povo. Quando Jesus morreu na cruz, eles ficaram escandalizados e diziam entre si: "Onde já se viu um Filho de Deus morrer na cruz como qualquer outro?" Então, quando se falava da cruz de Jesus, os judeus ficavam escandalizados. Havia também os gregos, tidos como grandes pensadores, homens cultos e inteligentes, cheios de sabedoria. Eles tentaram, sem sucesso, explicar ao povo o sentido da vida. Mas a vida do povo continuava sem sentido. Quando os cristãos começaram a falar de um certo Jesus que havia morrido e ressuscitado, os gregos acharam isso uma loucura e diziam entre si: "Onde já se viu alguém morrer e ressuscitar?" Então, chamavam os apóstolos de loucos e não os levavam a sério.
- No entanto, o povo estava gostando da pregação dos apóstolos. E muito! O povo estava cansado da pregação dos judeus. Eles eram muito moralistas, falavam de leis e obrigações, eram muito duros e exigentes e isso não estava melhorando a vida do povo. O povo também estava cansado da pregação dos gregos. Eles falavam bonito sobre um montão de coisas que ninguém entendia. E isso não melho-

rava a vida do povo.

- De repente, apareceram os apóstolos e todos os cristãos falando com simplicidade sobre Jesus, ensinando o amor, a misericórdia e o perdão, pregando sobre a esperança na vida eterna, convidando a construir um mundo melhor, formando comunidades onde um valorizava o outro, fazendo tantas coisas mais. O povo logo percebeu que acolher Jesus e sua proposta era algo profundo, novo e capaz de melhorar a vida. Por isso, o povo aderiu à fé. O cristianismo trazia respostas mais profundas, ensinadas com simplicidade. Os gregos falavam bonito, usando sua habilidade na arte oratória. São Paulo falava da Cruz de Jesus. E convencia muito mais.
- A mensagem cristã tinha uma riqueza e uma força especiais. Era como a água pura e abundante que brotava do templo, como falou o profeta Ezequiel. A Igreja nasce com essa missão de levar vida nova a pessoas que estão precisando de alento; ela tem a missão de transformar os corações desérticos em terra fértil e cheia de bons frutos. Essa é a força da Igreja.

3. ATIVIDADE

Sugestão 1

- Comentar: A pregação de Jesus trouxe uma série de novidades importantes para a humanidade. E não era para menos. Jesus veio ao mundo para nos ensinar o amor de Deus. Jesus, com sua vida doada por amor, ensinou de forma simples e satisfatória que Deus é amor. Por isso, a boa-nova de Jesus preencheu o vazio do coração do povo.
- Distribuir os caça-palavras e pedir que, em duplas, a turma encontre palavras que indiquem as novidades trazidas por Jesus e a beleza da Palavra de Deus. Distribuir lápis.

S	P	Е	K	D	A	T	F	*	F	D	Е	S	P	R	Е	Z	O	G
A	W	S	T	Y	M	Е	*	V	P	*	L	P	K	C	*	C	I	F
M	*	P	Z	*	О	J	D	I	Е	V	В	N	M	O	Q	0	W	I
O	M	Ι	S	E	R	Ι	C	0	R	D	Ι	A	P	M	*	N	L	N
R	U	R	N	M	*	K	W	L	D	*	R	T	Y	U	U	V	P	G
*	G	Ι	X	Z	D	V	*	E	A	X	C	V	В	N	L	E	K	I
A	*	T	A	*	Е	T	S	N	0	F	G	Η	*	Ι	Η	R	J	M
O	R	O	T	Y	*	O	P	C	A	*	S	A	Z	D	X	S	*	Е
*	K	*	Н	E	D	W	Q	I	*	D	P	Ι	C	A	V	A	В	N
P	M	S	N	В	Е	*	V	A	C	X	Z	Q	W	D	*	0	R	T
R	U	A	T	*	U	E	V	I	D	A	*	Е	T	E	R	N	A	O
O	Q	N	*	K	S	Z	X	V	В	N	M	D	0	*	Ι	Y	T	*
X	*	T	N	M	U	N	D	O	*	M	Е	L	Η	O	R	W	Е	R
I	X	Ο	R	T	Y	G	*	D	U	*	M	N	В	V	C	X	Z	Q
M	V	A	L	О	R	*	D	A	S	*	P	Е	S	S	О	A	S	K
O	Q	W	*	R	T	Y	U	I	P	O	M	N	В	*	C	X	Z	A
M	Е	X	P	L	O	R	A	Ç	A	O	U	*	W	K	*	T	M	P

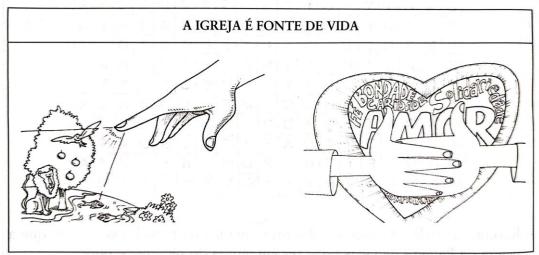
- Resumir as palavras encontradas num quadro ou painel, explicando que a beleza da Palavra de Deus pode ser entendida do seguinte modo:

A RIQUEZA DA PALAVRA DE DEUS					
Novo jeito de ser:	- Amar				
	- Confiar				
	- Acreditar				
	- Perdoar etc.				
Novo jeito de viver:	- Vida em comunidade				
	- Todos são irmãos				
	- Um ajuda o outro				
	- Cultiva-se a amizade				
	- Incentiva-se a fraternidade				
	- Celebra-se a vida				
	- Sente-se a presença de Deus etc.				
Novas esperanças de futuro:	- Busca de uma vida melhor.				
	- Busca de um mundo melhor.				
	- Certeza da felicidade eterna.				

- Debater: Em sua opinião, qual desses aspectos parece mais importante hoje e

Sugestão 2

- Expor um painel com um desenho sugestivo referente ao texto bíblico.



- Questionar a turma: O que a Igreja precisa fazer para ser de fato fonte de vida para o mundo de hoje? Como a Igreja pode iluminar o mundo?
- Propor uma conversa sobre essas questões em duplas ou em grupos de três pessoas. Cada grupo daria, no final, uma sugestão de como a Igreja deve iluminar o mundo, sendo fonte de vida.
- Terminada a conversa, cada dupla diz sua sugestão. O catequista escreve as sugestões em pequenas faixas de papel e cola no painel em volta do desenho. Sugestões repetidas não precisam ser coladas. O catequista, se necessário, complementa as sugestões chamando a atenção para outros aspectos que a turma não tenha lembrado. As faixas podem ser simples, tais como:
 - Denunciar o mal
 - Lutar pela justiça
 - Socorrer os necessitados
 - Promover a união das famílias
 - Promover a paz
 - Evangelizar os jovens
 - Ajudar as crianças em dificuldades
 - Difundir a mensagem de Jesus
- Encerrar a atividade com uma música. Sugerimos a nº 16.

Conclusão

A Igreja nasceu para pregar a Palavra de Deus. Essa Palavra chamou a atenção do mundo todo, desde que começou a ser pregada. Não é uma mensagem descoberta pelo homem, em suas pesquisas. É uma novidade que o próprio Deus veio revelar, por meio de Jesus. A Igreja não prega sabedoria puramente humana. Mas fala do amor e do Reino de Deus, que ele quer ver realizado no meio do mundo. Nas palavras de Jesus, assumidas pela Igreja, há um conteúdo profundo, capaz de renovar, iluminar e dar sentido à vida de toda a humanidade. Essa é a riqueza da mensagem cristã. A Igreja se torna, portanto, uma força muito grande para o mundo, à medida que ela representa o próprio Jesus, presente no mundo, e vive sua Palavra. A Palavra de Jesus tem força transformadora, que age renovando tudo, mais que água no deserto, de acordo com a comparação de Ezequiel. Evangelizando, orientando as pessoas, promovendo a paz e a união, defendendo a justiça, unindo o mundo a Deus, em tudo isso, a Igreja está semeando vida nova num mundo cheio de sinais de morte. Onde está o povo de Deus, aí deve ser sentida a presença do próprio Deus. E onde isso acontece, vida nova logo se manifesta.

4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Cantar a música nº 2.
- Fazer preces espontâneas, agradecendo a Jesus por sua Igreja, sinal de Deus em nossa vida. A resposta pode ser: "Obrigado, Senhor." As preces podem ser assim:
 - Obrigado, Senhor, por sua Igreja que luta e se esforça para construir seu Reino.
 - Obrigado, Senhor, por sua Igreja que denuncia o mal e o pecado.
 - Obrigado, Senhor, por todos que estendem as mãos aos pobres e os acolhem.
 - Obrigado, Senhor, por fazermos parte de sua Igreja. Etc.
- Cantar a música nº 6.
- Motivar a turma para o próximo encontro, que será uma celebração para encerrar esta primeira etapa.
- Encerrar à vontade.

Dicas para o catequista

 Aproveitamos o final de mais uma etapa para lembrar a importância da mística e da espiritualidade nos encontros catequéticos, especialmente do valor dos momentos celebrativos que são intensificados no último encontro de cada etapa e devem ser preparados e realizados com todo bom gosto e dedicação. A catequese não é uma aula de religião; é um encontro com Deus, uma continuação da ação evangelizadora da Igreja. Essa ação evangelizadora não é uma coisa à parte, uma tarefa a mais; é continuidade da ação litúrgica, pois a mesa da Palavra e a mesa da Eucaristia não são duas coisas separadas, mas intimamente ligadas. E, porque elas estão intimamente unidas, toda ação catequética ou evangelizadora da Igreja penetra o mistério pascal e o favorece. A centralidade da Palavra de Deus nessa ação desponta natural e claramente. O categuista deve oferecer a seus catequizandos esse contato com a Palavra da vida. Eles querem beber dessa fonte, querem se nutrir dela, querem descobrir nela a força da vida que sustentou tantos mártires da fé na história da Igreja, querem se envolver na sua trama e fazer parte dela. Espera-se, pois, que o catequista seja mais um místico, uma presença de Deus, que um professor: alguém que repense a evangelização de sua comunidade e ajude-a a fazer sua experiência de Deus. O catequista pode ser também um teólogo, um pensador da fé, embora deva ser ainda mais aquele que inicia seus catequizandos na fé. Para isso, nada melhor que os momentos celebrativos.

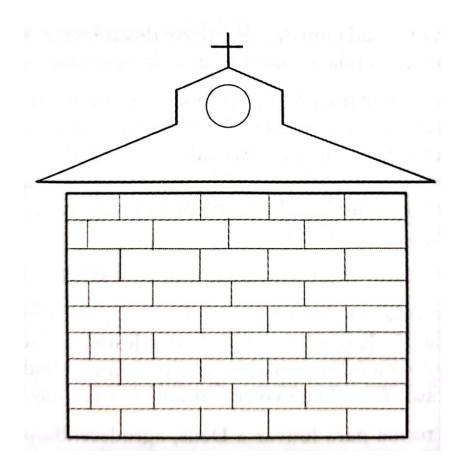
- Se nosso Deus se torna próximo e se dá a conhecer e experimentar na ação litúrgica e evangelizadora da Igreja, o lugar por excelência do encontro com Deus é o ser humano, uma vez que o "Verbo se fez carne e habitou entre nós". No mistério escondido de cada pessoa, Deus se revela; ele age; o Deus totalmente Outro se mostra no rosto do outro que pede para ser amado e oferece seu amor. Não se pode pensar em experiência de Deus se não no confronto com aquele que de nós se aproxima. Capriche, pois, o catequista na acolhida de seus catequizandos. Seja sempre bom pastor: atencioso, dedicado, simpático, amável com cada um que dele se aproxima. Não desdenhe nenhum dos que Deus lhe deu: vá atrás de cada ovelha perdida, que por vezes foge do aprisco da Igreja e anda meio sumida da catequese.



8º Encontro CELEBRAÇÃO

PREPARAÇÃO

- Preparar um momento de confraternização.
- Levar as letras para formar a frase A IGREJA SOMOS NÓS, nos ritos iniciais. Essas letras serão colocadas uma a uma num painel para formar essa frase. A turma não deverá saber qual é a frase. Só depois da colagem. Levar material para colagem e o papel no qual as letras serão fixadas. Numerar as letras, conforme sugerido no rito abaixo.
- Desenhar tijolos em cartolina e recortar: um para cada criança. Cada tijolo deve ter o nome de uma criança e devem ser preparados de modo a formar uma Igreja, quando forem ajuntados.
- Fazer também um desenho de uma torre de igreja, que deverá estar separada do corpo da mesma. Conforme desenho abaixo:



- Ensaiar a música nº 9.
- Escolher antecipadamente alguém para ser leitor e treinar com ele.

1. RITOS INICIAIS:

- C Acolher a turma e motivar a celebração, dizendo: Estamos hoje encerrando nossa primeira etapa de estudos neste módulo da catequese. Vimos nestes encontros como a Igreja nasceu, fundada por Jesus que escolheu apóstolos e lhes deu uma missão. E não só lhes deu a missão, mas abençoou seus trabalhos, de modo que a Igreja cresceu, organizou-se e se tornou uma grande família de cristãos espalhados pelo mundo inteiro. Nessa celebração, queremos agradecer a Deus, porque nós também fazemos parte dessa grande família de Jesus, que é a Igreja. Iniciemos nossa celebração, cantando.
 - Canto nº 1.

- Unidos e confiantes, iniciemos nossa celebração com o sinal de nossa fé na presença de Deus junto de nós.
- T Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém!
- Meus irmãos, eu desejo que a paz de Jesus, o amor de Deus nosso
 Pai e a força de Espírito Santo estejam com todos vocês.
- T Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.
- D Motivar: Deus está sempre nos reunindo. No começo, ele reuniu seus apóstolos e assim surgiu sua Igreja. Ele reuniu os primeiros cristãos em comunidades de fé. E hoje nos reúne porque quer que nós sejamos a sua família, a sua Igreja. A Igreja de Jesus não é o templo, não é a casa. É seu povo unido na fé. Cada um de nós é parte dessa Igreja. Cada um é Igreja e, com sua presença, ajuda a construir uma Igreja mais unida e mais forte.
 - Convidar para montar na frente, melhor se for num painel, a frase formada pelas letras que cada um recebeu. As letras terão sido distribuídas entre as pessoas da turma. São quinze letras. Cada uma terá atrás um número. As pessoas não deverão saber que frase será formada. Com a ajuda do catequista, os catequizandos vão colando as letras, na ordem numérica, até surgir a seguinte frase: A IGREJA SOMOS NÓS.
 - Enquanto se colam as letras, cantar a música nº 9.
 - Terminada a colagem, ler a frase com a turma e comentar: *A Igre-ja somos nós*. Cada um de nós foi escolhido por Jesus para ser apóstolo em sua Igreja. Apóstolo quer dizer missionário, pessoa escolhida para uma tarefa especial, no caso, a tarefa de viver e anunciar a boa-nova de Jesus.
 - Convidar a turma para louvar a Deus, agradecendo por fazermos parte dessa grande família que é a Igreja de Jesus. Pode-se fazer um louvor espontâneo e depois cantar música de louvor. Ou então só cantar.
 - Música de louvor: Sugerimos a nº 12.
- Oremos: Rezar juntos, de mãos dadas: Nós te louvamos, Senhor, por sua Igreja e ficamos felizes por sermos parte dessa grande família cristã. Queremos ser apóstolos do seu Reino, assumindo com alegria nosso lugar e nossa missão na Igreja de Jesus. Amém!

2. RITO DA PALAVRA:

C - Convidar a turma para se sentar e se acalmar para ouvir a Palavra

- de Deus. Se possível, cantar um refrão preparatório. Pode ser a música número 3 ou 17.
- Comentar: Vamos ouvir hoje um trecho da Carta de Pedro. O autor deste texto fala da importância de cada um se sentir parte da Igreja de Jesus. Ouçamos atentos.
- L Leitura da Primeira Carta de Pedro (1Pd 2,4-10) Ler na Bíblia.
- C Convidar a turma para partilhar a leitura. Cada um poderá manifestar sua opinião, destacando sua mensagem. O catequista pode ajudar a animar a partilha, se for preciso, questionando coisas como:
 - Que é ser pedra viva na construção da Igreja?
 - De quem a Escritura está falando, quando diz: "Eis que ponho entre meu povo uma pedra escolhida e preciosa. Quem nela puser sua confiança não será confundido"?
 - Por que Jesus se torna pedra de tropeço para muitos?
 - Como Pedro explica que nós somos parte da Igreja? Que argumentos ele usa para nos motivar a ser Igreja?
 - Qual a mensagem principal desse texto?

D - Concluir:

A Igreja tem uma longa história: mais de dois mil anos de vida. Está presente nos recantos mais distantes do mundo, por meio de pessoas que acreditam em Jesus e se tornam portadoras de sua mensagem de vida nova. Tudo isso não surgiu de um minuto para outro. Foi construído lenta e pacientemente. A pedra mais importante dessa construção – a pedra angular – foi e é Jesus. Depois dele, muitas outras pessoas – bilhões! – já deram um pouco de si nessa construção da Igreja. E a Igreja ainda está em construção. Hoje, somos nós que a construímos. Nós somos pedras vivas na construção da Igreja de Jesus, porque essa Igreja não se constrói com concreto e madeira, mas com pessoas dispostas a ser povo santo de Deus.

3. RITO DE RENOVAÇÃO

Na parede, ou em suporte adequado, deve haver um grande cartaz, apenas com um grande retângulo em branco, onde serão colados os tijolos da igreja, e a torre em cima.

C - Convidar a turma para renovar o propósito de ser Igreja, participando como pedra viva da Igreja de Jesus.

- Explicar: Enquanto cantamos, vamos chamar cada um pelo nome. Ao ser chamado, cada um virá à frente e colará o tijolo com seu nome na Igreja, para significar que participa, como pedra viva, da construção da Igreja de Jesus, pois a Igreja somos nós.
- Cantar a música número 2 ou 9 e realizar a dinâmica. O catequista ajuda na colagem, para não ficar tudo torto. É importante que todos colem seu tijolinho, de modo que não falte tijolo para ninguém. O catequista, por prudência, deve levar material para fazer outros tijolos na hora, caso apareça alguém que não estava sendo esperado. Por exemplo, alguém que estava faltando muito, de repente, aparece na celebração. Então, é só improvisar o tijolo para ele e colar junto dos outros. É importante também que o catequista leve alguns tijolos em branco para completar o preenchimento do corpo da Igreja, de forma que o desenho fique completo. Explicar que esses tijolos sem nomes representam tantas outras pessoas que não conhecemos, mas que também fazem a Igreja crescer e se fortalecer cada vez mais.
- Convidar a turma para rezar uns pelos outros, invocando o Espírito Santo para os companheiros. Explicar que a força do Espírito Santo nos sustenta e anima para perseverarmos unidos, formando a Igreja de Jesus. Sem essa força, a gente se dispersa e a Igreja desmorona.
 - Rezar primeiro pelo companheiro da direita, depois pelo da esquerda. Colocar a mão sobre os ombros do colega e repetir breve oração com o catequista:
 Abençoa e fortalece, Jesus, esse meu amigo, para que ele seja uma pedra viva da sua Igreja. Amém!
 - Cantar de novo a música anterior ou outra equivalente. Que tal a número 16?
 - Dar um abraço nos companheiros, desejando-lhes a paz e a força de Deus.

4. RITOS FINAIS:

- Oremos: Deus nosso Pai, acompanhai-nos em toda a nossa vida, assistindo-nos sempre com a força do Espírito Santo, para que, assim animados, nos tornemos pedras vivas na construção da Igreja de Jesus. Isso vos pedimos em nome de Jesus, que vive convosco e caminha conosco, na unidade do Espírito Santo. Amém!
- C Dar os avisos necessários.

- Motivar para o próximo encontro.
- Fazer confraternização, se assim foi combinado.
- Encerrar, à vontade.

Segunda Etapa Características de nossa Igreja

Depois de conhecer as bases de nossa Igreja, alicerçada na experiência dos apóstolos – testemunhas da vida, morte e ressurreição de Cristo – e de refletirmos também sobre a vida das primeiras comunidades cristãs, com suas fraquezas e forças, vamos, nessa segunda etapa, aprofundar um pouco mais nosso tema, falando de algumas características de nossa Igreja.

Queremos que os catequizandos entendam muito bem o que significa ser católico, para que, como membros dessa Igreja, sintam alegria de participar dela e possam dialogar com as demais sem medo nem receio. Afinal, no meio de tantas Igrejas que oferecem as mais diversas propostas para os seus fiéis, queremos ressaltar a identidade da Igreja Católica. Isso contribuirá inclusive para o diálogo ecumênico, pois sem identidade própria não há como dialogar com outras Igrejas.

Nessa etapa, trataremos de conceitos mais gerais, mostrando características que a nossa Igreja tem e deseja cultivar. Estamos falando do que a Igreja é e do que precisa esforçar-se para ser sempre, pois a Igreja é uma realidade dinâmica.

Nossa Igreja tem uma longa história, cujo estudo não cabe aqui nos nossos propósitos. Durante sua existência, passou por muitas mudanças — ainda que muitos pensem que a Igreja Católica nunca mude em nada! Sua capacidade de mudança e adaptação é tal que ela está presente no meio do mundo, há dois mil anos. Convenhamos que as mudanças na Igreja costumam ser mais lentas do que muitos desejariam, principalmente os que defendem que a Igreja deveria mudar freneticamente como mudam certos costumes em nosso tempo. A Igreja não muda só por mudar. Evolui lenta e de modo calculado e bem pensado. Justamente para não perder suas características fundamentais.

É aqui que queremos chegar: há um conjunto de características que são fundamentais, um núcleo básico que marca a identidade da fé católica e que ela não pode nem quer perder.

O assunto é bastante amplo e aqui será resumido a algumas características de nossa Igreja. O objetivo não é que os catequizandos compreendam todas as nuances da fé católica. Queremos que eles percebam, na experiência cristã católica, que há uma diferença entre ser católico e ser cristão em outra denominação religiosa.

Vejam que estamos frisando a identidade católica. Julgamos isso muito importante, no processo de iniciação cristã, pois vivemos em um contexto cultural em que as verdades se apresentam diluídas e nem sempre claras. Não se trata de uma resistência ao mundo globalizado, nem à globalização das religiões, muito menos de fechamento ao diálogo inter-religioso e ecumênico. O que queremos é saber quem somos, com humilde clareza, para não nos perdermos entre conceitos genéricos de espiritualidade. É uma questão de personalização, de identidade.

Hoje há forte tendência de separar fé e religião, religiosidade e Igreja, como se a religiosidade e a fé fossem importantes, mas a Igreja (ou as Igrejas) não; como se o cultivo da religiosidade e da fé não dependesse da pertença a uma Igreja.

Queremos aqui mostrar justamente o contrário: a religiosidade e a fé continuam sendo muito importantes e são cultivadas na tradição de uma religião, na pertença a uma Igreja. Ao menos, pretendemos que nossos catequizandos aprendam a cultivar a espiritualidade no seio da Igreja Católica, com o teor ecumênico e inter-religioso que lhe é próprio.



1º Encontro NOSSA IGREJA É CATÓLICA

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Receber a turma, dando atenção a todos. Fazer momento de animação, cantando músicas apropriadas.
- Criar clima de concentração para rezar. Fazer o Sinal da cruz.
- Motivar: Vamos iniciar nosso encontro em nome de Deus, lembrando que começamos hoje também uma nova etapa de aprofundamento sobre nossa Igreja. À medida que vamos participando dos encontros, vamos conhecendo melhor a Igreja. E conhecendo melhor, vamos participar mais intensamente de sua vida. Que Deus se faça presente e nos anime nessa tarefa de conhecer a Igreja e de compreender que somos Igreja. Ele nos chama a ser Igreja.
- Cantar a música número 16.
- Nessa jornada da fé, não estamos sozinhos. Está conosco o Senhor, que zela por nós, que cuida de nós. Ele está presente junto de nós. Ele não descuida de nós e vive conosco nossas alegrias e vitórias, nossas tristezas e angústias. No seu amor por nós, não dorme nem cochila aquele que nos guarda. Que nossa vida esteja toda nas mãos dele, que nos chama a ser seus discípulos e cuida de nós com muito amor.
- Vamos rezar o salmo 121/120. (cf. no final deste encontro, nas dicas para os catequistas, uma orientação referente à numeração dos salmos). Alguém recita

as estrofes, diretamente da Bíblia, e todos dizem o refrão no começo e no final ou entre as estrofes.

- Refrão: Meu auxílio vem do Senhor, que fez o céu e a terra.

2. O QUE A BÍBLIA DIZ

Motivação

Vamos, nessa etapa, conhecer melhor nossa Igreja. Veremos algumas de suas características principais. A primeira característica é que nossa Igreja é Católica. A palavra "católica" significa universal, isto é, aberta a todos os povos, de todas as raças, sem restrições. Para entendermos isso, vamos ver como, bem no começo da pregação do evangelho, os apóstolos entenderam que Deus queria que a Igreja se dirigisse a todos os povos, sem exceção.

Texto: At 10,23b-33

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

Partilha

- No texto, quem o apóstolo Pedro está indo visitar?
- Como Cornélio acolheu a visita de Pedro?
- O que Pedro encontrou na casa de Cornélio?
- Por que Cornélio havia mandado chamar Pedro à sua casa?

Aprofundamento

- Nossa Igreja surgiu entre os judeus. Jesus era judeu. Os apóstolos eram judeus. No começo, eles pensaram que somente o povo da raça judaica podia participar da Igreja. Eles não pregavam a Palavra de Deus aos povos de outras raças, que eram tidos como pagãos e impuros, por não serem judeus. Um judeu não podia sequer entrar na casa de um estrangeiro ou seria considerado impuro também.
- Cornélio era um estrangeiro. Portanto, pelo costume, Pedro jamais poderia ter entrado na casa dele, pregado ali e batizado sua família e se hospedado com eles. No entanto, Pedro sentiu que era hora de mudar o antigo costume. Se Cornélio e sua família eram gente de bem, se tinham desejo de seguir Jesus, se estavam sendo movidos pelo Espírito Santo e queriam ser batizados e desejavam se tornar cristãos, então por que recusá-los na Igreja?
- Pensando assim, Pedro não somente visita Cornélio, entrando em sua casa, o que não era comum, mas também batiza Cornélio e sua família. O texto que lemos não conta tudo isso. Mas os versículos seguintes mostram que Pedro encontrou na casa de Cornélio um povo cheio de fé e de um verdadeiro desejo de conhecer Jesus e de ser batizado. Por isso, Pedro rompeu com os costumes e batizou na fé cristã alguém que não era judeu. Entendeu que também entre os não-judeus ha-

- via gente com sede da mensagem de salvação trazida por Jesus.
- Depois, os outros judeus vão criticá-lo muito por isso. Mas, com o tempo, vão entender as razões de Pedro e começar a acolher todos os povos na Igreja. Afinal, Jesus, ao enviar os discípulos, pediu que pregassem o evangelho a todas as nações (cf. Mt 28,19) e não somente ao povo judeu.
- Por isso, dizemos que nossa Igreja é católica: a palavra "católica" significa universal, enviada a todos os povos, de todas as nações e de todos os tempos. Quando dizemos que nossa Igreja é católica, estamos afirmando que a mensagem de Jesus serve para todas as pessoas, de todas as raças e em todos os tempos e culturas. É uma mensagem que não fica velha, nem fora de moda, mas vai se atualizando e renovando para atingir os corações de todas as pessoas. Existem coisas que passam, saem de moda e são substituídas por outras tendências. A mensagem de Cristo, transmitida pela Igreja, não passa, nem fica fora de moda. É sempre atual e faz bem para todo mundo. Quando Jesus resume sua pregação dizendo que o importante é amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos, ele está transmitindo um ensinamento universal. O ser humano, de todos os tempos e de todos os lugares, sente a necessidade de amar a Deus, de ser amado e de amar seus semelhantes. É um exemplo de como a mensagem de Cristo é universal, ou seja, católica.
- Agora, vamos entender duas coisas: Para ser católica, a Igreja precisa ser fiel à mensagem que recebeu de Jesus, com a incumbência de transmiti-la; precisa se manter fiel às suas raízes. Mas, ao mesmo tempo, a Igreja precisa se adaptar aos novos tempos e às novas tendências do mundo. Com isso, a Igreja, mesmo mantendo sua mensagem fundamental, vai se renovando com o tempo.
- Voltemos ao texto bíblico: Para atingir a todos e ser realmente católica, a Igreja precisava ir ao encontro de todos os povos, acolhendo todas as pessoas, de todas as culturas e raças. Era o que Pedro estava fazendo. Uma mudança radical no jeito de entender a religião daquele tempo.
- O gesto de Pedro foi um gesto renovador. Ele foi corajoso. Rompeu com um velho costume e abriu a Igreja para coisas e atitudes novas. A entrada dos estrangeiros fez com que a Igreja crescesse e se propagasse pelo mundo inteiro. O gesto de Pedro mostra que a Igreja precisa saber a hora certa de renovar os costumes, deixando para trás o que pode ser mudado (o que é cultural) e distinguir que tradições devem ser preservadas (o que identifica a fé professada).
- Essa história de Pedro e Cornélio nos dá um exemplo do que dissemos acima: fazemos parte de uma Igreja que ajunta coisas velhas e novas. Nossa Igreja já tem mais de dois mil anos. Durante todo esse tempo, foi adquirindo uma experiência admirável, que nós chamamos de Tradição. Mas, a Igreja foi se abrindo às mudanças do mundo, acolhendo para si as coisas boas que foram surgindo na

humanidade. Podemos dizer, então, que somos uma Igreja antiga sempre aberta ao novo; uma Igreja de dois mil anos sempre em renovação. As coisas antigas são importantes porque são as raízes da Igreja. As coisas novas são necessárias porque atualizam a Igreja. Tem gente que não gosta de coisas antigas. Tem gente que não gosta de coisas novas. Mas o bom mesmo é quando essas duas coisas andam juntas.

- Quando alguma coisa se renova, é para a Igreja ser mais moderna e atualizada, adaptada às necessidades de cada tempo e lugar. E quando não se renova, é porque a Igreja ainda não deu conta de fazer a mudança ou porque se trata de coisas muito importantes que são fundamentais para a Igreja e não podem ser mudadas. Tanto as novidades quanto as tradições são sempre boas, quando bem compreendidas.
- Mantendo suas raízes e, ao mesmo tempo, renovando-se sempre, a Igreja consegue levar a mesma mensagem de Cristo a todos os povos de todos os tempos e culturas. Por isso, é católica.

3. ATIVIDADE

Sugestão

- Conversar com a turma, dando exemplos de coisas velhas e novas na Igreja, ou seja, coisas que mudaram com o tempo e coisas que permanecem. Ver se a turma se lembra de coisas que já mudaram na vida da Igreja e de coisas que nunca mudaram. Talvez a turma pense que algumas coisas que não mudaram deveriam já ter sido mudadas. É a pressa por mudança. O catequista explique por que certas coisas não mudaram e por que as coisas na Igreja mudam devagar. A pressa às vezes é inimiga da perfeição.
- Se for oportuno, pode-se dividir a turma em grupos e cada grupo elabora um cartaz com as coisas que mudaram na Igreja e as coisas que permanecem.
- Para facilitar, damos alguns exemplos.
 - a) Coisas que mudaram:
 - A missa era rezada em latim e agora é rezada na língua do povo.
 - O povo n\u00e3o tinha o costume de ler a B\u00edblia e agora esse costume \u00e9 incentivado.
 - A catequese se preocupava principalmente em fazer decorar os dez mandamentos e outros pontos da doutrina e agora ela ajuda a turma a fazer uma experiência de Deus, buscando conhecer Jesus.
 - Numa fase da história da Igreja, os padres podiam se casar e agora não podem, pois se tornaram celibatários.
 - Antes, muito antigamente, as crianças não podiam comungar e agora podem, depois de passarem pela catequese paroquial.

Antes a pessoa era crismada pequenininha e agora é crismada quando jovem.
 Etc.

b) Coisas que não mudaram:

- A gente continua lendo e acreditando na Bíblia, tradição que recebemos dos apóstolos.
- O católico sempre teve e sempre terá o costume de ir à missa semanalmente, para celebrar a Eucaristia.
- Os católicos sempre se preocuparam e vão continuar se preocupando em conhecer a Palavra de Deus.
- Os ensinamentos de Cristo continuam os mesmos.
- A Igreja continua celebrando os sacramentos.
- Sempre nos mantivemos unidos ao Papa. Etc.

Conclusão

Já aprendemos uma característica importante de nossa Igreja. Ela é Católica, isto é, universal, aberta a todos os povos, de todos os tempos e de todos os lugares. E vimos que, por causa disso, nossa Igreja tem coisas velhas e novas; é uma Igreja antiga sempre aberta às novidades do mundo. É importante compreender isso, pois nós devemos saber valorizar as coisas antigas que são as raízes da Igreja e também aceitar e compreender a beleza das coisas novas que a cada dia vão surgindo. O católico inteligente sabe apreciar tanto a Tradição da fé recebida de nossos antepassados, quanto as novidades exigidas por nosso tempo. Toda mudança é bem-vinda, desde que não atropele a experiência de fé conservada pela Igreja.

4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Cantar a música número 14.
- Rezar o Pai-nosso, de mãos dadas, pedindo a Deus que cresça ainda mais a comunhão de todos os católicos, que todos se abram às novidades necessárias no caminho da Igreja, sem comprometer a fé recebida.
- Motivar a turma para o próximo encontro.
- Encerrar à vontade. Se for oportuno, cantar músicas animadas.

Dicas para o catequista

- O que é um judeu? É bom entender bem, pois esse nome já inspirou preconceitos. A palavra judeu é usada de forma genérica para designar todo o povo hebreu, o povo descendente de Abraão. A palavra judeu vem de Judá, uma das doze tribos de Israel (Israel também conhecido como Jacó, filho de Isaac, filho de Abraão), que depois deu nome ao reino do Sul, cuja capital foi Jerusalém. Ser

judeu é pertencer a um povo cuja fé se distingue por seu monoteísmo estrito e por sua consagração a esse Deus. Mas a palavra "judeu" já foi usada em sentido pejorativo, para depreciar alguém, como se ser judeu fosse ser menos que os outros. Vem daí a expressão "judiar", que entrou em nosso dicionário com o sentido de maltratar alguém. Talvez porque durante muito tempo se culpou o povo judeu de modo geral pelo sofrimento e morte de Jesus. Mas isso já é coisa superada. A Igreja dialoga bem com os judeus e se orgulha de suas raízes judaicas.

- A numeração dos salmos é uma das dificuldades que o catequizando – e também o catequista - pode encontrar no manuseio da Bíblia. Há uma pequena variante na numeração dos salmos, dependendo se a tradução que temos em mãos segue a tradução hebraica ou a tradução grega. Não dá pra explicar tudo, mas, por enquanto, basta ao catequista saber que há duas traduções distintas: a hebraica, adotada pelos judeus desde muito tempo e confirmada em torno de 80 dC, e a grega, traduzida por volta do ano 250 aC, também chamada de Bíblia dos Setenta ou Septuaginta, que foi adotada pelos cristãos desde o começo de sua história. Ao ser traduzida do hebraico para o grego, a Bíblia conheceu algumas variantes: alguns livros a mais foram aceitos no cânon da Septuaginta (especialmente alguns chamados deuterocanônicos) e os salmos receberam uma numeração distinta. Assim, a partir do salmo 8, a numeração começa a ficar complicada, pois alguns salmos foram agrupados formando um só, ou um salmo foi dividido em dois. Com isso alguns salmos têm dois números. Para facilitar, vamos citar as duas numerações, separadas por barra: a numeração hebraica, seguida da numeração grega, quando for diferente. Em algumas Bíblias, o número grego pode vir primeiro. Então, para identificar um salmo, é importante conferir os dois números. Por exemplo: O Sl 121/120 da Bíblia Hebraica é igual ao 120/121 da Bíblia Grega. A tabela seguinte pode ajudar a compreender melhor.

Bíblia Hebraica	Bíblia Grega
Salmo 1-8	Salmo 1-8
Salmo 9-10	Salmo 9
Salmo 11-113	Salmo 10-112
Salmo 114-115	Salmo 113
Salmo 116	Salmo 114-115
Salmo 117-146	Salmo 116-145
Salmo 147	Salmo 146-147
Salmo 148-150	Salmo 148-150

 A palavra católica vem do grego e quer dizer universal ou geral. Os seguidores de Jesus ganharam nomes distintos: nazarenos, cristãos (cf. At 11,26), etc. Mas já no século I dC, Inácio de Antioquia usava a palavra católicos para designar o

- grupo dos seguidores de Jesus, do qual fazia parte e era líder, numa região da Síria.
- Além da Igreja Católica Apostólica Romana, existem outras Igrejas que têm "católica" no seu nome: Velha Igreja Católica, Igreja Católica Brasileira, Igreja Católica Liberal, Associação Patriótica Católica Chinesa, etc. É bom não confundir: essas Igrejas têm estatuto próprio e não estão em comunhão com a Igreja Católica Apostólica Romana.



2º Encontro NOSSA IGREJA É APOSTÓLICA

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Receber a turma com bastante alegria. Cantar músicas animadas. Que tal a número 1?
- Silenciar a turma para rezar. Fazer o Sinal da Cruz.
- Cantar a música número 11 ou 3. Motivar a turma a confiar em Deus, a entregar a ele seu coração. Cada um poderá fazer breve prece dizendo; "Senhor, eu te entrego meu coração" ou "Eu te entrego minha família, minha vida, etc".
- Cantar de novo à vontade.

2. O QUE A BÍBLIA DIZ

Motivação

Vimos, no encontro passado, que nossa Igreja é Católica, significando que ela é para todos os povos de todos os tempos, por isso se abre para as novidades do mundo e procura fazer a boa-nova de Jesus chegar a todos os corações. Hoje veremos que nossa Igreja é apostólica.

Texto: 1Cor 15,1-11

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

Partilha

- Paulo escreve aos coríntios, pedindo que eles guardem o evangelho que ele anunciou. Que significa esse evangelho que Paulo anunciou aos coríntios? Do que Paulo está falando?
- Paulo pede que o povo guarde o evangelho, ou seja, o Cristo por ele anunciado. Com que Paulo está preocupado? O que poderia acontecer se o povo não tivesse esse cuidado?
- De onde Paulo tirou o anúncio que ele está pregando? Será que ele inventou? Ele foi um dos doze apóstolos de Jesus? Ele conviveu com Jesus e ouviu do próprio Cristo o que devia pregar? De quem ele recebeu seu evangelho?
- Segundo Paulo, depois de morrer e ressuscitar, Jesus apareceu primeiramente a quem? Quem é Cefas? Quem são esses Doze?
- Paulo se considera o menor dos apóstolos. Por quê?

Aprofundamento

- Queremos hoje entender que nossa Igreja é apostólica. Isto significa que ela recebeu a mensagem de Jesus transmitida pelos doze apóstolos. Os doze apóstolos são testemunhas de Cristo. Vamos entender isso melhor.
- Já conhecemos o grupo dos doze apóstolos. Eles foram chamados por Jesus. Conviveram com ele. Presenciaram seus milagres. Ouviram suas pregações. Foram formados por Jesus, aprendendo diretamente com ele o que depois deviam passar adiante. Os doze acompanharam Jesus de perto. Viram sua morte. E testemunharam sua ressurreição. Por isso, Paulo lembra que Jesus, depois de morrer e ressuscitar, se manifestou primeiro ao grupo dos doze, com destaque para a figura de Cefas, que é Pedro, uma espécie de líder do grupo. Depois, outras pessoas também fizeram a experiência do Ressuscitado, mas, conforme a narrativa de Paulo, primeiro ele se manifestou aos doze.
- Por que isso? Porque eles tinham convivido com Jesus, conheciam sua proposta, tinham aderido a seu projeto do Reino de Deus. Nessa trajetória com Jesus, eles foram se despertando para a fé, passando a crer que ele era o messias, o enviado de Deus. Então, eles estavam prontos para fazer a experiência da ressurreição. E foi só experimentar a presença viva de Jesus e depois contar aos outros tudo o que havia acontecido. Quem presencia um fato e conta depois é chamado de testemunha. A testemunha não inventa as coisas. Ela viu, conheceu, experimentou. Então conta exatamente como foi sua experiência.
- Jesus, depois de ressuscitado, pediu que eles fossem testemunhas do que estavam vivendo. Era preciso que eles vivessem e entendessem bem tudo o que Jesus queria, para que pudessem passar adiante a mensagem da fé.
- Depois do grupo dos doze, outros apóstolos surgiram na Igreja. Apóstolo é o

- mesmo que missionário, alguém disposto a trabalhar, assumindo uma missão. Os doze eram apenas o primeiro grupo. Era preciso mais gente trabalhando na Igreja. Doze era um número pequeno. Era só o começo da Igreja
- Mas o importante é que os novos apóstolos, como Paulo, por exemplo, receberam dos doze o evangelho que estavam ensinando. O grupo dos doze se encarregou de proclamar essa boa-nova e fazer novos discípulos. Então, temos o seguinte. Jesus escolheu os doze primeiros apóstolos e os enviou para anunciar a mensagem da salvação. Eles começaram e logo havia tanta gente pregando que a fé dos apóstolos foi se difundindo. Foi esse pequeno grupo que passou adiante a mensagem de fé.
- Por isso, a fé que temos hoje está baseada no testemunho dos apóstolos. Nós não vimos Jesus. Não vivemos naquele tempo. Não ouvimos suas pregações. Não presenciamos suas obras. Jesus ressuscitado não apareceu para nós. Mesmo assim nós cremos. De onde vem, então, a nossa fé? Do testemunho dos apóstolos, que, ao ser acolhido, provoca uma experiência em nós, modificando toda nossa vida. É o Ressuscitado se manifestando também a nós como se manifestou a eles. Eles fizeram a experiência da ressurreição e contaram adiante. A mensagem foi passando de geração em geração até chegar a nós. Depois de nós, a mesma mensagem vai continuar sendo repassada às futuras gerações. Tudo baseado no testemunho dos apóstolos.
- Até Paulo faz questão de dizer que está pregando o que recebeu. E ele recebeu dos doze apóstolos ou dos que ouviram dos apóstolos. Ele não está inventando coisas. Ele ouviu tudo daqueles que conviveram com Jesus ou dos que o experimentaram por meio da palavra proclamada. Hoje, nossa Igreja conta com centenas de milhares de apóstolos, espalhados pelo mundo inteiro. São pessoas comprometidas com o Reino de Deus, anunciando Jesus, como fizeram os doze apóstolos de Cristo.
- Assim, nossa fé não é inventada, mas recebida de alguém que esteve com Jesus e presenciou sua vida, tornando-se testemunha dele. O que os apóstolos pregaram foi sendo passado de geração em geração, gerando um conteúdo de fé que nós chamamos de Tradição.
- Vamos entender bem essa palavra: Tradição é o conjunto de experiências de fé que vem sendo repassado na Igreja de geração em geração, desde o tempo dos doze apóstolos. Essas experiências são as raízes da Igreja. Elas garantem algumas verdades fundamentais que nunca mudam, como vimos no encontro anterior, porque a mensagem de Cristo não muda. O que muda na Igreja são costumes que precisam se adaptar aos novos tempos. Sendo assim, o tempo vai passando, alguns costumes vão se renovando, mas a Tradição recebida dos apóstolos permanece a mesma. Por isso, é muito importante saber que nossa Igreja,

- além de *Católica*, é também *Apostólica*. Isso quer dizer que ela tem uma Tradição que precisa ser guardada com carinho, porque vem desde Jesus até nós, por meio do testemunho das pessoas de fé.
- Nós, apóstolos de hoje, sabemos, como Paulo disse, que estamos transmitindo não coisas que inventamos, mas coisas que nos foram passadas por pessoas dignas de toda a confiança.

3. ATIVIDADE

Sugestão

- Frisar, a partir de textos bíblicos, a ideia de que os apóstolos são testemunhas. Dividir a turma em grupos e pedir que procurem na Bíblia os textos abaixo sugeridos. Depois leiam, debatam e, no plenário, expliquem para o restante da turma, em um momento de partilha.
- Para facilitar a vida do catequista, colocamos um pequeno comentário a cada texto. Mas o catequista deve deixar que a turma partilhe livremente o que captou do texto. O catequista apenas complementa.
 - Jo 20,19-29: Jesus aparece aos apóstolos para que eles experimentem sua vitória sobre a morte. Eles encontram Jesus e acreditam. Como Tomé estava ausente naquele dia, Jesus torna a aparecer, na semana seguinte, para que também ele acredite. O importante nesse texto não é a falta de fé de Tomé, mas o carinho de Jesus que deseja que todos os doze apóstolos conheçam sua ressurreição, para depois serem testemunhas dessa boa notícia.
 - Jo 21,15-19: Jesus ressuscitado interroga Pedro, por três vezes, se ele o ama de verdade e pede que ele apascente o rebanho. Apascentar o rebanho é o mesmo que cuidar da Igreja, dando o testemunho da fé. Pedro precisava ter muito amor para fazer isso, um amor capaz de enfrentar muitas barreiras.
 - Jo 21,24-25: O discípulo que dá testemunho é provavelmente o autor do texto, o próprio João evangelista. Ele faz questão de dizer que o seu testemunho é verdadeiro. E diz ainda que nem tudo a respeito de Jesus pôde ser escrito, porque não caberia em livros. A fé não é passada apenas por escritos, mas pela Tradição vivida e transmitida de geração em geração.
 - At 1,4-11: Jesus, antes da ascensão, pede aos apóstolos que sejam testemunhas em todas as partes do mundo. Vale lembrar que a ascensão é um momento muito importante, porque Jesus está se despedindo dos apóstolos e dizendo: "Agora, é com vocês. Sejam testemunhas".
 - Lc 24,36-49: Jesus aparece aos onze lembramos que Judas havia desertado e abandonado o grupo dos doze. Depois, foi substituído por Matias,

sendo o grupo recomposto. No versículo 48, Jesus pede claramente que os apóstolos sejam testemunhas.

Conclusão

Estamos conhecendo melhor nossa Igreja, em suas características fundamentais. Já vimos que ela é *católica*, ou seja, aberta a todos os povos, de todos os tempos, de todas as raças, de todas as culturas. Agora, estamos entendendo que ela é *apostólica*, ou seja, não inventou sua fé, nem sua doutrina, mas aprendeu com a pregação dos apóstolos, que ouviram do próprio Jesus de Nazaré. A mensagem da fé vai passando de geração em geração, renovando-se em alguns aspectos, mas conservando a Tradição recebida dos apóstolos. Se perder sua Tradição, a Igreja perde a raiz fundamental. Se deixar de se renovar, deixa de ser católica. Por isso, Tradição e renovação andam sempre juntas.

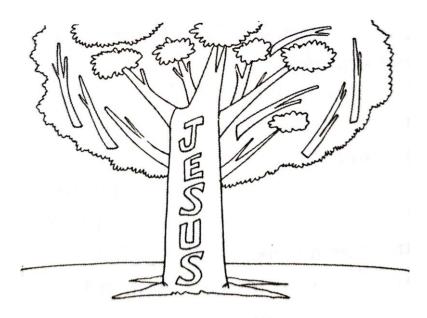
4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Cantar a música número 18.
- Rezar por todos os seguidores de Jesus, operários de sua messe.
- Cada um pode lembrar uma pessoa e rezar por ela. Por exemplo: "Jesus, eu peço que o Senhor fortaleça minha mãe, que é operária de sua messe como catequista"; "Senhor, eu peço que o Senhor abençoe o padre de minha paróquia, que é um operário na construção do seu Reino", etc. Os participantes vão lembrando as pessoas de sua comunidade que se dedicam ao trabalho de evangelização. Após cada prece, todos dirão: "Abençoa-nos, Senhor!".
- Cantar a música número 9 ou 16.
- Observação importante: No próximo encontro, falaremos que a Igreja, além de católica e apostólica, é romana. Aproveitaremos para conversar sobre o papa e sua missão na Igreja. Para a atividade, sugerimos que a turma faça uma pesquisa (individual ou em pequenos grupos) sobre o papa atual e sobre papas anteriores dos quais já devem ter ouvido falar (João Paulo II, João XXIII, Paulo VI, Pio X, Pio XII, etc). Confira a atividade do próximo encontro para combinar tudo direitinho com a turma.
- Motivar a turma para o próximo encontro.
- Encerrar à vontade.

Dicas para o catequista

 Muitas vezes, olhamos com maus olhos a Tradição da Igreja. Tradição parece sinônimo de velharia, de antiguidade, de coisa já superada. Seria bom distinguir Tradição e tradições. Algumas tradições podem cheirar a velharia, mas não a Tradição. A Tradição da Igreja é seu tesouro mais precioso. A fé herdada dos nossos antepassados e assumida por nós foi-nos entregue pela Tradição. Nós não inventamos a fé que professamos. Ninguém levantou de manhã, depois de ter tido um sonho revelador, e inventou a fé que professa. A fé que professamos foi passada de geração em geração, foi entregue a nós, confiada a nós, que a acolhemos e a transmitimos também. Assim, há um círculo hermenêutico, ou seja, um círculo não vicioso entre Tradição e Transmissão. Recebemos a fé e a transmitimos, mas depois de interpretá-la, é claro. Nessa interpretação, muita coisa muda, a fé é reelaborada, tematizada de novo, dentro de novas categorias mais apropriadas para a geração e o mundo no qual se vive. E essa fé recebida e repensada é tradição que vai ser transmitida a outros. E recebida e reelaborada outra vez. E de novo transmitida para novas gerações.

- Ao ler, partilhar e explicar os textos bíblicos, seria bom que o categuista evitasse transmitir a ressurreição de Jesus como se fosse a revivificação de um cadáver ou a retomada da mesma vida anterior, perdida na morte de cruz. A ressurreição de Jesus é algo muito mais além do que um corpo inerte que retoma a vida. É a ação do Pai na vida de seu Filho, que assume sua vida como totalmente agradável a ele, e o faz presente na vida de seus seguidores. Não se trata, pois, de um corpo cujo coração parou de bater e um cérebro que parou de processar dados e, depois, voltaram a funcionar. A vida que Jesus retoma não é mais a mesma; tanto é que ele não torna a morrer. Fica vivo para sempre no meio de nós. Sua vida é nova, num corpo glorioso, bem diferente do corpo limitado de antes. Observe que nem sempre ele é reconhecido pelos seus amigos, ele é confundido com um jardineiro por Maria Madalena ou com um andarilho qualquer pelos discípulos de Emaús. As aparições devem ser entendidas como relatos teológicos da experiência pascal dos apóstolos. Deus concede a eles a alegria de fazer uma experiência com o Ressuscitado que transcende a morte. Não afirmamos, porém, que os apóstolos inventaram isso. A experiência da ressurreição, apesar de escatológica – ou seja, de escapar à história –, tem algo de objetivo, real. Ela é iniciativa de Deus e não uma alucinação dos apóstolos. Mas certamente esses relatos não querem dizer que Jesus Crucificado viveu de novo apenas. Ele viveu de novo, e ainda vive, mas de forma diferente.



3º Encontro NOSSA IGREJA É ROMANA

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Receber a turma com bastante alegria. Cantar músicas animadas. Que tal a número 4?
- Convidar a turma para rezar. Fazer o Sinal da Cruz.
- Sossegar bem a turma, silenciar, criar clima de oração. Para ajudar, que tal cantar a música número 15?
- Depois de cantar e silenciar a turma, o catequista conduza breve momento de oração. A turma pode ir cantando baixinho e o catequista dizendo palavras de confiança e fé, que motivem a turma a se entregar nas mãos de Deus. Pode dizer, por exemplo: Vamos fechar nossos olhos e pensar só em Deus. Vamos colocar nossa vida nas mãos dele. Vamos deixar que ele aja em nosso coração, em nossa mente, em toda a nossa vida. Vamos confiar a ele nossos problemas, nossas tristezas, nossas angústias... e ele vai nos dar paz e coragem para vencer toda dificuldade. Com ele somos fortes; com ele enfrentamos os perigos sem desanimar, pois ele é nossa força.
- Tendo ajudado a turma a meditar, convidá-la para rezar com o catequista, dizendo: Jesus, receba minha vida, que hoje coloco em suas mãos com toda confiança.
 E ajude-me, Senhor, a viver sempre na sua presença, a viver o meu batismo, como membro da sua Igreja. Amém!

- Cantar a música número 2 ou 16.

2. O QUE A BÍBLIA DIZ

Motivação

Vimos, nos encontros passados, que nossa Igreja é católica e apostólica. Por ser católica, ela é para todos os povos de todos os tempos e, por isso, se abre para as novidades do mundo. Por ser apostólica, está fundamentada na fé que os apóstolos nos transmitiram — a Tradição apostólica, e por isso não se deixa levar por modismos ou novidades que nada têm a ver com a fé recebida. Hoje veremos que nossa Igreja está organizada de tal forma que tem um líder maior — o papa — que mora no Vaticano, em Roma. Por isso, nossa Igreja é também romana. Vamos entender o que isso significa.

Texto: Mt 16,13-20

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

Partilha

- No texto que lemos, o que Jesus pergunta primeiro aos discípulos?
- No dizer dos discípulos, o que o povo achava de Jesus? Quem Jesus era para o povo, em geral?
- Diante dessa resposta, Jesus faz nova pergunta. Qual foi? O que Jesus queria saber dessa vez?
- Qual apóstolo tomou a iniciativa de responder a pergunta de Jesus?
- Como ele respondeu?
- Jesus disse a Pedro que ele era feliz. Por qual razão?

Aprofundamento

- Primeiramente, vamos entender melhor este texto tão bonito. Jesus está conversando com o grupo dos doze apóstolos. Já sabemos como esse grupo era importante. Jesus estava formando na fé o grupo que haveria de dar continuidade ao seu trabalho depois que ele morresse e ressuscitasse. Esse grupo seria, como já vimos, a coluna mestra da Igreja. Então, os doze precisavam estar firmes na fé.
- Jesus pergunta a eles o que o povo, em geral, está achando da sua pregação e atuação. Pela resposta, vemos que o povo estava confuso; nem todos entendiam quem era Jesus e o que ele queria propor. Achavam que Jesus fosse mais um profeta, como tantos outros que já tinham passado fazendo pregações.
- Mas Jesus quer saber o que os doze acham. Eles que estão mais próximos de Jesus precisam ter uma compreensão melhor dos mistérios da fé, para darem continuidade ao que ele estava ensinando.

- Pedro toma a palavra e responde em nome do grupo todo: para nós, o Senhor é o Cristo, o Filho de Deus. Esta resposta mostra que os doze já haviam entendido que Jesus não era somente mais um profeta; era o Filho de Deus enviado ao mundo com uma proposta de vida nova para toda a humanidade. O fato de Pedro dar a resposta em nome dos demais chama nossa atenção para uma questão que é mais que um simples detalhe. No grupo dos doze, Pedro exercia uma liderança, falava em nome do grupo. Era o líder dos doze. Todo grupo precisa ter um líder. O grupo dos doze apóstolos tinha Pedro como líder. E tudo indica que o próprio Jesus desejou que o grupo dos doze tivesse um líder, certamente não uma liderança instituída, mas uma liderança natural e necessária em função da unidade.
- O texto continua com Jesus dizendo umas coisas importantes, dirigidas a Pedro, mas aplicáveis também ao grupo todo, já que Pedro representa o grupo de apóstolos. Jesus afirma que Pedro é feliz porque crê, tem fé verdadeira, e essa fé não é resultado de sua sabedoria ou de seu esforço (a carne e o sangue), mas ela é dom do próprio Deus. Depois Jesus chama Pedro de pedra e diz que sobre essa pedra vai construir sua Igreja. Pedra lembra força, resistência. Jesus precisava de apóstolos firmes na fé, resistentes às provações, fortes como pedra. Jesus ainda fala que vai dar a Pedro as chaves da Igreja, ou seja, a responsabilidade de continuar a sua missão. Esse é o sentido de ter as chaves: cuidar, continuar a obra. E ainda: o que Pedro e os apóstolos fizerem vai ficar feito em nome de Deus, Jesus vai confirmar. E o que eles deixarem de fazer, ninguém vai fazer por eles, nem Jesus vai poder fazer sozinho.
- Em resumo: Pedro professa sua fé em Jesus, e Jesus diz que confia nele e nos demais apóstolos para administrar e coordenar a vida da Igreja. Jesus confia em Pedro.
- Estamos destacando a figura de Pedro, porque ele foi o primeiro grande líder da Igreja, o primeiro papa. Certamente, Pedro não era um papa como temos hoje, pois não havia essa organização toda. Mas era papa no sentido de liderança unificadora, como um pai deve unificar sua família.
- Já dissemos que a Igreja precisou de líderes para se organizar e crescer, mantendo a unidade. Todos os apóstolos foram grandes líderes, mas dentre eles, Pedro exerceu uma forte influência, sendo reconhecido como o líder dos líderes, ou o pai de todos os líderes, por isso, o papa.
- Pedro exerceu o seu ministério em Roma, que se tornou uma grande capital, mais importante para a Igreja Católica do que Jerusalém onde tudo começou.
 Em Roma, capital do Império, ficava mais fácil resolver tudo. De lá Pedro tinha notícias dos trabalhos da Igreja, que se espalhava pelo mundo todo. E tanto quanto podia, Pedro socorria um e outro, resolvia com os outros líderes pro-

blemas que surgiam nas diversas comunidades, que tinham liderança própria.

- Foi daí que surgiu outra característica muito marcante da nossa Igreja. Nós reconhecemos Pedro como o primeiro grande líder da Igreja e seus sucessores como líderes de grande importância na Igreja. De fato, depois que Pedro morreu, outros líderes ocuparam o seu posto de bispo de Roma e foram reconhecidos como o líder de toda a Igreja. Assim surgiu a figura do Papa, morando em Roma e, de lá, zelando pela unidade da Igreja inteira. Por isso, nossa Igreja é romana, ou seja, segue unida ao bispo de Roma, que é o Papa de toda a Igreja Católica.
- A liderança do Papa ajuda a Igreja a manter sua união. Essa é a principal função do Papa: trabalhar pela união da Igreja. Por isso, ele é chamado também de sumo pontífice. A palavra pontífice significa aquele que faz a ponte, ou seja, aquele que une. E sumo significa o maior. O Papa é o maior responsável por fazer a ponte entre as diversas comunidades católicas no mundo inteiro, unindo-as, de modo que cada comunidade caminhe, mas sem perder a unidade.
- O papa não trabalha sozinho. Ele age junto com os bispos do mundo inteiro. Ele próprio é um bispo, o bispo de Roma. E, com eles, coordena os trabalhos da Igreja, motiva os católicos e promove a unidade. Atualmente, o papa é eleito pelos cardeais. Cardeais são alguns bispos, das mais diversas regiões do mundo, escolhidos justamente para isso: para trabalhar junto do papa auxiliando-o nas muitas tarefas da Igreja e para eleger o novo papa, quando o atual vier a falecer. Assim, nossa Igreja tem sempre um líder encarregado de promover a unidade da fé.

3. ATIVIDADE

Sugestão 1

 Que tal fazer uma palavra cruzada, para resumir o que já aprendemos até aqui sobre as características de nossa Igreja? Repartir com a turma o diagrama onde deverão escrever as palavras. O catequista lê as questões e dá um tempo para cada catequizando marcar a resposta. Depois é só conferir, ver quem acertou e aproveitar para comentar cada questão.

Questões para a palavra-cruzada

- 1. Característica de nossa Igreja que significa que ela está enraizada naquilo que os apóstolos ensinaram. (APOSTÓLICA)
- 2. Nome do líder dos apóstolos, considerado como primeiro papa de nossa Igreja. (PEDRO)
- 3. Característica de nossa Igreja que significa que ela está sempre unida ao Papa. (ROMANA)

- 4. Nome pelo qual são conhecidos os bispos escolhidos para eleger o novo papa. (CARDEAIS)
- 5. Nome que se dá à fé recebida dos apóstolos e que a Igreja conserva e transmite até hoje. (TRADIÇÃO)
- 6. Outro nome pelo qual o Papa é conhecido, que lembra que ele deve fazer a ligação entre as diversas comunidades católicas, ou seja, deve fazer a ponte que une a todos. (PONTÍFICE)
- 7. Característica de nossa Igreja que significa que ela está aberta a todas as pessoas de todos os tempos. (CATÓLICA)
- 8. Palavra que significa o mesmo que católica. (UNIVERSAL)
- 9. Problema sério que aconteceria com a Igreja se ela não tivesse um líder para zelar por sua unidade. (DIVISÃO)
- Lugar onde o Papa mora e que constitui um pequeno território dentro de Roma; também é considerado um país, o menor país do mundo. (VATI-CANO)
- 11. Diocese da qual o papa, por costume, é sempre o bispo. (ROMA)

					A	P	О	S	T	Ó	L	I	С	A	
							P	E	D	R	О			_	
								R	О	M	A	N	A		
								C	Α	R	D	Е	A	I	S
						T	R	A	D	I	Ç	Ã	О		
					P	0	N	T	Í	F	I	C	Е		
					C	A	T	Ó	L	I	C	A			
U	N	I	V	Е	R	S	A	L						_	
							D	Ι	V	I	S	Ã	О		
				V	A	T	I	C	Α	N	О			-	
				-			R	0	M	A		=			

Sugestão 2

- No encontro anterior, o catequista deve ter pedido à turma para fazer uma pesquisa sobre o papa atual e outros papas cujo pontificado marcou muito a Igreja. A turma deve ser incentivada, no encontro anterior, a saber quem é esse papa, seu nome, de onde é, como foi sua vida, o que fez ou está fazendo de importante. No momento da atividade, cada grupo ou indivíduo apresenta o que pesquisou. O catequista vai fazendo a mediação e ajudando a turma a interagir.

Conclusão

Estamos conhecendo melhor nossa Igreja. Já sabemos que ela é católica, apostólica e romana. *Católica*, porque é aberta e dirigida a todos os povos, de todos os tempos. *Apostólica*, porque se baseia na pregação e no testemunho dos primeiros doze apóstolos. *Romana*, porque se preocupa muito com a unidade da fé e, para garantir essa unidade, mantém comunhão com o bispo de Roma, que chamamos carinhosamente de Papa.

4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Cantar a música número 14.
- Hoje vamos agradecer a Deus por todas as pessoas que se dedicam à Igreja, à construção do reino de Deus. Vamos fazer nossa ladainha e todos dirão: "Obrigado, Senhor!".
 - Pelos catequistas e evangelizadores.
 - Pelos pais e mães de família.
 - Pelos padres e bispos.
 - Pelos religiosos e pelas religiosas.
 - Pelos que lutam por justiça.
 - Pelos que acreditam na unidade.
 - Pelos que servem aos irmãos.
 - Pelos que amam sem pedir nada em troca.
 - Pelos profissionais responsáveis.
 - Pelas crianças da catequese.
 - Pelo papa de nossa Igreja.
 - Etc. (Cada um ainda pode acrescentar algo que não foi dito)
- Cantar a música número 10.
- Motivar a turma para o próximo encontro.
- Encerrar à vontade.

Dicas para o catequista

- O lugar onde o Papa mora chama-se Vaticano. É uma pequena área situada dentro da cidade de Roma. Mas é considerado um país. A história do Vaticano é longa e complexa. Alguém pode perguntar por que o Papa precisa morar em um país. Nem é que precise, mas mora. Resumindo, é o seguinte: Por morar em Roma, na Itália, o Papa acabou exercendo muita influência, não só religiosa, mas também política. Adquiriu terras e propriedades. A Igreja acabou sendo proprietária de vasta parte do que hoje conhecemos como Itália. E sobre essa parte, o Papa exercia também forte poder político no que era chamado de Estado Pontifício. Mais tarde, a Itália veio a se organizar como um país. A

partir de 1849, surgiram vários movimentos com o objetivo de criar uma estrutura política no que seria o Reino da Itália, com independência em relação ao poder temporal dos papas. Os papas não gostaram. Mas, depois de muitas tentativas de acordo, foi celebrado, em 1929, o Tratado de Latrão, entre Mussolini e o Papa Pio XI. Por este tratado, ficou acertado que o Papa ficaria apenas com o Vaticano, pequena área dentro de Roma, que passou a ser chamado de Estado da Cidade do Vaticano. As outras áreas do Estado Pontifício deixaram de pertencer à Igreja. No Vaticano, a partir de então, estão sediados os organismos necessários para a administração da Igreja Católica. O fato de ser considerado um país garante liberdade política ao Papa que não é considerado cidadão de nenhum país, não estando, por isso, sujeito a determinações e leis de outros países.

- O jeito de organizar a Igreja, tendo o papa no Vaticano, os bispos à frente das Dioceses e os padres à frente das Paróquias, nem sempre foi assim. E não precisa ser sempre assim. A Igreja foi se organizando aos poucos e pode mudar seu modo de organizar-se, quando sentir que isso é importante, sem perder as suas características fundamentais. A organização está a serviço da missão. Esta é que é importante.
- Pelas normas atuais da Igreja, a eleição de um papa é feita pelos cardeais, numa reunião chamada conclave. Os cardeais, em geral, elegem alguém do grupo para ser o próximo papa. A função dos cardeais é essa mesma: eleger o novo papa. Eles podem inclusive eleger alguém que nem seja cardeal, embora nos últimos anos os papas tenham saído do grupo dos cardeais. É mais uma questão de costume. Não é norma de fé. E a forma de eleger também mudou no decorrer dos tempos, até chegar à forma atual, que também pode ser mudada, se parecer importante e houver consenso.
- A palavra conclave quer dizer "com chave", porque os cardeais ficam trancados, em segredo, até eleger o novo papa. Isso também é apenas outro costume. Durante o conclave, há muitas reuniões, chamadas consistórios. Quando os cardeais se reúnem e não conseguem chegar a um acordo sobre quem vai ser o próximo papa, eles enviam uma fumaça preta, que sai de uma grande chaminé, para que o povo fique sabendo que o novo papa ainda não foi eleito. Quando o novo papa é eleito, eles enviam uma fumaça branca, significando que um novo papa foi escolhido. Mas isso também é só um costume. Se eles quiserem se comunicar de outro modo falar na televisão, mandar cartas ou e-mail é só modificar o ritual para a eleição dos papas.
- Quando alguém é eleito papa, escolhe o nome pelo qual quer ser chamado. Em geral, os papas escolhem nomes em homenagem a figuras importantes da história da Igreja. Se o papa quiser ser chamado pelo seu próprio nome, não tem problema. Ele escolhe se quer ou não homenagear alguém, usando esse

- nome, e explica o sentido do nome que quer usar. A mudança de nome, desde antigos tempos bíblicos, é um sinal de que a pessoa mudou de função ou assumiu uma nova missão de grande importância.
- A palavra papa quer dizer pai. Alguns veem nela as iniciais de "Pedro Apóstolo, Príncipe dos Apóstolos". O papa é chamado também de pontífice, que significa "aquele que faz ponte", para lembrar que ele deve unir as diversas comunidades católicas no mundo inteiro. Costuma ser chamado também de sumo pontífice. Sumo quer dizer supremo. Isso mostra que, entre tantas pessoas que se esforçam para fazer a ponte, ou seja, construir a união, ele tem a missão maior ou suprema. Também é chamado de santidade, não porque seja santo, mas porque, sendo o líder maior da Igreja, deve se esforçar para dar a todos o exemplo de santidade. Mesmo assim, o papa é um ser humano, sujeito às mesmas fraquezas que nós, embora com uma responsabilidade muito grande de cultivar a santidade e promover a unidade dos cristãos.



4º Encontro NOSSA IGREJA É COMUNHÃO MINISTERIAL

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Receber a turma com bastante alegria.
- Cantar músicas animadas. Que tal a número 4?
- Concentrar a turma para rezar. Fazer o Sinal da Cruz.
- Cantar a música número 2 ou outra à escolha.
- Motivar: Estamos conversando em nossos encontros sobre a nossa Igreja. Professamos nossa fé não de uma forma individual e solta. Pelo batismo, somos membros da Igreja e é como Igreja e com a Igreja que cremos em Deus. Não estamos sozinhos nessa aventura de crer. Muita gente de fé caminha conosco e também se esforça para fazer o Reino de Deus acontecer. Por isso, vamos dar as mãos e, formando uma corrente de amigos e irmãos que pertencem à mesma Igreja, vamos rezar o Pai-Nosso.
- Cantar a música número 14.

2. O QUE A BÍBLIA DIZ Motivação

Já vimos que nossa Igreja é católica, apostólica e romana, porque transmite uma mensagem universal, baseada no testemunho dos apóstolos e unida por uma liderança representada pelo bispo de Roma, que é o Papa. Vamos ver neste encontro mais duas características de nossa Igreja: ela é *comunhão*, porque é formada por muitos membros unidos na mesma missão; e é *ministerial*, porque cada membro é chamado a desempenhar uma função ou a assumir um ministério. Vamos entender isso melhor consultando a Bíblia.

Texto: 1Cor 12,12-27

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

Partilha

- Paulo faz, nesse texto, uma comparação entre a Igreja e um corpo. Costumamos chamar a Igreja de corpo de Cristo. E dizemos que Cristo é a cabeça e nós somos os membros. Que conclusões podemos tirar desse texto de Paulo?
- De acordo com o texto de Paulo, é correto dizer que todos os membros da Igreja são iguais? E, em geral, mesmo fora do âmbito da Igreja, será que as pessoas são realmente iguais? Como entender isso?
- Paulo não estaria discriminando pessoas, ao dizer que os membros são diferentes, uns mais fracos, outros mais honrosos?
- O fato de os membros serem diferentes significa que uns são mais importantes que os outros ou valem mais que os outros?
- Por que Paulo afirma que não deve haver divisão no corpo, mas, pelo contrário, os membros devem ser solícitos uns com os outros?
- Como podemos cultivar a união ou comunhão se somos tão diferentes?

Aprofundamento

- A comparação de Paulo é muito oportuna para entender a Igreja e até a sociedade em geral. Somos como um corpo, formado de muitos membros. Os membros de um corpo realmente são diferentes e é fácil entender a razão. É que cada membro tem uma função. O olho tem a função de enxergar, o pé tem a função de sustentar o corpo e caminhar, e por aí vai. O fato de os membros serem diferentes não significa que esteja havendo uma discriminação preconceituosa entre eles. Cada um é importante na função que exerce. Cada um tem toda dignidade.
- Isso ajuda a compreender a Igreja. Dizemos que ela é uma comunhão, ou seja, uma união de muitos membros, diferentes entre si, mas cada qual dotado de toda dignidade e encarregado de alguma função.

- Não parece bom dizer que as pessoas são iguais. Na verdade, cada um é único. Ninguém é igual a ninguém. O melhor é dizer que, apesar das diferenças, somos dotados da mesma dignidade de filhos de Deus. Isso é bom para aprendermos a respeitar as diferenças, conviver com os que são diferentes de nós, pensam diferente de nós, agem diferente de nós. A idéia de que as pessoas precisam ser iguais gera a intolerância. A intolerância nasce da dificuldade de respeitar as diferenças. A aceitação das diferenças gera a comunhão. Somos diferentes, temos dons, capacidades, características diferentes; mas em Cristo somos um. Essa é a grande mensagem de Paulo.
- Sendo diferentes, mas fazendo parte do mesmo corpo, temos funções distintas. Na Igreja, chamamos essas funções de ministérios. Por isso, dizemos que nossa Igreja é ministerial. Cada membro tem sua função e deve exercer o seu papel para o bem de todo o corpo, sem que ninguém se julgue mais importante que o outro. Do mesmo modo que o corpo precisa de todos os membros, cada qual exercendo a sua função, a Igreja precisa de todas as pessoas, cada uma fazendo o que lhe é próprio, o que consegue por seus dons e suas capacidades. Cada um dando o melhor de si para o bem de todos. Isso é comunhão ministerial. É união de esforços para uma Igreja mais saudável, assim como os membros todos colaboram para que o corpo esteja saudável.
- Daí, concluímos como é importante na Igreja a vivência fraterna entre irmãos que se unem em torno de uma causa comum e que se unem a Jesus ressuscitado para viver a mesma fé, comum a todos nós. Nossa Igreja deseja ser unida, vivendo em comunhão. E deseja que cada qual assuma o seu ministério, sem a ilusão de que um ministério ou vocação é mais importante que outro.
- Sobre isso, vale a pena conferir outro texto de Paulo, dessa vez escrevendo aos romanos: "Como, num só corpo, temos muitos membros, cada qual com uma função diferente, assim nós, embora muitos, somos em Cristo um só corpo e, cada um de nós, membros uns dos outros. Temos dons diferentes, segundo a graça que nos foi dada. É o dom da profecia? Profetizemos em proporção com a fé recebida. É o dom do serviço? Prestemos esse serviço. É o dom de ensinar? Dediquemo-nos ao ensino. É o dom de exortar? Exortemos" (Rm 12,4-8a). Pois bem! O apóstolo Paulo sabia das coisas. Uma Igreja ministerial, que vive em comunhão, onde cada um se põe a serviço do outro, vale mais que uma Igreja cheia de gente importante, onde cada um quer ser servido.

3. ATIVIDADE

Sugestão

- Dividir a turma em grupos e repartir o texto seguinte. Pedir que leiam e debatam, para depois fazer um plenário.

A greve do corpo

Era uma vez um corpo, esbelto e forte, em que tudo funcionava muito bem. Mas, um dia, uma dose de vaidade e de orgulho contaminou aquele corpo, entrou na corrente sanguínea e chegou a todos os membros.

Então, a cabeça começou a dizer: "Eu sou a parte mais importante do corpo. Sou eu quem pensa e comanda as ações de todos os outros membros. Ai desse corpo sem mim! Todos os outros membros dependem de mim. Sou superior a todos". E ficou esnobando.

Mas o coração, ouvindo o papo ruim da cabeça, logo protestou: "Quem é você? Você não pode nada sem mim. Sou eu quem bombeio o sangue que leva oxigênio e energia para você funcionar. Se eu decidisse parar, você logo deixaria de pensar tanta besteira. Eu é que sou o membro mais importante".

O assunto se propagou e chegou ao estômago. Ele se contorceu e se pôs a reclamar: "Quem é o coração para se julgar mais importante que eu? Afinal, sou eu que transformo os alimentos em energia que vai produzir o sangue". E disse revoltado ao coração: "Sem a energia dos alimentos que eu recebo, você não teria sequer sangue para bombear. Portanto, deixe de ser vaidoso. Se eu parar, você vai morrer também".

Mas a boca ouviu a conversa e entrou no assunto: "Quem falou em alimento? Que eu saiba, sou eu a responsável principal pela alimentação. Eu é que entrego tudo mastigadinho ao estômago. Por isso, eu sou mais importante".

As mãos ouviram isso e se revoltaram, dizendo ressentidas: "Pois queremos ver a boca mastigar se nós não lhe dermos o alimento, já que somos nós que levamos a comida à boca".

E os pés não deixaram por menos e saíram com essa: "E nós queremos ver as mãos levando comida à boca, sem que nós a busquemos no mercado, porque quem leva o corpo para comprar comida somos nós".

A discussão foi se prolongando sem trégua e o corpo todo já ia entrando em crise, quando o bom senso resolveu intervir e falou: "Calma, gente, nós somos um corpo. Cada parte tem sua função. Qualquer um de vocês que deixasse de funcionar colocaria em risco todo o corpo. Não há membro algum mais importante. O que existe entre nós são diferentes funções, porque cada um sabe fazer algo que é indispensável".

E tendo ouvido o bom senso, o corpo voltou a funcionar maravilhosamente bem.

- Fazer uma partilha sobre o que cada um assimilou do texto.
- Aprofundar o debate sobre a unidade na diversidade, incentivando o respeito e a aceitação do que é diferente de nós.
- Aproveitar para questionar a turma sobre como cada um exerce sua função na Igreja: Qual o ministério de cada um? Quais os dons e capacidades que cada um pode colocar a serviço do bem comum?

Conclusão

Estamos conhecendo melhor nossa Igreja. Vimos hoje que ela é *comunhão ministerial* de irmãos na fé. *Comunhão* porque busca a união fraterna de seus membros e desses com Jesus. *Ministerial* porque busca valorizar a função de cada membro, oferecendo espaço para cada um se colocar a serviço e sentir-se útil e feliz trabalhando pelo bem de todos, do seu jeito e com as suas características próprias, sem ter de ser igual aos outros. Dessa forma, a Igreja se afirma como Corpo de Cristo.

4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Motivar a turma para rezar. Cada um vai pedir a Deus forças para viver a unidade. Fazer preces em forma de ladainha. O catequista começa e a turma continua. Após cada invocação, repetir o refrão: "Ajude-nos, Senhor!".
 - Para que sejamos um povo unido.
 - Para que vivamos como irmãos.
 - Para que nenhum de nós se ache melhor do que o outro.
 - Para que respeitemos as diferenças.
 - Para que valorizemos os dons de cada um.
 - Para que saibamos servir aos mais fracos.
 - Para que nossa vida seja doação.
 - Incentivar a turma a continuar a ladainha.
- Cantar a música número 10.
- Motivar a turma para o próximo encontro.
- Encerrar à vontade.

Dicas para o catequista

- Chamamos a atenção do catequista para o perigo de dizer que todos somos iguais. Essa afirmação costuma ser muito repetida. No entanto, assim sem mais, soa perigosa. É fácil perceber que, na verdade, ninguém é igual a ninguém. Cada um tem o seu jeito próprio de ser. Nenhum ser humano é idêntico a outro. As pessoas são diferentes. E isso é bom e saudável.
- Quando falamos em igualdade, estamos nos referindo à igualdade de direitos

- (todos são iguais perante a lei); ou à igualdade em dignidade (todos merecem total respeito, sem discriminações). A Bíblia, como vimos, expressa a unidade, quando afirma que somos movidos pelo mesmo Espírito ou formamos um só corpo, sem perder a riqueza da diversidade, quando mostra que cada qual tem uma função ou ministério.
- Mas a igualdade não consiste em ver todo mundo sob o mesmo prisma ou com os mesmos óculos, sem considerar a singularidade e particularidade de cada um. Pensar que todo mundo é igual massifica, oprime, não permite possibilidades diversas de comportamentos, escolhas, posturas em geral. Isso pode gerar preconceito e intolerância, mesmo no campo das religiões. A intolerância religiosa nasce justamente da dificuldade de aceitar as diferenças, querendo colocar todos num molde único. Muitos pensam que a religião é para unificar nesse sentido de moldar. E não é isso!
- Há um sentido bom de unificação e outro sentido perigoso. O sentido bom é saber que, na diversidade dos membros, formamos um corpo unido, coeso, solidário. Somos iguais em dignidade, em respeito, em humanidade, mas não somos todos iguais de modo geral. Somos bem diferentes. E é preciso aprender a respeitar as diferenças entre nós. Falando para adolescentes, isso se torna muito importante. Vamos ensinar as novas gerações a respeitar o diferente, sem querer que todo mundo seja igual ou pense igual a nós.
- Ao falar de ministério, torna-se importante falar dos ministérios ordenados: diaconato, presbiterato e episcopado. É lugar comum pensar logo nos diáconos, bispos e padres quando se fala em ministérios. Mas o ministério ordenado não é maior nem melhor que o ministério do leigo. Todos os ministérios têm como condição de possibilidade o batismo, que é a participação na vida, morte e ressurreição de Jesus. Sem esse sacramento inicial, nem a ordenação do padre, do diácono ou do bispo seria válida. Então, há uma dignidade comum entre os fiéis, sejam eles ordenados ou não, que vem do batismo recebido. O ministério ordenado confere uma missão, um serviço, e não uma dignidade superior ou um status diante do povo em geral. Falaremos mais sobre isso na quarta etapa, no encontro sobre o sacramento da ordem.
- Quanto aos ministérios, ainda é bom lembrar que, em sentido amplo, tudo é ministério. Ser catequista é exercer um ministério; ser ministro da Eucaristia é exercer um ministério; participar de alguma pastoral é exercer um ministério; trabalhar em qualquer serviço na comunidade é exercer um ministério, seja falando, agindo, cantando, limpando, acolhendo, visitando. Tudo é ministério, mesmo que não seja oficialmente instituído pela Igreja, diante da comunidade, como algo público, com ritual e tudo. O que importa, em nosso caso, não é a cerimônia para instituir o ministério; é a realidade ministerial do serviço prestado.

Há catequistas que têm o verdadeiro ministério da catequese, pois o exercem com dignidade e zelo, ainda que a Paróquia não faça um ritual para apresentálos à comunidade. Enquanto que há outros que passaram pelo ritual, mas nem por isso exercem sua função com mais apreço. É preciso não supervalorizar a liturgia que oficializa os ministérios. Já temos o batismo que nos confere o ministério de *sacerdote* — aquele que santifica todas as coisas e unifica o mundo com Deus; de *profeta* — aquele que anuncia a palavra de Deus, inclusive denunciando também o pecado, e assume a tarefa de ser luz nesse mundo; e o ministério de *pastor ou rei* — aquele que se põe a serviço do outro, pois, para Jesus, pastorear ou reinar é servir aos irmãos. Se assumirmos de fato o ministério a nós concedido pelo batismo, já teremos o mais importante!



5º Encontro NOSSA IGREJA É LIBERTADORA

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Receber a turma com bastante motivação. Cantar músicas animadas.
- Concentrar a turma para rezar. Fazer o Sinal da Cruz.
- Cantar a música número 8 ou 15.
- Motivar: Vamos refletir hoje sobre mais uma característica de nossa Igreja. Nossa Igreja é libertadora, ou seja, preocupa-se com a pessoa humana na sua totalidade, na sua história, e não só com a salvação de sua alma depois da morte. Então, vamos rezar e pedir a Jesus que nos liberte de todo mal, desde os males mais interiores que estão lá dentro de nosso coração –, como também dos males presentes em nossa sociedade que são visíveis aos nossos olhos. Vamos, em forma de ladainha, lembrar esses males que tanto atrapalham nossa vida. A resposta pode ser: "Liberta-nos, Senhor!".
 - Do egoísmo.
 - Do medo.
 - Da preguiça.
 - Do isolamento.
 - Da solidão.
 - Da fome.
 - Da ganância.

- Do apego material.
- Do desamor.
- Da indiferença.
- Da doença.
- Do crime.
- Da injustiça.
- Das drogas.
- Dos vícios.
- Etc. (A turma deve completar espontaneamente a ladainha).
- Cantar a música número 17.

2. O QUE A BÍBLIA DIZ

Motivação

Entre as tantas características de nossa Igreja, vamos hoje lembrar que ela é uma Igreja libertadora, ou seja, comprometida com a liberdade, a justiça, os direitos humanos; uma Igreja que sonha com o bem de todos e que procura trabalhar para que todas as pessoas tenham vida em plenitude, como é o ideal do Reino de Deus, proclamado por Jesus.

Texto: Lc 4,14-21

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

Partilha

- Onde Jesus ensinava?
- Que antigo texto Jesus leu na sinagoga?
- O que dizia o texto?
- O que disse Jesus depois da proclamação do texto de Isaías?

Aprofundamento

- Jesus vai a uma sinagoga em Nazaré, terra onde foi criado. Era hora do culto. Ficou de pé para fazer a leitura. Em alto e bom tom proclamou Is 61,1-2. E depois disse: "Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que vocês acabaram de ouvir".
- Esse texto de Lucas é também chamado de "discurso programático" de Jesus. Por que será? Porque, nas palavras de Isaías que Jesus pronuncia, encontramos um programa de vida de Jesus, um projeto ao qual ele dedica toda a sua vida, cujo objetivo é a vida plena de todas as pessoas.

- Vejamos o que diz Jesus:
 - "O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu": Jesus é pleno do Espírito Santo. Ele não age por conta própria, mas pela força do Espírito de Deus. Construir o Reino de Deus não é algo fácil. Só mesmo pela força do Espírito Santo se assume um programa de vida tão exigente quanto esse. Sem a força de Deus, isso não é possível.
 - "Ele me ungiu para anunciar a Boa-nova aos pobres": Os primeiros destinatários da boa-nova de Jesus são os pobres, os esquecidos e abandonados que não têm vez, aqueles que não contam com os recursos da segurança econômica, que se sentem desamparados e sem apoio de todos os lados. Dizer que os pobres são os destinatários da boa-nova de Jesus não exclui todos os outros que, de alguma forma, não se encontram tão desamparados assim. Significa apenas que a vida mais ameaçada deve ser a mais protegida. Jesus sabia que a vida dos pobres corre sempre mais risco de ser extinta que a vida de pessoas um pouco mais abastadas. A vida do pobre é frágil: nem sempre ele conta com família, pois perambula pelas ruas sem ninguém; nem sempre ele conta com a saúde pública, pois as filas dos hospitais e postos de atendimento são intermináveis; nem sempre ele conta com a polícia, pois muitas vezes pobreza é confundida com marginalidade e ele acaba perseguido por quem deveria defendê-lo; nem sempre ele conta com as instituições religiosas, que fazem vista grossa como se o problema da pobreza não lhe dissesse respeito.
 - "O Espírito do Senhor enviou-me para proclamar a libertação dos presos": Jesus assume que sua missão é libertar os presos. Libertar presos é missão ampla. Não é apenas abrir as portas dos presídios, mas é eliminar tudo aquilo que escraviza e prende as pessoas. Há muitas prisões possíveis. É possível estar preso atrás das grades injustamente ou por uma transgressão cometida; é possível estar preso em si mesmo, em suas tristezas e medos interiores, sem achar saída para sua própria vida; é possível estar preso nas malhas infernais dos vícios, da ganância, da inveja, do rancor... É possível estar preso, sem saber que se está encarcerado, sem se dar conta de sua própria prisão... Jesus assume essa difícil tarefa de libertar o homem todo e de toda prisão.
 - "O Espírito de Deus enviou-me para proclamar a recuperação da vista aos cegos". Desde muito tempo, o povo de Deus entendeu que ajudar um cego a ver era gesto tão nobre que só podia ser coisa de Deus. Dar visão ao cego é mais que fazer o outro ver. Na linguagem bíblica, enxergar é conhecer, é ser autônomo, é ter independência. Jesus assume como tarefa a missão de tirar o ser humano das garras da ignorância quanto ao mundo,

quanto a si mesmo e quanto a Deus. Ele dá olhos novos para que vejamos o mundo e a vida com o olhar da fé; ele dá a capacidade de ver nossa própria vida sob outra ótica que não a da predestinação, mas sob a ótica da liberdade e responsabilidade; ele mostra o amor de Deus revelando quem Deus é.

- "O Espírito de Deus enviou-me para dar liberdade ao oprimido": Tem gente que não está presa, mas está oprimida. Estar oprimido significa estar sob o jugo de algo que não de nossa própria consciência e liberdade. Tem muita gente oprimida: vivendo, mas sem forças para viver; caminhando, mas quase que arrastada; trabalhando, estudando, relacionando-se, mas sem se sentir livre para a vida e para o amor.
- "O Espírito de Deus enviou-me para proclamar um ano de graça da parte do Senhor": Um ano de graça da parte de Deus é tudo de bom. É libertação total. É desatar de vez as amarras. É resgatar a dignidade perdida, acreditar de novo na vida, começar uma nova história.
- Esse programa de Jesus é também o programa de sua Igreja. Toda Igreja verdadeiramente cristã só pode ser *libertadora*: preocupada e comprometida com os pobres, os sofredores, os que não creem mais na vida, os que não têm forças para viver, os que não enxergam mais esperança... Jesus fez esse programa acontecer na vida de quem dele se aproximava: ensinou, curou, amou, acolheu, venceu preconceitos, libertou do jugo da Lei. Essa é também a missão da Igreja.

3. ATIVIDADE

Sugestão 1

 Que tal, em grupos, recortar figuras e fazer um cartaz com imagens bonitas que mostrem gestos libertadores? Outro grupo pode montar cartaz com figuras e desenhos de situações em que as pessoas precisam ser libertadas. Lembrar pessoas que se comprometem com essa causa da libertação.

Sugestão 2

- Ler o texto seguinte e debater sobre o compromisso com a libertação, o perigo de esquecer-se da vocação original, etc.

O POSTO DE RESGATE

Numa costa do mar onde, com frequência, ocorriam naufrágios, havia um pequeno e rudimentar posto de resgate. A edificação consistia numa simples choupana e só havia um bote. Mas os poucos membros do posto, dedicados como eram, mantinham sempre a atenção voltada para o mar, sem pensar em si mesmos.

Saíam incansavelmente, dia e noite, em busca do náufrago perdido. Muitas vidas foram salvas graças a este pequeno posto, que chegou a ser famoso.

Algumas pessoas salvas e outras das regiões vizinhas desejaram associar-se ao trabalho do posto, dedicar-lhe seu tempo, seu trabalho e mesmo seu dinheiro. Compraram-se novos botes e treinou-se nova tripulação. O pequeno posto de resgate começou a crescer.

Alguns dos membros do posto de resgate se mostravam, porém, insatisfeitos, porque o local era tão rudimentar e muito pouco equipado. Sentiam necessidade de um lugar mais confortável, como primeiro refúgio dos resgatados do naufrágio.

Assim, pois, substituíram os singelos colchonetes por camas e mobiliaram mais adequadamente o local que já havia sido ampliado. Desta forma, o posto de resgate chegou a ser também um local popular de reuniões dos membros. Decoraram-no com o máximo de conforto, trouxeram móveis belíssimos, já que o usavam como uma espécie de clube. Àquela altura, poucos eram os membros interessados em lançar-se ao mar em missões de resgate. Decidiu-se, então, contratar batalhões de salvamento para aquele trabalho.

O lema "Salvar os Náufragos" ainda se mantinha como parte da decoração e um único bote salva-vidas permanecia ritualmente no lugar onde se davam as cerimônias de iniciação dos novos membros.

Aconteceu, então, que um navio muito grande naufragou e as tripulações de resgate chegaram com uma grande quantidade de pessoas meio afogadas, sofrendo frio e umidade. Todas elas estavam doentes e cheias de lama. O novo e belo clube se converteu num caos. Em vista disso, o comitê encarregado do clube ordenou que se construíssem alguns banheiros com ducha fora do clube, onde as vítimas pudessem banhar-se, antes de entrar.

Na reunião seguinte, houve uma divisão entre os membros do clube. A maioria deles desejava terminar com as atividades de resgate, por serem desagradáveis e constituírem um obstáculo para as atividades normais do clube.

Alguns membros insistiram nas atividades de resgate dos náufragos, como objetivo principal e fizeram questão de frisar que eles ainda eram considerados como membros de um posto de resgate. Passou-se à votação e foram eliminados os sócios que defendiam o objetivo de resgatar os náufragos. Disseram-lhes que, se pretendiam salvar vidas de náufragos, podiam construir seu posto de resgate um pouco mais abaixo. Eles assim fizeram.

Com o passar dos anos, o novo posto de resgate experimentou as mesmas transformações por que passara o posto anterior. Chegou a ser um clube. Alguns membros não concordaram. E logo se fundou outro posto de resgate.

A história se repetiu sucessivamente. O visitante dessa costa do mar pode encontrar hoje uma série de clubes exclusivos ao longo da mesma. Os náufragos são muito frequentes nessa costa, mas a maior parte morre afogada.

Questões para debate:

- Que semelhanças há entre o trabalho da Igreja e o posto de resgate?
- Qual era o principal objetivo do posto de resgate?
- Como perdeu seus objetivos?
- Comparando com a Igreja, existe o risco de perdermos na Igreja o objetivo de resgatar as pessoas?
- O que se deve fazer para que a Igreja nunca perca sua característica de buscar a libertação ou o resgate das pessoas?
- Que mensagem tiramos desse texto, para a nossa missão de católicos comprometidos com o Reino de Deus?

Conclusão

A Igreja é *libertadora*, pois tem como missão o programa de vida apresentado por Jesus. Seu trabalho é resgatar e libertar as pessoas, para que se sintam livres e realizadas e tenham as oportunidades necessárias para construir uma vida digna. Trabalhando assim, a Igreja ajuda não somente pessoas, mas incentiva toda a sociedade a sonhar com uma vida nova e a lutar por um mundo melhor. É próprio da Igreja envolver-se, de todos os modos possíveis, na grande luta da humanidade por uma vida melhor, colocando-se ao lado das pessoas mais necessitadas, denunciando as injustiças que há no mundo e promovendo a paz e a solidariedade entre as pessoas. Isso é ser uma Igreja libertadora.

4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Convidar a turma para rezar o Salmo 18/17,1-7 (Obs.: O salmo é grande; basta ler estes versículos).
- Fazer dois coros, rezando os versículos de forma alternada. No final, deixar um momento de silêncio e incentivar a turma a repetir algum versículo que tenha achado mais marcante.
- Cantar a música número 7.
- Motivar a turma para o próximo encontro.
- Encerrar à vontade.

Dicas para o catequista

 Ao falar em libertação, pode surgir a seguinte pergunta: "O que é Teologia da Libertação?". A Teologia da Libertação é uma teologia possível na Igreja, entre tantas vertentes teológicas. Ela floresceu na América Latina, numa realidade de opressão e sofrimento do povo. É, pois, uma maneira de fazer teologia, que parte da realidade, da práxis, procurando articular *fé e caridade* e encontrar caminhos para a transformação dessa realidade. A Teologia da Libertação valoriza as libertações temporais e históricas, ou seja, ela fala sobre Deus a partir da vida sofrida do pobre. Valoriza a imagem do Cristo Libertador, bem diferente do Monarca Celestial da piedade oficial e do Cristo vencido e doloroso da piedade popular. Ela faz uma crítica às imagens tradicionais de Cristo e, por conseguinte, critica a Cristologia da dominação e da resignação, que muitas vezes achou espaço na fé do povo. Esta imagem de Cristo supõe a fé vivida num contexto de dominação e opressão. O processo de libertação na América Latina se apresenta como um lugar hermenêutico a partir do qual se elabora uma nova imagem de Jesus Cristo.

- Mas não será a Teologia da Libertação uma vertente marxista da Teologia? alguém poderia perguntar. Não é bem isso! Certamente que a filosofia de Karl Marx serviu de base para a elaboração da Teologia da Libertação, como outras filosofias serviram de base para a elaboração de outras teologias. A filosofia de Platão serviu de base para a teologia de Santo Agostinho; a de Aristóteles foi alicerce para a teologia de Santo Tomás de Aquino, e assim tantos outros pensadores cristãos tomaram como referência autores não-cristãos. A Teologia da Libertação pensou a fé a partir do pobre sofredor, e a Igreja reconhece seu mérito. Mas e os exageros? Está certo que os exageros devem ser equacionados. Mas não se deve perder de vista que há exagero em toda parte. Há ideologia em todo canto, até na mais piedosa e tradicional teologia da Igreja.
- Outra pergunta possível é em relação à sinagoga. O que é sinagoga? Como era sua liturgia? Por que Jesus vai à sinagoga? Bom, vejamos: Sinagoga era um lugar de reunião, onde os judeus se encontravam para ler suas Escrituras Sagradas. Normalmente, essas sinagogas estavam espalhadas em todo canto, como as capelas e comunidades que hoje encontramos em todos os rincões do nosso Brasil. As sinagogas eram dirigidas pelos fariseus, que eram uma espécie de teólogos leigos, gente do povo, mas muito preparados em relação à Escritura. Nas reuniões semanais na sinagoga, lia-se um texto da Torá (o Pentateuco da nossa Bíblia: Gn, Ex, Lv, Nm e Dt) e também um texto dos Profetas. Jesus vai à sinagoga no dia de sábado para o culto, como todo bom judeu. Vai estudar a Palavra de Deus. É nesse contexto que Lucas escreve o discurso de Jesus sobre a libertação.



6º Encontro NOSSA IGREJA É MISSIONÁRIA

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Receber a turma com simpatia e atenção. Fazer momento de animação.
- Silenciar a turma para rezar. Fazer o Sinal da Cruz ou cantar.
- Motivar: Estamos reunidos em nome de Deus: Pai, Filho e Espírito Santo. Nosso Deus nos ama e por isso nos reúne para crescer ainda mais na comunhão. Como o Pai, o Filho e o Espírito Santo são unidos a ponto de serem um só Deus, nossa união deve ser tal a ponto de formarmos um só coração e uma só alma, cada um comprometido com a libertação e a felicidade do outro. Vamos fazer silêncio, fechar os olhos e rezar a Deus. Vamos pedir por nós mesmos em primeiro lugar, para que nosso coração seja livre para o amor; para que nossas mãos sejam fortes para amparar; para que nossa mente seja lúcida para discernir os caminhos (silêncio). E vamos também rezar uns pelos outros. Vamos colocar a mão no ombro do nosso companheiro e rezar por ele, pedindo que Deus o fortaleça e anime sempre.
- Repetir a seguinte prece com o catequista: Ó Deus de amor, nós te agradecemos pela vida de cada irmão que participa de nossa catequese. Nós te pedimos que cada um de nós tenha sua força e sua luz ao longo da jornada. Derrame sobre esse irmão o seu Espírito Santo que nos capacita a seguir Jesus. Nós contamos com sua ajuda e sua força. Amém!

- Cantar a música número 18, ou outra à escolha.

2. O QUE A BÍBLIA DIZ

Motivação

Nossa Igreja é missionária. Isto significa que ela tem uma missão. É a missão de evangelizar, ou seja, de anunciar Jesus a todas as pessoas, de todos os tempos e em todos os cantos do mundo. Evangelizar é ir até as pessoas anunciando o nome de Jesus. É fazer chegar a todos a mensagem de Cristo. Vamos entender isso melhor

Texto: Rm 10,13-17

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

Partilha

- O que você entende com a frase: "Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo"?
- Para Paulo, por que o anúncio da Palavra é tão importante?
- Por que se diz que a fé vem pela pregação?

Aprofundamento

- Quando dizemos que a Igreja é missionária, estamos nos referindo a uma característica muito importante. Já conhecemos o texto bíblico em que Jesus envia os apóstolos em missão (cf. Mt 28,19-20). Jesus pede aos discípulos que vão pelo mundo inteiro e anunciem aos povos a experiência de fé que fizeram com ele. Esse é o conceito mais simples de missão. Transmitir aos outros a mensagem de Jesus. A Igreja é missionária porque recebeu de Jesus a missão de evangelizar os povos, de todos os cantos do mundo, em todos os tempos, convidando-os a serem discípulos.
- No texto que lemos hoje, o apóstolo Paulo grande missionário! faz uma reflexão sobre a importância da missão para a vida da Igreja. Jesus é Senhor e salvador de todos judeus e gregos sem distinção. As pessoas que crerem em Jesus são salvas. Mas, para que as pessoas creiam e invoquem o nome do Senhor, precisa haver quem anuncie Jesus. Estes são os missionários, os que anunciam a boa-nova de Deus.
- Paulo insiste que a fé vem pela pregação. Ele argumenta dessa forma para mostrar a importância de pregar a Palavra de Deus. Sem pregação, as pessoas não têm acesso ao conhecimento do mistério de Deus, do qual Paulo fala em outros escritos.
- A Igreja é missionária porque se sente no dever de pregar. Em outro texto, Pau-

lo vai dizer: "Ai de mim, se eu não anunciar o evangelho!" (1Cor 9,16). Para ele, a tarefa de evangelizar é como uma obrigação que ele recebeu de Deus. Ele se sentiria com a consciência pesada se guardasse só para si a rica experiência transformadora pela qual passou. Essa experiência é tão importante que precisa ser partilhada com as demais pessoas.

- Ao pregar a Palavra de Deus, a Igreja não impõe, mas propõe às pessoas a boanova anunciada por Cristo. A Igreja sente que possui um tesouro de imenso valor e deseja partilhar com todos a riqueza da fé. Por isso ela prega, ela evangeliza.
- A vida da Igreja, seu dinamismo e sua propagação pelos tempos, dependem da forma como ela exerce a sua missão de partilhar a fé com todos. Se a Igreja não agir de modo missionário, não conseguirá fazer chegar aos povos a mensagem de Cristo. E, seguindo o raciocínio de Paulo, se as pessoas não tiverem acesso a essa mensagem, não poderão conhecer Jesus nem invocar seu nome.
- Quando falamos na missão de pregar a Palavra, não nos referimos apenas àqueles que pegam o microfone e fazem sermões; nem somente àqueles que viajam para comunidades distantes ou países estrangeiros para serem pregadores da Palavra. Na verdade, todos os que de algum modo colaboram com a Igreja estão colaborando para que ela exerça a sua missão. Podemos dizer, sem dúvida, que todos os que assumem ministérios e trabalhos os mais diversos em sua própria paróquia ou comunidade estão ajudando a Igreja em sua missão. Estão sendo missionários.
- É nesse sentido que se diz que quem ajuda na pregação tem merecimentos de pregador. Não são todos os católicos que saem pelo mundo pregando a Palavra de Deus. Mas todos os católicos podem e devem ser missionários, à medida que atuam para construir uma comunidade viva e dinâmica, onde cada pessoa é um membro vivo da Igreja.
- Enfim, se a Igreja perder esta vitalidade, morre. Uma Igreja que não anuncia sua fé torna-se desconhecida das novas gerações. Uma Igreja que não é missionária não tem futuro.

3. ATIVIDADE

Sugestão

- Sugerimos usar o texto seguinte para falar que uma Igreja viva é uma Igreja missionária. Se faltar essa característica, ela morre.
- Dividir a turma em grupos e distribuir o texto que segue. Pedir que leiam, conversem e partilhem conclusões sobre o que é a Igreja.

O Enterro da Igreja

Certa vez, um padre muito experiente foi nomeado vigário de uma Paróquia do interior. Cheio de alegria, juntou suas malas e foi para aquela cidadezinha, pronto para iniciar seus trabalhos.

Chegando, porém, à nova Paróquia, o que o padre encontrou não foi nada animador. O povo daquela cidade nem queria saber de Igreja. O padre convidava o povo para a missa e não aparecia ninguém. Só uma meia dúzia de senhoras. O padre convidava para um encontro e não aparecia ninguém. Só uma meia dúzia de senhoras. Convidava para uma festa e não aparecia ninguém. Só aquela mesma meia dúzia de senhoras. O padre ia ficando cada vez mais preocupado.

Um dia, ele resolveu visitar todas as casas da cidade. E em toda casa em que ele entrava, ouvia a mesma gozação: "Que é isso, seu vigário? Esse negócio de Igreja já era. A Igreja aqui já morreu há muito tempo".

O padre ficou impressionado, todos diziam a mesma coisa: "A Igreja aqui já morreu há muito tempo".

Então, o padre teve uma idéia:

- Vamos fazer o enterro da Igreja. Se a Igreja morreu, precisamos enterrá-la.

O povo achou que o padre havia pirado e foi lá para ver. No dia marcado, na hora certa, o povo lotou a igreja para ver o enterro. O padre havia enfeitado toda a igreja e, na frente, havia colocado um enorme caixão. Todos rezaram e cantaram diante do caixão fechado, achando aquilo tudo muito misterioso e engraçado.

No fim da missa, antes de sair com o caixão, o padre convidou todo o povo para dar a última olhada na defunta, conforme é costume. E combinou o seguinte: Quem olhar a defunta e achar que devemos enterrá-la fique de pé. Quem, porém, ao vê-la, mudar de idéia volte e sente-se em seu lugar.

E o povo fez longa fila para ver a defunta, tamanha era sua curiosidade. Aconteceu, porém, uma coisa engraçada. Todos os que passavam pelo caixão olhavam lá dentro e saíam assustados, correndo para sentar-se. Uns ficavam vermelhos, outros sérios, mas todos queriam sentar-se, desistindo de enterrar a Igreja.

Quando terminou a fila, todos estavam sentados. Ninguém ficou de pé. Ninguém mais queria enterrar a Igreja. É que o padre havia colocado um enorme espelho dentro do caixão. O povo, ao olhar a defunta, via sua própria imagem. Eles eram os verdadeiros defuntos.

Foi assim que aquela cidade compreendeu que a Igreja é o povo. E, se a Igreja morre, é porque o povo não se compromete nem aceita seguir Jesus.

- Questões:
 - Você concorda que a Igreja tem a cara dos seus fiéis? Justifique sua opinião.
 - Que mensagem você tira desse texto para a sua vida de católico?
- Terminado o trabalho em grupo, promover um debate geral sobre essas questões.

Conclusão

Nossa Igreja é *missionária* porque recebeu de Deus um grande tesouro de fé que não deve ficar escondido, mas precisa ser anunciado ao mundo inteiro, e partilhado com todas as pessoas. Dessa forma, as pessoas têm a oportunidade de conhecer Jesus e aderir a ele. Cada católico, participando de sua comunidade, assumindo suas funções na Igreja, está sendo missionário. Então, a missão da Igreja depende de cada um de nós.

4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Cantar a música 2 ou 16.
- Todos de mãos dadas, rezar o Pai-nosso.
- Motivar a turma para o próximo encontro.
- Encerrar à vontade.

Dicas para o catequista

- O tema da missão e da evangelização aparece insistentemente no Documento de Aparecida e em muitos outros documentos da Igreja. Fala-se desse assunto, primeiramente para motivar as comunidades a não se fecharem em si mesmas. O desejo é que as comunidades estejam sempre abertas para acolher a todos. E não somente fiquem paradas onde estão, mas vão ao encontro das pessoas, levando a todos a mensagem da fé, especialmente àquelas pessoas que estão afastadas. Nesse sentido se diz que os bispos precisam cuidar para que a missão seja uma prioridade em suas dioceses; os padres precisam dinamizar as paróquias não se contentando apenas com os fiéis que já estão participando, mas que eles busquem levar a mensagem de Jesus a outros que ainda não se deixaram tocar pela Palavra de Deus; que cada católico deve ser também um missionário, participando ativamente da vida da Igreja e também anunciando, com palavras e ações, a experiência de fé em Jesus Cristo. A Igreja, sendo católica, é também missionária. Se está aberta a todos, precisa levar a todos a mensagem da qual é portadora.
- Em segundo lugar, a Igreja fala da missão como um direito seu. As Igrejas -

não somente a Católica, mas todas elas – advogam para si o direito de pregar sua fé aos seus fiéis e a quem mais se interessar. É bom lembrar que esse assunto não é muito pacífico, pois existem países que proíbem a pregação missionária. Em alguns lugares do mundo é proibido ser católico e, mais ainda, é proibido divulgar a mensagem da fé cristã e a doutrina religiosa. A Igreja entende que essa proibição viola o direito à liberdade religiosa.

- Vamos lembrar que a catequese também precisa ser missionária, indo ao encontro dos catequizandos, convidando-os, motivando-os. Muitas crianças e jovens já procuram a Igreja, porque entendem a importância da fé ou porque são incentivados pela família. Mas há muita gente que poderia estar na catequese, frequentando os encontros, se fosse convidada. O catequista missionário é aquele que vai ao encontro das crianças e não espera que as crianças procurem o escritório paroquial para se inscreverem. Por isso é importante visitar as casas, ao menos para convidar as crianças e fazer as inscrições. Agindo assim, os catequistas mostram que também entenderam o que é uma Igreja missionária.
- Crítica que muito se faz à Igreja Católica é que ela cuida apenas das ovelhas que já lhe pertencem, fazendo uma espécie de pastoral de manutenção. Mas não vai ao encontro das outras pessoas. Os católicos se acostumaram com um tempo em que todo mundo era católico. Mas o mundo mudou. Não é mais assim. Há pessoas que assumem outras crenças, talvez porque não tenham tido a oportunidade de conhecer a fé católica, porque não tiveram a chance de fazer sua experiência de Deus no seio da Igreja Católica. E há pessoas que não estão ligadas a nenhuma Igreja, porque não se sentiram ainda suficientemente motivadas. Superar a pastoral de manutenção é assumir de vez o compromisso missionário, não apenas pregando a Palavra para quem já é católico – o que também é muito importante –, mas indo ao encontro de outras pessoas que também desejem ouvir a boa-nova de Jesus proposta pela Igreja. Tudo isso feito sem proselitismo, que é aquela atitude inconveniente de forçar ou convencer as pessoas, com quaisquer argumentos, a entrar nessa ou naquela religião. Evangelizar é propor a fé, com respeito às pessoas. Fazer proselitismo é forçar a barra para arregimentar mais fiéis para determinada Igreja.
- Vamos aproveitar a nossa liberdade religiosa para exercer nossa missão do melhor modo possível. Entre nós, não há entraves legais para se anunciar a Palavra de Deus. Pode haver quem seja contra ou a favor desse anúncio. Mas nada nos impede de propor a boa-nova trazida por Cristo e mesmo aquilo que é tido como fé da Igreja. O único entrave a uma evangelização mais abrangente talvez seja a nossa acomodação. Por isso, ao falar do caráter missionário da Igreja, faz-se necessário um esforço para sair desse comodismo e lançar-se em missão, a partir de nossa comunidade.



7º Encontro NOSSA IGREJA INCENTIVA A PARTICIPAÇÃO DE TODOS

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Acolher a turma com simpatia e descontração.
- Cantar músicas animadas, à escolha. Sugestões no fim do livro.
- Concentrar a turma para rezar. Fazer o Sinal da Cruz.
- Cantar um pequeno refrão para ajudar a turma a meditar. Sugerimos a música 15.
- Motivar: Amigos, estamos refletindo sobre a vida e a fé de nossa Igreja: vida da qual participamos e fé que partilhamos e professamos. Essa fé é um tesouro precioso do qual não podemos abrir mão, nem deixar de proclamá-lo. Vamos professar nossa fé, rezando. Cada um pode dizer que crê em Deus e todos diremos depois: "Eu creio em Deus!".
- Dar um tempo para que cada um pense o que vai dizer. O catequista pode dar alguns exemplos, como vemos abaixo.
- O catequista começa dizendo, por exemplo: "Eu creio em Deus que é amor" e todos repetem o refrão. Depois, outra pessoa diz sua fé, por exemplo, "Eu creio em Jesus nosso salvador", "Eu creio no Espírito Santo", Eu creio que Deus nos perdoa", "Eu creio que Jesus é o Filho de Deus", etc. E assim vai até que todos possam dizer algo sobre a fé que professamos.

- Ao final, cantar a música número 12, louvando a Deus pela fé que nos une. Ou outra, à escolha.

2. O QUE A BÍBLIA DIZ

Motivação

Essa Igreja católica, apostólica, romana, comunhão ministerial, libertadora e missionária precisa da participação de todos. Quando falamos da Igreja, falamos de nós mesmos, pois somos Igreja. A Igreja, além de ser uma instituição milenar, é, de fato, o povo que a forma. A Igreja somos nós. Isso nos leva a compreender o quanto é importante a participação de todos na vida da Igreja. É o que veremos nesse encontro.

Texto: Ef 4,7.11-16

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

Partilha

- Você concorda que Deus deu a todos algum dom? Como você entende esses dons que Deus nos deu?
- Qual a importância, para a vida da Igreja, da participação de todos, exercendo cada um os seus dons?
- O que seria, na linguagem de Paulo, a "edificação do corpo de Cristo"?
 Como podemos ajudar nessa edificação?
- O que significa ser como criança ao sabor das ondas?

Aprofundamento

- Paulo está incentivando a participação de todos os fiéis na vida da Igreja, de modo consciente e amplo, cada pessoa assumindo a sua parte e dando o melhor de si para que a Igreja, que ele chama de corpo de Cristo, seja bem edificada.
- Costumamos dizer que a força da Igreja depende da comunhão e da participação de todos os fiéis, do mesmo modo que um corpo depende do funcionamento saudável de todos os seus membros.
- A Igreja é chamada de corpo místico de Cristo. Místico quer dizer um corpo espiritual, no qual Cristo é a cabeça e nós somos os membros. E cada membro tem uma função. Como em um corpo, tudo vai bem quando cada membro executa do melhor modo a sua função.
- A cada um de nós foi dada a graça, segundo Paulo, na medida do dom de Cristo. Isto é, todos os fiéis têm em si o dom de Deus, concedido por graça divina, ou por bondade de Deus. Não compramos nossos dons, nossos ta-

- lentos, nossas capacidades. São dons de Deus. Eles nascem conosco. E nós os desenvolvemos, com nosso esforço e boa vontade.
- Esses dons são importantes para o nosso crescimento e para o bem da nossa comunidade e da nossa Igreja. Desenvolvendo os dons, nos tornamos adultos em Cristo e deixamos de ser crianças ao sabor dos ventos. Isso é bom para nós. E, quando amadurecemos e atuamos de modo positivo em nossa comunidade, isso é bom para a nossa Igreja.
- Por isso, nossa Igreja funciona na medida da boa vontade de seus fiéis. Quando os fiéis estão motivados, atuando com determinação, vivendo a fé com alegria, temos então uma Igreja forte, com a participação de todos. Quando, porém, os fiéis ficam paralisados e não assumem sua missão, temos uma Igreja fraca e desorganizada, como um corpo doente.
- Por isso, ao encerrar esta etapa, queremos frisar que a Igreja somos nós, que você é Igreja. Nada nem ninguém poderá substituir você em sua comunidade eclesial. Eis uma questão de importância imensa, para entendermos a vida da Igreja.

3. ATIVIDADE

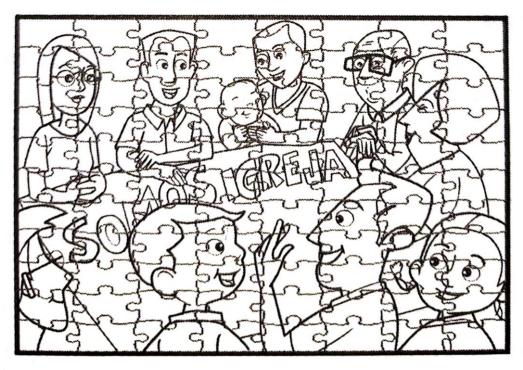
Sugestão 1

- Fazer um painel, expondo como se organiza a comunidade paroquial e como se pode participar da vida da comunidade e da Igreja local. Nessa exposição, frisar os seguintes pontos:
 - Celebrações da comunidade: Incentivar a turma a participar das celebrações da comunidade: celebrações da Eucaristia (missa ou culto), festas e outros eventos. Mostrar a importância da missa semanal.
 - Trabalhos pastorais: Mostrar quais trabalhos pastorais são feitos na paróquia ou comunidade e como se pode participar deles, de acordo com a idade e a situação da turma. As crianças podem, por exemplo, participar da equipe de liturgia ou de outros trabalhos, de acordo com o costume de cada paróquia.
 - Vida sacramental: Mostrar que o católico deve valorizar os sacramentos. Eles serão estudados na última etapa. Mas já se pode falar da importância de comungar sempre (Eucaristia); de confessar-se quando necessário (Confissão) e de valorizar os demais sacramentos da Igreja.
 - Administração na paróquia: Mostrar como é feita a administração da comunidade, da paróquia, da diocese. Incentivar a turma a conhecer como se administra e com que recursos. Se for o costume, falar da Pastoral do Dízimo e do sentido de ser dizimista. Mostrar como são feitas

as prestações de contas e de onde vêm os recursos para as necessidades materiais da Igreja.

Sugestão 2

- Preparar um quebra-cabeça, com tantas peças quantas forem as pessoas da turma. Cada pessoa recebe uma peça, escreve nela o seu nome. Ao fazer a montagem, refletir sobre a importância da participação de cada um na vida da Igreja.
- Sugerimos o seguinte formato para o quebra-cabeça. É só ampliar, recortar em partes irregulares e depois montar.



Conclusão

A Igreja se faz com a participação de todos. Cada um, exercendo sua função, exercitando os seus dons, colabora para o crescimento e dinamismo de sua comunidade. Uma das características de nossa Igreja é contar com a participação de todos. Por isso nós professamos nossa fé participando da vida de nossa Igreja. Aquela ideia antiga do católico que diz ter fé, mas não participa da vida da Igreja, precisa ser superada. Não existe essa de católico não-praticante: ou se é católico, seguidor de Jesus, ou não se é. Não é possível crer e não praticar: é uma incoerên-

cia total isso. Ser católico é ser Igreja, é participar da vida de fé que essa comunidade chamada Igreja professa.

4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Vamos agradecer a Deus por nossa Igreja, que é tão bela, e por podermos nos engajar e trabalhar nela de acordo com nossos dons e capacidades.
- O catequista propõe uma ladainha e todos repetem: "Obrigado, Senhor!".
 - Por nossa Igreja que é universal e aberta a todos.
 - Por nossa Igreja que tem raízes nos apóstolos.
 - Por nossa Igreja que procura viver a unidade.
 - Por nossa Igreja que é vida em comunhão.
 - Por nossa Igreja que é libertadora.
 - Por nossa Igreja que é missionária.
 - Por nossa Igreja que acolhe a participação e o dom de todos.
 - Outros agradecimentos, caso a turma queira completar a ladainha.
- Motivar a turma para o próximo encontro.
- Cantar a música número 2. Ou outra à escolha.
- Encerrar à vontade.

Dicas para o catequista

- Aproveitamos esse encontro para conversar com o catequista sobre sua caminhada de fé. O catequista é o acompanhador da turma que ele inicia na fé e que a Igreja acolhe com alegria no seu seio. Ele não é um professor. Ele não é um mestre. Ele não é alguém que ensina coisas, leis, regras ou doutrinas. Ele é alguém que faz com a turma uma caminhada de fé. Ele próprio aproveita os encontros, a partilha do grupo, as dinâmicas para se renovar e fazer cada dia outra vez seu mergulho no mistério que ele anuncia. Seria muito importante que, ao ajudar a turma a fazer sua experiência de Igreja, o próprio catequista refizesse sua experiência eclesial, não só reelaborando seus conceitos, mas deixando-se iluminar pelo chamado de Jesus que o convida a ser seu discípulo na comunidade de fé à qual ele pertence.
- O catequista não é, então, como um mestre ou instrutor de natação que fica do lado de fora da piscina ensinando a nadar, orientando seus aprendizes sobre o que eles devem fazer. Trata-se, pois, muito mais de um nadador que está mergulhado na piscina, ou melhor, nas águas do mistério professado. Ele próprio aprendeu a nadar nadando. Ele próprio aprende a nadar mais e melhor porque está imerso nessas águas. Por isso, ele convida seus catequizandos a se lançarem nessas águas sem medo. Com sua vida ele

testemunha: "Vale a pena esse mergulho! Vale a pena ser Igreja!" Se o próprio catequista não faz sua experiência de Igreja, nem está disposto a renová-la, será difícil proporcionar à turma essa experiência e promover seu engajamento.



8º Encontro CELEBRAÇÃO

I. PREPARAÇÃO

- Levar três cartazes, cada um ilustrando um dos três terrenos ruins da parábola do semeador.
- Levar um cartaz com uma árvore grande, simbolizando a planta que cresce em terra boa.
- Levar corações, um para cada pessoa, onde os catequizandos escreverão uma frase.
- Levar durex e canetas.
- Preparar a confraternização, conforme parecer melhor.
- Preparar um altar com velas, flores e Bíblia.

II. ROTEIRO:

1. Ritos Iniciais:

- C Saudar a turma e motivá-la para a celebração dizendo: Nesta etapa da catequese, partilhamos o que é importante para sermos Igreja. Não basta dizer que se é católico, é preciso ser Igreja. É preciso ser um membro atuante, bem formado, bem engajado. Nesta celebração, somos convidados a fazer o firme propósito de ser na prática o que já somos de fato pelo batismo: Igreja de Jesus. Vamos iniciar nossa celebração, cantando animados.
 - Canto inicial. Sugerimos o número 4 ou 9.
- **D** Iniciemos nossa celebração, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.
- T -Amém!
- **D** Irmãos, eu desejo que a paz de Jesus nosso Salvador, o amor de Deus nosso Pai e a força do Espírito Santo estejam com todos vocês.
- T Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.
- D Deus nos reúne para sermos Igreja. Desde muito tempo, Deus vem reunindo seu povo para ser um povo santo, comprometido com o reino de amor que Jesus nos ensinou. Hoje Deus quer nos ver unidos nesse firme propósito de ser Igreja, cristãos atuantes, católicos comprometidos.
 - Convidar a turma para ficar de mãos dadas, para simbolizar a união que deve haver entre nós. E rezar juntos: Aqui estamos, Senhor, unidos pela mesma fé. Queremos ser o seu povo, a sua Igreja. Queremos assumir, com fé e coragem, a missão de ser Igreja, procurando crescer, sempre mais, no amor a Jesus e à sua Palavra e no nosso compromisso cristão. Para isso, contamos com a sua ajuda. Amém!
 - Cantar a música número 14. Pode-se dar o abraço da paz, no fim da música.
- C Convidar a turma para louvar a Deus por ele contar conosco para ser sua Igreja, apesar de nossas fraquezas e limitações. Cantar o glória ou uma música de louvor. Sugerimos a música número 12.
- D Oremos: Senhor Deus, nós vos agradecemos pelo fato de o Senhor contar conosco para os trabalhos de sua Igreja. Mesmo fracos e limitados, somos chamados a participar de vossa obra, dando nossa singela contribuição. E, com isso, crescemos e nos desenvolvemos, enquanto servimos ao Senhor. Por tudo isso, queremos vos louvar e contamos com sua constante ajuda. Isso vos pedimos, em nome de Jesus e na força do Espírito Santo.
- T Amém!

2. Rito da Palavra:

C - Convidar a permanecer de pé para escutar o Evangelho que será procla-

mado.

- Comentar: Vamos ouvir o texto que fala do semeador. Ele lança suas sementes em todos os terrenos. Mas só o bom terreno será capaz de produzir bons frutos. Ouçamos com atenção.
- **D** O Senhor esteja convosco.
- T Ele está no meio de nós.
- **D** Evangelho de Jesus Cristo narrado por Mateus (Mt 13, 4-23). Sugerimos ler na própria Bíblia.
- **D** Palavra da Salvação!
- T Glória a vós. Senhor!

C - Reflexão:

• Esse semeador do Evangelho é o próprio Jesus semeando sua Palavra em nossos corações. As diferenças entre os vários terrenos são as diferenças entre os nossos corações. Cada um acolhe a Palavra de um jeito e em cada um essa Palavra vai ter uma sorte diferente. Quando o terreno não está bem preparado, a Palavra não pode produzir bons frutos. Vamos compreender, então, por que certos terrenos não são bons para a Palavra de Deus frutificar.

(Expor o primeiro cartaz: semente caída à beira do caminho)

O primeiro caso de terreno ruim é aquele que nem sequer acolhe direito a semente da Palavra. A Palavra fica desprotegida como as sementes na beira da estrada, expostas ao ataque dos pássaros. As sementes, nesse caso, nem chegaram a encontrar abrigo no seio da terra. Que significa isso? Pode ser que alguém venha a acolher mal a Palavra de Deus: com má vontade, sem interesse, sem amor, sem procurar compreender direito. É uma acolhida superficial, sem muita convicção. Então, como os pássaros que devoram as sementes, qualquer coisa rouba a Palavra de Deus desse coração; qualquer coisa desvia esse coração de Deus.

- Partilha:

- Quando é que acontece isso conosco?
- O que é que mais rouba de nós a Palavra de Deus e a fé, afastandonos de Deus e da Igreja?
 - (Expor o segundo cartaz: semente caída em solo pedregoso)
- O segundo caso de terreno ruim é o solo pedregoso. Só tem pedras e mais pedras. A semente começa a brotar, mas vem o sol e queima a plantinha ainda fraca. Que significa isso? Pode acontecer que a

gente acolha com alegria a Palavra de Deus, mas não a deixe criar raízes em nós. É uma alegria passageira, mero fogo de palha. Quando passa essa fase, a gente fica desanimado e deixa a Palavra de Deus morrer em nosso coração. O católico inconstante é assim. Não tem firmeza. Qualquer coisa faz a pessoa desanimar.

- Partilha:

- Quando é que isso acontece conosco?
- O que mais faz a gente desanimar de ser Igreja? (Expor o terceiro cartaz: semente caída entre espinhos)
- O terceiro caso de terreno ruim é aquele que tem muito mato, muito espinho. Por causa disso, planta boa não cresce bem aí. O mato sufoca tudo. Que significa isso? Pode ser que a gente acolha a Palavra de Deus, mas também acolha tantas outras coisas em nosso coração que essas outras coisas acabam sufocando a Palavra de Deus. Onde vai crescer a semente da Palavra de Deus não pode crescer o mato de outras mensagens e experiências de fé distorcidas. O mato tem que ser arrancado, para dar lugar à planta boa. Quem quer fazer crescer o bem e o mal ao mesmo tempo não terá muito sucesso nessa empreitada.

- Partilha:

- Quando é que isso acontece conosco?
- O que são, na verdade, esse mato e esses espinhos que sufocam em nós as coisas boas de Deus?

3. Consagração dos corações a Deus:

- C Motivar: Vimos, então, o perigo que a Palavra de Deus corre em nossos corações: ela pode ser devorada, queimada, destruída por nossas fraquezas ou por nosso descuido e desatenção. Mesmo assim, Deus não deixa de semear em nossos corações. O bom semeador acredita no terreno. É Deus acreditando em nós. Ele sabe que, se quisermos, somos capazes de fazer sua Palavra frutificar muito, para o nosso crescimento e para o progresso de toda a Igreja. O seguidor de Jesus se esforça por ser um bom terreno. Ser católico é isso: é deixar a Palavra de Deus produzir seus frutos enraizando-se em nossos corações; isso é ser Igreja. Vamos, então, ficar de pé e rezar. Vamos entregar a Deus o nosso coração, para que seja terra boa para acolher a Palavra de Deus e fazêla frutificar.
 - Cantar a música 11.
- **D** Conduzir preces espontâneas, nas quais cada um entregue a Deus a sua

vida e diga por quê. Depois de cada prece, todos respondem: "Recebe, Senhor, nossa vida". O catequista pode começar, com preces simples, como: "Senhor, eu lhe entrego a minha vida, porque preciso de sua força", ou: "Senhor, eu lhe entrego o meu coração, porque quero sempre estar junto do Senhor". Etc.

- Repetir a música anterior, para encerrar o momento de preces.
- Distribuir um coração para cada pessoa. Pedir que cada um escreva no coração uma prece pedindo a força de Deus, para que a Palavra produza bons frutos em seu coração. Repartir canetas e dar um tempo. Se for possível, colocar um fundo musical enquanto a turma escreve em silêncio.
- Expor um cartaz com uma árvore grande, representando a árvore que cresce na terra boa e dá bons frutos.
- Explicar: Quando a Palavra de Deus encontra um coração que seja terra boa, ela germina e cresce, produzindo muitos frutos. O sonho da Igreja é que o coração de cada católico seja assim: terra boa onde a Palavra de Deus possa se enraizar, crescer e produzir muitos frutos.
- Convidar cada um a colar seu coração na árvore boa, expressando com isso seu desejo de ser terra boa para o crescimento da Palavra de Deus, de acordo com o chamado que Jesus faz a cada um de nós.
- Enquanto isso, cantar. Sugerimos a música 18, que lembra o chamado de Cristo.
- Terminada a colagem, estender as mãos e rezar juntos: Receba, Senhor, os nossos corações. Queremos que eles sejam terra boa onde sua Palavra possa se enraizar, crescer e produzir muitos frutos, para o nosso crescimento e para o progresso de toda a Igreja. E assim, Senhor, nós seremos seus seguidores, entusiasmados e comprometidos com a sua e nossa Igreja. Assim Seja!

4. Ritos Finais:

- **D** Convidar a turma para dar mãos e rezar o Pai-nosso, pedindo a Deus que abençoe o coração de cada companheiro, ajudando a remover as pedras e os espinhos que ameaçam comprometer nossa fé.
- C Dar os avisos finais.
 - Conferir a frequência.
 - Motivar para o próximo encontro.
- **D** Dar a bênção final: O Senhor esteja convosco.
- T Ele está no meio de nós.
- **D** Abençoe-nos o Deus todo poderoso: Pai, Filho e Espírito Santo.

T - Amém!

- Cantar para encerrar. Que tal a música 5, que lembra que a vida de cada pessoa é um dom de Deus.
- Fazer a confraternização, conforme combinado.

Terceira Etapa O nosso jeito de ser Igreja

Na terceira etapa deste módulo, vamos continuar nossos encontros sobre nossa Igreja, com o objetivo de ajudar os catequizandos a fazer sua experiência eclesial, firmando uma identidade de fé que ajude a conviver em um mundo cheio das crenças mais diversas, entendendo sempre o que caracteriza a identidade de nossa Igreja Católica Apostólica Romana.

Vamos oferecer aqui oportunidade para debater e esclarecer questões de certa forma polêmicas que sempre se apresentam como um questionamento aos católicos. Ao debater esses temas, queremos que cada participante — catequistas e catequizandos — mergulhem no singelo mistério da Igreja, eliminando possíveis distorções no jeito de ser Igreja e deixem-se tocar pelo apelo de Jesus a uma pertença à comunidade de fé. É importante que ambos entendam a razão de certas práticas e costumes de nossa Igreja, para que saibam dar as razões de sua fé e de sua pertença eclesial.

Na etapa anterior, conversamos sobre as características de nossa Igreja. O objetivo era não somente entender como nossa Igreja se organiza e se entende, mas também distingui-la das demais, ajudando os catequizandos a perceberem a identidade católica e promovendo sua adesão cada vez mais livre e consciente a essa comunidade de fé.

Agora vamos conversar sobre práticas, costumes e tradições de nossa Igreja que, muitas vezes, são questionados por outras Igrejas. Cada Igreja tem o seu jeito de ser. Nós temos o nosso. Por isso, estamos falando do nosso jeito de ser Igreja. Isso prepara o catequizando para conviver de modo ecumênico com pessoas de todas as religiões, entendendo que cada uma tem o seu jeito de ser, mas sem perder a noção e a compreensão do jeito de ser católico. De fato, o ecumenismo não pretende fundir todas as Igrejas em uma só. Se conseguirmos uma convivência pacífica, tolerante e respeitosa, já teremos dado um grande passo. Além do mais, esse é nosso jeito de ser, o que não quer dizer que seja o melhor jeito do mundo. Um jeito de ser não é algo definitivo, é algo que se dá na história. E a história dá voltas.



1º Encontro NOSSO JEITO DE LER A BÍBLIA

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Receber a turma com bastante alegria. Cantar músicas animadas.
- Convidar a turma par rezar. Fazer o Sinal da Cruz.
- O catequista terá colocado no centro da sala, antes do encontro, uma toalha, flores e uma vela acesa.
- Cantar música apropriada. Sugerimos "Vamos receber a Palavra de Deus" música nº 4 do módulo 1. Enquanto se canta, entronizar a Bíblia, colocando-a no centro da roda.
- Falar da centralidade da Bíblia em nossa vida e motivar a turma a estender as mãos e a rezar bem forte: Senhor, nós cremos na sua Palavra. Cremos que a Bíblia é o relato da vida de fé de um povo que acolheu seu chamado e seguiu sua luz. Nós te pedimos que o Senhor nos ajude a amar sua Palavra e a acolher seu apelo como fez seu povo. Nós te pedimos que o Senhor nos ajude a acolher essa palavra que ilumina nossa vida. Amém!
- Convidar para dar glória a Deus, cantando a música número 12.

2. O QUE A BÍBLIA DIZ Motivação

Nessa etapa, queremos tratar de alguns costumes que são próprios da nossa fé católica. Vamos nesse encontro falar sobre a importância da Bíblia. Vamos ver como nossa Igreja a entende, lê e interpreta.

Texto: 2Tm 3,14-17

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

Partilha

- Timóteo era um jovem de fé, muito atuante na Igreja. Nessa carta, ele recebe alguns conselhos. O que se pede a Timóteo nesse texto?
- Desde quando Timóteo conhecia as Sagradas Escrituras?
- O que as Sagradas Escrituras têm o poder de nos comunicar?
- Para que as Sagradas Escrituras são úteis?

Aprofundamento

- No tempo de Timóteo, a Bíblia não tinha ainda a forma que tem hoje. Essa Bíblia bonita e encadernada que a gente tem é algo bem mais recente, que só surgiu depois da invenção da imprensa. O tanto de livros que ela contém hoje também só foi definido depois de um concílio da Igreja, o Concílio de Trento. O que havia no tempo de Timóteo era um conjunto de livros do Antigo Testamento, chamado de Escrituras Judaicas. Mas o que já havia era considerado como algo muito importante que podia ajudar a formar o verdadeiro servo de Deus. Vamos entender melhor?
- Sugerimos expor o quadro seguinte ou usar faixas para explicar.

BÍBLIA SAGRADA

Toda Escritura é inspirada por Deus Ela comunica a sabedoria que conduz à salvação Ela nos capacita para toda boa obra

- O que chamamos de Bíblia Sagrada é um conjunto de livros, escritos durante um longo tempo. Estão divididos em dois grandes grupos: o Antigo Testamento (AT), formado por 46 livros, e o Novo Testamento (NT), formado por 27 livros. O AT é formado por livros escritos antes de Cristo e o NT é formado por livros escritos depois de Cristo. No tempo em que a Carta a Timóteo foi escrita, só o AT estava completo e era aceito como Escritura Sagrada, ou seja, um relato de fé que ilumina a vida de quem o lê e acolhe.
- Vejamos, então, o que o texto disse sobre as Sagradas Escrituras:
- 1º) Toda Escritura é inspirada por Deus. Isso significa que os livros da Bí-

blia foram escritos por pessoas de fé, iluminadas por Deus. Não quer dizer que Deus ditou a Bíblia e alguém foi anotando. Não é assim. Deus não ditou nada. Deus iluminou a vida de uma comunidade. As pessoas acolheram a presença de Deus e fizeram sua experiência de fé. E foram redigindo, aos poucos, o que achavam mais importante transmitir de suas experiências religiosas. Então, quando dizemos que a Bíblia é um livro inspirado por Deus, isso significa não que Deus tenha ditado a Bíblia para os autores escreverem, mas que pessoas inspiradas por Deus, ou seja, pessoas de fé escreveram relatos sobre como experimentavam a presença de Deus em suas vidas.

- 2°) A Bíblia comunica a sabedoria que conduz à salvação: Nesses 73 livros que constituem a Bíblia, há informações de todo tipo. Mas o que interessa para nós são os ensinamentos que nos conduzem à salvação, ou seja, a sabedoria que o povo foi ajuntando com o tempo a partir de sua experiência de fé. Essa experiência, feita por tantos, nos ajuda a fazer nossa caminhada de fé também. Não procuramos na Bíblia informações sobre ciência, história, geografia, nem mesmo sobre costumes culturais. Ela pode até falar dessas coisas, mas vai falar de como se via a ciência, a história ou a geografia no tempo em que os livros foram escritos. E vai falar também dos costumes daquele tempo. Como o mundo evolui, os costumes mudam. Também no campo das ciências, há sempre novas descobertas. Mas isso não interfere na mensagem de salvação, ou seja, na sabedoria de fé que os autores sagrados quiseram transmitir. Por isso, ao ler a Bíblia, precisamos saber distinguir o que é mensagem de salvação do que é simples relato da cultura ou do conhecimento daquele tempo. A sabedoria de vida que a Bíblia transmite está enraizada em outra cultura, em outro tempo, em outros costumes, em outra história. Essa sabedoria nos é dada através de relatos, e cada um relata sua história de seu jeito. Por exemplo: a Bíblia foi escrita em hebraico, aramaico e grego porque são línguas que o povo hebreu falava naquele tempo. Se ela tivesse sido escrita em outro tempo, por outro povo, seria escrita em outra língua. Então, a Palavra iluminadora de Deus vem numa embalagem própria, ou seja, vem com o formato do povo e dos costumes do povo que a escreveu. Mas nem por isso deixa de ser Palavra de Deus. Ela é de Deus porque é Deus que se deixa conhecer e experimentar por essa gente que relata suas histórias. Ela é também palavra humana porque não foi Deus quem escreveu. Foram pessoas comuns como nós. A Bíblia não é um ditado de Deus, mas é Deus se revelando na história de sua gente.
- 3°)A Bíblia nos capacita para toda boa obra: Esse é o recado mais importante dado a Timóteo. E serve para nós também, hoje. A gente deve ler e guardar a mensagem da salvação, porque ela nos capacita para as boas obras, ou melhor, ela nos ensina a viver de forma sábia, nos ajuda a ser

- bons, nos mostra o caminho da amizade com Deus. Essa é a grande importância dos relatos bíblicos.
- Diante disso, vamos nos questionar: O que será que nós procuramos na Bíblia, quando a lemos? Queremos fazer um *encontro com Deus*, como fez aquela gente que nos deixou de herança esses relatos de fé. Nosso objetivo não é nem mesmo encontrar na Bíblia uma lista de preceitos prontos que a gente deve cumprir. Porque certos preceitos serviram para aquele tempo, mas não servem mais para o nosso tempo, porque já houve muitas mudanças e mudanças boas. A Bíblia não é um conjunto de doutrinas nem de leis que devem ser seguidas *ao pé da letra*. Ela é como um espelho, no qual a gente olha e vê a vida da gente no relato da vida de um povo. Ao ver a vida daquela gente de fé que procurava seguir a Deus; ao ver que Deus se manifestava com toda simplicidade na história dessa gente, nós também nos animamos a nos abrir para o mistério desse Deus maravilhoso que vem ao nosso encontro e faz parte da nossa vida.
- Se é assim, alguns cuidados especiais devem ser tomados ao ler a Bíblia. Vejamos.

Sugerimos expor o quadro seguinte ou usar faixas para explicar. O catequista simplifique os comentários de acordo com a capacidade de compreensão da turma.

COMO LER A BÍBLIA SAGRADA

- Não devemos pegar os textos ao pé da letra
- Não devemos tirar o texto de seu contexto
- Não devemos entender a Bíblia como um livro de história ou ciência
- Não devemos ler a Bíblia desconsiderando sua compreensão e acolhida ao longo da história da Igreja
- Não devemos tirar sorte com a Bíblia
- Não devemos pegar os textos ao pé da letra. Por exemplo: Quando a Bíblia diz em Mc 1,33 que "toda a cidade se ajuntou à porta da casa onde Jesus se encontrava", Marcos não quer dizer que todo mundo de Cafarnaum saiu de casa para ir aonde Jesus estava. Isso seria impossível. Marcos só quer dizer que Jesus atraía muita gente por causa de sua palavra e de suas obras maravilhosas. Jesus despertava a curiosidade de muita gente e elas queriam ver Jesus e saber quem ele é. A gente usa

- expressões assim também, com o mesmo sentido. Por exemplo: todo mundo veio à catequese; todo mundo foi à festa.
- Outro exemplo. O Evangelho de Mateus diz que, se nossa mão é motivo de queda para nós, devemos cortá-la. A Igreja entendeu desde o começo que ninguém deve se mutilar porque cometeu um pecado. O que o texto quer dizer é que a gente deve evitar ocasiões que favoreçam pecar. Cortar as ocasiões de pecado e não partes do nosso corpo.
- Não devemos tirar o texto de seu contexto. Por exemplo: Quando o Livro do Gênesis diz que Abraão quase sacrificou seu filho Isaac para agradar a Deus, é fundamental lembrar que Abraão estava antes num contexto de politeísmo, onde cada pessoa, para agradar aos deuses do paganismo, ofertava a eles vários sacrifícios, inclusive sacrifícios humanos, da vida de seus próprios filhos. Em nosso contexto, isso soa muito estranho, porque nós já entendemos coisas que Abraão ainda não tinha entendido. Se a gente tirar a narrativa do contexto, vai pensar que Abraão é doido ou que Deus é cruel e mau, pedindo a um pai que mate seu próprio filho. O que para nós parece uma loucura já foi, em tempos passados, um costume, que o povo de Deus aprendeu a superar.
- Outro exemplo. Quando a Primeira Carta de Pedro diz que as mulheres devem ser submissas a seus maridos (cf. 1Pd 3,1), é preciso lembrar que a mulher era, naquele tempo, considerada uma propriedade do marido. Ele podia dispor dela como de uma ovelha ou de um campo. Podia mandá-la embora, podia desprezá-la, podia inclusive corrigi-la com violência. Esses eram os costumes e as regras sociais daquele tempo. Se a mulher não se subordinasse sabiamente a seu marido, podia ir parar nas ruas, sem emprego, sem apoio, sem nenhuma instituição para defendêla. As mulheres não podiam trabalhar fora como hoje, nem tinham direito a pensão de marido, nem a parte dos bens do matrimônio. Nada! Para não passar fome, uma mulher repudiada mendigava ou se prostituía. Isso era muito comum. Então, na comunidade cristã, havia uma preocupação com as mulheres. Para que elas não chegassem a essa situação tão complicada, elas deviam se lembrar de que as leis favoreciam os homens. Logo, deveriam agir com sabedoria e não enfrentar os maridos cara a cara. Era preciso agir com prudência. Então, a submissão não era uma atitude de acomodação e preguiça. Era uma estratégia para sobreviver, um jeito sábio de enfrentar a vida matrimonial naquele tempo. Com jeitinho, as mulheres conseguiriam mais coisas do que com brigas inúteis com seus maridos. Mas os tempos mudaram, é claro, e hoje os costumes sociais e até as leis são muito diferentes. Prudência

- continua sendo importante, mas a mulher não tem que ser mais submissa ao seu marido. Ela é vista hoje como uma companheira, que deve ser amada e respeitada. Isso tem que ser levado em conta quando lemos a Bíblia.
- Não devemos entender a Bíblia como um livro de história ou ciência. Por exemplo, a Bíblia diz que Deus criou o mundo em sete dias. E descreve isso em detalhes. Será que ele criou o mundo igualzinho está ali narrado? Mas a Bíblia não é um livro de ciência; nem o escritor do Gênesis um cientista. A Bíblia é um livro religioso e o escritor é um teólogo, uma pessoa de fé. Então, o que o Gênesis diz não é como o mundo foi criado. Isso não interessa ao povo da Bíblia. O Gênesis diz que a vida vem de Deus, que nós somos queridos de Deus a tal ponto que ele primeiro fez surgir o mundo lindo pra depois fazer a vida humana brotar nele. Se o mundo demorou milhões de anos pra chegar a ser o que ele é, se a vida brotou em um dia ou em milhões de anos, tanto faz. Se ela surgiu pronta ou se foi evoluindo, isso é coisa para cientista pesquisar. Mas que ela é dom de Deus, disso nem o escritor do texto nem nós que cremos temos dúvida, não importa como ela se deu: ela é um milagre do amor de Deus. Mas quem pensar que a Bíblia quer repassar informações científicas vai ficar perdido com essas informações. Hoje, imaginar um mundo feito em sete dias parece irracional. E é mesmo. Criar em sete dias, para o escritor sagrado, significa criar com carinho, de modo organizado e com a máxima perfeição. Essa é a mensagem de fé do texto.
- Outro exemplo. A Bíblia fala, no Salmo 19/18, que o sol se levanta de manhã e percorre o céu em volta da terra (cf. Sl 19/18,5-7). Ora, o que o escritor sabia de astronomia naquele tempo não lhe permitia afirmar senão aquilo que ele via: o sol no nascente, de manhã; o sol no poente, de tarde. Olhando assim, parecia mesmo que o sol andou e mudou de lugar, girando em volta da Terra. Mas os cientistas, muito tempo depois, inventaram aparelhos, observaram os astros e viram que a Terra é que se move em torno do sol e não o sol em torno da Terra. A Bíblia está errada? Bom, cientificamente sim, mas isso não importa. O escritor do salmo é um músico, um poeta, e não um cientista ou astrônomo. Ele está fazendo uma canção sobre a natureza e louvando a Deus por isso. Só isso! E Deus deve mesmo ser louvado por tudo de belo que há. Nisso o autor do salmo tem razão! Mas não tem razão quando diz que o sol gira em torno da Terra. Só que essa descoberta foi feita muito depois

- que o salmo já tinha sido escrito. Ao escrever, o escritor lida com os conhecimentos de seu tempo.
- Em outro texto se diz que o sol parou (cf. Js 10,12-15) e ficou parado por um dia inteiro. Ora, hoje sabemos que o sol não para jamais. O autor, com os conhecimentos precários da astronomia de seu tempo, usou um recurso de expressão para falar do poder de Deus que abençoava assim as conquistas de seu povo.
- Não devemos ler a Bíblia desconsiderando sua compreensão e acolhida ao longo da história da Igreja. Em outras palavras, devemos olhar com atenção como a Igreja interpreta e entende certos textos mais complexos. A experiência e a orientação da Igreja nos ajudam muito. Por exemplo, a Bíblia diz, no livro do Levítico (cf. Lv 11,1-8) que não se deve comer carne de porco, entre outros animais, porque ele é um animal impuro. Ora, a Igreja desde o começo entendeu que esse era um costume do povo judaico, mas não uma lei de Deus. O povo, por questões culturais, não comia carne de certos animais, entre eles o porco. Mas hoje essas questões não fazem mais sentido. A Igreja percebeu logo que isso era uma questão cultural e não uma regra para a salvação humana.
- Outro exemplo. No começo do cristianismo, os cristãos vinham do judaísmo e os judeus tinham o hábito de circuncidar os meninos (veja as dicas para o catequista). Ora, logo no começo do cristianismo, o apóstolo Paulo entendeu que esse era um costume judaico e que, com a entrada de muita gente que vinha de outros povos, não era lógico impor o costume de um povo ao outro. Então, na Igreja ficou combinado que, se os judeus quisessem se circuncidar, tudo bem. Mas circuncidar os outros povos, não era preciso. Cada um deveria viver a fé, dentro de sua realidade cultural.
- Se esses textos e toda a Bíblia forem entendidos fora de sua história de interpretação, muitas conclusões podem ser precipitadas e estranhas para nós. Por isso, a gente diz que a Bíblia deve ser lida com o Magistério da Igreja, ou seja, com a Igreja que estuda a Bíblia e ensina a gente a lêla com sabedoria. Desta forma, a gente evita equívocos extravagantes e até perigosos.
- Não devemos tirar sorte com a Bíblia. Estamos nos referindo ao costume de abrir a Bíblia aleatoriamente e ler qualquer versículo, sem seu contexto, como se nele a gente fosse encontrar alguma mensagem mágica de Deus para nós; como se fôssemos descobrir o que Deus quer nos falar naquele exato momento. A Bíblia é um livro especial, porque

relata a vida de fé do povo. Mas ela não é um livro mágico. Não devemos agir com a Bíblia como alguns fazem com cartas, búzios ou tarô. Ela não é um livro para se tirar sorte, como nas cartas. Então, os textos devem ser lidos ou no conjunto do que foi escrito (por exemplo, o Evangelho de Mateus todo, o livro do profeta Jonas, etc.) ou à medida que queremos rezar, meditar, estudar ou pesquisar um tema. Então abrimos a Bíblia naquela passagem e lemos com amor, respeito e veneração. Refletimos, destrinchamos e pesquisamos o seu sentido. Mas abrir a Bíblia ao acaso, como se fosse um ato mágico no qual Deus fala, é desaconselhado. Deus sempre fala quando escutamos com coração aberto a sua Palavra. Qualquer relato da Bíblia está cheio de significado para nós. Não é preciso lançar a sorte com ela. Esse costume é tolo e perigoso, além de colocar na banalidade as coisas de Deus. Não é assim que Deus fala. Esse não é um costume da Igreja Católica. E, se somos Igreja, lemos a Bíblia com a Igreja e como Igreja. Além disso, esse desejo de saber o que Deus quer me dizer nesse exato momento é pura fantasia e sinal de insegurança. Deus quer te dizer tudo o que está na Bíblia em todos os momentos. E ele quer também que a gente saiba acolher os seus ensinamentos, com maturidade e segurança, tomando as nossas decisões com critério. Uma pessoa madura na fé saberá tomar suas decisões. E não vai ficar buscando em versículos aleatórios da Bíblia algo como se fosse Deus lhe falando diretamente.

3. ATIVIDADE

Sugestão

- Loteria bíblica: cada catequizando recebe uma folha com 13 questões bíblicas e um diagrama para marcar a resposta certa. Vamos ver quem faz os 13 pontos.
- Questões:
 - 1. Em 1Cor 11,2-16, Paulo comenta costumes de sua época, dizendo que os homens, nas reuniões da comunidade, devem ter sempre a cabeça descoberta e a mulher deve sempre usar um véu para cobrir sua cabeça. Diante disso, entendemos que:
 - A. Um homem usar boné ou chapéu dentro da igreja é pecado, pois está escrito na Bíblia Sagrada que um homem não deve cobrir sua cabeça.
 - B. O uso do véu, pelas mulheres, é fundamental para que elas sejam salvas; isso vale em todos os tempos e para todos os povos, pois a Bíblia é para o mundo inteiro.

- C. No tempo de Paulo, havia o costume de as mulheres usarem um véu, na igreja; ao passo que os homens não costumavam cobrir a cabeça; isso não significa que devamos adotar os mesmo costumes para a nossa salvação.
- 2. No mesmo texto, Paulo diz que os homens devem usar cabelos curtos e as mulheres, cabelos compridos. Diante disso, entendemos que:
 - A. Para a nossa salvação, o tamanho dos cabelos influencia muito.
 - B. Já no tempo de Paulo, havia muito preconceito contra a mulher, pois ela não podia cortar os cabelos.
 - C. No tempo de Paulo, o costume era os homens cortarem os cabelos e as mulheres deixarem os cabelos longos.
- 3. Em Mt 18,7-9, está escrito que se o nosso pé ou nossa mão ou nosso olho nos levarem ao pecado, que sejam então arrancados, pois é melhor entrar no céu sem mão ou sem pé ou sem olho do que perder a salvação com o corpo inteiro. Diante disso, entendemos que:
 - A. A Bíblia incentiva a automutilação como forma de santificação para se evitar o pecado e ser salvo.
 - B. A mão, o pé e o olho são os principais responsáveis pelos nossos maiores pecados; por isso, melhor nem ter esses membros;
 - C. Devemos evitar o pecado, com todo o nosso empenho, não deixando que nosso corpo mãos, pés, olhos etc. sejam usados para fazer o mal.
- 4. Em Mc 9,42 está escrito que se alguém for motivo de escândalo para os mais pequeninos, seria melhor amarrar uma pedra ao pescoço e se lançar ao mar. Diante disso, entendemos que:
- A. Devemos nos esforçar muito para não ser motivo de escândalo para os outros, pois nossas ações não devem prejudicar as outras pessoas.
- B. É melhor cometer suicídio, lançando-se ao mar com uma pedra amarrada ao pescoço, do que cometer algum pecado que possa prejudicar as outras pessoas.
- C. A Bíblia é contra a pena de morte, a não ser quando uma pessoa possa cometer algum escândalo; nesse caso, a Bíblia apoia a pena de morte, desde que a pessoa seja lançada ao mar com uma pedra amarrada no pescoço.
- 5. Em Mt 18,21-22 está escrito que a gente deve perdoar não apenas sete vezes mas setenta vezes sete. Diante disso, entendemos que:
- A. Devemos perdoar as pessoas exatamente 490 vezes, pois setenta vezes sete dá exatamente esse resultado.
- B. Devemos nos perdoar uns aos outros sem ficar contando o número de vezes, pois o perdão é sempre muito importante e não tem limites.

- C. O perdão é bom, mas tudo tem limite. Se exagerar, a gente não tem mais a obrigação de perdoar.
- 6. Em Rm 13,1-5 Paulo escreve que as pessoas devem ser submissas às autoridades porque toda autoridade vem de Deus e todas as pessoas que exercem cargos importantes foram colocadas nesses cargos por Deus. Diante disso, entendemos que:
- A. De fato, é Deus quem escolhe as autoridades que ocupam cargos importantes em todos os países; por isso, as autoridades nunca devem ser contestadas.
- B. No tempo de Paulo, em pleno império romano, era melhor não desafiar as autoridades, porque havia o risco de perseguição, especialmente aos cristãos, que não contavam com a simpatia do imperador romano.
- C. Paulo se engana profundamente ao dizer que as autoridades devem ser respeitadas porque ele era um homem tão sem consciência política que pensava que era Deus quem escolhia as autoridades.
- 7. Em 1Cor 6,9-10 Paulo faz um desabafo dizendo que nem os impuros, nem os idólatras, nem os adúlteros e outros tipos de pecadores hão de possuir o Reino de Deus. Mas em Mt 7,1 se pede para não julgar os outros. E em Mt 21,31-32, Jesus diz que os pecadores publicanos e prostitutas vão chegar primeiro que muitos no Reino de Deus. Diante disso, concluímos que:
- A. Paulo não entendeu o ensinamento de Cristo sobre o perdão e a misericórdia com que devem ser tratados os pecadores. Ele ensina coisas diferentes do que Jesus ensinou.
- B. Paulo comete um sério pecado ao julgar os outros, dizendo que eles não vão participar do Reino de Deus.
- C. De modos diferentes, Paulo e Jesus incentivam a conversão dos pecadores: Jesus elogia os que se convertem com mais facilidade e abandonam certas ações para fazer parte do Reino de Deus; Paulo censura aqueles que querem participar do Reino de Deus sem deixar suas más ações.
- 8. O Salmo 58/57,11 afirma que o justo se alegrará ao ver a vingança e lavará seus pés no sangue dos maus. Mas em Lc 6,27 se diz que é preciso amar os nossos inimigos e fazer o bem até a quem nos odeia. Diante disse, concluímos que:
- A. A Bíblia é um livro estranho que entra em contradições. Um texto manda se vingar, outro manda amar os inimigos. Isso é falta de coerência.
- B. A Bíblia reúne textos de diversas épocas e estilos, que refletem os sentimentos de autores diversos em momentos diversos. Por isso, devemos usar o bom senso para interpretar os textos.

- C. Tanto faz a gente se vingar dos inimigos ou tratá-los com amor, porque as duas coisas estão presentes na Bíblia.
- 9. Em Lv 11,1-8 se diz que não se deve comer carne de porco, por ser este um animal impuro. Diante disso, concluímos que:
- A. Estamos diante de um costume judaico; para os judeus comer carne de porco parecia algo impuro. Costumes mudam com o tempo.
- B. Estamos diante de uma verdade de fé. Essa é uma revelação divina e quem come carne de porco jamais será salvo.
- C. Estamos diante de uma medida sanitária. Já que o porco é muito sujo, sua carne faz mal à saúde.
- 10. Em Ef 5,22 se diz que as mulheres devem ser submissas aos seus maridos, como são submissas ao Senhor. Diante disse, concluímos que:
- A. É vontade de Deus que as mulheres sejam submissas, porque a mulher é inferior ao homem.
- B. É costume daquela época que as mulheres fossem submissas, porque a sociedade daquele tempo ainda não tinha compreendido a igualdade de direitos entre homem e mulher.
- C. É um erro histórico de Paulo sugerir que as mulheres fossem submissas, e isso revela que ele mesmo era muito machista.
- 11. Em 1Cor 14,34 se diz que as mulheres devem permanecer caladas nas assembléias. A elas não é permitido falar. Diante disso, concluímos que:
- A. A Bíblia persegue mesmo as mulheres, negando a elas até o direito de se expressar nas assembleias.
- B. É errado que hoje em dia as mulheres falem tanto nas igrejas; elas deveriam ser mais discretas e falar menos.
- C. Felizmente, este costume antigo já foi superado e, hoje, em nossas igrejas, as mulheres ocupam lugar de destaque e falam com toda sabedoria.
- 12. A Bíblia fala no livro do Gênesis (Gn 1,1–2,4) que Deus criou o mundo em sete dias. Mas a ciência afirma que o mundo até hoje está em constante evolução e não está ainda totalmente pronto. Diante disso, concluímos que:
- A. A fé e a ciência sempre dizem coisas contrárias, mas a Igreja entende que a ciência está errada e a Bíblia está certa. Para a Igreja, o mundo está todo pronto e foi mesmo feito em sete dias.
- B. A fé e a ciência se completam, cada uma com seu objetivo próprio. E a Igreja concorda que o mundo está em constante evolução. Para a Igreja, o texto do Gênesis é uma poesia sobre a criação e não um artigo científico.

- C. A fé e a ciência não têm nada em comum. Por isso, os cientistas são todos ateus. O verdadeiro conhecimento vem da Bíblia e a ciência é um conhecimento que não vem de Deus.
- 13. Quando a Bíblia diz que o sol parou sobre Gabaon (Js 10,12-15), devemos entender que:
- A. Realmente, Deus tem o poder de fazer até o sol parar. Ele fez isso para ajudar o povo que estava lutando e teria maiores dificuldades se a noite viesse.
- B. Realmente, a Bíblia é um livro fascinante, pois os autores usam até um estilo poético para expressar seus sentimentos. O povo teve a impressão de que aquele foi um "longo dia de luta", abençoado por Deus.
- C. Realmente, a Bíblia é um livro confuso que afirma coisas absurdas como essa idéia de o sol parar. Os ateus têm razão quando afirmam que não podemos confiar na Bíblia.

	A	В	C
1			X X X
2			X
3			X
4	X		
5		X	
6		X	
1 2 3 4 5 6 7 8			X
8		X	
9	X		
10		X	
11			X
12		X	
13		X	

Quando a turma terminar a atividade, corrigir e ver quem fez mais pontos. É importante aproveitar para ver quem errou e explicar qual seria a resposta certa e por que razão.

Conclusão

Para nós, a Bíblia é um livro ou conjunto de livros muito importante. Livros inspirados por meio dos quais Deus nos fala, mas são apenas livros. Contém relatos da vida de um povo que viveu sua fé de modo dedicado. Povo que fez sua experiência de fé, acolhendo a revelação do Deus Uno, e que deixou

para nós, como uma herança, essa experiência. Nossa Igreja se esforça o máximo para perceber qual é realmente a mensagem de Deus transmitida por esses escritos. Há pessoas que estudam a fundo a Bíblia Sagrada, para nos ajudar a entendê-la melhor. É preciso ter cuidado para não interpretar de qualquer jeito a experiência de fé do povo da Bíblia. Por isso, lemos a Bíblia *com a* Igreja e *como* Igreja, sempre atentos à Tradição, ao Magistério e ao bom senso.

4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Silenciar a turma para rezar.
- Motivar: Nossa vida é dom de Deus. A beleza desse mistério está presente nos relatos da Bíblia Sagrada, porque aquele povo já experimentava como a vida é dom sagrado. O mesmo Deus que se deixou conhecer pelo povo do qual a Bíblia fala continua a nos chamar, a nos escolher, a nos amar e a se revelar a nós, para nos mostrar como nossa vida é bela. Pensando nisso, vamos cantar.
- Cantar a música número 5.
- Convidar para dar as mãos e rezar o Pai-Nosso.
- Encerrar à vontade.

Dicas para o catequista

- Para maior aprofundamento sobre a leitura da Bíblia, sugerimos ao catequista que conheça o Estudo da CNBB nº 86 Crescer na Leitura da Bíblia. Lá o catequista achará muitas outras orientações sobre como nossa Igreja lê e entende a Bíblia Sagrada.
- Sobre a circuncisão, trata-se de um costume judaico antigo, presente ainda em algumas culturas. Consiste em cortar a membrana que reveste o órgão sexual masculino em sua extremidade, deixando descoberta sua cabeça ou glande. Esse costume marcava a pertença a um povo, no caso da Bíblia, ao povo de Deus, descendente de Abraão. Se as crianças perguntarem, o catequista pode explicar isso sem receios nem escrúpulos.
- Lembramos ao catequista que o nosso jeito católico de ler a Bíblia é muito diferente do modo como as Igrejas Evangélicas a lêem, principalmente as Igrejas neopentecostais, que em geral tendem a tomar os textos ao pé da letra, dando a eles um valor absoluto e sem levar em conta o contexto e os costumes. Com todo o respeito às diferentes Igrejas, queremos ressaltar a importância de ensinar na catequese o jeito coerente de ler a Bíblia, como um livro que precisa ser interpretado com cuidado e perícia, para não tirarmos dele conclusões precipitadas.
- Lembramos ainda que as Bíblias evangélicas têm, em geral, sete livros

a menos que as Bíblias católicas. São eles: 1 e 2 Macabeus, Judite, Tobias, Eclesiástico, Sabedoria, Baruc. Esses livros são conhecidos como deuterocanônicos e, a princípio, foram rejeitados na lista de livros sagrados dos judeus. Mas a Igreja Católica aceita esses livros, embora os protestantes os considerem apócrifos. As diferenças entre Bíblica Católica e Protestante se limitam basicamente ao Antigo Testamento. Só para lembrar, a Bíblia Hebraica não comportava estes sete livros acima citados. Por volta de 250 aC, foi feita a tradução grega da Bíblia, que chamamos de Septuaginta, em Alexandria, no Egito. Essa tradução grega incluiu os sete livros acima. Porém, esta versão mais ampla da Bíblia nem sempre foi aceita por todos os grupos judaicos. Os cristãos, desde o começo, adotaram o cânon, ou seja, a lista de livros, da Bíblia grega. Mais tarde, os reformadores protestantes, ao traduzir a Bíblia Sagrada para outras línguas, tomaram como base a Bíblia hebraica, com o cânon restrito. Daí a diferença entre a Bíblia católica e protestante.



2º Encontro COMO ENTENDEMOS A COMUNHÃO DOS SANTOS

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Receber a turma com bastante alegria. Cantar músicas animadas.
- Convidar a turma para rezar. Silenciar o grupo. Fazer o Sinal da Cruz.
- Cantar a música número 7. O catequista vai silenciando a turma e ajudando-a a rezar. Ele convida cada um a colocar a mão no coração e a fechar os olhos, a pensar só em Jesus e no amor que ele tem por todos e cada um. Depois, terminada a música, o catequista motiva cada um a fazer uma prece de confiança em Jesus. Cada um poderá dizer que ama a Deus, confia e acredita em Jesus, que aceita seu amor e retribui esse amor maravilhoso, que entrega sua vida nas mãos dele, pois sabe que ele é bom, etc.
- Depois que alguns fizerem suas preces, o catequista convida a turma a rezar, dizendo: Jesus, eu confio no Senhor. Eu te entrego a minha vida. Quero ser sempre seu seguidor e viver sempre em comunhão com o Senhor. Quero que nossa amizade e amor cresçam cada vez mais. Obrigado por seu amor, Jesus! Amém!

2. O QUE A BÍBLIA DIZ Motivação

No encontro passado, vimos como nossa Igreja lida com a Bíblia Sagrada. Outro tema importante, que vamos ver no encontro de hoje, é como nossa Igreja entende a devoção aos santos. Quando rezamos nossa profissão de fé, dizemos "creio na comunhão dos santos". Vamos entender o que isso significa? Quem são os santos? Como podemos dizer que estão em comunhão com a gente?

Texto: Ap 7,9-17

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

Partilha

- O autor do livro do Apocalipse relata uma de suas visões. Uma visão é um jeito de contar uma experiência de fé por meio de figuras e símbolos. É como um sonho vibrante e cheio de detalhes que a gente vai decifrando ao longo do dia. O que ele diz ter visto?
- Onde estava esta multidão de pessoas que ninguém podia contar?
- O Cordeiro representa quem? Faz lembrar o quê?
- Um dos anciãos explicou quem era todo aquele povo. O que ele explicou?

Aprofundamento

- Vamos entender melhor o sentido desse texto, que, a primeira vista, pode parecer complicado.

Sugerimos o álbum seriado abaixo com as respectivas explicações:

- 1º)

Multidão

- Em pé diante do trono e do Cordeiro
- De vestes brancas
- De palmas na mão
- Esse texto narra uma espécie de visão do autor do Apocalipse. Visão aqui não é algo que ele viu, mas que ele experimentou. Portanto, é mais uma experiência de fé, que é contada com riqueza de imagens e comparações bonitas, para nos dizer algo sobre Deus.
- O autor fala, inicialmente, de uma multidão que está em pé, de vestes brancas e palmas na mão, diante do trono e do Cordeiro. Que significa isso? O trono é o lugar em que Deus está em sua glória. O autor nunca viu como é o lugar onde Deus está. Então imagina que seja como um trono de um rei; mas, como Deus é um rei diferente dos reis da Terra, ele pensa num trono glorioso. Estar diante do trono significa estar diante de Deus, na sua presença maravilhosa. O Cordeiro é Jesus ressuscitado, que depois de

morto na cruz vence a morte. E ainda temos uma multidão que está no céu diante de Deus e de Jesus. E essa multidão está de pé, isto é, numa posição de dignidade, de honra, como quem participa da mesma glória de Deus. Portanto, estamos falando de pessoas glorificadas no céu, isto é, que participam, no céu, da amizade com Deus.

- O autor acrescenta que essa multidão está de vestes brancas. A veste branca é o símbolo da fidelidade da pessoa que não se corrompeu, que não se perdeu, que manteve seus princípios e sua fé durante toda a vida. Portanto, temos aí um povo inteiro que está no céu na mais completa comunhão com Deus, desfrutando de sua companhia amiga. A cor branca representa a santidade, a vida nova do batismo que não foi corrompida pelas ilusões e pelas fraquezas humanas, a ausência de marcas de pecado e de sofrimento. É um povo santo e feliz na glória de Deus.
- O autor diz ainda que a multidão está de palmas na mão. As palmas são símbolo da vitória, entregue aos campeões de competições e aos reis, depois de batalhas. Portanto, trata-se de um povo que enfrentou uma batalha e saiu vitorioso. E comemora essa vitória feliz junto de Deus.

Quem são

- Os que vêm da grande tribulação
- Os que lavaram suas vestes no sangue do Cordeiro
- O autor do Apocalipse continua sua visão questionando quem são todas essas pessoas vitoriosas diante de Deus. E responde com duas considerações importantes:
- 1^a) São os que vêm da grande tribulação. Essa grande tribulação representa a vida nesse mundo. O cristão enfrenta,

nesse mundo, muitas tribulações, que são os conflitos e dificuldades da pessoa que se esforça para ser fiel a Jesus. Nem sempre é fácil ser fiel. A grande tribulação é todo o conjunto de pelejas e sacrifícios pelos quais o cristão passa na vida. Então, a multidão gloriosa no céu é formada pelo povo que enfrentou com sucesso a grande tarefa de viver a vida na fidelidade a Deus.

- 2ª) São os que lavaram suas vestes no sangue do Cordeiro. O Cordeiro, como já vimos, é Jesus. O sangue representa o sacrifício, a morte. A expressão "Sangue do Cordeiro" faz lembrar todo o sacrifício de Cristo, ou seja, tudo o que ele enfrentou em sua vida na terra. Ora, a multidão está de vestes brancas, tão brancas que nos levam a perguntar: Como conseguiram isso? O autor responde: Essas pessoas lavaram suas vestes no sangue do Cordeiro. Elas alcançaram tamanha santidade unindo suas vidas ao sacrifí-

- 2º)

cio de Cristo, unindo-se a Jesus por completo, isto é, sendo cristãos sem reservas, até no sofrimento.

- Em suma, a multidão dos santos que está diante de Deus é um povo que vem deste mundo e que viveu com intensidade a sua fé cristã. Os santos são pessoas que passaram por este mundo a grande tribulação vivendo com firmeza sua fé cristã.
- 3<u>0</u>)

Como vivem

- Já não terão fome, nem sede, nem sentirão calor
- O Cordeiro os levará às fontes de águas vivas
- Deus enxugará toda lágrima de seus olhos

- O autor do Apocalipse, depois de falar quem são os santos, passa a mostrar como eles vivem no céu. E usa imagens bonitas para dizer que eles estão na glória, na mais completa felicidade, livres de todo sofrimento, plenamente consolados e confortados junto de Deus. Não sofrem mais nem pela fome, nem pela sede, nem pelo calor; são saciados pelo próprio Je-

sus nas "fontes de águas vivas". Essas fontes significam aqui aquela situação junto de Deus em que se encontram o consolo e o remédio para todo o mal, para todo o sofrimento, até porque "o próprio Deus enxugará toda lágrima de seus olhos", ou seja, o próprio Deus cuidará de confortar e dar aos seus santos a plena felicidade junto dele.

- 4°)

Comunhão dos Santos

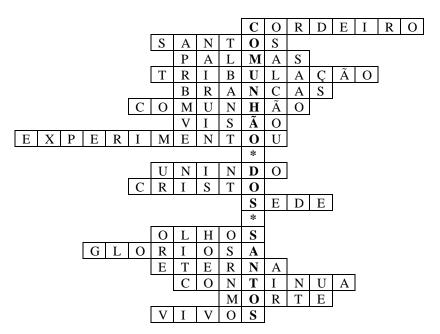
- Igreja peregrina
- Igreja gloriosa
- Nas primeiras comunidades, os cristãos eram chamados de santos. Paulo endereça várias de suas cartas aos *santos* que moram em Éfeso (Ef 1,1); aos *santos* que estão em Filipos (Fl 1,1); aos irmãos em Cristo, *santos* e fiéis que moram em Colossas (Col 1,2). Ele está se referindo às pessoas de fé que, por se comprometerem com Jesus, participam da santidade do Filho de Deus. Esses santos e fiéis, em suas comunidades, trabalhando e vivendo na fé, são o que hoje chamamos de Igreja peregrina, ou seja, o povo de Deus, comprometido com Cristo, que, enquanto peregrina ou caminha por este mundo, já participa da santidade de Cristo. No começo da Igreja, os cristãos eram chamados de santos ainda em vida.

- Essa terminologia caiu, de certa forma, em desuso. Ao longo do tempo, com o distanciamento do contexto bíblico, a palavra santos ganhou outra conotação: o sentido de não ter pecados. Como todos nós vivemos nossa santidade, mas sempre em meio às fraquezas desse mundo, a Igreja, sem deixar de considerar os sinais de santidade que existem na vida das pessoas, passou a chamar de santos os que já estão na vida eterna, por estarem em comunhão mais plena com Deus e não mais sujeitos às fraquezas desse mundo.
- Outro ponto importante é a compreensão de que os mortos na verdade não estão mortos; eles vivem em Deus. A vida continua após a morte. Isso só ficou claro após a experiência do Cristo ressuscitado. Antes, no Antigo Testamento, se pensava que os mortos estivessem mesmo acabados ou dormindo em algum lugar. Vejamos o que diz um texto do AT: "Não são os mortos que louvam o Senhor, nem os que descem à região do silêncio. Mas nós, os vivos, bendizemos o Senhor, desde agora e para sempre" (Sl 115/113B,17-18). Depois que Cristo ressuscitou, os discípulos compreenderam que os mortos não estão "na região do silêncio", mas junto de Deus no céu. Eles formam a Igreja que já está na glória, ou seja, a Igreja gloriosa.
- Alguém poderia argumentar, dizendo que esses santos estão mortos. Mas nós diríamos que, em Cristo, a morte foi vencida. Depois de Cristo, entendemos que a morte não é o fim da vida, mas uma passagem para a eternidade. Os que morreram para este mundo estão vivos na glória de Deus.
- Entre eles no céu e nós aqui na terra, há uma comunhão de amor e de fidelidade, pois todos estamos unidos no mesmo Cristo. É a chamada comunhão dos santos. Os que já passaram pela grande tribulação e alcançaram a glória imortal se unem a nós que estamos ainda a caminho. O exemplo deles nos motiva. Então, a comunhão dos santos é essa amizade que rompe as barreiras da morte, do tempo e do espaço. É um laço forte e perene que se dá entre todos os que estão em Cristo. É uma experiência de solidariedade e amor, de compromisso uns com os outros, porque fazemos parte da mesma videira que é Jesus. Como os ramos de uma videira são solidários e unidos entre si, assim são todos que estão em Cristo: vivos e mortos, não importa. A ação de Jesus ultrapassa a morte!
- Os santos fazem parte de nossa Igreja. Não estão mais nesse mundo, junto de nós, mas estão vivos na glória de Deus. Nós nesse mundo formamos a Igreja peregrina ou seja, os que ainda estão em missão nessa vida. Os santos no céu formam a Igreja gloriosa, na eternidade. Um dia também nós vamos deixar de ser Igreja peregrina e passaremos a ser Igreja gloriosa. Engrossaremos o grupo dos que estão de pé diante do cordeiro, com palmas nas mãos e vestes brancas. Vai ser uma festa!

3. ATIVIDADE

Sugestão

Vamos fazer uma palavra cruzada? Repartir com a turma questões que devem ser preenchidas, de acordo com o texto bíblico e com o que refletimos, colocando palavras que caibam no diagrama seguinte.



-	Que	stões:
	1.	A multidão no céu estava diante do trono do
	2.	Os cristãos, no começo do cristianismo, eram chamados também
		de
	3.	Os que estavam diante do Cordeiro traziam na
		mão.
	4.	Estes que estavam na glória, diante do Cordeiro, são os que vieram
		da grande
	5.	Diante de Deus, eles usavam vestes
		Entre nós aqui na terra e os que já estão no céu, existe uma frater-
		nidade indestrutível, que chamamos de dos san-
		tos.
	7.	Esse texto bíblico narra uma espécie de do autor do
		apocalipse.
	8.	Visão aqui não significa exatamente algo que o autor enxergou,

com os próprios olhos, mas que ele _____ pela fé.

Os que estão na glória lavaram suas roupas no sangue do Cordei-
ro, isto é, eles se santificaram suas vidas à
vida de Cristo.
O Cordeiro representa Jesus ressuscitado.
Para falar da felicidade dos que estão na glória, o autor diz que
eles não sentem mais fome, nem, nem calor.
Para mostrar como Deus conforta quem está diante dele, o autor
do Apocalipse afirma que Deus enxugará toda lágrima de seus
O povo de Deus que caminha nesse mundo forma a Igreja peregri-
na; os que já estão na glória eterna formam a Igreja
·
A Igreja com o tempo passou a chamar de santos somente os que
estão na vida
Quem morreu para este mundo está vivo na glória de Deus, porque
a vida depois da morte.
Em Cristo, afoi vencida.
Os santos, no céu, fazem parte de nossa Igreja. Não estão mais
nesse mundo, mas estão na glória de Deus.

- Terminando a atividade, corrigir as questões. Aproveitar para frisar os ensinamentos e retirar alguma dúvida que tenha ficado.

Conclusão

Hoje estamos entendendo que nossa Igreja é formada pelos santos que caminham ainda nesta vida e pelos santos que já estão na glória junto de Deus. Todos já participam, de algum modo, da santidade de Cristo. Nós, que ainda estamos no mundo, estamos sujeitos às fraquezas desse mundo. Os que já estão em Deus já se libertaram disso. Entre nós há uma comunhão, ou seja, uma fraternidade indestrutível. Pensando na vida dos que já estão em Deus, nós nos sentimos motivados a seguir pelo mesmo caminho de Cristo que os levou à glória. E cremos que eles torcem e rezam por nós, para que nós sejamos perseverantes nesse caminho cristão até chegarmos também à glória. Nossa devoção aos santos parte deste princípio, que chamamos de *comunhão dos santos*.

4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Convidar a turma para rezar. Dar as mãos e rezar juntos o Pai-Nosso.
- Depois, lembrar que Maria, a mãe de Jesus, faz comunhão de fé conosco. Rezar a Ave-Maria.

- Cantar. Que tal a música 5, lembrando que a vida é dom de Deus.
- Motivar a turma para o próximo encontro.
- Encerrar à vontade.

Dicas para o catequista

- Convém lembrar que algumas religiões cristãs especialmente algumas evangélicas não creem na comunhão dos santos, porque pregam que os mortos ainda não estão na glória de Deus. Essas religiões pensam que os mortos estão habitando uma região chamada de "região dos mortos" ou "mansão dos mortos", onde eles estão como que "dormindo" e não têm conhecimento de nada. Eles iriam ressuscitar e ir para a glória de Deus apenas no fim do mundo, quando haveria então a ressurreição de toda a humanidade.
- Esse pensamento encontra fundamentação em alguns textos do Antigo Testamento, e até do Novo, interpretados isoladamente. O Sl 115/113B,17-18 afirma: "Não são os mortos que louvam o Senhor, nem os que descem à região do silêncio. Mas nós, os vivos, bendizemos ao Senhor desde agora e para sempre". Para o autor do salmo, quem morre desce a uma região de silêncio e fica ali incomunicável. Só nessa vida se louva ao Senhor. Esse pensamento é recorrente no Antigo Testamento. No Novo Testamento, inspirado pela experiência da ressurreição de Cristo, já se pensa que os mortos haverão de ressuscitar na chamada "vinda de Cristo". Assim pensa Paulo, em 1Ts 4,13-18. Vale lembrar que os primeiros cristãos imaginavam que essa vinda do Senhor se daria logo, logo. Paulo imagina que muitos deles ainda estariam vivos, quando se daria a vinda do Senhor. Nesse dia, os mortos ressuscitariam primeiro e depois os vivos seriam arrebatados ao céu. Isso tudo, quando for dado um sinal com uma trombeta, tocada por um anjo. Paulo compõe uma verdadeira liturgia para esse dia, rica em detalhes. Mas o tempo passou e a vinda do Senhor não aconteceu.
- A teologia evoluiu e hoje nós católicos entendemos que não faz nenhum sentido as pessoas morrerem e ficarem "dormindo" por séculos sem fim, aguardando um fim dos tempos sem previsão. No Evangelho de Lucas, Jesus diz a um ladrão arrependido: "Hoje mesmo estarás comigo no paraíso" (Lc 23,43). Vale lembrar ainda o belo texto de Ap 14,1-5, dentre outros, que fala de uma multidão no céu glorificando a Deus. Estes não estão dormindo, mas de pé diante do trono do Cordeiro. Por isso, nossa Igreja ensina que os mortos estão, na verdade, vivos em Deus.



3º Encontro O SENTIDO DA VENERAÇÃO AOS SANTOS

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Receber a turma com bastante disposição.
- Fazer momento de animação, cantando.
- Concentrar a turma para rezar. Fazer o Sinal da Cruz.
- Motivar: Mais uma vez nos encontramos em nome de Deus, em sua presença. Nós somos povo de Deus e o povo de Deus precisa ser um povo santo. A Igreja existe para nos ajudar a ser mais santos. Ser mais santo é ser melhor: mais reto, mais fiel, mais realizado, mais humano, mais gente. Pouco a pouco, vamos tomando consciência de que somos fracos. Mas somos chamados a buscar nosso próprio crescimento, superando as fraquezas com a força de Deus.
- Cantar a música número 13, em clima de meditação.
- Convidar cada um a rezar pelo companheiro ao lado, pedindo a Deus que o fortaleça e o ajude a ser cada vez melhor e a viver cada vez mais na paz e no amor. Colocar a mão no ombro do companheiro e rezar repetindo com o catequista: Deus nosso Pai, o Senhor é nossa força. Venha, pois, fortalecer e santificar nossa vida. Tome conta, Senhor, de ca-

da um de nós e olhe com especial atenção este companheiro, para que ele sinta sua força e sua paz dando-lhe coragem por toda a vida. Que ele possa viver cada dia melhor, iluminado por sua presença. Amém!

2. O QUE A BÍBLIA DIZ Motivação

Falamos, no encontro anterior, sobre a comunhão dos santos. Mostramos que a Igreja crê na vida eterna. Os que já se foram desse mundo estão vivos junto de Deus. E, por isso mesmo, a Igreja nos convida a fazer memória deles, ou seja, manter laços de amor com eles, lembrando o bem que fizeram, a vida de fé que levaram. É a veneração aos santos. Vamos entender melhor, ouvindo um texto da Bíblia que nos incentiva a não esquecer os nossos antepassados.

Texto: Eclo 44,1-15

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

Partilha

- Por que devemos, segundo o texto lido, nos lembrar dos nossos antepassados?
- O que isso nos ensina com relação à veneração aos santos?

Aprofundamento

- O livro do Eclesiástico faz um convite importante: devemos nos lembrar sempre dos nossos antepassados, daqueles que tiveram uma vida digna, fizeram coisas bonitas, dignas de admiração. Devemos proclamar a sabedoria deles e celebrar o seu louvor.
- Esse texto ajuda a entender o sentido da veneração que prestamos aos santos de nossa Igreja. Os santos são nossos antepassados. Eles viveram antes de nós e fizeram coisas grandiosas, dignas de admiração. Eles terminaram sua passagem nesse mundo, deixando belos exemplos e, agora, estão junto de Deus, na vida eterna. Eles ajudam a compor a história de nossa Igreja.
- A fé que temos hoje não foi inventada por nós; foi herdada dos nossos antepassados. Jesus conviveu com os apóstolos, suas primeiras testemunhas. Eles passaram adiante a experiência de fé que fizeram no seguimento de Jesus. Essa experiência chegou até nós cruzando o tempo, porque foi assumida e vivida pelos nossos antepassados. Então, nossa Igreja tem uma história. E essa história está repleta de pessoas que se destacaram no seguimento de Cristo. E a vida dessas pessoas é um

exemplo para nós. A veneração aos santos é uma forma de valorizar a história de nossa Igreja, tratando com honra e dignidade as pessoas que se dedicaram ao seguimento de Cristo, fazendo com que a fé chegasse até nós.

- Quando nos lembramos desses nossos ilustres antepassados, devemos ter em mente que eles fizeram a parte que lhes cabia, cumpriram sua missão. Hoje, cabe a nós viver bem a fé e deixar um bom testemunho de vida para os que virão depois de nós. Um dia, nós seremos os antepassados das próximas gerações. E assim a experiência de fé vai ultrapassando gerações e seguindo adiante.
- Nem todos os antepassados são assim tão santos. O texto que lemos lembra isso. Algumas pessoas passam pela vida e não deixam nada de bom. Outros deixam exemplos marcantes. Esses são os antepassados que honramos com nossa veneração.
- Nossa Igreja tem o costume de analisar cuidadosamente a vida de algumas pessoas que se destacaram por uma especial vivência da fé e declarar que essas pessoas podem e devem ser consideradas santas. Essas pessoas são canonizadas, isto é, são declaradas santas de acordo com as normas (ou cânones) da Igreja.
- Quem foi Santo Antônio, São Agostinho, São Francisco de Assis e outros? Foram católicos de grandes virtudes, pessoas que se destacaram no seguimento de Cristo. Por isso, analisando a vida deles, a Igreja os declarou santos.
- Interessante notar que costumamos chamar de santos os que viveram depois de Cristo ou foram contemporâneos dele, pois entendemos que a santidade é uma referência a Cristo. E os que viveram antes de Cristo? Também são nobres antepassados, dignos de toda consideração. Mas a Igreja não os chama de santos. Não porque não o sejam, mas porque, como viveram antes de Jesus, suas vidas dizem sobre o caminho da fé, mas não sobre o seguimento de Jesus Cristo. E o desejo da Igreja é nos mostrar, pela vida dos santos, como é possível seguir a Cristo.
- Aqui está o lado pedagógico da veneração aos santos. Nós não seguimos os santos. Seguimos Jesus que é caminho, verdade e vida. Mas não estamos sozinhos no seguimento de Cristo. Antes de nós, muitos o seguiram. E o exemplo dessas pessoas mostra que é possível e bom seguir Jesus. Os santos são companheiros de caminhada. Viveram antes de nós e, por isso, servem de exemplo para nós.
- Em um mundo marcado por fraquezas, muitos se perguntam se é possível ser santo, seguir de fato o caminho de Jesus. Será que os ensina-

mentos de Jesus não são uma utopia, um caminho impossível de trilhar? Será que é possível ser santo? A Igreja mostra que sim, apresentando o exemplo concreto da vida de tantas pessoas que cultivaram a santidade. A Igreja nos incentiva a olhar para a vida dos santos, a perceber a dedicação deles a Jesus e a imitar seus exemplos de vida. Isso nos aproxima mais ainda de Jesus.

- Convém lembrar que tomar os santos como modelo não quer dizer que devamos fazer as mesmas coisas que eles fizeram, como um imitador que repete o que o outro faz ou diz. Os tempos mudam. Gestos que séculos atrás foram interpretados como sinal de fé, hoje poderiam soar como ações sem sentido. Dizem que São Francisco brigou com seu pai, que não queria que ele seguisse a vida religiosa, e saiu de casa, deixando com o seu pai até a roupa do corpo. Isso na época foi entendido como um grande desejo de servir a Cristo, mesmo contra a vontade do seu pai. Hoje, ninguém precisa sair pelado por aí só porque admira São Francisco de Assis. Devemos dar nosso testemunho de acordo com o nosso tempo. O que seria hoje um gesto grandioso que expressa o nosso desejo de servir a Cristo, mesmo contra a vontade dos outros? Assim, o que admiramos nos santos é o grande desejo de viver em Cristo. E cada época vai exigir de nós atitudes de fé e coragem. Devemos, porém, tomar cuidado para que a nossa veneração aos santos não ganhe outro sentido e fique parecendo que a gente admira os santos não por seu seguimento exemplar a Jesus, mas porque eles teriam certos privilégios diante de Deus no céu, ou seja, porque eles podem nos fazer favores e alcançar graças especiais.
- Nosso povo, até por falta de conhecer melhor a religião, acaba fazendo certas coisas de sentido duvidoso ou mantém certas práticas sem conhecer seu sentido. Vamos, então, dar uma olhada em certos costumes populares, para compreendermos melhor certas confusões que o povo faz. E vamos evitar confundir as coisas.

Sugerimos ao catequista expor o painel seguinte e ir comentando passo a passo, dialogando com a turma e esclarecendo o assunto. Logo após o painel, colocamos algumas explicações, para ajudar.

A VENERAÇÃO AOS SANTOS		
Confusões que o povo faz:	Pensa-se que	Mas

	T	
1. Rezar para os santos.	O santo é que nos atende.	Deus é que é o autor de todo bem e não os santos.
2. Pedir graças.	Devemos pedir graças especiais aos santos: um emprego, uma cura, um milagre, etc.	A verdadeira graça não é o que pedimos (o milagre, a cura, o emprego), mas a comunhão com Deus.
3. Agradecer.	Deve-se agradecer ao santo porque ele inter- cedeu por nós e nos al- cançou graças.	Se Deus é o autor de todo bem, é a ele que nós de- vemos agradecer.
4. Acender vela.	Enquanto a vela está acesa, o santo está intercedendo por nós.	Acende-se a vela para lembrar que devemos iluminar o mundo, como os santos fizeram.
5. Promessas.	O santo atende, interessado no que foi prometido.	Melhor não prometer na- da. Ser cristão é confiar em Deus e fazer nossa parte, sem negociar com Deus.
6. Novenas.	Se não for nove dias, não vale. O número é mais importante que a comunhão cultivada na oração.	O importante é a fé, a comunhão com Deus, e não o número de dias.
7. Procissões.	A procissão é uma ho- menagem ao santo.	A procissão representa a caminhada de fé com Jesus que os santos fizeram e que nós devemos fazer.
8. Esmola para o santo.	O santo se alegra com a doação em dinheiro.	Santos não precisam de dinheiro. É a Igreja que precisa de dinheiro para seguir evangelizando.
9. Possuir imagens.	A imagem garante a proteção dos santos.	A imagem não é um amu- leto que afasta o perigo.
10. Ser devoto.	É festejar o santo, fazer gestos em sua honra.	É conhecer a vida do santo e seguir o caminho de santidade que ele trilhou.

- Explicações:
- 1. Rezar para os santos: O povo tem o costume de rezar para os santos, pedindo a eles ajuda em alguma dificuldade. Muitos pensam que pedir aos santos é mais razoável que ir direto a Deus, pois eles são seres humanos como nós, capazes de se compadecerem de nossas fraquezas e sofrimentos. Mas, por traz dessa afirmação, há um equívoco: o de que Jesus, por ser Filho de Deus, não seria humano como nós. Ele é o Filho de Deus que se fez homem, totalmente homem. Ele sofreu como nós e por isso se compadece de nós. Sabe que não é fácil vencer as pelejas da vida e obedecer sempre a Deus. Por experimentar essa realidade humana tão plenamente, ele é o verdadeiro intercessor e mediador junto ao Pai. Bom, se é assim, e os santos? A Igreja ensina que os santos são pessoas que, em vida, sempre rezaram e fizeram o bem pelos outros. Estando agora junto de Deus, podemos imaginar que continuem a nos desejar o bem e a orar por nós. Ao rezar aos santos, lembramos a solidariedade que existe entre nós e eles e pedimos que se unam a nós em busca do bem que desejamos. Mas não podemos perder de vista que não são os santos que atendem as nossas preces. Deus é que nos atende. Ele – Deus e não os santos – é o autor de todo bem. O melhor meio de rezar é entregar nossa vida a Deus, por meio de Jesus, na força do Espírito. Assim, a oração nos coloca em comunhão com a Trindade Santa. Podemos nós também, e devemos, nos dirigir a Deus, nosso Pai do Céu, que nos conhece e nos ama. Podemos pedir que os santos também se dirijam a Deus conosco, e não em nosso lugar, como se nós não fôssemos dignos de nos dirigir a Deus. Assim, não rezamos apenas aos santos. Rezamos com os santos. Em comunhão com eles. Outro aspecto importante da oração aos santos é que ela nos ajuda a lembrar a vida e as qualidades deles. Nesse caso, nossa oração não seria para pedir nem mesmo a intercessão deles, mas para meditar sobre suas virtudes e nos deixar motivar pelo testemunho de fé desses nossos irmãos em Cristo. Quando rezamos assim, nos sentimos motivados a trilhar o caminho da perseverança e da fidelidade como fizeram os santos. Essa oração que nos leva a meditar sobre a vida dos santos, destacando suas virtudes, muito nos ajuda na caminhada de fé, porque lembra que também precisamos cultivar essas virtudes e não somente pedir favores a Deus.
- **2. Pedir graças**: Deus sabe de nossas necessidades. Ele é um pai atento às nossas necessidades. Reza-se, então, não para fazer Deus mudar de ideia, como se ele fosse um pai que ignora a história de seus filhos. Re-

- za-se para ficar em comunhão com ele, porque dessa comunhão emana a força para superar toda dificuldade. A verdadeira graça que se deve buscar não é um favor, nem a solução de um problema, mas a comunhão com Deus que ajuda a superar todos os problemas. E ainda que alguns não tenham solução, não se rezou em vão. A comunhão com Deus por meio da oração é uma graça sem conta. Nada se compara a ela. Nenhum momento de oração bem vivido é perda de tempo; nenhuma experiência religiosa verdadeira pode ser vã.
- 3. Agradecer: Na hora de agradecer, o povo costuma ficar perdido, sem saber a quem dirigir o agradecimento. Na missa, por exemplo, não é incomum rezar em ação de graças a Nossa Senhora, a São Judas, etc. Alguns pensam que se deve agradecer aos santos, porque eles é que alcançaram junto de Deus a graça pedida. No entanto, devemos agradecer a Deus, pois Deus é o Senhor de tudo e é ele quem nos socorre sempre. Os santos não têm poder. Deus é que tem. Ele é que é o autor de todo bem. E a Missa é ação de graças a Deus por Jesus Cristo na ação do Espírito. Não faz tanto sentido ação de graças a outro que não ao Pai, que ressuscitou Jesus dentre os mortos e na vida de Jesus acolhe nossa vida como oferta.
- **4. Acender vela:** O povo tem o costume de acender velas diante da imagem de um santo. E pensa que a vela é importante porque, enquanto ela estiver acesa, o santo estará lá no céu rezando pela pessoa. E, se a vela se apagasse, o santo deixaria de interceder por nós. Muita gente, pensando assim, vai acendendo uma vela atrás da outra. Na verdade, a vela tem outro sentido. Ela significa que nós devemos ser luz no mundo como os santos foram luz. Quem pensa em acender velas deveria fazê-lo só para lembrar isso. É como Jesus disse: "Vocês são a luz do mundo".
- 5. Promessas: Muita gente faz confusão com as promessas. Quando estão no aperto, ficam prometendo coisas e sacrifícios para os santos e para Deus, se eles atenderem a necessidade da pessoa. A pessoa pensa que assim o santo atende mais depressa, interessado naquilo que foi prometido. E dizem: "Ó São Benedito, se o Senhor me conseguir um emprego, eu vou à missa". Ora essa! Primeiro, não é o santo que arruma emprego para nós. Depois, o interesse de ir à missa é nosso e não do santo. Com ou sem emprego, é melhor ir à missa. Talvez não fosse bom fazer promessas. A gente pode confiar em Deus em todos os momentos, mesmo nos mais difíceis. Ele estará sempre pronto a fazer a parte dele. Mas nós devemos fazer a nossa, não esperando que as coisas caiam prontas do céu.
- 6. Novenas: A novena é uma oração que as pessoas fazem nove dias se-

- guidos. Mas o povo costuma pensar que o que vale é o número nove. Se faltar um dia, o santo já não atende. Ora, podemos rezar nove dias. Ou até mais. Ou até menos. O que conta não é o número exato de dias, mas a oportunidade de cultivar a comunhão com Deus por meio da oração.
- 7. Procissão: As procissões são um costume antigo na Igreja. Mas muita gente entra na fila sem saber o que está fazendo. Acham que só de seguir a procissão, já estão agradando a Deus. Gente que nunca participa de nada, quando tem uma procissão, vem correndo aumentar a fila. Pensa erradamente que a procissão é para homenagear o santo. Na verdade, porém, a procissão é uma caminhada para lembrar que nós caminhamos na estrada de Jesus, como os santos caminharam. Quando a gente sai pelas ruas carregando uma imagem, isso significa que, como os santos caminharam seguindo Jesus, nós também queremos percorrer o caminho de Cristo.
- 8. Esmola para o santo: Tem gente que põe dinheiro aos pés da imagem e diz: "É dinheiro para Santo Antônio". Ora, o santo não precisa de dinheiro. Quem precisa de dinheiro é a Igreja, para manter seus trabalhos. A Igreja espera que o povo contribua. O dinheiro do povo é usado para manter todos os trabalhos de evangelização e os gastos com manutenção e administração. Mas o santo mesmo não precisa de dinheiro, agora que está no céu.
- 9. Possuir imagens: Não faz mal possuir imagens. Mas tem gente que acha que, quanto mais imagens tiver, mais abençoado e protegido ficará. Na verdade, Deus não protege por causa das imagens. Elas não são amuletos que afastam mau-olhado. Não adianta espalhar imagens pela casa, pelo carro, etc. É preciso ter fé e seguir Jesus como fizeram os santos. Tem gente que coloca imagem de santo na casa, mas vive uma vida completamente diferente da que o santo viveu. Aí não tem graça. Melhor seria que a pessoa lesse um bom livro para conhecer melhor a vida do santo. Quem sabe ela se animaria a seguir seu exemplo de santidade?
- 10. Ser devoto: Muitos pensam que ser devoto de um santo é fazer novenas e promessas para ele, mandar celebrar missas em sua homenagem, fazer festas no seu dia, distribuir santinhos, enfeitar sua imagem, acender velas para ele, etc. Na verdade, ser devoto é conhecer a vida do santo, procurando praticar as virtudes que a gente admira nele. Sem isso, as outras práticas perdem o sentido.

4. ATIVIDADE

- Explicar: Estamos vendo que os santos são admirados por suas vidas: pela fé, pela coragem, pela fidelidade a Jesus, por suas qualidades humanas como a caridade, a bondade, etc. Essa é a verdadeira admiração que a gente pode ter. Mas há, a respeito de alguns santos, muitas lendas e narrações exageradas que viraram crendices no meio do povo. Nesse caso, as pessoas nem conhecem direito a vida do santo, mas alimentam crenças e superstições baseadas em episódios que nem sempre são verdadeiros. Vamos, então, dar uma olhada na vida de alguns santos populares, tentando estabelecer uma diferença entre a crença popular e o que realmente foi a vida do santo.
- Dividir a turma em doze grupos pequenos podem ser duplas ou grupos de três pessoas. Distribuir com os grupos os textos para reflexão. São doze textos, cada qual contendo breve resumo da vida de um santo popular e também a crença a seu respeito, seguida da origem dessa crença. Cada grupo deverá ler e comentar, para depois apresentar à turma o que realmente é admirável na vida do referido santo e qual é a seu respeito a crendice e sua origem.

Textos para o trabalho em grupo

1. Santo Antônio

- Resumo de sua vida: É conhecido como Santo Antônio de Pádua. Nasceu em Portugal, em 1195. Desde os quinze anos de idade, aplicou-se a estudar a Bíblia, com incansável dedicação. Foi também grande estudioso da Filosofia e das Ciências. Quando jovem, passou a admirar profundamente o zelo de missionários franciscanos que viajavam a terras distantes para evangelizar os povos. Entrou, então, na ordem religiosa dos franciscanos. Mais tarde, seus superiores perceberam seus extraordinários dons de pregador. Então, Antônio passou a viajar pela Itália, pela França e outros países para pregar a Palavra de Deus. Por causa de suas excelentes e tocantes pregações, ganhou intensa popularidade, conquistando a simpatia da multidão.
- Crença popular: É tido pelo povo como "santo casamenteiro", que ajuda as pessoas a conseguir bons casamentos.
- Origem da crença: Antônio, muito caridoso, teria aberto uma casa de assistência para acolher meninas carentes e abandonadas. De certo modo as adotava como filhas. Naquele tempo, quando a moça ia se casar, os pais pagavam um dote, quantia em dinheiro, ao noivo. Antônio, porém, mesmo não tendo dinheiro para pagar tantos dotes, conseguiu encontrar bons maridos para suas filhas adotivas, pois tinha boas relações e ótima argumen-

tação. A partir daí surgiu a crença popular de rezar para Santo Antônio a fim de obter bons casamentos.

2. São Sebastião

- Resumo de sua vida: Viveu na Itália, num tempo em que os cristãos eram duramente perseguidos pelos imperadores romanos. Sebastião veio de família fervorosa e sempre professou corajosamente a fé em Jesus. Quando jovem, fez-se soldado, seguindo carreira militar no exército. Era muito talentoso e dedicado, por isso tornou-se amigo do Imperador Diocleciano. Dizem que ele se valia de seu prestígio no exército para visitar e confortar os cristãos nas prisões. O Imperador, sabendo disso, quis que Sebastião abandonasse a fé. Como Sebastião mantivesse sua fé, o Imperador mandou matá-lo. Ele se tornou mais um dentre os muitos mártires cristãos dos primeiros séculos da Igreja.
- Crença popular: É tido pelo povo como protetor contra a peste, principalmente a peste dos campos e animais. Peste aqui significa qualquer epidemia ou surto de doença que às vezes surge nas fazendas, nas roças, entre o gado, etc. O povo, na falta de um conhecimento científico, chama isso de peste.
- Origem da crença: Por volta do ano 680, uma peste violenta atacava a região de Roma. Naquele tempo, com a medicina menos desenvolvida, era comum que as doenças se transformassem logo em epidemia. Justamente nesse ano de 680, os restos mortais de São Sebastião foram transportados solenemente para uma basílica construída por Constantino em sua homenagem. E consta que, coincidência ou não, depois que os restos mortais do santo foram para essa basílica, a peste desapareceu. Começou aí o costume popular de invocar a proteção de São Sebastião contra a peste.

3. São Judas Tadeu

- Resumo de sua vida: Foi um dos doze apóstolos de Jesus. Além disso, pouca coisa se sabe com segurança desse santo. Há uma pequenina carta, que faz parte da Bíblia, que foi dedicada a ele e está no finalzinho do Novo Testamento. Nessa carta, o autor que se intitula Judas faz uma firme advertência aos cristãos para que mantenham sua fé mesmo diante dos falsos mestres que pregavam doutrinas contrárias ao cristianismo. Ficou, então, de Judas, além de sua dedicação como Apóstolo, sua ampla preocupação com a retidão da fé.
- **Crença popular**: É tido pelo povo como padroeiro das causas desesperadoras, ou seja, como pessoa a quem se deve recorrer em situações extremas de desespero.
- Origem da crença: Há duas versões. Uma recorre a uma lenda que conta

que certa vez sacerdotes pagãos quiseram amedrontar Judas. Para isso, contrataram dois feiticeiros dando-lhes a incumbência de destruir o encanto do tão dedicado Apóstolo. Os feiticeiros enfeitiçaram cobras venenosas para que investissem contra Judas. O Apóstolo rezou a Deus e as cobras, em vez de atacá-lo, voltaram-se contra seus próprios domadores. Dessa forma, como dizem, o feitiço virou contra o feiticeiro. Apoiado nessa narrativa um tanto incerta, o povo pensa que São Judas fará o mal voltar ao lugar de onde veio. Outra versão diz que a qualidade de defensor nas causas desesperadoras veio do fato de que o nome Judas é evitado no mundo inteiro, por causa de Judas Iscariotes, aquele que traiu Jesus. Então, esse nome foi praticamente banido. Dificilmente alguém se chamará Judas. Para consolar o Santo pela desvantagem de seu nome, Deus lhe teria dado poder superior contra os piores malefícios. Tudo isso, enfim, são lendas.

4. Santa Bárbara

- Resumo de sua vida: Pouco se sabe da vida de Bárbara. Viveu no tempo das grandes perseguições do começo da Igreja, quando os cristãos eram perseguidos, torturados e mortos pelos Imperadores romanos. Seu pai foi uma figura desumana. Era um homem rico e cruel que mantinha a filha presa em casa. Além disso, era pagão. Bárbara, então, conheceu a fé cristã, converteu-se e fugiu de casa, devido à perseguição do pai. Mas foi perseguida, presa e condenada à morte sem, contudo, perder a determinação de ser cristã.
- Crença popular: É tida como santa protetora contra raios e trovões.
- Origem da Crença: Diz a crença popular que, no dia em que Bárbara foi executada, seu próprio pai a insultava e comemorava sua morte. Dizem até que o próprio pai queria ser, ele mesmo, o carrasco que a mataria. Quando a santa morreu, houve um trovão e caiu um raio em seu pai, matando-o. Daí, a crendice popular de que Santa Bárbara teria poderes sobre raios e trovões.

5. Santa Terezinha

- **Resumo de sua vida**: Nasceu na França, em 1873. Aos quinze anos, entrou para a vida religiosa, consagrando-se por inteiro a Jesus e à Igreja. Na vida religiosa, destacou-se pela incansável dedicação, ternura e amor com que realizava cada coisa, por mais pequenina que parecesse. Ela fazia tudo por amor e com amor. Foi uma pessoa profundamente humana, de extraordinária sensibilidade e beleza interior, mostrando com sua vida a força do amor. É dela a frase: "No coração da Igreja, serei o amor".
- Crença popular: É conhecida como Santa das Rosas. O povo diz que ela manda rosas para quem faz sua novena. Criou-se até o costume de benzer

rosas na sua festa.

- Origem da crença: Parece que essa crença veio de uma interpretação precipitada de uma frase que a santa disse: "Depois que morrer, farei cair sobre a terra uma chuva de rosas". O povo tomou essa frase ao pé da letra. Mas o que Terezinha queria dizer é que lá do céu procuraria continuar fazendo o bem para as pessoas como fez aqui na Terra. Numa outra frase, ela esclarece: "Vou passar meu céu fazendo o bem na terra". Mas, ela não estava falando de rosas no sentido verdadeiro e sim do bem que é preciso fazer.

6. Santa Luzia

- Resumo de sua vida: Luzia viveu também no tempo das grandes perseguições do começo da Igreja. Desde jovem, queria consagrar-se inteiramente a Deus. Mas sua mãe queria que ela se casasse e arranjou-lhe logo um pretendente, que era um moço nobre, mas pagão. Como ela não queria desagradar sua mãe, pediu um tempo para pensar e adiou o casamento. Enquanto isso, convenceu sua mãe de que não devia casar-se, para dedicar-se só a Jesus. O nobre que pretendia casar-se com ela ficou furioso com sua rejeição e a denunciou ao governador, primeiro por ser cristã, depois por haver negado sua palavra quanto ao casamento. Luzia foi então condenada à morte e logo executada.
- **Crença popular**: O povo diz que Santa Luzia é padroeira das vistas, ou seja, é protetora contra os males dos olhos.
- Origem da crença: Há uma lenda que diz o seguinte: certo rei encantou-se com os belos olhos de Luzia e pediu-a em casamento, por causa de seus olhos. A santa, então, teria arrancado os próprios olhos e enviado ao rei, com o seguinte recado: "Se são os meus olhos que você quer, aqui estão. Eu, porém, prefiro servir a Jesus". E dizem que, no momento em que Luzia arrancou os olhos, nasceram-lhe outros de igual beleza. Daí, a crença popular. Mas certamente ninguém arranca os próprios olhos.

7. Santa Rita de Cássia

- Resumo de sua vida: Nasceu em 1381, em Cássia, na Itália. Na juventude, seu sonho era consagrar-se a Deus, na vida religiosa. Mas seus pais não concordaram e fizeram-na casar-se. Rita deu-se muito mal no casamento, pois seu marido era maldoso e cruel. Mas ela não desistiu, levando até o fim sua missão, tentando com sua firmeza e sua fé converter o marido. Depois de muitos anos de sofrimento, seu marido se converteu, mas logo foi assassinado por inimigos. Rita ficou viúva com dois filhos rapazes. Os filhos se revoltaram com a morte do pai e prometeram vingança. Rita preferia vê-los mortos a vê-los tornarem-se assassinos. Seus dois filhos, logo

morreram. Rita, estando sozinha e já velha, entrou para o convento, realizando, enfim, seu sonho de juventude. Foi uma pessoa que enfrentou muito sofrimento, mas sem desanimar.

- Crença popular: É tida pelo povo como a santa das causas impossíveis.
- Origem da crença: Parece que essa crença veio do fato de que, em vida, Rita conseguiu realizar coisas que pareciam impossíveis: converteu seu marido, depois de anos de sofrimento; suportou a morte dos dois filhos; deu conta de seu casamento e ainda entrou para o convento depois de velha, mesmo contra a vontade das outras freiras.

8. Santa Edwiges

- Resumo de sua vida: Edwiges ou Edviges nasceu em família de alta classe social. Sempre se mostrou inteligente e virtuosa, sendo desde pequena muito religiosa. Aos doze anos, casou-se com Henrique, duque da Polônia, tornando-se uma das altas damas daquele país. Foi esposa exemplar. Teve sete filhos. Mas nunca deixou de dar atenção aos pobres e desamparados. Seu palácio era aberto aos pobres que comiam junto com ela à sua mesa. Rica que era, gostava de ajudar financeiramente aos mais necessitados. Ela dizia que quanto mais alta for a posição social, mais a pessoa precisa dar bom exemplo.
- Crença popular: É tida como protetora dos endividados.
- **Origem da crença**: Parece que essa crença veio do fato de Edwiges ter sido rica e muito generosa com os pobres. Então, as pessoas até hoje querem a ajuda dela.

9. São Bento

- Resumo de sua vida: Bento nasceu em 480. Filho de pais ilustres e santos, recebeu cuidadosa educação. Na época, o mundo passava por situações difíceis e havia muitos sinais de afastamento de Deus. A seu modo, Bento rompeu com o mundo e se consagrou inteiramente a Deus. Passou a viver em oração, por lugares desertos, indo depois morar em conventos. Tornouse, então, um reformador dos conventos, ajudando os religiosos da época a reencontrarem o sentido de sua fé que estava adormecida. Bento destacouse pela fé firme e esclarecida, capaz de vencer dificuldades quaisquer sem vacilar.
- Crença popular: O povo diz que ele protege contra animais venenosos, como serpentes e escorpiões.
- Origem da crença: Conta-se que, tendo Bento chegado a um convento, encontrou muita confusão entre os religiosos e resolveu por ordem na casa. Os frades, porém, se revoltaram e planejaram matá-lo. Colocaram veneno num copo com água e lhe deram a beber. Mas, antes de beber, Bento re-

zou. E, então, o copo se partiu e o veneno derramou-se. Daí a idéia de que ele é poderoso contra todo tipo de animal venenoso.

10. São Brás

- **Resumo de sua vida**: Brás teria vivido também na difícil época em que os cristãos eram cruelmente perseguidos, por causa de sua fé em Jesus. Mas pouco se sabe de sua vida, a não ser que era um médico e depois tornou-se bispo. Como bispo, deu testemunho de sua fé e foi martirizado por volta do ano 311.
- Crença popular: São Brás é tido como protetor contra os males da garganta. Há até o costume de benzer a garganta, na comemoração de seu dia.
- Origem da crença: Conta-se que, indo para o martírio, Brás teria ainda salvado a vida de um menino que havia engasgado com um espinho de peixe. Daí sua fama.

11. São Cristóvão

- Resumo de sua vida: Quase nada se sabe desse personagem, a não ser que se converteu ao cristianismo e foi martirizado, no tempo das grandes perseguições do começo da Igreja, provavelmente no tempo do Imperador Décio.
- Crença popular: É tido como protetor dos motoristas.
- Origem da crença: Conta-se que Cristóvão era homem alto e forte, com vontade de ser herói. Ele teria, então, entrado na carreira militar, querendo colocar toda a sua força a serviço do rei mais poderoso. Um dia alguém lhe disse que o rei mais poderoso era Jesus. Então, Cristóvão passou a procurar uma forma de servir a Jesus. Alguns o aconselharam a fazer jejum e oração. Mas ele teria dito: Isso eu não agüento. Meu negócio é a força. Então, sugeriram a ele algo bem prático. Havia um rio imenso que muitas pessoas tinham de atravessar. Mas o rio não tinha ponte, por isso tornavase difícil atravessá-lo. Cristóvão construiu uma choupana às margens desse rio e passou a usar sua força para carregar nos ombros as pessoas que precisassem atravessar o rio. Mas ele dizia: Eu queria ter certeza de que estou servindo a Jesus. Então, certo dia, surgiu um menino querendo atravessar o rio. Cristóvão se prontificou. Mas, no meio da travessia, o menino ia ficando cada vez mais pesado, a ponto de Cristóvão quase não suportar. Então, assustou-se e perguntou: "Mas que é isso? Parece que estou carregando o mundo inteiro!" Então, o menino se revelou: era Jesus. A partir dessa lenda, Cristóvão é visto como aquele que transportou Jesus, sendo lembrado pelos motoristas que também têm a função de transportar.

12. São Francisco de Assis

- Resumo de sua vida: Nasceu em Assis, na Itália, por volta de 1182. Sua

vida é bem conhecida. Seu pai era sujeito materialista, só pensando em dinheiro. Sua mãe, pessoa virtuosa e cheia de fé. Quando jovem, Francisco começou a questionar a vida sem saber se seguia o caminho de Deus ou os caminhos do poder e da fama propostos por seu pai. Acabou largando o pai e indo morar sozinho em lugar mais pobre. Viveu em extrema simplicidade, pregando a penitência e a caridade. Fundou uma ordem religiosa que dura até hoje. Francisco caracterizou sua vida por valores na época esquecidos: a simplicidade, a fé, a confiança, o desapego, a caridade.

- Crença popular: É tido como protetor dos animais. Há até o costume de benzer os animais, no seu dia.
- Origem da crença: Dizem que Francisco valorizava muito a natureza, juntamente com os animais, vendo em tudo a obra de Deus. Ele chamava os animais de irmãos. Certa vez, Francisco estava em viagem. Era um tempo de guerra e Francisco ia pregar para os soldados inimigos, tentando fazê-los parar a guerra. Os soldados, vendo-o, soltaram contra ele um animal feroz, pensando que o animal fosse devorá-lo. Mas o animal aproximou-se calmamente de Francisco que se pôs a acariciar o bicho. Daí sua fama.
 - Terminado o trabalho em grupos, fazer um plenário. Cada grupo apresenta brevemente para toda a turma como foi a vida do santo, qual é a crença a seu respeito e de onde surgiu essa crença popular. O grupo deverá destacar o que realmente é admirável na vida do santo, notando que isso é mais importante que a crença.
 - Obs.: Nesse debate, o catequista deve ajudar, para que a turma entenda que a admiração pelos santos não deveria estar fundamentada em crenças lendárias, mas na vida do santo. É preciso resgatar as virtudes reais dos santos e superar as crenças populares, resultantes da falta do conhecimento do povo. Essas crenças desvirtuam a verdadeira veneração aos santos.

Conclusão

Surge um problema sério quando a gente desconhece a vida dos santos e segue mais as crenças lendárias que aquelas qualidades que a vida deles demonstra. Nós acabamos pensando que os santos existem para a gente ficar pedindo proteção a eles. Mas não! Quem cuida de nós é Deus. Contra todos os males, vale a confiança inesgotável em Deus, que está acima de todos os santos. A nossa admiração deve ser pelas qualidades que os santos cultivaram e que nós também precisamos cultivar. Ser devoto dos santos é seguir Jesus como eles seguiram, e não ficar esperando uma ajudazinha especial.

4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Motivar: Nós devemos admirar os santos, para aprendermos suas muitas qualidades. Olhando a vida deles, vemos como é possível desenvolver, apesar de nossas fraquezas, virtudes admiráveis que fazem de nós pessoas mais humanas.
- Cantar a música 15, pedindo a Deus que nos livre do mal e nos ajude a buscar a santidade.
- Espontaneamente, cada um poderia lembrar algumas qualidades que a gente precisa desenvolver. Ir repetindo a música, se for oportuno, intercalando com as qualidades lembradas pela turma.
- Encerrar, rezando juntos o Pai-nosso, pedindo a Deus que nos acompanhe e fortaleça como acompanhou e fortaleceu tantos santos.
- Se for oportuno, cantar. Sugerimos a música 10.
- Encerrar, à vontade.

Dicas para o catequista

- O modo de venerar os santos vai depender da forma como entendemos a devoção a eles. Por isso, insistimos na importância de tratar desse assunto com clareza. O grande objetivo é superar o culto fundamentado em lendas e crendices e entender o sentido bíblico de louvar a Deus pelas virtudes dos santos.
- As igrejas evangélicas têm sobre esse assunto posição totalmente diferente da nossa. Talvez fosse bom lembrar que eles, entre outras coisas, não se baseiam no belo livro do Eclesiástico, que usamos como referência para nossa veneração aos santos. É que esse livro, por ser deuterocanônico, não foi incluído na Bíblia protestante. Além disso, há a diferença teológica sobre o destino das pessoas depois da morte. Enquanto a teologia católica entende que os mortos estão em Deus, a teologia de algumas Igrejas Evangélicas entende que eles estão dormindo na região do silêncio. Seja como for, nosso objetivo não é polemizar, mas oferecer uma fundamentação teológica para a veneração aos santos.
- Não é incomum entre os católicos encontrar práticas exageradas quanto à devoção aos santos. O povo, pouco dado ao estudo da teologia e à leitura bíblica, às vezes se perde entre superstições e crendices. Devemos sempre ser tolerantes, sem deixar, porém, ao menos na catequese, de fornecer os esclarecimentos necessários.
- Há quem pense que a Igreja Católica adotou a veneração aos santos em substituição aos vários deuses do império romano. De fato, o politeísmo antigo, não somente entre os romanos, acreditava em diversos deuses, cada um encarregado de proteger o povo contra algum perigo. Nesse contexto politeísta, a

Igreja chegou pregando o Deus único. Pode ser que a idéia de ter várias pessoas intercedendo por nós tenha vindo daí. Mas não se pode negar que a própria devoção aos santos tenha surgido da vida heroica que levaram nossos antepassados. Nos meios populares, até por falta de maior aprofundamento, é compreensível que certas posturas se perpetuem e certos costumes permaneçam. Mas o papel da catequese é dar a formação melhor possível, para que os católicos entendam o verdadeiro sentido da veneração aos santos.

- Alguns se perguntam ainda por que razão a Bíblia não fala especificamente da veneração aos santos, a não ser em alguns textos esparsos, embora bastante eloquentes, como o citado do livro do Eclesiástico. É que a devoção aos santos surgiu em fase mais recente, depois de Cristo. O Antigo Testamento fala do elogio aos antepassados, embora não os chame de santos. O Novo Testamento diz que todas as pessoas de fé são santas. Mas a necessidade de fazer memória dos antepassados ficou mais evidente nos tempos difíceis em que membros das comunidades eram martirizados. Então, os companheiros de caminhada queriam lembrar os irmãos mortos no combate da fé. Nesse tempo, a veneração aos santos prosperou. Mas os livros que compõem a Bíblia foram escritos antes desse tempo difícil. Então, a veneração aos santos não está instituída na Bíblia Sagrada. É mais um fruto da Tradição da Igreja. Quem não aceita a Tradição como fonte de revelação não vai aceitar também a veneração aos santos.



4º Encontro O SENTIDO DO USO DE IMAGENS

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Receber a turma com ânimo.
- Cantar músicas apropriadas. Há sugestões no final do livro.
- Sossegar a turma para rezar. Fazer o Sinal da Cruz.
- Motivar: Nestes encontros, estamos falando de santos e lembrando nosso ideal de santidade. Apesar de nossas fraquezas, Deus nos convida ao desafio de vencer nossos pontos fracos e, com a força de seu Espírito, crescer em sabedoria e santidade, imitando o esforço realizado por tantos cristãos que viveram antes de nós e deram conta dessa tarefa. Podíamos, então, invocar, no início desse encontro, a força do Espírito Santo que nos impele nos caminhos da santidade.
- Colocar as mãos no coração e rezar em silêncio, enquanto o catequista medita: Peça, agora, a Deus que envie o Espírito Santo para santificar o seu coração, retirando todo sentimento ruim de fraqueza, de pecado, de desânimo, de descrença. Que o Espírito faça de seu coração um coração santo como o coração de Jesus.
- Colocar as mãos no ombro do companheiro e rezar em silêncio, enquanto o catequista medita: Reze agora pelo seu companheiro. Peça que o

Espírito Santo o ilumine e acompanhe. Que afaste dele todo mal e o conserve na paz e no amor de Deus. Que o santifique a cada dia para que ele seja perseverante na fé e no seguimento de Jesus.

- Cantar a música número 9.

2. O QUE A BÍBLIA DIZ

Motivação

Outra questão às vezes polêmica e que precisamos entender melhor é o sentido de se usarem imagens. Nossa Igreja aceita e incentiva o uso de imagens – esculturas, pinturas e qualquer forma de arte – que representem os santos, Jesus ou que nos ajudem a lembrar de Deus. Há quem diga que a Bíblia proíbe fazer imagens de qualquer coisa. Mas já vimos que a Bíblia precisa ser interpretada. O certo é que há na Bíblia textos que proíbem o povo de fazer imagens, textos que criticam o uso de imagens e outros textos que até incentivam fazer imagens. E, especificamente sobre imagens de santos, a Bíblia não diz nada. Afinal, precisamos lembrar que a Bíblia já estava escrita quando o costume de cultuar os santos começou. Como lidar com tantas informações? Vamos entender isso melhor?

Sugerimos dividir a turma em seis grupos. Dar a cada grupo um texto bíblico dos que seguem abaixo. Pedir que leiam, entendam e vejam principalmente se está proibindo imagens ou mandando fazê-las e em que situação. Depois será feita uma partilha.

Textos: (Para leitura em grupos)

1º) Ex 20,1-5a

Deus disse ao povo: "Eu sou o Senhor teu Deus, que te fez sair do Egito, da casa da escravidão. Por isso, não terás outros deuses além de mim. Não farás para ti imagem esculpida, nem figura alguma do que existe em cima nos céus ou embaixo sobre a terra ou nas águas debaixo da terra. Não te prostrarás diante dos ídolos e não lhes prestarás culto, pois eu sou o Senhor teu Deus".

2º) Dt 4,15-20

Tomai cuidado, com grande zelo. No dia em que o Senhor vosso Deus vos falou do meio do fogo, no monte Horeb, não vistes figura alguma. Guardaivos, pois, de corromper-vos fabricando figuras de ídolos de qualquer tipo, imagens de homem ou de mulher, imagens de algum animal que vive na terra ou de um pássaro que voa nos céus, ou de um réptil que se arrasta sobre o chão, ou

de um peixe que vive nas águas, debaixo da terra. Quando levantares os olhos para o céu e vires o sol, a lua, as estrelas e todo o exército dos céus, guardaivos de vos prostrar diante deles e de render um culto a esses astros que o Senhor Deus deu a todos os povos da terra. Quanto a vós, o Senhor vos escolheu e retirou-vos da escravidão do Egito para serdes o seu povo, o povo de sua herança, como o sois no momento.

Nota: O monte Horeb é a montanha sobre a qual, pela tradição, Deus teria revelado ao povo, por meio de Moisés, os dez mandamentos. Em outros lugares ele é chamado de monte Sinai. Trata-se da mesma montanha.

3º) Ex 25,17-22

Deus disse: "Quando fores construir a arca da aliança, farás também uma tampa de ouro puro cujo comprimento será de cerca de um metro e a largura de sessenta centímetros. Farás dois querubins de ouro e os farás de ouro batido, nas duas extremidades da tampa, um de um lado e outro do outro, fixando-os de modo a formar uma só peça com a tampa. Terão esses querubins suas asas estendidas para o alto e protegerão com elas a tampa, sobre a qual terão a face inclinada. Colocarás a tampa sobre a arca e porás dentro da arca o texto da aliança. Ali virei me encontrar contigo e é de cima da tampa, do meio dos querubins que estão sobre a arca, que te darei as minhas ordens para o povo".

- Nota: A Arca da aliança era uma espécie de caixa onde o povo guardava os textos sagrados da aliança. Diante dessa arca, o povo se reunia para rezar, recordando a presença de Deus. Os Querubins são imagens de anjos. O texto da aliança são os dez mandamentos.

4º) 2Cr 4,2-4

Salomão, ao erguer o templo, construiu também o mar de metal fundido, o qual tinha uma largura de cinco metros, de uma borda a outra. Era redondo e sua altura era de dois metros e meio. Sua circunferência media quinze metros. Figuras de bois rodeavam o mar, fixadas sob suas bordas. O mar era sustentado por doze bois, dos quais três olhavam para o norte, três para o sul, três para o oeste e três para o oriente. O mar era sustentado sobre suas partes traseiras que estavam voltadas para dentro.

- Nota: O mar do qual aqui se fala era um tanque de água que ficava dentro do templo.

5º) 2Cr 3,10-13

Para o interior do templo, no Santo dos Santos, Salomão mandou esculpir dois querubins e os revestiu de ouro. O comprimento de suas asas era de aproximadamente dez metros. Uma asa do primeiro era de dois metros e meio e tocava a parede da sala; a outra asa, de dois metros e meio, tocava a asa do segundo querubim. Do mesmo modo, uma asa do segundo querubim, de dois metros e meio, tocava a parede da sala; e a outra, de dois metros e meio, tocava a asa do primeiro. Assim, as asas daqueles querubins mediam dez metros. Eles estavam de pé, com o rosto voltado para o templo.

- Nota: Querubins são imagens de anjos.

6º) Nm 21,4-9

Os israelitas partiram do monte Hor, na direção do Mar Vermelho, para contornarem a terra de Edom. Mas o povo perdeu a coragem no caminho e começou a murmurar contra Deus e contra Moisés: "Por que, diziam eles, nos tirastes do Egito, para morrermos no deserto onde não há pão nem água? Estamos cansados da comida do deserto".

Então, o Senhor mandou cobras venenosas que picaram e mataram a muitos. O povo foi a Moisés e disse-lhe: "Nós erramos quando reclamamos contra Deus e contra ti. Roga a Deus que afaste de nós essas serpentes".

Moisés intercedeu pelo povo e Deus disse: "Faça uma serpente e coloca-a numa haste. Todo aquele que for mordido, olhando para ela, ficará salvo".

Moisés fez, pois, uma serpente de bronze e fixou-a numa haste. Se alguém era mordido por uma serpente e olhava para a serpente de bronze, conservava a vida.

Depois de lidos os textos, fazer uma partilha. Cada grupo comenta o texto que leu, dizendo o que entendeu.

Aprofundamento

Sugerimos usar um álbum seriado para aprofundar o assunto.

- Expor a primeira página do álbum seriado, conforme modelo abaixo:

IMAGENS NA BÍBLIA		
Primeira fase	Deus proíbe fazer imagens.	
Textos	Ex 20,1-5a Dt 4,15-20	
Motivo	O povo pensa que a imagem é	

um Deus vivo. E adora as
imagens.

- Explicar: Hoje vamos compreender uma coisa muito importante sobre a questão das imagens na Bíblia. Veremos que há textos que proíbem fazer imagens e há textos que admitem e até aconselham o uso de imagens. Por que será isso? É o que vamos entender.

Numa primeira fase, Deus proíbe o povo de fazer imagens. É uma fase mais antiga. O povo estava saindo do Egito. Lá no Egito a religião era politeísta, ou seja, eles adoravam muitos deuses, pois não conheciam o Deus verdadeiro. Então, tudo para eles era considerado deus. Ora, o povo de Deus viveu muito tempo no Egito e acabou se acostumando a pensar que qualquer coisa fosse igual a Deus. Se vissem uma imagem, fosse de gente ou de animal, eles se prostravam e ficavam pensando que a imagem tinha força de ajudá-los. Então, nessa fase, a Bíblia proíbe fazer qualquer imagem, para não confundir a cabeça do povo, porque o povo corria o risco de trocar o Deus verdadeiro por qualquer imagem, como aconteceu no caso do bezerro de ouro, no deserto.

Vamos ver, então, o que a Bíblia diz nesta fase.

- Pedir aos grupos que exponham os textos que proíbem fazer imagens mostrando claramente como é essa proibição.
- Se for preciso comentar os textos além do que a turma falou, vai aqui a sugestão:
- a) Ex 20,1-5a: Primeiro, Deus deixa claro que ele é o Deus verdadeiro que libertou o povo do Egito. E pede que o povo não siga outros deuses, porque o povo ainda pensava que havia outros deuses. Então, Deus pede ao povo que não faça imagens. Fazer imagens, tanto de gente como de animais, era um costume no Egito. O povo tinha que superar esse costume, para não correr o risco de se afastar do Deus Verdadeiro. É preciso que o povo aprenda que só há um Deus.
- b) Dt 4,15-20: Deus começa mostrando que é diferente. Não tem figura. É um Deus diferente dos deuses do Egito. O povo crê em Deus, mas não o vê. Até por isso, não há como fazer imagem de Deus. Talvez, se isso fosse possível, não haveria problema. Mas as imagens eram de animais, de peixes, de pessoas. Então, não podiam ser feitas, pelas mesmas razões que já vimos. É proibido até adorar os astros e as estrelas do céu, como os egípcios faziam. Pois só há um Deus Verdadeiro.
- Resumir: Vemos, então, que o problema é simples. O povo pensa, segundo o costume antigo, que a imagem é um deus vivo e por isso adora as

imagens. Então, é melhor não fazê-las. É como a criança que não sabe usar a faca, por isso não pode pegá-la. Corre o risco de se machucar. Mas depois que cresce já sabe usar a faca sem se machucar.

- Expor a segunda página do álbum:

IMAGENS NA BÍBLIA		
Segunda fase	Deus manda fazer imagens.	
Textos	Nm 21,4-9 Ex 25,17-22 2Cr 4,2-4	
	2Cr 3,10-13	
Motivo	O povo já aprendeu que só há um Deus Verdadeiro. A imagem é só um enfeite ou um sinal para lem- brar alguma coisa.	

- Explicar: O tempo foi passando e o povo acabou aprendendo que seu Deus era diferente, forte e poderoso, e que as imagens não tinham poder nenhum. Eram apenas um objeto de arte usado para enfeitar ou para lembrar alguma coisa, como um retrato que enfeita a parede e nos lembra algum parente antigo ou pessoa querida. O povo aprendeu que a imagem não é algo vivo, não deve ser adorada. Agora, ninguém mais vai confiar numa imagem. Só em Deus.

Então, nesse segundo momento, Deus permite que se façam imagens. O povo já está na Terra Prometida. Eles vão construir o templo, que será para um lugar de oração. Nesse templo, já podem colocar imagens. Mesmo antes disso, no final da caminhada no deserto, em alguns casos, já era permitido fazer imagens. Vejamos.

- Pedir aos grupos que exponham os textos que mandam fazer imagens, de preferência na ordem abaixo.
- Se for preciso comentar melhor; vai aqui uma sugestão:
- a) Nm 21,4-9: O povo ainda estava no deserto quando houve esse episódio das serpentes. É bom lembrar o seguinte: A serpente era adorada como deusa pelos povos de Canaã, a terra onde viveu o povo da Bíblia. Ela era símbolo de uma religião fácil que atraía o povo de Deus. Quando a vida

no deserto pesava, a vontade do povo era abandonar o Deus verdadeiro e passar para a religião da serpente, isto é, do povo de Canaã. Essas mordidas fatais de serpente significam isso: o povo se descuidava de sua fé e era mordido, ou seja, dominado pelo desejo de mudar de religião. Isso gerava um esfriamento da fé. Então, Moisés fez uma serpente de bronze que ficava sempre diante do povo, para que nunca se esquecesse do perigo da religião da serpente. O objetivo parece ser este: olhando para aquela imagem de serpente, o povo tem sempre em mente que ela é um perigo. E aí caminham firmes na fé: Não mais adoram a serpente. Pelo contrário, a serpente é só um sinal do mal e do perigo que ronda o povo. Em vez de afastar o povo de Deus, ela contribuía para fortalecer sua fé.

- b) Ex 25,17-22: A arca da aliança era levada sempre com o povo. Dentro dela, havia manuscritos com os dez mandamentos, que eram a garantia da aliança com Deus. O povo se reunia diante da arca para rezar. Claro, não adoravam a arca. Apenas lembravam a aliança que tinham feito com Deus. Na tampa da arca, Deus mandou colocar duas imagens de anjos. Os anjos querubins são apenas um sinal da presença de Deus. Mas o povo não adora os anjos, como fariam antes. Vendo os anjos, lembramse do Deus Verdadeiro. Então, nesse caso, a imagem não afasta o povo de Deus. Ao contrário, aproxima.
- c) 2Cr 4,2-4: Dentro do templo, havia um tanque com água, colocado sobre imagens de doze bois. Poderíamos, então, nos questionar: "mas os bois são figuras de animais proibidos por Deus..." De fato! Só que agora o povo já aprendeu que boi é boi e Deus é Deus. Ninguém vai adorar boi, como fazia no Egito, quando achavam que os bois tinham poderes divinos. Os bois no templo são só um sinal, um enfeite. São símbolo de força: como os bois são fortes, o povo deve ser forte na fé. O povo vê os bois e não os adora, mas lembra que para seguir a Deus é preciso ser forte. O povo tinha até o costume de ofertar bois a Deus, pensando que Deus gostasse disso. Era um modo de agradecer ao Deus verdadeiro. Os bois no templo significam isso também: O povo quer agradar a Deus. Isso é bom.
- d) 2Cr 3,10-13: Além disso, ainda foram colocados no templo dois anjos enormes, de mais ou menos dez metros. Mas o povo já não pensava que eles fossem deuses. Olhava os anjos e se lembrava de Deus. E somente a Deus o povo adorava.
- Resumir: É fácil perceber como o povo mudou de mentalidade. Aprendeu, com o tempo, que só há um Deus verdadeiro e que a imagem é só um enfeite, um sinal para lembrar alguma coisa. Astros, animais, aves, peixes –

tudo é criatura de Deus. Só Deus merece nossa adoração. Tendo entendido isso, não há mais problema em fazer imagens.

- Expor a terceira página do álbum:

IMAGENS DE SANTOS

- Começo do cristianismo
- Memória dos mártires
- Recordação dos companheiros de fé
- Explicar: A Bíblia não fala de santos, no sentido como hoje falamos. Já vimos que os primeiros cristãos eram chamados de santos, só por seguirem a Cristo, como nas cartas de Paulo. A idéia de fazer imagens dos cristãos já falecidos começou em um tempo posterior, quando os livros da Bíblia já estavam escritos.
- As primeiras comunidades guardavam a memória dos seus mártires, como pede o livro do Eclesiástico. Eram companheiros de comunidade que tinham morrido, dando um belo testemunho de fé. A lembrança desses mártires incentivava os demais cristãos a permanecerem firmes na fé.
- Mas, no começo, a Igreja sofreu grandes perseguições. A pregação da mensagem de Cristo foi até proibida em muitas situações. Os cristãos rezavam em casa ou escondidos nas catacumbas de Roma – lugar em que os mortos eram sepultados.
- A idéia de rezar nas catacumbas é curiosa: por um lado, os cristãos estavam buscando um lugar seguro, para se protegerem das perseguições; por outro lado, faziam suas orações no local em que os mártires estavam sepultados e isso lembrava que eles estavam vivos no céu. Assim, se cultivava a comunhão dos santos.
- Quando a Igreja se viu livre para prestar seu culto a Deus, ela deixou as catacumbas e pôde construir seus templos para rezar. Então, surgiu a ideia de levar pequenas relíquias dos santos para os altares das igrejas e enfeitar o templo com pinturas ou imagens que lembrassem os primeiros cristãos, mártires da fé. Foi feito mais ou menos como no Templo de Salomão.
- A construção dos templos gerou um grande movimento artístico. E, para enfeitar os templos, foram feitas pinturas e esculturas que lembravam que o templo era um lugar sagrado. E, ao entrar nesse lugar, as pessoas se lembravam dos antepassados santos. As pinturas e imagens ajudavam a guardar a memória daqueles que deram sua vida por Cristo, mas continuavam vivos na memória dos cristãos.

- Se houvesse, naquele tempo, máquinas fotográficas, certamente teríamos muitos retratos de Jesus, de Maria e de outras pessoas que se destacaram.
 Na impossibilidade de fazer fotos, fizeram pinturas e esculturas que lembravam a vida dos antepassados.
- Assim, surgiram as imagens dos santos. A Igreja já analisou em muitas épocas e de muitos modos essa questão. Já houve, dentro da Igreja mesmo, pessoas que foram contra o uso de imagens. Mas o consenso acabou dizendo que as imagens usadas como enfeites nos templos ou nas casas, para lembrar a vida dos santos, não fariam mal à fé, contanto que as pessoas não confundam as coisas e passem a achar que as imagens tenham algum poder sobrenatural. São apenas recordação dos nossos antepassados. Nada mais que isso.

3. ATIVIDADE

Sugestão

- Vamos analisar um texto antigo que trata dessa questão das imagens na vida da Igreja? O catequista pode dividir a turma em pequenos grupos e repartir com eles o texto que sugerimos a seguir. Depois do trabalho em grupo, pode-se fazer uma partilha, aproveitando para tirar dúvidas e aprofundar o conteúdo.
- O contexto da carta é o seguinte: O bispo de Marselha, chamado Sereno, havia mandado quebrar algumas imagens, pois achava que o povo estava adorando imagens. O papa da época, Gregório I, sabendo dos fatos ocorridos na França, escreve uma carta ao bispo Sereno, a fim de esclarecer a postura que a Igreja deve manter sobre a questão das imagens. Estamos no ano 600. E o debate sobre as imagens já é forte e gera confusão por todo lado.

Os direitos dos fiéis de venerar imagens de santos

Em outubro do ano 600, o papa Gregório I enviou ao Bispo Sereno, de Marselha, a seguinte carta:

"Tinha-nos sido relatado que quebraste imagens de santos com a pretensa desculpa de que não devessem ser adoradas. E, com certeza, louvamos plenamente que proibiste adorá-las, mas reprovamos que as tenhas quebrado. Pois são coisas diferentes adorar uma pintura e, ao contrário, mediante a mensagem da pintura aprender que coisa se deve adorar. De fato, o que é a escrita para os que sabem ler, a pintura o proporciona aos que não instruídos a olham, já que nela os não instru-

ídos veem aquilo que devem seguir; nela leem os que não conhecem o alfabeto. Por isso também a pintura toma o lugar da leitura, particularmente para as populações mais simples. Se alguém quiser fazer uma imagem, não o proíbas de modo algum, mas proíbe de qualquer modo adorar as imagens. Em nome da fraternidade corrija, porém, com severidade que, com base na visão do que é narrado, percebam o ardor do arrependimento e se prostrem humildemente na adoração da única onipotente santa Trindade".

(Denzinger, 477)

Questões para debate:

- O que o Bispo Sereno, de Marselha, tinha feito com imagens em sua Igreja?
- Com que desculpa o citado bispo tinha mandado quebrar imagens?
- O que o papa da época, Gregório I, diz sobre o gesto do bispo? Em que o papa o elogia? Em que o censura?
- O papa compara as imagens com textos escritos. Como é essa comparação?
- A quem se deve prestar adoração, de acordo com esta carta?
- Por que as imagens s\u00e3o importantes, de acordo com Greg\u00f3rio I?

Conclusão

Mesmo dentro da Igreja Católica, a questão das imagens já trouxe muita dúvida e foi motivo de grandes debates. As dúvidas eram sanadas por pronunciamentos oficiais do papa, como vimos no texto estudado. Mas tarde alguns concílios trataram do tema, até que se chegasse a um consenso. Vejamos que a posição da Igreja Católica é pelo bom senso. O problema não são as imagens. É a nossa mentalidade. Quem tem a mente esclarecida sabe que o verdadeiro Deus é um só. Nós adoramos a Trindade Santa: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Mas, olhando as imagens, sejam pinturas ou esculturas, a gente se lembra de pessoas e situações que nos falam de Deus. Como as letras de um texto escrito são apenas sinais que nos transmitem uma mensagem, também pinturas ou esculturas são sinais que nos falam, pela arte, de realidades que nos remetem a Deus. Olhando as imagens de santos, o povo precisa se lembrar do Deus que está presente em nossa vida, pois é ele que nos santifica.

4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Fazer preces espontâneas, agradecendo a Deus por todas as pessoas que deram sua vida em nome da fé. Cada um pode lembrar o nome de um santo e dizer: Pela vida de são Francisco! Ou ainda: Pela vida de Maria, mãe de Jesus! Após cada prece, repetir juntos: Obrigado, Senhor!
- Cantar a música número 6.
- Encerrar, à vontade.

Dicas para o catequista

- Nesse encontro, citamos um texto antigo. É um trecho da carta de um papa, do ano 600, quando os livros bíblicos já estavam prontos. A Bíblia já está pronta e eis que surge um problema novo do qual a Bíblia praticamente não fala. Como a Igreja age nesse caso? Aqui vale a pena o catequista entender como funciona o chamado Magistério da Igreja. Para nós católicos, a revelação de Deus não fica parada pelo fato de a Bíblia já estar pronta. A revelação escrita está na Bíblia. Mas o Espírito Santo continua inspirando a Igreja para que sejam tomadas decisões sensatas sobre questões novas que dizem respeito à fé e à vida do povo. Nem tudo está escrito na Bíblia. Muitas vezes, diante das novidades, a Igreja busca inspirações bíblicas para tomar decisões. O importante é que prevaleça o bom senso. Para tomar decisões importantes, a Igreja costuma reunir seus líderes mais expressivos, fazendo o que chamamos de concílio. Em um concílio, papa, bispos, teólogos, especialistas diversos se reúnem para debater sobre determinadas questões em busca da posição equilibrada que reflita o bom senso da fé cristã. E essas decisões de pessoas movidas pela fé também são dignas de confiança e inspiradas por Deus, não porque Deus venha pessoalmente ditar sua vontade, mas porque as pessoas estão movidas pela fé. Para nós, a revelação de Deus é dinâmica e continua sendo atualizada na ação da Igreja.
- A questão das imagens foi tratada no Segundo Concílio de Nicéia, realizado no ano 787, para se chegar a um consenso. É que, em diversos lugares, autoridades da Igreja estavam incentivando a destruição completa das imagens e pinturas sacras, no que ficou conhecido como "a questão iconoclasta" (iconoclastia significa quebra de ícones ou imagens). Reunidas no Segundo Concílio de Nicéia, as autoridades eclesiásticas assim se pronunciaram: "definimos com todo rigor e cuidado que, à semelhança da cruz preciosa e vivificante, assim os venerandos santos ícones, quer pintados, quer em mosaico ou em qualquer outro material adequado, devem ser expostos nas santas igrejas de Deus... nas casas e nas ruas, tanto a figura do Senhor Deus e Salvador nosso Jesus Cristo, como da Senhora Imaculada nossa, a santa mãe de Deus, dos venerandos anjos e de todos os santos e justos" (Denzinger, 600).

A questão do uso de imagens sempre foi contestada aqui e ali. E a Igreja sempre firmou sua posição favorável. Quando veio a reforma protestante, novamente se questionou o uso de imagens. A Igreja Católica novamente se posicionou, no Concílio de Trento (1545 a 1563), a favor do uso de imagens, não para serem adoradas, mas para recordarem ao povo a presença de Deus e as virtudes dos santos. Nas palavras do concílio, as imagens devem ser utilizadas, "não por crer que lhes seja inerente alguma divindade ou poder que justifique tal culto, ou porque se deva pedir alguma coisa a essas imagens ou depositar confiança nelas como antigamente faziam os pagãos, que punham sua esperança nos ídolos", mas porque por meio das imagens veneramos a realidade que elas representam (cf. Denzinger, 1821-1825). Vejam que a Igreja sempre se preocupou em esclarecer ao povo o sentido do uso das imagens e da veneração aos santos, para que não haja exagero e excesso na piedade popular.



5º Encontro A VENERAÇÃO A MARIA

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Acolher a turma, dando atenção a cada um.
- Fazer momento de animação, cantando músicas de acolhida.
- Relembrar que estamos fazendo reflexões sobre a Igreja e que cada um é chamado por Jesus para fazer parte dessa Igreja dele. Cantar a música número 9 ou outra à escolha.
- Sossegar a turma para rezar. Fazer o Sinal da Cruz.
- Convidar a turma para erguer as mãos e invocar o Espírito Santo, para que ele venha iluminar a todas as pessoas de bem, em todas as Igrejas, a fim de que encontrem firmeza e disposição para seguir Jesus e compreendam seu apelo de união.
- Catequista: Vinde, Espírito Santo!
- Todos: Enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor. Enviai o vosso Espírito e tudo será criado e renovareis a face da terra.
- Oremos: Ó Deus, que instruístes os corações de vossos fiéis com as luzes do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas segundo o mesmo Espírito e gozemos sempre de sua consolação, por Cristo, Senhor nosso. Amém!
- Comentar: Quem tem fé em Jesus é guiado por seu Espírito. Esse é um

ponto que une os cristãos de todas as Igrejas. Todos temos a mesma fé e o mesmo amor por Jesus. Todos somos guiados pelo seu Espírito. O Espírito Santo nos ajuda a seguir Jesus e a ser cada dia mais fiéis a ele. Por causa dele, toda a nossa vida fica iluminada pela presença de Deus.

Cantar a música 10.

2. O QUE A BÍBLIA DIZ

Motivação

Dentre os nossos antepassados na fé, há uma pessoa que nós admiramos com especial afeição. Trata-se de Maria, aquela que foi a mãe de Jesus. Vamos entender a razão de nossa afeição por Maria. Comecemos por este texto bíblico que fala do sim de Maria.

Texto: Lc 1,26-38

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

Partilha

- O que é importante nesse texto para entendermos as razões pelas quais admiramos Maria?
- O que Maria demonstra, diante do convite para ser a mãe do salvador, conforme o relato de Lucas?
- Que qualidades a gente pode perceber nessa jovem mulher?

Aprofundamento

- Maria, a mãe de Jesus, ocupa em nossa piedade e na história de nossa Igreja um lugar todo especial. Vejamos por que motivo:

(Se o catequista quiser, pode ir montando um cartaz com as frases em negrito, enquanto fala do nosso carinho por Maria)

- 1) Maria, mãe de Jesus: Por ser a mãe de Jesus, ela merece o nosso respeito e a nossa admiração. Ainda mais, porque foi uma boa e dedicada mãe. A Igreja costuma destacar a importância da família de Jesus, apresentandonos, como modelo de fé e dedicação, sua mãe Maria, seu pai adotivo José, até mesmo os avós maternos de Jesus: São Joaquim e Santa Ana. A Igreja quer mostrar que a família de Jesus era um grupo de pessoas iluminadas por Deus. Uma família santa, na qual Jesus encontrou o apoio de que precisava para nascer e crescer de modo saudável. Não há como falar da encarnação de Cristo, ou seja, do seu nascimento entre nós, sem falar da família que o acolheu. Essa família merece nossa admiração e respeito. Especialmente, aquela pessoa que foi a mãe de Jesus. Podemos estar certos de uma coisa: o

próprio Jesus certamente admirava muito sua mãe. E qual filho não gosta de ver sua mãe admirada e reconhecida? E o contrário também pode ser dito: Que filho fica feliz de ver sua mãe desprezada? Dessa forma, a veneração a Maria é também culto a Jesus. Sendo Jesus de natureza divina, ou seja, sendo ele também Deus, a Igreja chega a dizer que Maria é mãe de Deus — o que, com o devido entendimento, faz sentido. Ela é mãe de Jesus, que é Deus — segunda pessoa da Santíssima Trindade. Por isso, rezamos: Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores... etc. Não queremos dizer com isso que achamos que Maria é mãe de Deus Pai. Apenas realçamos a divindade de Cristo, quando chamamos Maria de Mãe de Deus.

- 2) Maria, nossa mãe: A Igreja aprendeu a chamar a mãe de Jesus de mãe da humanidade ou, carinhosamente, de nossa mãe. É uma afirmação meramente espiritual ou devocional. Nós sabemos que não somos filhos de Maria no sentido genético do termo. Nós a chamamos de mãe porque em Jesus nascemos de novo para a vida. Há até um texto bonito na Bíblia (cf. Jo 19,25-27) em que Jesus, já pregado na cruz, diz ao "discípulo amado": "Filho, eis aí a tua mãe". E diz à mãe de Jesus: "Eis aí teu filho". Se nós entendemos que discípulos amados somos todos nós, então, a mãe de Jesus é também nossa mãe, e nós somos seus filhos queridos.
- 3) Maria, nossa Senhora: É comum chamar Maria de Nossa Senhora. Alguns acham que isso é um exagero, pois só temos um Senhor que é Cristo. Aqui temos uma questão de linguagem. No sentido estrito de ser nosso salvador, aquele que deu a vida por nós, aquele que nos guia no caminho da salvação, aquele que é caminho, verdade e vida nesse sentido teológico, só Jesus é o Senhor. Vale a pena conferir Fl 2,6-11. Nesse sentido, podemos dizer que só Jesus é "o Senhor". Mas, entre nós, chamar alguém de senhor ou de senhora é uma questão de respeito. Costumamos chamar assim as pessoas mais velhas ou nossos pais. Não estamos lidando com uma expressão teológica, mas com uma forma respeitosa de tratamento. Chamar Maria de Nossa Senhora é somente isso: uma forma respeitosa de tratamento. Sabemos, com certeza, que no sentido da salvação, só Jesus é o Senhor.
- 4) Maria, mulher do sim: Uma coisa muito bonita na vida de Maria é a sua capacidade de dizer sempre sim a Deus e de se colocar à disposição da vontade divina. Foi o que vimos no texto que lemos. Convidada a ser a mãe de Jesus, ela diz sim, porque deseja que se faça a vontade de Deus em sua vida. Aqui está outra razão por que admiramos Maria. Sabemos que não é tão fácil nos colocarmos inteiramente nas mãos de Deus e nos prontificarmos para sempre fazer a sua vontade. Em muitos momentos, preferimos fazer a nossa vontade. Maria aceitou o desafio de fazer a vontade de Deus. Toda a sua vida foi um constante sim a Deus. E não somente no texto que vimos. A partir

- desse compromisso com Deus, Maria tornou-se, como ela mesma disse, a serva do Senhor. Isso é admirável. Ela manteve o seu sim em momentos alegres e difíceis. E foi fiel até o fim. O evangelista João diz que, mesmo aos pés da cruz, quando muitos discípulos fugiram, a mãe de Jesus estava lá e estava de pé, ou seja, sem desfalecer, cumprindo sua missão.
- 5) Maria, discípula fiel: Outro ponto fundamental é que Maria não foi somente mãe de Jesus. Ela foi também discípula, ou seja, seguidora do seu filho. Teria sido grande incentivadora de sua missão, como mãe que incentiva o filho a fazer o que deve ser feito. Segundo o evangelista Lucas, Maria não só disse o seu sim, mas ela o sustentou até o fim. Então, vamos encontrá-la, mesmo depois da morte e ressurreição de Jesus, presente entre os discípulos, que davam continuidade à obra de Cristo (At 1,12-14). Maria poderia ter encerrado sua missão de mãe com a morte do seu filho. Mas, não! Ela continua entre os discípulos por uma questão de fé. Por isso tudo, ela é mais que mãe: é discípula fiel de Jesus. E por isso também merece nossa admiração e serve de exemplo para nós.
- 6) Maria, mulher das dores: Na vida de Maria, houve momentos muito difíceis. Ela enfrentou muitas dores e sofrimentos para cumprir sua missão. É comum, em nossa tradição religiosa, lembrar os momentos difíceis na vida de Maria: desde a profecia de Simeão (Lc 2,33-35) até a participação nos momentos de sofrimento de Cristo, sua crucifixão, a solidão e a tristeza após a morte do filho. A gente lembra esses momentos de dor só para frisar que, apesar dos sofrimentos, Maria não desanimou de sua missão. E nisso também ela é um exemplo para nós que nos sentimos desanimados por qualquer coisa. Mas Maria não teve momentos só de dor. Convém destacar que ela se mostra como uma mulher sempre feliz. Lucas coloca em sua boca um hino de alegria (Lc 1,46-55). Aí, ela diz que sua alma exulta de alegria em Deus. O anjo a cumprimenta, no texto que estudamos acima, com um convite a alegrar-se por estar cheia da presença de Deus. E podemos imaginar muitos momentos de intensa alegria na vida de Maria.
- 7) Maria, mulher de muitos nomes: Curioso notar que essa mulher tão admirada foi recebendo com o tempo diversos qualificativos, ou seja, nomes que expressam qualidades e formas de devoção. Fique claro, porém, que todos estes nomes se referem à mesma pessoa: Maria, mãe de Jesus. Seus qualificativos são inúmeros. Vejamos alguns: Nossa Senhora Aparecida, porque sua imagem "apareceu", isto é, foi pescada por um grupo de pescadores em um rio, no estado de São Paulo; Nossa Senhora do Rosário, por causa da devoção de se rezar o rosário, ou terço, com orações marianas; Nossa Senhora Rosa Mística, para lembrar que ela é como uma flor perfumada no jardim de Deus; Nossa Senhora de Fátima, porque teria se manifestado a al-

guns fiéis na cidade de Fátima, em Portugal; Nossa Senhora da Glória, para lembrar que, depois de sua morte, Maria está na glória de Deus, no céu; Nossa Senhora das Graças, para lembrar que ela deseja que as graças de Deus nos envolvam sempre. E por aí vai. Os diversos nomes pelos quais Maria é conhecida mostram a sua popularidade entre o povo de fé. Mas não podemos pensar que se trata de muitas nossas senhoras. É sempre a mesma Maria, mãe de Jesus.

- E poderíamos ainda falar da humildade da serva do Senhor, da prontidão para servir, da perseverança entre o grupo das santas mulheres que seguiam Jesus e de tantas outras qualidades que admiramos em Maria porque queremos cultivar também em nós. Com tudo isso, não fazemos de Maria uma espécie de "deusa". Sabemos que ela foi uma mulher, um ser humano como outro qualquer, mas que se destacou no cumprimento de sua missão. É por isso que a admiramos.

3. ATIVIDADE

Sugestão

- Fazer momento de oração mariana. Preparar as faixas para este momento, com as razões pelas quais admiramos Maria. Sugerimos fazer faixas com as palavras: Dedicação, prontidão, disposição, bondade, coragem, fidelidade etc.
- Sobre uma mesa enfeitada, diante da turma, colocar uma imagem de Maria. Pode-se fazer uma entrada solene da imagem, se parecer oportuno.
- Enquanto isso, canta-se algo apropriado. Sugerimos a música 14, do módulo 3. Ou outra música à escolha.
- Refletir com a turma: Estamos diante da imagem de Maria. Ela mesma já está no céu, na glória de Deus, depois de cumprir sua missão. Sua imagem é uma recordação de que ela continua em nossa memória, como exemplo de tantas coisas importantes, que nos ajudam a cumprir hoje nossa missão. Hoje, queremos rezar a Deus, pedindo que ele nos dê também força para cumprirmos nossa missão, imitando as virtudes de Maria. Somos devotos de Maria, não somente para admirar a vida dela, mas para dizermos nosso sim a Deus e nos tornarmos servos do Senhor como ela fez.
- Entrar com as faixas e colar na toalha da mesa ou espalhar pelo chão, como parecer melhor. Enquanto entram as faixas, pode-se cantar novamente.
- Convidar a turma a rezar, da seguinte forma: a oração deve ser dirigida

a Deus e não a Maria. Vamos pedir a Deus que, olhando para a vida de Maria, a gente desenvolva qualidades para servir ao Senhor. A resposta a cada prece pode ser algo como: "Ó Deus, queremos dizer sim como Maria".

- O catequista pode fazer a primeira prece, como exemplo: "Senhor Deus, olhando para a vida de Maria, vemos como ela foi sempre muito fiel. Pedimos que o Senhor nos ilumine para que nós também sejamos fiéis. Por isso, pedimos".
- Obs.: É sempre bom incentivar a turma a fazer preces espontâneas. Se o catequista achar conveniente, pode também escrever algumas preces e repartir com alguns da turma para que leiam. Depois, fazem mais preces espontâneas.

Conclusão

A veneração a Maria é um reconhecimento das virtudes da mãe de Jesus. E expressa o nosso desejo de dizer sempre sim a Deus, imitando a prontidão dessa discípula fiel. Do mesmo modo como honramos os santos, nossos antepassados, honramos também Maria. E até com uma atenção especial por ser ela a mãe de Jesus.

4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Rezar a Ave-Maria.
- Encerrar, com um canto mariano, à escolha.

Dicas para o catequista

- É muito importante esclarecer para a turma que Maria recebe muitos nomes, mas é sempre a mesma pessoa. Alguns nomes podem parecer até estranhos, como algumas invocações da ladainha de Nossa Senhora. Para entendê-los, será necessário aprofundar mais sobre o seu sentido. Sugerimos que o catequista explique o sentido pelo menos dos nomes marianos mais conhecidos em sua região. Faça uma pesquisa para ver por que Maria é chamada desse ou daquele jeito em sua região. Envolva a turma nessa pesquisa.
- Existem quatro dogmas de fé nem sempre bem entendidos que envolvem, de certo modo, nossa devoção mariana. Dogmas são definições feitas pela Igreja e que são dignas de fé. No caso dos chamados dogmas marianos, a primeira coisa que se deve saber é que eles foram declarados, primeiramente, não por causa de Maria, mas por outras razões. Vejamos:
 - O dogma que afirma que Maria é mãe de Deus teve como objetivo deixar clara a natureza divina de Jesus, mostrando que Jesus não foi ape-

- nas um homem muito determinado, mas foi realmente de natureza divina. Então, para frisar isso, a Igreja definiu que Maria é mãe não somente do homem Jesus, mas do Deus Jesus.
- O dogma da virgindade de Maria visava garantir que Jesus tem origem divina, tendo sido enviado do Pai. Jesus é realmente filho de Deus, um dom de Deus entregue à humanidade na mais pura gratuidade. Sua presença salvadora entre nós não é resultado da ação humana, mas da ação divina. José é seu pai adotivo. A José foi confiada a missão de cuidar de Jesus aqui na terra, porque Jesus, tendo vindo ao mundo, precisava dos cuidados paternos. Isso não é pouco para José. Ele desempenhou sua missão com muita honra. Mas Jesus é filho de Deus, desde toda a eternidade. O dogma da virgindade de Maria expressa isso: Nós não nos demos o Salvador. Deus nos deu o Salvador.
- O dogma da assunção, ao afirmar que Maria está na glória de Deus, tem uma conotação antropológica e visa mostrar que Jesus, tendo ressuscitado, é o primeiro a vencer a morte e que nós também morremos com ele pare ressuscitar com ele. Este dogma é para mostrar que os que creem em Cristo vão ressuscitar e participar de sua glória. Maria tinha tanta comunhão com Deus que a morte dela foi um sublime encontro com o Deus a quem serviu, com o filho que nela foi gerado. Maria é a primeira a seguir seu filho na experiência da ressurreição. E tamanha foi sua comunhão com Deus que sua ressurreição serve de sinal que assegura a ressurreição pela qual todos nós devemos passar.
- E o dogma da imaculada conceição, aquele que diz que Maria foi concebida sem pecado, é mais para falar da graça de Deus que antecede o pecado e é mais forte do que ele. Se Maria é concebida sem pecado é porque a graça de Deus na vida humana antecede todo mal. Nós costumamos falar muito do pecado original. Mas mais original mesmo é a graça de Deus concedida a todos os seus filhos. Então, ao declarar esse dogma, a Igreja também trata de uma questão antropológica, ou seja, que diz algo sobre todo ser humano. Em Maria, temos a imagem da humanidade redimida; nela Deus resgata seu sonho primeiro para a criação.
- Outro tema delicado são as chamadas aparições de Maria. A Igreja evita afirmar que Maria tenha aparecido aqui ou ali. A Igreja apenas analisa cada caso e diz se as mensagens atribuídas a Maria estão de acordo com a Tradição da Igreja e se as pessoas que dizem vê-la estão dentro da normalidade psíquica que se espera para dizer tais coisas. Grande parte do que se apresenta ao pú-

blico como aparição de Maria acaba sendo mero embuste, perpetrado muitas vezes por pessoas até bem intencionadas. Convém lembrar que a mente humana é prodigiosa: o fato de alguém dizer que está vendo algo não significa que objetivamente se tenha uma aparição. Pode ser um fenômeno mental, como uma alucinação ou algo semelhante. A Igreja sempre recomenda cautela diante desses casos. Não se nega que possa haver uma aparição, nem se confirma que em todos os casos se trata de um fenômeno legítimo. De qualquer forma, a Igreja tem uma certeza: não há nada mais para ser dito ao mundo, além do que Jesus já ensinou. As pretensas aparições em geral apenas ressaltam alguma parte do ensinamento de Cristo. Mas, como em geral tendem a radicalizar, é preciso olhar cada caso com prudência e isso compete às autoridades eclesiásticas e aos peritos no assunto. Melhor não ir confiando em relatos de aparições, antes de conhecer como a Igreja analisa cada caso.



6º Encontro COMO ENTENDEMOS OS MILAGRES

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Receber a turma, dando atenção a cada um.
- Cantar músicas animadas, a gosto. Veja as sugestões do livro.
- Criar clima de interiorização. Iniciar com o Sinal da Cruz
- Convidar a turma para fechar os olhos e rezar. Cada um pode agradecer a Deus pela semana que passou, pelas coisas que fez, pelas brincadeiras, passeios, estudos, e também pela catequese, pela família e pelos amigos. Cada um pode fazer uma prece e depois todos dirão: Obrigado, Senhor.
- Ao final, cantar a música número 6.

2. O QUE A BÍBLIA DIZ

Motivação

Um tema que precisa ser bem esclarecido, para a nossa compreensão da Igreja, é a questão de saber como Deus age em nossa vida. Será que ele interfere em nossa vida, realizando constantes milagres? Será que é isso que devemos buscar em Deus? Vamos ouvir um texto em que Jesus reclama do povo que

sempre quer milagre, mas não se compromete com a palavra de Deus. Afinal, o que é um milagre?

Texto: Lc 11,29-32

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

Partilha

- As multidões vão até Jesus e desejam ver algum milagre. O texto que lemos fala que a multidão busca um sinal. Pelo contexto, sabemos que o povo queria ver algum feito prodigioso de Jesus. Como Jesus responde a esse desejo do povo?
- Vamos entender o que seria o sinal de Jonas? No final do texto está dito que o povo de Nínive mostrou arrependimento com a pregação de Jonas. Jonas teria sido um profeta que passou pela cidade de Nínive, sem fazer nenhum milagre, apenas pregando. Então, qual seria o sinal de Jonas?
- Jesus quer que a gente se converta por causa de milagres ou por causa de sua pregação? Para Jesus, o que é mais importante?
- O texto cita ainda Salomão, tido como um rei muito sábio. A sabedoria de Salomão atraiu uma rainha do sul que veio conhecê-lo só por causa de sua sabedoria. O que Jesus quer dizer citando esse fato? O que é mais importante? O milagre ou a sabedoria de Jesus?

Aprofundamento

- Os Evangelhos estão cheios de relatos nos quais Jesus realiza coisas prodigiosas que costumamos chamar de milagres. Jesus age, muitas vezes, de modo inusitado, para comunicar a todos o grande amor de Deus. Aí está a importância dessas ações de Jesus que são verdadeiros sinais da bondade de Deus. Para compreender os chamados milagres, devemos sempre partir da idéia de que Jesus nos quer revelar um Deus bondoso.
- Os gestos de Jesus que chamamos milagres não são vistos por todos da mesma forma. Em alguns casos, o povo vê os sinais realizados por Jesus e crê nele (cf. Jo 2,11). Mas, em outros, o povo se irrita diante das ações de Cristo e quer afastá-lo e até matá-lo (cf. Mt 8,34; 9,34; 12,14; Jo11,45-49 entre outros). Ou, de qualquer forma, uns se sentem tocados pelos sinais de Cristo, enquanto outros se irritam. Com isso, já vemos que os chamados milagres não são, de modo algum, um consenso, nem mesmo para o povo que testemunhou de perto as obras de Jesus.

- O próprio Jesus se sente incomodado com as multidões que o seguem só para alcançar algum milagre, sem verdadeiro interesse pelo seu seguimento. É o que vimos no texto bíblico que lemos acima. As multidões seguem Jesus e querem milagres. Jesus quase fica bravo e diz que não vai ficar fazendo milagre para satisfazer a curiosidade do povo. Basta a eles o sinal de Jonas.
- Vamos lembrar quem foi Jonas? A história de Jonas está em um pequeno livro do Antigo Testamento. Nele se relata que um profeta com esse nome teria convertido toda a cidade de Nínive uma grande cidade sem fazer nenhum milagre, apenas pela sua pregação. O profeta passou pela cidade pregando a conversão e todos ouviram e se converteram. Esse é o sinal de Jonas: a pregação. Jesus não quer fazer milagre, no texto que vimos. Ele quer que as pessoas escutem a sua pregação.
- Há outro texto em que Jesus também se incomoda com o povo que o segue, depois da multiplicação dos pães. Jesus percebe que as pessoas estão atrás dele não pelos seus ensinamentos, mas por causa dos pães. Querem mais pão, querem um fazedor de milagres, alguém que resolva seus problemas (Jo 6,26-27). Jesus mostra que, mais importante que os pães, é o Pão, ele mesmo que serve de alimento para quem tem fé.
- A Igreja, continuando a missão herdada de Jesus, também não é um povo que vive em busca de milagres, mas um povo que busca acolher os ensinamentos de Cristo e com eles se comprometer. O mais importante para nós é a pregação, a força da Palavra. Não seguimos Jesus em busca de milagres. Nós buscamos a comunhão com o Deus bondoso que Jesus nos dá a conhecer. Essa comunhão é mais importante do que todo e qualquer milagre.
- Mas há correntes religiosas que incentivam a busca de milagres. E há pessoas que ficam achando que Deus vai fazer coisas fora do comum o tempo todo, curando nossas doenças, protegendo-nos de todos os perigos, agindo, enfim, em nossas vidas para nos preservar de todo sofrimento. Essa tendência ao milagrismo pode ser, na verdade, uma tentativa de fugir da realidade da vida, que muitas vezes exige de nós a capacidade de enfrentar dificuldades.
- Convém salientar que o próprio Jesus foi perseguido, preso, torturado e morreu na cruz. E não houve milagre para preservá-lo disso. Ao assumir a condição humana, Jesus assume também a realidade do sofrimento. Vejam que milagres não dependem da fé. No caso da cruz, ninguém tinha mais fé e comunhão com Deus que Jesus. E os que pediam um milagre, desafiando Jesus a descer da cruz, essas sim eram pessoas sem

- fé (cf. Lc 23,33-37). Às vezes, quando queremos milagres estamos demonstrando não nossa fé, mas nossa dificuldade de aceitar a vida como ela é, nossa preguiça de melhorar, nosso comodismo de querer receber tudo pronto. Para Jesus e para nós, nenhum milagre é mais importante do que a experiência da fidelidade a Deus. Foi isso que Jesus mostrou na cruz. Pedir milagre o tempo todo é sinal de fraqueza e não de força. Quem tem fé e está em comunhão com Deus compreende que o sofrimento e as dificuldades fazem parte da vida e que não podemos fazer de nossa religião um pretexto para sermos poupados de coisas que são próprias de nossa vida.
- Por outro lado, não vamos nos acomodar. Vamos buscar as soluções próprias para cada realidade. Estamos doentes? Vamos buscar a ajuda da medicina. Estamos em dificuldade financeira? Vamos procurar emprego, trabalho e até mesmo a ajuda das pessoas que nos cercam. Estamos tristes? Vamos superar as tristezas e enxergar os motivos de alegria que a vida nos apresenta. Estamos diante da morte? Vamos aceitá-la em paz, porque sabemos que a morte é o começo de uma vida nova. Essa é a posição do católico.
- Poderíamos ainda distinguir três sentidos para a palavra milagre: 1°) Em sentido poético, milagres são coisas admiráveis. Poderíamos falar da beleza do pôr-do-sol, da gota de orvalho na relva verde, do colorido e do perfume das flores, da beleza da generosidade e da amizade. Tudo são coisas admiráveis e, em sentido poético, são também milagres. Desses, a vida está cheia. É só olhar a vida com a generosidade de um poeta. 2°) Em sentido teológico, milagres são coisas admiráveis que nos falam de Deus; são sinais da presença de Deus. Um gesto de caridade, uma amizade sincera, uma pessoa que faz o bem ao próximo, um sorriso amigo – tudo isso, aos olhos da fé, são coisas admiráveis que nos recordam o amor divino. Desses milagres, a vida também está cheia. É só olhar a vida com o olhar da fé. Em muitos casos, fé e poesia se complementam. 3°) Em sentido científico, milagres são coisas admiráveis que a ciência "ainda" não sabe como explicar nem consegue repetir. Mas pode ser que hoje a ciência não tenha explicação para algo que amanhã será plenamente entendido e repetido nos laboratórios. A cura de certas doenças, por exemplo, no passado era desconhecida pela ciência. Hoje já existem remédios. Até doenças raras e complexas são curadas pela ciência. O milagre aqui, no sentido teológico, é a inteligência humana colocada a serviço do bem-estar das pessoas e não exatamente a cura. Milagres em sentido científico são poucos. E nem são os mais

- importantes.
- Não estamos afirmando que Deus não possa fazer intervenções, que resultem em algo extraordinário, que não possa ser explicado pela ciência. Mas consideramos que esse não é o modo de agir de Deus. A fé madura nos leva a enxergar a beleza da vida, sem ficar esperando que Deus aja mudando as leis da natureza a nosso favor. Ficar pedindo exceções a Deus é sinal não de fé, mas de imaturidade.

3. ATIVIDADE

Sugestão

- Vamos fazer um pequeno teste para avaliar a maturidade de nossa fé? Repartir com a turma as questões seguintes, uma folha para cada pessoa. Pedir que leiam, reflitam e marquem a melhor resposta de acordo com a pregação da Igreja Católica.

Avaliando nossa fé

Colocamos aqui algumas questões. Leia, reflita e marque a resposta que você achar mais de acordo com a pregação da Igreja Católica.

Ouestões:

- 1. Você é filho de Deus. Por isso:
- A. Você tem a garantia de que nunca irá sofrer na vida.
- B. Você tem a garantia de que Deus está presente em sua vida, como pai.
- C. Você é melhor que as outras pessoas que não têm fé.
- 2. Você tem fé em Deus. Por isso:
- A. Você sempre vencerá na vida, nunca conhecerá derrota alguma.
- B. Você contará com a força de Deus para enfrentar as lutas da vida.
- C. Você terá privilégios, pois Deus não permite que pessoas de fé sofram nunca.
- 3. Você coloca sua confiança no Senhor. Por isso:
- A. Você não precisa fazer mais nada, pois Deus fará tudo por você.
- B. Você lutará confiante e isso o ajudará a alcançar muitas vitórias.
- C. Você estará sempre um passo à frente dos outros, pois Deus reserva para você os melhores lugares.
- 4. No seu entender, as pessoas adoecem porque:
- A. Não têm fé suficiente em Deus.
- B. Adoecer é comum aos seres humanos.

- C. Cometeram pecados graves.
- 5. Diante de uma doença grave, a pessoa de fé:
- A. Somente ora, pois o Senhor opera milagres.
- B. Ora e busca tratamento, pois a medicina pode ajudar e muito.
- C. Ora e pede perdão a Deus, pois a doença veio de algum pecado.
- 6. Se a pessoa ora e, mesmo assim, não é curada:
- A. É porque não orou com fé.
- B. É porque nem tudo se resolve como a gente deseja.
- C. É porque está seguindo uma religião errada.
- 7. Para você, a pobreza existe:
- A. Porque Deus quer que seja assim.
- B. Porque existe a desigualdade social, fruto de injustiças humanas.
- C. Porque as pessoas não têm fé em Deus.
- 8. Em suas orações, você deve pedir a Deus:
- A. Que afaste de você todo mal e não permita que você passe por momentos difíceis.
- B. Que o ajude a vencer todo mal, mesmo que passe por momentos difíceis.
- C. Que o mal recaia sempre sobre as pessoas que não têm fé, porque elas é que merecem passar por isso.
- 9. Uma pessoa com problemas orou ao Senhor e não alcançou o que havia pedido em suas orações. Isso aconteceu porque:
- A. Tal pessoa não orou com fé, faltou determinação.
- B. Nem sempre a gente alcança tudo o que deseja, mesmo que tenha fé e ore a Deus.
- C. A pessoa não alcança as coisas porque ainda não se livrou de seus pecados.
- 10. Uma pessoa de muita fé está passando por diversos problemas em sua família. Isso acontece porque:
- A. Existe alguma coisa errada com a fé dessa pessoa.
- B. Problemas existem, mesmo para quem tem fé.
- C. Deus quer mostrar alguma coisa para essa pessoa e ela não quer enxergar.

Terminado o exercício, conferir as respostas e avaliar. Entendemos que a resposta B sempre mostra a posição da Igreja Católica. As Letras A e C mostram formas diferentes de entender a ação de Deus em nossa vida. Se houver muita resposta A e C, talvez a turma não tenha entendido direito a doutrina da Igreja sobre tais assuntos. O catequista aproveita para tirar dúvidas e frisar como a Igreja lida com estas questões.

Conclusão

Vamos guardar no nosso coração que buscamos a Deus para estar em comunhão com ele, para ser fiéis a ele, porque Deus é bom e queremos estar no coração de Deus. Não buscamos a Deus para obter favores especiais, nem para que nossa vida seja cheia de coisas surpreendentes; não esperamos de Deus coisas que sejam exceção às leis da vida ou da ciência. O que buscamos nele é a força suave de sua presença em nós. Não buscamos coisas que Deus possa nos dar. Buscamos o próprio Deus que se dá a nós. Encontrá-lo e viver em comunhão com ele já nos basta. Ainda que certas coisas da vida nos recordem sempre a fraqueza humana, a força divina nos ajudará a manter a serenidade.

4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Motivar: Vamos com confiança colocar nossa vida nas mãos de Deus. E ele nos dará sua força em todos os momentos. Vamos rezar em forma de ladainha. Cada um lembra uma situação difícil da vida e todos respondem: "Ajude-nos, Senhor!". O catequista começa rezando e os demais devem também fazer suas preces segundo o modelo abaixo:
 - Nas horas difíceis.
 - Na hora da doença.
 - Na hora da morte.
 - Na hora da dor.
 - Na hora da raiva.
 - Na hora do medo. Etc.
- Cantar algo bem bonito. Que tal a música número 7?
- Conferir a frequência, motivando a participação de todos.
- Encerrar, à vontade.

Dicas para o catequista

 A questão dos milagres, apesar de parecer um tema marginal na grande teologia, ocupa um lugar relevante na vida do povo de Deus, pois mostra como a gente entende o modo de Deus agir em nossa vida. A maior parte do povo de fé crê em um Deus intervencionista, que, movido pela nossa fé ou pelas nossas orações e não pela própria bondade, intervém em beneficio de uns e em malefício de outros. Essa visão de Deus não condiz com a teologia católica. Está mais para a teologia da retribuição, muito presente no Antigo Testamento, segundo a qual Deus retribui as boas ações dos justos, ou para a teologia da prosperidade, muito pregada hoje em alguns círculos religiosos, segundo a qual Deus age em favor de seu povo para garantir sucesso e prosperidade absolutos, bastando para isso ter fé. A fé seria a garantia da retribuição divina ou a senha para acessar os favores de Deus. Não por acaso, é comum encontrar pessoas que, ao passar por dificuldades e depois de rezar sem obter o resultado esperado, se sentem pessoas sem fé, como que abandonadas por Deus.

- A Igreja Católica não nega que Deus possa intervir na realidade do mundo, já que ele é Deus poderoso; apenas afirma que esse não é o modo de agir de Deus. Até porque, se Deus fosse intervir em tudo, o mundo seria como um paraíso: não haveria mais doença, nem morte, nem dor, nem sofrimento algum. Ora, se até o filho de Deus sofreu, quem somos nós para imaginar que ficaríamos livres das provações da vida? Seria muita presunção.
- Mas o catequista poderia se perguntar: E os milagres da Bíblia? Jesus fez tanto milagre! Por que não faz mais? Aí entra de novo a questão da interpretação da Bíblia. As narrativas de milagres na Bíblia, especialmente nos Evangelhos, não devem ser entendidas como se esse fosse o modo de agir de Deus. Os milagres são gestos comunicativos de Jesus. Na acolhida do outro, na proximidade que se estabelece, no toque, na palavra dirigida, Jesus comunica Deus e seu amor de forma inusitada. Os milagres devem ser vistos, nesse sentido, como sinais. Eles não apontam para o fato acontecido, mas para além do acontecido, ou seja, para quem o realiza e para o que significa o realizado.
- Não temos a pretensão de explicar os milagres nem de dizer que eles não existiram, como não pretendemos afirmar que aconteceram exatamente da forma como estão relatados. Isso para o evangelista é quase sem importância. O que importa realmente é a força do sinal realizado, o que ele comunica. A força da comunhão estabelecida com Deus e a relação formada têm mais importância que o milagre propriamente dito.
- Ficar esperando, hoje, por milagres pode ser sinal de fé imatura. Talvez seja melhor o olhar poético (e teológico) que vê, nas coisas belas da vida, um sinal do sumo-bem que é Deus. Assim, mesmo por trás de uma doença, existe o milagre da força que nos leva a lutar pela vida; por trás do infortúnio, o milagre da solidariedade e da fraternidade que nos une; por trás da miséria humana, sinais de superação. Mas tudo isso feito com fé e com esforço e nunca com ação mágica de Deus em nossa vida.



7º Encontro A PRESENÇA DO SOFRIMENTO NA VIDA HUMANA

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Receber a turma com disposição.
- Fazer momento de animação cantando.
- Ver como os catequizandos passaram a semana. Trocar ideias, partilhar algumas experiências da semana, etc.
- Sossegar a turma para rezar. Fazer o Sinal da Cruz.
- Cantar a música número 3. Motivar: Nossa vida nem sempre é um mar de rosas. Tem muitos atropelos e sofrimentos. Mas, na peleja da vida, não estamos sozinhos. Está conosco Jesus que nos ama e nos dá sua força. Ele ilumina nosso caminho com sua presença. Ele é nossa força na jornada da vida. Vamos então fazer bastante silêncio e confiar a Deus a nossa vida.
- Fazer breve pausa para rezar. Depois, o catequista convida a turma para erguer os braços e repetir a seguinte prece: Jesus, nós confiamos no Senhor e sabemos que nunca estamos sozinhos. Na hora da dor, o Senhor está conosco. Na hora do sofrimento, o Senhor está conosco. Na hora

do medo, o Senhor está conosco. Obrigado, Jesus por sua presença e força na nossa vida. Amém!

Cantar a música número 6.

2. O QUE A BÍBLIA DIZ

Motivação

Vamos refletir hoje sobre uma questão comum, mas muito delicada: a questão do sofrimento na vida humana. Muitos pensam que, por terem fé e seguirem a Cristo, em comunhão com a Igreja, serão poupados dos sofrimentos da vida. Como nossa Igreja atualmente entende isso? Vamos começar conferindo um texto de Paulo. Vamos ver como ele se posicionava diante da questão do sofrimento.

Texto: Cl 1,24-29

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

Partilha

- Paulo começa o texto, dizendo que se alegra nos sofrimentos suportados pelo povo a quem ele prega a palavra de Deus. Olhando o texto todo, dá para dizer como Paulo conseguiu fazer dos sofrimentos motivo de alegria?
- Paulo diz que, em comunhão com a Igreja, ele completa, com os seus sofrimentos, o que falta às tribulações de Cristo. O que isso significa?
- Paulo fala que tem uma missão. Qual é essa missão?
- E fala de um mistério que estava escondido e foi revelado. Que mistério é esse? E foi revelado a quem? (cf. Dicas para o catequista).

Aprofundamento

- Paulo está muito consciente de sua missão. Ele se uniu a Cristo, para ser um seguidor dele. Ele sabe que Deus deseja que os povos conheçam a riqueza e a glória do mistério de Cristo. E ele se sente um instrumento, para anunciar às pessoas esse mistério de Deus revelado em Cristo. Ele sabe que está anunciando a sabedoria de Deus e que isso vai melhorar a vida das pessoas, tornando-as perfeitas em Cristo. Ele sabe também que luta, não sozinho, mas auxiliado por uma força poderosa que vem de Deus.
- Com toda essa motivação, Paulo declara que não tem medo dos sofrimentos que tem que suportar para dar conta de sua missão. Ao contrário, ele até se alegra, ainda que tenha de sofrer, porque até no sofrimen-

- to ele se assemelha a Cristo. Não é o sofrimento em si que alegra Paulo, mas o fato de ele se assemelhar a Cristo, que também sofreu para cumprir sua bela missão. A beleza da missão compensa os sofrimentos. A certeza de que se está fazendo algo muito bom é maior que o peso das tribulações.
- Paulo sabe ainda que está continuando o que Cristo começou. Este é o sentido de sua frase "completo em minha carne o que falta às tribulações de Cristo". E ele completa não sozinho, mas em comunhão com a Igreja, que atua como um corpo, formado por muitos membros, todos trabalhando pelo mesmo ideal. A certeza de pertencer a este corpo, que é a Igreja, e de estar completando a obra iniciada por Cristo dá a Paulo ainda mais força e alegria, de modo que os sofrimentos são para ele como detalhes no percurso de sua missão. Paulo enxerga muito além dos sofrimentos em si. Ele vê nas tribulações uma consequência da vida que assumiu, da missão que tenta levar adiante. Cumprir a missão é mais importante do que livrar-se dos sofrimentos. E, se o próprio Jesus cumpriu sua missão sofrendo, Paulo entende que, como cristão, não deve buscar, em primeiro lugar, a vida fácil, mas a fidelidade no cumprimento da missão. Essa posição de Paulo sobre o sofrimento é interessante e pode nos ajudar a lidar com as dificuldades da vida.
- A presença do sofrimento na vida humana sempre incomodou a muitos. E continua incomodando. Há pessoas cujo objetivo é levar uma vida sem dificuldades. Essas não entendem nem aceitam a presença das lutas que causam sofrimento. Há pessoas cujo objetivo é cumprir uma missão. Estas entendem que nada se conquista nessa vida sem luta.
- Sobre esse assunto, precisamos evitar duas posições extremas: 1ª) A primeira é aquela que pensa que precisamos aceitar os sofrimentos como forma de purificação e santificação para nós e para o mundo. Esse modo de pensar já levou muitas pessoas quase a ver no sofrimento algo que a gente deva buscar. Mas não precisamos buscar o sofrimento. Essa não é uma posição madura. O sofrimento em si não purifica ninguém. Às vezes, causa mal-estar e revolta. Deus não quer o sofrimento. Ele quer a fidelidade. 2ª) Outra posição muito difundida em nossos dias é que o sofrimento é sempre mau e detestável, como se todo sofrimento viesse do demônio ou do pecado. Quem pensa assim, vai achar que a pessoa de fé não deve sofrer. Então se prega que, aceitando Jesus, a pessoa não sofrerá mais, o que é uma grande ilusão, pois até Jesus sofreu. Há quem pense que, se Jesus já sofreu por nós, então não precisamos sofrer, porque ele, na cruz, já nos libertou de todo sofrimento. Por

isso, lemos o texto em que Paulo diz que a gente, seguindo a Cristo, precisa ir completando a obra dele, inclusive enfrentando a cruz de cada dia. Faz parte da vida de quem segue Jesus assumir aquelas palavras: "Quem quiser me seguir renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e me siga" (Mt 16,24s). O fato de Jesus ter sofrido não significa que nós não tenhamos também que passar pelo sofrimento.

- Mas, então, como entender isso? Não devemos buscar o sofrimento, nem devemos nos imaginar livres dele! Vamos entender que o sofrimento faz parte da vida, pois a vida se esbarra nos limites da existência, no tempo, no espaço, na carne humana tão frágil, na fragilidade psicológica, numa sociedade tão complexa, na natureza tão instável. Tudo isso provoca sofrimentos. Essas coisas fazem parte do mundo. E, como estamos no mundo, precisaremos lidar com tudo isso.
- O fato de seguir Jesus não nos tira do mundo. Portanto, não nos isenta também de lidar com as fragilidades nossas e da humanidade e com os sofrimentos que são próprios da vida humana. O fato de seguir Jesus também não nos traz maiores sofrimentos. Alguém poderia pensar que quem segue Jesus sofre mais. Não existe essa lógica. Como aquele ditado: "Quanto mais reza, mais assombração aparece". E então ficar unido a Jesus seria sinal de sofrimento na certa. Ora, não é isso. Podemos dizer que as pessoas de fé têm uma visão mais cristã do mundo e, conhecendo os ensinamentos de Cristo, enxergam a fragilidade do mundo de modo mais claro. Mas também é certo que pessoas de fé têm mais força para lidar com as dores do mundo.
- A pessoa de fé vai fazer de tudo para evitar a dor, porque é próprio do ser humano não aceitar a dor de qualquer forma, com se ela fosse em si coisa boa. Por outro lado, a pessoa de fé vai saber manter a serenidade a fidelidade naquelas situações em que os sofrimentos não poderão ser evitados. Porque essa é a realidade: nem tudo pode ser evitado. Nossa posição é de equilíbrio: nem resignação passiva, como se a dor fosse vontade de Deus, nem revolta ou medo de sofrer, com se isso fosse aniquilar nossa vida.
- Jesus não vai nos livrar de toda dor. Só se ele nos retirasse do mundo. Só se a gente deixasse de ser humano. Jesus vai nos dar força para "entrar pela porta estreita" (cf. Mt 7,13s) e seguir em frente. E vai nos apontar também outra realidade: a vida eterna, quando todos os sofrimentos serão vencidos. Nossa perspectiva de vitória sobre todo mal se projeta para a vida eterna. Essa é a fé católica. Esse é o nosso jeito de crer.

- Também vale lembrar que a presença da dor não pode ser tomada como sinal de falta de fé. Mesmo quem tem fé está sujeito ao sofrimento. A diferença é que, se esta fé for madura, a pessoa terá serenidade e força para enfrentar suas lutas. Não é porque não temos fé que sofremos. Ao contrário, é porque temos fé que damos conta da vida, mesmo com toda a dor.
- Com isso, fazemos como Paulo. Vamos completando a obra de Cristo, espalhando fé e amor nesse mundo cheio de fragilidades. Não que a obra de Cristo não tenha sido completa. Mas ela precisa ser atualizada em todos os tempos pelas pessoas que seguem Jesus e que continuam, de algum modo, dando a vida e se mantendo fiéis, neste mundo marcado por contradições.
- Imaginar a vida humana sem fragilidades é querer o céu na terra. Cada coisa a seu tempo. Vamos entender isso direito, para não ficarmos iludidos nem nos encantar com falsas promessas de vida fácil.

3. ATIVIDADE

Sugestão

- Vamos analisar um fato da vida. Dividir a turma em pequenos grupos. Repartir o texto seguinte que conta a história de alguém que passou por muitas provações e perdeu a fé. Pedir que a turma leia e faça uma análise da fé da pessoa do texto. Será uma fé madura? Por que a pessoa perdeu a fé? Que conselhos poderíamos dar a esta pessoa?

Fato da vida

Antônio é um senhor de 52 anos, casado e tem quatro filhos. O caçula está com 15 anos. A família vive em total harmonia. Antônio tem um bom emprego. Os filhos estudam em excelentes escolas. A esposa é muito dedicada. É a vida que todo mundo deseja. Antônio e sua família são católicos, muito católicos. Eles agradecem a Deus, todo dia, pela vida tranqüila que estão levando. Para eles, Deus está derramando bênçãos sobre toda a família, porque são pessoas boas e de fé.

Mas um dia, o filho caçula adoeceu. Uns sintomas esquisitos. O pai pensou: não deve ser nada. Coisa de adolescente, mudança de idade. De qualquer forma, levaram o garoto ao médico.

O médico examinou e ficou pensativo. Pediu muitos exames. O médico estava sério. Antônio ficou preocupado e rezou com muita fé. Pedia a Deus que não fosse nada grave.

Quinze dias depois, Antônio saiu do consultório médico em prantos e com um papel na mão em que se lia o terrível diagnóstico: câncer no sangue, ou seja, leucemia. Era muito mais grave do que se pensava. E naquele tempo, pior do que hoje, a medicina ainda não tinha muito o que fazer em casos de leucemia.

O pai se desesperou. Como podia um adolescente com 15 anos ter uma doença tão séria? Como Deus podia permitir isso? Logo ele, um garoto tão bom! Logo com uma família tão unida e tão fiel a Deus?

Os primeiros passos foram dados imediatamente: a família passou a rezar ainda mais e pedir a oração dos amigos. E começaram o tratamento, o que a medicina tinha a oferecer naquele tempo. E fizeram promessas, novenas, romarias a santuários onde se davam bênçãos especiais, participaram de missas de cura, fizeram de tudo.

Mas o garoto só piorava. Os tratamentos não estavam surtindo efeito. A família tomou então uma decisão drástica: vendeu tudo o que possuía, fez campanha entre amigos, ajuntou um bom dinheiro e foi para o exterior, acreditando que em outro país houvesse tratamento mais eficaz. O médico já havia prevenido que era um tipo de câncer muito difícil de combater. A medicina não dava muitas esperanças. E quando médico fala assim é porque não tem jeito mesmo. Mesmo assim, seu Antônio viajou com o filho doente para os Estados Unidos.

Quando voltaram, o garoto estava pior ainda. E a família já sem dinheiro. Antônio se desesperou. Não aceitava a morte do filho. Brigou com Deus. Sabendo de sua crise de fé, membros de outra Igreja foram procurá-lo e prometeram a cura, caso ele mudasse de religião. Disseram que Deus não estava ouvindo suas preces porque ele tinha imagens de santo em casa. Ele quebrou todas as imagens, contra a vontade da esposa, e mudou de religião.

Na nova religião, gastou ainda mais, rezou ainda mais. E o filho continuava cada vez pior. Antônio mudou várias vezes de religião. Freqüentou de tudo. Ele achava que o problema estava na religião ou em sua fé.

Passados alguns meses, o filho morreu. A doença venceu e a morte chegou mais cedo para aquele garoto. Os amigos visitaram, acompanharam, choraram juntos. Mas nada consolava aquele pai.

Desgostoso da vida, hoje Antônio é um homem sem fé. Ele diz que não adianta crer, pois na hora em que a gente mais precisa Deus vira as costas. Até hoje ele não aceitou a morte de seu filho mais jovem. E vive revoltado com a vida.

Questões:

- Vamos agora, analisando o texto, avaliar a fé desse pai desesperado. Como ele enfrentou essa terrível dor?
- Que conselhos poderíamos dar a ele?
- Afinal, será que o filho morreu porque a fé do pai era pequena?
- Onde o raciocínio de Antônio está equivocado, de acordo com a doutrina católica?
- Será que a morte é um mal? Como um católico entende a morte, mesmo que seja de um jovem?
- Alguém conhece alguma história semelhante? Gostaria de recordar? Alguém já passou por alguma dor quase insuportável? Como superou?

Conclusão

O mundo está cheio de pessoas que se desestruturam completamente diante de um sofrimento maior. Entendemos o tamanho insuportável de ver um filho gravemente doente e não ter mais o que fazer para preservar sua vida conosco. Mas pela fé conhecemos os mistérios da vida eterna e sabemos que a morte um dia chega. E nem sempre chega na velhice. Jovens também morrem. Crianças também adoecem. O filho de Antônio morreu bem cedo. Faz parte da vida morrer. Se fosse hoje, certamente a medicina poderia até curá-lo, pois já existem técnicas eficazes no tratamento de muitos tipos de leucemia. Por alimentar pensamentos confusos e por não entender que o sofrimento faz parte da vida, aquele pai se desestruturou diante de uma doença. E não conseguiu mais se refazer. É por essas e outras que precisamos, desde já, entender que na vida há sofrimentos que podemos evitar. E há outros que teremos que enfrentar, passar por eles e superá-los, aprendendo a conviver com a dor, sem deixar de levar adiante a missão que é a nossa vida.

4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Vamos rezar dizendo a Deus nosso sim, em qualquer circunstância da vida. Vamos professar nossa fé, mesmo na hora da dor, da morte, do sofrimento.
- Após cada invocação, diremos: "Eu creio no seu amor, Senhor!".
- Mesmo na hora da dor.
- Mesmo na hora do sofrimento.
- Mesmo na hora da angústia.

- Mesmo na hora do medo.
- Mesmo em meios às doenças.
- Mesmo nas crises familiares.
- Mesmo na hora da morte. Etc.
- Rezar juntos o Pai-Nosso.
- Cantar a música número 2, lembrando que todos somos Igreja.
- Motivar para o próximo encontro.
- Cantar algo bem bonito pra encerrar.

Dicas para o catequista

- Achamos muito importante conversar com os catequizandos sobre o mistério do sofrimento, porque isso os prepara para as lutas da vida. O mundo hoje tem fobia da dor. Há muitas religiões e doutrinas que prometem uma vida sem dor. Mas isso soa completamente ilusório, diante da realidade da vida. A Igreja Católica, mesmo parecendo nadar contra a correnteza, lembra sempre que o sofrimento faz parte da vida, não porque Deus queira, mas porque a vida é assim, marcada por muitas fragilidades. Essa idéia de que Deus poupará da dor quem for fiel é totalmente falsa, já que nem Jesus foi preservado da cruz e ninguém foi mais fiel que ele. Entender o sentido da dor é muito importante para que, ao passar por ela, a gente não se desestruture por completo.
- Vale lembrar que algumas dores são tão fortes ou encontram as pessoas tão frágeis que podem levá-las a adoecer. A ciência conhece hoje o estresse póstraumático, uma perturbação da saúde que aparece depois de um grande trauma e que exige não somente oração, mas também orientação médica. O mesmo se diga de algumas formas de depressão que podem surgir depois de grandes sofrimentos e que também podem melhorar com a devida ajuda médica. O corpo humano pode adoecer de tanto sofrer. E nesse caso não temos um problema de fé, mas de saúde, que deve ser tratado por um médico de confiança. É importante dizer isso, porque muitos tentam se curar de doenças apenas com a oração, quando a medicina já oferece recursos importantes para certos tratamentos.
- No texto bíblico apareceram as expressões paulinas "mistério escondido" e "mistério revelado". O mistério escondido e depois revelado, na teologia paulina, é que Jesus, o messias, não é salvador somente dos judeus, mas também dos gentios, ou seja, de todos os povos. Esse é o mistério escondido, que Deus revela a Paulo: ele ama a todos e a todos dá sua graça salvadora.



8º Encontro CELEBRAÇÃO

I. PREPARAÇÃO:

- Preparar a confraternização, se for o caso.
- Preparar um altar, com uma cruz e material para formar uma corrente. A corrente pode ser formada de elos de papel, sendo que em cada elo deve estar escrito o nome de um santo. Sugerimos que se coloquem nos elos os nomes dos santos cuja vida lembramos no terceiro encontro. O catequista pode acrescentar outros, como achar melhor, contanto que não perca o sentido do rito, que é lembrar a vida dos santos que serviram a Cristo e não as crendices que cercam sua história. Os papéis com os nomes dos santos sejam colocados perto da cruz. No momento de se fazer a memória dos santos, os papéis serão colados em forma de elo, formando uma corrente em volta da cruz de Cristo. Sugerimos colocar também Maria, mãe de Jesus. Nesse caso, não coloque mais nenhuma "outra nossa senhora", para não confundir a cabeça dos catequizandos.
- Preparar um quebra-cabeça que, quando montado, apresente a frase:
 NÃO SOMOS DE PERDER O ÂNIMO. Pode ser montado em uma

- faixa ou em forma de coração. O categuista veja como fica melhor.
- Levar uma Bíblia, para fazer uma entrada solene da Palavra de Deus.
- Levar material para colagem: fita crepe ou durex.
- Preparar bem o ambiente, os ritos, as músicas, etc.

II. ROTEIRO:

1. Ritos Iniciais:

- Saudar a turma e motivar para a celebração: Nessa etapa, estudamos sobre o nosso jeito de ser Igreja. Vamos agora celebrar nossa alegria de ser Igreja, unidos a Cristo, iluminados pela Bíblia Sagrada, em comunhão com os santos, nossos antepassados, e firmes na fé, mesmo nos sofrimentos, porque não somos um povo de perder o ânimo. Vamos iniciar nossa celebração, cantando. Sugerimos a música 1 ou 4.
- Iniciemos nossa celebração, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.
- T Amém!
- Eu desejo a todos que a paz de Jesus, o amor do Pai e a força do Espírito Santo estejam sempre com vocês.
- T Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.
- D Deus nos reuniu aqui, porque quer que sejamos unidos, formando uma Igreja perseverante. Essa Igreja não começou com a gente. Muitos vieram antes de nós. Muitos outros virão depois. Mas hoje nós somos essa Igreja de Cristo. E a obra de Deus depende de nós e da nossa unidade, da nossa disposição e da nossa coragem de crer e seguir Jesus. Vamos, então, logo no início da nossa celebração, dar um abraço em nossos companheiros de catequese, desejando a cada um a força, a paz e o dom de perseverar na fé.
 - (Todos se cumprimentam, num gesto de acolhimento e paz.)
 - Cantar, depois. Sugerimos a música número 14.
 - Prosseguir: A paz é também um dom de Deus. Não é só um desejo nosso, mas um desejo de Deus para nós. Vamos, então, rezar, pedindo a Deus que mantenha acesa a chama da paz e a força da fé em nossos corações.
 - Convidar cada um a colocar a mão no ombro do companheiro ao lado e rezar por ele, repetindo com o catequista: Deus de bondade, venha abençoar todos nós, para que tenhamos paz em nossos corações e coragem para seguir Jesus. Faça de nós, Senhor, uma Igreja unida. Que sejamos iluminados pela sua Palavra de sabedo-

ria. Que sejamos incentivados pelo exemplo dos santos que vieram antes de nós. Que sejamos encorajados pela força de Cristo. E, assim, que saibamos enfrentar com serenidade nossa missão. Venha, Senhor, nos ajudar, amém.

- Oremos: Deus nosso Pai, venha nos unir sempre mais e coloque a sua paz em nossos corações, para que, superando todo obstáculo e vencendo toda fraqueza, possamos testemunhar a nossa fé, pela união de nossos corações. Isso nós vos pedimos, por Cristo nosso Senhor.
- T Amém!

2. Rito da Palavra:

- Fazer uma entrada solene da Bíblia Sagrada, com procissão e canto. Colocar a Bíblia em lugar de destaque previamente preparado.
 Ler o texto bíblico na Bíblia que for usada na procissão.
 - Canto: Sugerimos "Vamos receber a Palavra de Deus" música nº 4 do módulo 1. Ou outra à escolha.
 - Convidar a turma para se assentar para escutar a Palavra de Deus.
 - Comentar: Vamos, agora, escutar um trecho da carta aos Hebreus que nos convida a perseverar sempre na fé.
- L Leitura da Carta aos Hebreus (Hb 10,32-39). Ler na Bíblia.
- C Convidar a turma para um momento de partilha. Cada um pode dizer que mensagem gostaria de tirar do texto lido.

D - Concluir:

O autor desse texto incentiva o povo a perseverar, usando uma frase muito bonita: *não somos de perder o ânimo, para a nossa ruína; somos de manter a fé, para a nossa salvação*. Quem perde o ânimo se arruína porque fica no meio do caminho. No seguimento de Cristo, para irmos até o fim, precisamos manter nossa fé. O autor escreve ao povo, lembrando as lutas já suportadas e as vitórias conquistadas. E afirma que o povo é capaz de continuar firme na fé, perseverando e enfrentando as batalhas da vida. Veja que o autor não promete que as coisas vão ser fáceis. Ele lembra que o povo, já maduro, tem capacidade de lidar também com coisas difíceis. O povo já mostrou isso e precisa continuar firme e forte. Nós, que somos povo de Deus, precisamos nos lembrar sempre

dessa palavra, afinal Deus quer também nos ver firmes e fortes na fé.

3. Memória dos Santos

- Depois de ouvir essa mensagem da Palavra de Deus, que nos incentiva a perseverar firmes na fé, vamos recordar a vida de alguns santos, nossos antepassados. Vamos nos lembrar deles, porque viveram antes de nós e nos deixaram um bonito exemplo de perseverança. Os santos não perderam o ânimo. Olhando para a vida deles, não perderemos também a nossa animação.
- Chamar a atenção da turma para o altar em que está o crucifixo e para os papéis em que estão os nomes dos santos.
 - Explicar: O crucifixo representa Jesus que deu a vida por nós, perseverando até o fim em sua missão. Ele sofreu, mas não desistiu. Sobre o altar estão também papéis com nomes de santos. Os santos fazem parte da história de nossa Igreja. Deles, herdamos a fé. Eles se uniram em torno de Cristo, formando assim uma corrente de fé. Queremos agora nos lembrar deles, para recordar que com eles nós também fazemos parte dessa corrente de fé em torno de Cristo.
 - Ir pegando cada tira de papel, conferir o nome do santo lá escrito.
 Pode-se lembrar um pouco da vida desse santo. Ver o que a turma lembra. Fazer uma prece, sempre dirigida a Deus, pedindo que dê a nós virtudes semelhantes às dos santos.
 - Em seguida, colar a tira, em forma de elo. Seguir unindo um elo ao outro, formando uma corrente em volta da cruz de Cristo.
 - Ao colar cada elo, pode-se cantar um refrão. Sugerimos o refrão da música número 2, ou da música número 10.
 - Encerrar com uma oração, rezada por todos, repetindo com o catequista: Senhor, nós te louvamos pelos santos que fazem parte da história de nossa Igreja. Nós admiramos suas virtudes: sua coragem, sua determinação, sua fidelidade, sua fé. Queremos também ser santos, formando essa grande corrente de fé em torno de Jesus. Venha, Senhor, nos animar no caminho da santidade. Amém.
- C Montar o quebra-cabeça. Explicar à turma que, montando as peças, vai aparecer uma mensagem de incentivo para todos nós.
 - Depois de montado, aparecerá a frase: NÃO SOMOS DE PER-DER O ÂNIMO
 - Comentar a frase.

- Cantar. Sugerimos a música 18.

4. Ritos Finais:

- Convidar a turma para, de mãos dadas, rezar o Pai-Nosso, lembrando que Deus, que é pai de todos nós, nos dará força para jamais perdermos o ânimo.
- Oremos: Deus nosso Pai, fazei que unidos na fé, em torno de Cristo, em comunhão com os santos e com toda a Igreja, possamos perseverar unidos ao Senhor, lutando confiantes, sem perder o nosso ideal. Isso vos pedimos, por Nosso Senhor Jesus Cristo, na unidade do Espírito Santo.
- T Amém!
- C Dar os avisos necessários.
 - Conferir a frequência.
 - Motivar a turma para a próxima etapa.
 - Fazer a confraternização, como combinado.
 - Encerrar, à vontade.

Quarta Etapa Os Sacramentos da nossa Igreja

Nesta última etapa do módulo 4, vamos nos ater a algo que é bem próprio da nossa Igreja: os sete sacramentos.

Antes de falarmos dos sete sacramentos, convém lembrar que nossa Igreja se compreende como sacramento de Cristo e entende que Cristo é sacramento do Pai. Daí provém a noção de sacramentalidade da Igreja. A Igreja, em sua ação, assume a tarefa de ser sinal. Como Cristo veio ao mundo para ser sinal do Pai e para revelar o Pai, a Igreja está no mundo para ser sinal de Cristo, para revelar Cristo. Agindo assim, ela se torna sacramento ou sinal, o que nesse caso tem significado equivalente.

A sacramentalidade da Igreja é, ao mesmo tempo, uma característica e um chamado: ela está sempre se sentindo desafiada a ser, no mundo, sinal do amor misericordioso do Pai, revelado por Jesus Cristo, no Espírito Santo. Desse mistério, a Igreja é testemunha e sinal. Essa é a sua sacramentalidade. Nesse sentido, ser sacramento é ser sinal de Cristo no mundo. Ou ser luz no mundo, como nos diz Mateus em seu Evangelho (cf. Mt 5, 14).

Dessa sacramentalidade brotam os sete sacramentos. A Igreja expressa sua sacramentalidade pela sua ação no mundo, agindo de modo a ser sinal de Cristo, luz do mundo. Nesse sentido, os sete sacramentos são momentos fortes de celebrar a presença de Jesus em nossa vida, convidando-nos e envolvendo-nos no compromisso de ser luz.

Ao celebrar cada sacramento, percebemos que nossa vida é sacramental. Somos chamados, pela vivência da fé, a ser, com a Igreja e como a Igreja, sacramento do Cristo ressuscitado que vive em nós. E celebramos isso em sete momentos especiais, que são pontos fortes de nossa vida.

O número sete lembra o simbolismo da totalidade, da perfeição. Toda a nossa vida, do começo ao fim, está marcada pela presença de Jesus ressuscitado, que age por meio da Igreja. Toda a nossa vida é sacramental. Cada gesto, cada palavra, cada escolha revela a presença de Jesus ao mundo.

Não vamos nos aprofundar aqui na história dos sacramentos, como se chegou a esses sete e como a Igreja os entendeu em diversos momentos de sua história. Isso seria ótimo e nos daria maior flexibilidade na compreensão e vivência dos sacramentos. Mas exigiria maior disponibilidade de tempo e maior espaço para reflexão teológica. Por enquanto, nosso objetivo é levar os catequizandos a conhecer, de modo simples e profundo, a riqueza e a prática dos

sete sacramentos que estão aí disponíveis na vida cotidiana da Igreja. Outros aprofundamentos poderão ser feitos depois.

O Código de Direito Canônico diz que os sacramentos são sinais e meios pelos quais a fé se exprime e se fortalece; se presta culto a Deus e se santificam as pessoas (cf. cânon 840). Vamos partir desses pontos para entender como, em cada sacramento, a Igreja expressa e fortalece sua fé em Cristo, prestando culto a Deus e sendo santificada por ele. E, é claro, cada pessoa que procura os sacramentos, porque é Igreja, participa de todas essas ações que ela realiza e é santificada por Deus. Esse parece ser o ponto central para a compreensão do sentido dos sacramentos.

Nosso objetivo, nesta etapa, é dar aos catequizandos uma noção da sacramentalidade da Igreja, mostrando como ela se expressa e celebra sua fé por meio dos sete sacramentos.

Lembramos ao catequista que é sempre importante conferir as dicas no fim de cada encontro. Algumas questões colocadas nas dicas talvez sirvam para esclarecer melhor e tirar dúvidas. Evitamos colocá-las no corpo do encontro, para não estender demais o aprofundamento. Fica a critério do catequista analisar até que ponto deve fornecer mais informações às crianças.

Lembramos ainda que esse tema tão frequente nas diversas coleções de catequese e tão presente nos encontros catequéticos não é tão simples e fácil quanto parece. Estamos diante de questões polêmicas e de difícil acordo teológico. Até porque a prática pastoral e a reflexão teológica nem sempre andam juntas nesses casos. Então, optamos por abordar os sacramentos por uma vertente prática e simples, buscando o sentido de costumes que se firmaram na prática pastoral. Outras abordagens seriam possíveis, com teologia mais elaborada. Mas pensamos que isso escapa aos objetivos dessa coleção.

É preciso dizer também que muitas questões ligadas aos sacramentos, principalmente relacionadas à prática pastoral, podem variar de acordo com os costumes de cada diocese. O catequista esteja atento às orientações e normas de sua diocese ou paróquia, para que se faça sempre um trabalho de conjunto.



1º Encontro O BATISMO

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Acolher a turma com simpatia e bom humor.
- Cantar músicas bem animadas, especialmente aquelas das quais a turma gosta mais.
- Convidar a turma para rezar. Silenciar o grupo e fazer o Sinal da Cruz.
- Motivar: Estamos reunidos mais uma vez em nome de Deus. Ele nos ama e por isso nos reúne como sua Igreja. Ele está junto de nós todo o tempo. Sua presença amiga é uma certeza que não nos abandona. Por mais que a gente não o veja, nós sabemos que ele está conosco e não estamos sozinhos. Por mais que saibamos de nossas fraquezas, confiamos na força dele. Nós contamos com a força transformadora da fé em Jesus ressuscitado. Ele é nosso companheiro de caminhada e nos guia pelo caminho da vida. Então, vamos com confiança cantar a música número 17 e nos preparar para rezar. Vamos reforçar nossos laços de comunhão e amizade com Jesus e com os irmãos.
- Cantar várias vezes a música anterior até que a turma se acalme e esteja pronta para rezar. Depois, cada um poderá fazer uma prece, entregando

a Deus a sua vida. O catequista motiva a turma a renovar sua fé, seu compromisso com Jesus. Cada um poderá dizer algo como: Senhor, eu renovo meu compromisso com o Senhor. Ou: Jesus, ajude-me a ser seu fiel seguidor. Ou: Jesus, aumente minha fé e minha confiança no Senhor. Depois de cada prece, todos dirão: Renove nossa vida, Senhor Jesus.

Cantar novamente a música anterior.

2. O QUE A BÍBLIA DIZ

Motivação

Vamos refletir hoje sobre o sacramento do Batismo, que é o primeiro sacramento que celebramos. Quase sempre nossa família pediu o Batismo para nós quando ainda éramos crianças, de modo que este sacramento mostra que Jesus está conosco, nos abençoando, desde o começo de nossa vida. Vamos ouvir um texto bíblico em que Jesus envia os seus discípulos e pede que eles batizem as pessoas.

Texto: Mt 28,16-20

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

Partilha

- Quem são os onze discípulos? Por que são onze e não doze?
- O que Jesus lhes disse? O que Jesus pediu a eles?

Aprofundamento

- Nesse texto, Jesus ressuscitado envia os discípulos em missão. Ele pede que os discípulos transmitam às demais pessoas o que ele lhes transmitiu. Ou seja, tudo o que eles viveram com Jesus ao longo do seguimento do seu caminho, do discipulado, eles devem transmitir a outras pessoas para que elas também experimentem a vida nova que só Jesus pode proporcionar. Assim, eles farão novos discípulos, novos seguidores de Cristo. Esses novos seguidores devem ser batizados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.
- Entendemos, então, que o Batismo é, desde o começo da Igreja, um sacramento para quem quer ser discípulo de Jesus. Significava que aquele novo discípulo estava entrando para o grupo dos seguidores de Jesus, a Igreja, e se comprometendo a ser também um seguidor de Jesus.
- O Batismo era feito por imersão: a pessoa, ao ser batizada, era mergulhada nas águas. Esse rito significava o mergulho na vida nova proposta

por Jesus. O simbolismo da água está muito presente na Bíblia, lembrando a ação santificadora e purificadora de Deus que age em nós dando-nos vida nova. O batizado, mergulhado no mistério de Cristo, assumia uma vida nova, marcada pela fé em Cristo. Para mostrar a força dessa vida nova, Paulo a compara com a transformação pela qual Cristo passou ao morrer e ressuscitar. Também os batizados eram convidados a morrer para a vida velha e ressuscitar com Cristo para uma vida nova. Então, ser batizado é mergulhar no mistério de Cristo e assumir a vida completamente nova da fé.

- Com o tempo, o rito do batismo foi passando por adaptações. A Igreja começou a fazer o batismo por infusão, derramando um pouco de água sobre a cabeça da pessoa batizada, como até hoje é mais comum fazer. Este modo pareceu mais prático, principalmente diante de um número maior de pessoas que procuravam o batismo. Isso simplificou o modo de celebrar o Batismo, sem mudar o significado dele. A água usada no Batismo, seja por imersão, seja por infusão, continua a ser sinal do mergulho da pessoa no Deus Trino, que nos dá a vida nova, do mesmo modo que deu vida nova a Cristo, por sua ressurreição.
- O batizado assume essa vida nova: uma vida de fé e seguimento de Cristo. Então, o Batismo significa que a pessoa está renascendo para a vida nova em Cristo. A partir do Batismo, a pessoa passa a fazer parte da comunidade de fé, fazendo um compromisso com Jesus e com a Igreja. O batizado é incorporado a Cristo e à Igreja.
- Bem no começo da Igreja, foi assim: os discípulos pregavam, as pessoas acolhiam Jesus e eram batizadas. Estamos falando, então, de pessoas mais adultas que já tinham condições de acolher o convite de seguir Jesus e tomar a decisão de ser discípulas.
- Mas logo surgiu um costume que ampliou a compreensão do Batismo. É que alguns pais de família, quando aceitavam a mensagem de Jesus, pediam o Batismo não somente para si, mas para toda a família, incluindo as crianças. Com isso, os pais de família, vendo a importância de seguir Jesus, já prometiam também educar os filhos nessa fé.
- A Igreja viu nisso um gesto positivo e passou a batizar também as crianças. Então, havia o Batismo de adultos quando a própria pessoa, já amadurecida, acolhia Jesus e desejava fazer parte da Igreja e o Batismo de crianças quando os pais desejavam que os filhos já fossem mergulhados na vida de fé que eles assumiam e na vida nova proposta por Jesus.

- Jesus, quando pediu aos discípulos que batizassem, não disse que era para batizar somente adultos, nem proibiu que se batizassem as crianças. Quando não se tem uma ordem clara de Jesus, a Igreja decide pelo bom senso. E pareceu a todos muito bom que os pais estivessem demonstrando o desejo de já educar os filhos na fé cristã. Desse modo, eles nem precisariam mais tarde deixar a vida velha para mergulhar em Cristo. Já cresceriam mergulhados em Cristo e em comunhão com a Igreja.
- Com o tempo, o Batismo de crianças foi se tornando o costume mais comum na Igreja. Hoje, a Igreja recomenda que as famílias de fé busquem o Batismo para seus filhos logo nos primeiros meses de vida. Por que isso? É porque a Igreja entende que os primeiros anos são decisivos na vida de uma criança. Ainda mais hoje, quando as ciências humanas, como a psicologia, confirmam que a época mais importante no processo educativo é justamente a primeira infância, ou seja, os primeiros anos da vida.
- A criança é mergulhada na fé, pelo Batismo. No Batismo, a criança é iniciada na fé da Igreja, que celebra a vida nova em Cristo e deseja que essa experiência da vida nova esteja presente também na vida das crianças, para que elas já cresçam "em Cristo" e com a Igreja.
- A Igreja juntamente com a família que pede o batismo –, ao batizar uma pessoa, expressa a sua fé em Deus, renova e fortalece seu compromisso com Jesus, louva a Deus pela nova vida que começa e, assim, todos se santificam. Mesmo que a criança não seja ainda capaz de entender o que se passou, não tem problema. Espera-se que, com o tempo, ela compreenda a experiência pela qual passou e assuma os compromissos nos quais o Batismo implica. Para que isso aconteça, o importante é que a Igreja, a comunidade eclesial, e a família estejam sempre ao lado desse batizado, testemunhando a presença de Jesus e a alegria de estar sempre em união com ele. Isso o ajudará a crescer em Cristo e com a Igreja.
- É bom lembrar que, apesar do costume de batizar crianças, a Igreja ainda conserva o Batismo de adultos, para as pessoas adultas que ainda não foram batizadas e que querem se unir a Jesus e à Igreja fazendo sua opção pela vida cristã. Então, nossa Igreja considera válido e oportuno tanto o Batismo de crianças quanto o de adultos, mas aconselha os pais cristãos a já batizarem os seus filhos desde novos, criando em torno deles um ambiente de fé.

- Assim se santifica e se celebra esse momento marcante da vida em que uma nova vida começa. Consagrar essa vida a Deus, pelo Batismo, é um gesto de fé de quem pretende fazer o melhor possível para ajudar as crianças a crescerem em ambiente saudável, na presença de Deus e em união com a Igreja. Todos os momentos da vida são importantes. Mas alguns são muito importantes. O começo da vida é um desses momentos bonitos em que a gente se cala diante do mistério. E pede a ajuda de Deus, expressando e fortalecendo a nossa fé, louvando a Deus pelo dom da vida e fazendo o propósito de construir uma comunidade eclesial forte para que o batizado cresça na fé apoiado pela Igreja.

3. ATIVIDADE

Sugestão

- Convidar a turma para recordar o dia de seu Batismo (conferir se todos os catequizandos da turma já foram batizados).
- Explicar:
 - Quando vocês eram ainda pequenos, seus pais e padrinhos apresentaram vocês à Igreja e vocês foram batizados. Aquele dia do batizado a celebração, a festa significou muito para a Igreja e para toda a família de vocês. Vocês estavam começando a vida. Os pais, cheios de amor e cuidados, queriam que vocês já começassem a vida na presença de Jesus ressuscitado, no seguimento dele. Assim, por meio do Batismo, vocês começaram a vida marcados com o sinal da fé, na companhia amorosa daquele que nunca nos abandona.
 - Hoje, já crescidos, vocês estão aqui na catequese, vivendo ainda na presença de Jesus. Isso mostra que o Batismo de vocês não foi em vão. Vocês foram mergulhados em Deus e passaram a fazer parte da Igreja e, agora, estão crescendo na presença e no amor de Deus. Isto é que é importante.
 - Reconhecendo a importância do Batismo que um dia recebemos, vamos renová-lo nesse encontro.
- O catequista dispõe uma bacia com água e um raminho para aspersão.
 Cada criança se aproxima. O catequista pergunta a cada um: *Fulano*, você quer ser sempre um seguidor de Jesus?
- A pessoa responde e o catequista a asperge com a água.
- No final, cantar. Sugerimos a música 2 ou 9, lembrando que fazemos parte da Igreja de Jesus.

- Observação importante: Se houver na turma crianças ainda não batizadas, o catequista lembre isto e diga: "Entre nós, há alguém que ainda não foi batizado e que vai daqui a algum tempo celebrar o batismo, mas já deve ir se comprometendo com Jesus". Essa pessoa pode também ser aspergida com a água, para manifestar o seu desejo de continuar na catequese, em busca da vida nova que um dia vai abraçar de vez quando for batizada. Lembre-se o catequista de que, desde o início, estamos prevendo que batizados e não batizados possam freqüentar juntos as mesmas turmas de catequese, sem ser necessário separar os catecúmenos, ou seja, os que estão ainda se preparando para o batismo.

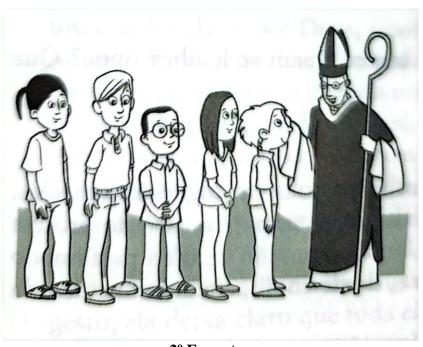
4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Sossegar a turma para rezar.
- Motivar: Vamos agradecer a Deus porque ele é bom e está sempre conosco. Vamos cantar a música número 6.
- Depois, cada um poderá dizer uma frase de agradecimento. Após cada prece, dizer juntos: Obrigado, Senhor!
- Ao final, se for oportuno, encerrar cantando a música número 7.
- Despedir a turma com alegria, motivando a participação nas diversas atividades da comunidade.

Dicas para o catequista

- O cânon 854 do Código de Direito Canônico afirma que o batismo pode ser celebrado por imersão, mergulhando a pessoa na água, ou por infusão, derramando um pouco de água sobre a cabeça da pessoa. As duas formas continuam válidas. Se a Igreja opta mais pela infusão, é por uma questão de praticidade.
- Outra questão que precisamos entender é a ligação do batismo com o pecado original. Aqui caberia uma longa reflexão teológica sobre o que é o pecado original. Infelizmente, precisamos simplificar. Hoje é mais comum a teologia entender o pecado original como a fraqueza presente em nós desde o nosso nascimento. A pessoa já nasce com essa fraqueza porque ela é criatura e não Deus, ou seja, ela nasce com esse traço próprio da vida humana que é a tendência ao pecado. Mergulhada em Cristo, desde o seu batismo, a pessoa encontra força para lutar contra as fraquezas que vão acompanhá-la por toda a vida. A libertação do pecado não é, portanto, uma ação mágica e instantânea do sacramento do batismo. Ela acontece à medida que a força de Deus vai agindo em nós. E o batismo, levado a sério,

- ajuda com certeza a pessoa a viver na liberdade dos filhos de Deus, superando todo pecado.
- Outra questão é se o batismo nos faz filhos de Deus. Esta é uma expressão bonita que precisa ser bem entendida. Toda pessoa é filha de Deus, mesmo que não seja batizada. Quem é batizado, tendo sido incorporado a Cristo e à Igreja, acaba vivendo a filiação divina em uma dimensão diferente. Talvez pudéssemos dizer que todos são filhos de Deus, mas nem todos têm consciência disso. Ou nem todos vivem como filhos de Deus. Devemos tomar cuidado para não alimentarmos preconceito contra os não-batizados, dizendo que eles não são filhos de Deus. Em vez do preconceito, a Igreja nutre para com eles uma atitude acolhedora, convidando-os a se incorporarem aos que fazem da filiação divina uma condição a ser vivida com alegria, em comunhão com a Igreja.
- Também é bom lembrar que toda a pregação popular sobre o limbo já foi superada. A existência do limbo, como lugar para onde vão, depois da morte, os não-batizados, nunca foi assumida pela doutrina da Igreja. Tratase mais de uma tradição popular. E deve ser superada. Se alguém morrer sem o batismo não estará, por esse motivo, privado da presença de Deus na eternidade. Além disso, vamos deixar que o próprio Deus cuide das coisas lá na eternidade. De qualquer forma, a Igreja já fez declarações oficiais de que o limbo não existe.



2º Encontro A CRISMA

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Receber a turma em ambiente aconchegante.
- Cantar músicas alegres para começar de forma animada o encontro. Que tal a número 5?
- Depois, sossegar a turma para rezar. Lembrar que é Deus quem nos reúne e fazer o Sinal da Cruz.
- Cantar a música número 18. Motivar: Jesus nos chama a segui-lo e servi-lo assumindo nossa missão na Igreja, desempenhando a tarefa para a qual estamos habilitados. Todos nós temos dons e capacidades incríveis e podemos colaborar com a construção do Reino de Deus nas tarefas da nossa comunidade. Vamos responder nosso sim a Jesus rezando juntos.
- O catequista reza e a turma repete: Jesus, nós somos seus discípulos e nos alegramos com isso. O Senhor nos chamou para te seguir e viver sempre na sua presença. Obrigado, Senhor. Ajude-nos a colocar a nossa vida sempre a serviço dos irmãos para que a gente forme uma Igreja cada vez mais unida e mais forte. Amém!
- Cantar a música número 9.

2. O QUE A BÍBLIA DIZ

Motivação

Vamos hoje refletir sobre o sacramento da Crisma, também chamado de Confirmação. Por meio desse sacramento, a Igreja confirma a pessoa crismada como testemunha de Cristo, comprometida a fazer o que Jesus fez, difundindo e defendendo a fé.

Texto: Is 61,1-3

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

Partilha

- O que significa ser ungido pelo Espírito do Senhor?
- Qual a missão do profeta?
- No Novo Testamento reaparece esse texto. Quem se lembra onde? Que tal conferir Lc 4,18-19?

Aprofundamento

- Havia um antigo costume de se ungirem as pessoas em algumas ocasiões. Quando uma pessoa recebia uma missão especial, como é o caso do profeta ou do rei, essas pessoas eram ungidas. Uma boa porção de óleo perfumado era derramada sobre a cabeça da pessoa e, desde então, ela era considerada escolhida para uma missão especial.
- A unção significava a força de Deus. Na missão que aquela pessoa estava assumindo, ela não estava sozinha. Deus estava com ela, fortalecendo-a, amparando-a para que ela pudesse desempenhar sua missão com competência. Ungir uma pessoa significava que Deus confiava nela para cumprir uma tarefa, e a comunidade de fé esperava que essa pessoa correspondesse à confiança nela depositada.
- No Novo Testamento, Jesus aparece como o Ungido do Pai. Lucas até retoma Isaías para dizer que, em Jesus, esse texto ganha pleno cumprimento. Daí vem a palavra Cristo, que significa aquele que foi ungido para uma missão (cf. Lc 4,18-19).
- A palavra Crisma vem de unção. O sacramento da Crisma também tem esse sentido. A pessoa é ungida com óleo, ou seja, é crismada, em um ritual que lembra que ela, como batizada, tem a mesma missão de Jesus.
- No começo da Igreja, a Crisma era celebrada juntamente com o Batismo. A pessoa assumia a fé e era batizada, unindo-se à Igreja. Como já se tratava de um adulto, a mesma pessoa era também ungida com o óleo

- do crisma, ou seja, era crismada, mostrando que a Igreja já confiava a ela a mesma missão da comunidade eclesial.
- Com o tempo, os costumes foram mudando. Como, atualmente, a Igreja incentiva o Batismo de crianças, pareceu importante separar os dois momentos: Batismo e Crisma. No Batismo, a Igreja agradece a Deus por mais uma vida, mergulhando-a no mistério da vida nova de Jesus. Com o Batismo, a Igreja realça a *eleição*, ou seja, cada um de nós é amado e conhecido por Deus desde sempre. Cada um foi eleito por ele para ser seu amigo fiel e companheiro. Cada vida é um dom e uma bênção que Deus oferta à família e à comunidade de fé. Então, Deus elege a criança em seu amor, manifestado de forma definitiva em Jesus Cristo que deu a vida por todos nós. Esse amor é eleição. Eleição não é escolher um e rejeitar outro como se faz nas urnas para eleição do presidente ou do prefeito. Eleição é escolha amorosa; Deus escolhe a todos, mas a cada um na sua individualidade. Ele chama cada um para viver como viveu Jesus: como filho de Deus. Essa eleição é celebrada no Batismo.
- Com a Crisma, a Igreja realça a unção, ou seja, a missão que cada batizado tem como Igreja que ele é de ser outro Cristo no meio do mundo. Cada um que foi eleito por Deus, escolhido por ele e acolhido no seu amor, tem a missão de testemunhar diante do mundo esse amor maravilhoso. Então, a Crisma passou a ser celebrada mais tarde: quando a pessoa já chegou à "idade da discrição", conforme pede o Código de Direito Canônico (cf. cânon 891), ou seja, quando ela já tem condições de entender qual é a missão que está assumindo ao ser crismada.
- Curioso notar que, mesmo celebrando em dois momentos nossa *eleição* e *missão*, a Igreja, para realçar a unidade desses dois sacramentos, manteve o costume de, no Batismo, ungir a criança com o óleo do crisma. Com esse gesto, ela deixa claro que toda *eleição* já implica em *missão*, que será confirmada mais tarde em ocasião oportuna.
- Em cada Diocese, o bispo determina as normas para a Crisma. Tem sido mais comum realizar a Crisma por volta da adolescência, no começo da juventude. A Igreja imagina que, nessa idade, o jovem já tem condições de assumir sua missão cristã, sua *unção*, expressando sua vontade de servir a Cristo, testemunhando seu amor.
- Então, temos o seguinte: Quando criança, a pessoa é batizada. Quando jovem, é crismada. Ao ser batizada, a criança é assumida, pela família e pela comunidade de fé, como pessoa amada e eleita por Deus, chamada por ele para participar da vida de seu Filho. É o rito de entrada da criança na Igreja. Toda a Igreja acolhe aquela vida que chega e se compro-

mete a amá-la. O maior sinal de amor da Igreja é, além de defender sempre a vida, transmitir a quem chega a fé em Jesus ressuscitado da qual ela é portadora. Ao ser crismada, a pessoa é ungida para assumir como Igreja seu compromisso com Cristo — o ungido do Pai. Somos ungidos (crismados) para seguir e servir o Ungido de Deus, Jesus.

- Quando um adulto é batizado, a Igreja diz que ele deve também ser logo crismado, já assumindo sua missão cristã. Ou seja, que fique claro: o adulto que vem pedir o Batismo será acolhido na comunidade de fé como *eleito* de Deus no seu amor e como *ungido* para ser seu servidor.
- A Igreja, quando realiza o sacramento da Crisma, exprime sua fé, pois continua dizendo ao mundo que seguir e servir a Jesus vale a pena. Ela fortalece sua fé em Jesus, o Ungido do Pai, e se une ainda mais a ele confirmando sua própria missão. Por essa ação litúrgica, ela presta culto a Deus, a quem serve, e convida os crismados a fazer o mesmo. O jovem crismado, ao entrar nessa fase bonita da vida, como Igreja da qual faz parte também expressa sua fé e louva a Deus por estar amadurecendo. Com isso, ele é fortalecido e santificado pelo Espírito em comunhão com toda a Igreja.
- A juventude é, de fato, um momento muito importante na vida da pessoa. E o sacramento da Crisma quer mostrar que, nesse momento, o jovem é convidado por Cristo a fortalecer os laços da fé e a santificar-se, num clima de testemunho e gratidão a Deus, para encarar com coragem e determinação os desafios de ser um jovem cristão.

3. ATIVIDADE

Sugestão 1

- Fazer um cartaz com as possíveis tarefas que pessoas dessa idade podem assumir na paróquia: ser coroinha, ajudar na liturgia, na equipe de música, nos grupos de visitas a idosos, etc. É um jeito de cada um ir se despertando para a missão. Mostrar como na comunidade e na paróquia as crianças já podem ir assumindo alguma tarefa para o bem de toda a Igreja. Dialogar sobre isso. Ouvir as sugestões da turma. O cartaz pode ser montado a partir das sugestões da turma. Ou o catequista pode começar a atividade apresentando os trabalhos pastorais da paróquia nos quais as crianças poderiam se engajar.

Sugestão 2

Fazer um momento de reflexão e oração, a partir da música número 2 –
 Você é Igreja. Repartir a letra com a turma. Pode-se cantar a música.
 Depois pedir que leiam o texto e reflitam sobre ele. Pode ser em peque-

nos grupos, em duplas ou individualmente, como parecer melhor. Depois, fazer um debate sobre o que significa ser Igreja. Cada um poderia destacar a mensagem que achou mais importante nessa música. Pode-se encerrar com um momento de oração. Cada um pode dizer a Deus, em oração, por que deseja ser Igreja. Por exemplo: "Eu quero ser Igreja, Senhor, porque eu acredito na força da união". Todos respondem: "Queremos ser Igreja, Senhor!" Encerrar, cantando de novo a música ou apenas o refrão. Se quiser incrementar, ao fazer a prece, cada um acende uma vela, para lembrar que, sendo Igreja, somos luz do mundo. Ir colocando todas as velas em um altar em local previamente preparado, como uma bandeja, por exemplo.

VOCÊ É IGREJA

Você é Igreja, quando acredita na força, Na força da fé que nos une e nos faz ser irmãos. Você é Igreja, quando acredita na vida, Na vida que, mesmo sofrida, não é um sonho em vão.

Você é Igreja também pelo seu Batismo, Batismo que é compromisso com o Cristo Jesus. Você é Igreja porque se apaixonou por Cristo E agora carrega também, cada dia, sua cruz.

Você é Igreja! Nós somos Igreja! Igreja de Cristo, de irmãos que se unem Pra juntos sonhar. E a nossa Igreja vai ser mais Igreja, Se você também assumir esse sonho e por ele lutar.

Você é Igreja, irmão, pois você tem um sonho, Um sonho de ver este mundo mais justo e fraterno. E, além desse sonho, você alimenta a esperança De um novo mundo futuro, infinito e eterno.

Você é Igreja também, quando se compromete Sem medo de se arriscar a serviço do bem. Por ser esta Igreja, irmão, você luta e se doa, Levando amor e esperança a quem não os tem. Você é Igreja, na força da Eucaristia, Pois quando do Corpo de Cristo você se alimenta, Recebe em seu corpo o mistério infinito, profundo Que a nossa união como Igreja realiza e aumenta.

Você é Igreja também, quando em suas fraquezas, Acaba sentindo cansaço, vacila e cai. Pois, sendo cristão, você nunca deixou de ser gente. Mas ergue-se, vence a queda, caminha e vai.

Conclusão

A gente vai crescendo em idade. E, com a idade, vai crescendo também na fé, vai amadurecendo e se preparando para assumir novos desafios que a vida nos apresenta, renovando sempre a alegria de ser cristão, ungido, ou seja, nomeado para uma missão bonita. O sacramento da Crisma é para celebrar esse amadurecimento da fé e confirmar o jovem no caminho de Cristo. Assim, a Igreja vai acompanhando as pessoas por toda a vida, desde o nascimento até a velhice, no desejo de ajudá-las a permanecerem firmes no caminho de Deus. Desta forma, a Igreja cumpre sua missão de ser sinal de Deus para o mundo, ou seja, sacramento de Deus, uma luz para o mundo.

4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Dar as mãos e rezar juntos o Pai-Nosso.
- Cantar a música número 14.
- Encerrar com o abraço da paz.

Dicas para o catequista

- O ministro da Crisma normalmente é o bispo. A presença do bispo nesse momento expressa a união do crismado com a Igreja inteira, em seu caráter apostólico. Em casos especiais, o padre também ministra a Crisma, por exemplo, quando batiza um adulto. O bispo pode também delegar a função de crismar para algum padre que atua nesse caso como representante especial do bispo. O importante é ficar claro que o crismado é ungido para servir a toda a Igreja e não somente à sua comunidade ou paróquia. Assim se expressa a universalidade da missão.
- Não se trata de confirmar o Batismo, como se este não tivesse valido, mas de confirmar a pessoa na caminhada de fé. Isso deve ficar claro, porque muitos pensam que a Crisma é necessária porque o Batismo se

- deu quando a pessoa, ainda criança, não tinha condições de entender o sentido de ser cristão. Cada sacramento tem o seu sentido. Mesmo quando um adulto é batizado, ele deve também ser crismado, para que se expresse sua eleição, para participar da vida nova de Cristo, e sua unção, para assumir a missão cristã.
- Convém distinguir também, só para correção de português, que dizemos a crisma, quando falamos do sacramento, e o crisma, quando falamos do óleo, usado não somente neste sacramento, mas em outros. Então, dizemos: óleo do Crisma e sacramento da Crisma.
- O cânon 891 do Código de Direito Canônico não determina uma idade exata para a celebração da Crisma. Mas diz que esse sacramento deve ser conferido aos fiéis, mais ou menos na idade da discrição o que significa depois dos sete anos completos. O mesmo código transfere para as conferências episcopais a tarefa de definir a melhor idade para a celebração da Crisma. Entre nós, a CNBB não fixa uma idade, mas fala de critérios, dizendo que o bispo deve se preocupar não tanto com o número de anos, mas com a maturidade da fé e a inserção na comunidade daquele que vai ser crismado, ou seja, com a capacidade dele de entender o sentido de sua unção. De qualquer modo, cada bispo tem a competência para definir em sua diocese como e quando se celebra a crisma.
- Como estamos falando de assumir nossa missão de ser Igreja, é muito importante que o catequista já vá incentivando na turma essa atitude de participação, como foi sugerido na atividade. As crianças já devem se sentir parte da Igreja, assumindo pequenas tarefas, de acordo com sua realidade.



3º Encontro A EUCARISTIA

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Acolher a turma com simpatia e bom humor.
- Cantar músicas de acolhida. Motivar a turma a se cumprimentar e desejar boas vindas.
- Sossegar a turma para rezar. Fazer o Sinal da Cruz.
- Cantar bem bonito e tranquilamente a música número 8.
- Motivar: Vamos nos colocar na presença de Deus com muita confiança e amor. Ele nos ama e cuida de nós. Ele quer nos ajudar a ter força e paz em todos os momentos da nossa vida. Por isso, ele está sempre junto de nós nos amparando e nos mergulhando ainda mais nos seus mistérios, na sua vida nova. Cada um, com muita confiança, pode fechar os olhos, colocar a mão em seu coração e dizer para Jesus que quer ser sempre seu amigo e viver sempre na amizade com ele.
- Fazer pequena pausa para oração silenciosa. Depois, o catequista reza e a turma repete: Senhor, nós somos seus amigos, seus discípulos e apóstolos. Nós queremos sempre te seguir e te conhecer cada vez mais. Ajude-nos, Senhor, a seguir em frente na caminhada da fé sem jamais desanimar. Nós contamos com sua força e seu amor. Amém!

 Se quiser, cantar de novo a música anterior. Ou a música 5, para lembrar que a vida é sempre um dom de Deus celebrado em cada sacramento.

2. O QUE A BÍBLIA DIZ

Motivação

Outro sacramento muito importante é a Eucaristia. Hoje vamos compreender seu sentido. A Eucaristia que nós celebramos faz memória da entrega de Jesus na cruz e de sua vitória sobre a morte na ressurreição. Jesus está vivo no meio de nós; ele nos acompanha e anima. Foi para nos ajudar a ficar sempre na sua presença amiga que ele nos deixou a Eucaristia. Vamos, então, ouvir um texto da Carta aos Coríntios no qual Paulo recorda como foi que Jesus, na última ceia, instituiu esse sacramento.

Texto: 1Cor 11,23-26

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

Partilha

- Vamos lembrar o que foi a última ceia de Cristo?
- De acordo com o texto que lemos, o que de especial Jesus fez naquela última ceia?
- Como entendemos o pedido de Jesus: "Fazei isso em memória de mim"?
- Segundo Paulo, o que a gente está proclamando toda vez que "come deste pão" e "bebe deste cálice"?

Aprofundamento

- Para entender o sentido e a beleza da Eucaristia, precisamos voltar no tempo e ver como surgiu esse sacramento. Jesus, quando passou pelo mundo, conviveu de perto com os seus discípulos. A presença de Jesus os animava e fortalecia. E assim, fortalecidos e amparados por Jesus, eles iam crescendo na fé e cumpriam com alegria sua missão.
- Acontece que a vida de Jesus ia chegando ao fim. A pregação de Jesus incomodou as autoridades judaicas que decidiram que ele devia ser morto. Jesus percebeu que sua vida estava por um fio. Muita gente poderosa queria matá-lo. Antes, então, que conseguissem colocar as mãos sobre ele, Jesus pensou numa forma muito especial de se manter presente entre os seus discípulos.
- Durante toda a vida de Jesus, ele havia feito refeições com seus discípulos:

era um almoço aqui, um jantar ali. Eles estavam sempre ceando juntos e partilhando a alegria da presença uns dos outros. Cear juntos para eles era muito mais que nutrir o corpo com o alimento. Era um ritual que alimentava as esperanças e despertava o desejo de fazer a vontade de Deus. Aqueles jantares, aquelas ceias, eram verdadeiros momentos de comunhão e partilha. Ali eles fortaleciam os laços de amizade e recuperavam forças para continuar a missão. Então, como é que eles fariam quando Jesus morresse? O que seria dos apóstolos sem aquele momento fraterno que restaurava as forças e renovava as energias para o que viria? Esta era uma questão importante.

- Foi aí que veio uma ideia muito legal. Antes que a morte chegasse porque era certa Jesus reuniu seus discípulos para um jantar de despedida. E foi uma ceia muito especial. Jesus pegou o pão e o vinho, agradeceu a Deus, abençoou tudo e deu aos seus amigos dizendo que era seu corpo e seu sangue que ele entregaria por amor a eles. Como o pão é partido e comido, como o vinho é repartido e bebido, assim a vida de Jesus seria partida na morte e sua presença seria partilhada na ressurreição entre seus amigos. Então, depois desse gesto de doação e entrega, ele deu uma ordem para os discípulos continuarem celebrando aquela experiência depois que ele morresse. Era preciso garantir que todos os seus seguidores continuariam a reviver aquele momento precioso de entrega e comunhão. Era preciso celebrar em sua memória, recordando e atualizando o que ele mesmo fez durante toda a sua vida.
- A palavra "memória" aqui é muito importante. Fazer memória é recordar. E é mais que recordar, é tornar presente algo muito importante. É reviver uma realidade e fazer acontecer de novo um fato do passado de forma que ele continue no presente de nossa vida. Fazer memória de Cristo é recordar tudo o que ele fez e, recordando, sentir novamente a presença dele. Jesus havia partido, mas não estava esquecido por seus amigos. Ele continuava vivo na memória celebrada.
- Os discípulos mantiveram, então, o costume de cear juntos, como Jesus havia pedido na última ceia. E, sempre que ceavam, abençoavam o pão e o vinho, e repartiam entre si, fazendo deles um alimento especial. E com isso estavam fazendo memória do que chamamos hoje de mistério pascal: a vida, a morte e a ressurreição de Jesus. Foi por isso que Paulo escreveu: "Toda vez que vocês comerem deste pão e beberem deste cálice, vocês estarão proclamando a morte do Senhor, até que ele venha".
- Ao cearem juntos, os discípulos experimentavam a presença de Jesus. Essa presença dava a eles a força necessária para proclamar tudo o que Jesus havia feito. E assim fortalecidos eles tocavam a vida em frente, sem medo das perseguições e dos sofrimentos. Até a morte eles enfrentaram motivados pe-

- la presença de Jesus. Pela eucaristia, experimentavam a presença real do Cristo vivo. E a força que essa presença traz.
- E depois que esses discípulos morreram, cada seguidor de Jesus continuou a celebrar como Jesus mandou, mesmo aqueles que não estavam com ele na última ceia, como é o caso de Paulo e do povo de Corinto. Na Ceia Eucarística, reviviam a paixão de Jesus. Mas também reviviam a sua ressurreição e a alegria da sua vitória sobre a morte. E davam graças a Deus por essa maravilha! Faziam isso comendo juntos o pão e bebendo juntos o vinho, em memória de Jesus.
- E até hoje nós celebramos a Ceia da Eucaristia, que costumamos chamar de Missa. Nessa celebração, a gente faz o mesmo que os discípulos faziam: recordamos e repetimos o gesto de Jesus de abençoar e repartir o pão e o vinho, que são para nós o Corpo e o Sangue de Cristo, de acordo com as palavras do próprio Jesus. Nós também experimentamos a presença de Jesus junto de nós. A gente celebra a Eucaristia para fazer acontecer na nossa vida a presença amiga de Jesus que deu sua vida por nós na cruz e ressuscitou. Nós não estávamos lá na hora que ele morreu. Nós não fizemos parte daquele grupo de seguidores que testemunharam a ressurreição dele. Mas nós, pela Eucaristia, atualizamos esses acontecimentos. Então, percebemos que Jesus está sempre junto de nós. A celebração da Eucaristia nos coloca nessa presença. E trata-se de uma presença real, de uma força real que nos alimenta e sustenta.
- A Eucaristia é um sacramento que atualiza a presença de Jesus na vida de seus discípulos, presença que é força e motivação para quem quer viver em Deus. Quem quer seguir Jesus precisa dessa força. Quem se afasta da Eucaristia perde suas forças e acabar desistindo de seguir Jesus. Nós que seguimos Jesus precisamos manter sua presença sempre viva em nós. Daí a necessidade e a importância da Eucaristia. Por isso é que temos o costume de ir sempre à Missa e comungar, para permanecer na presença de Jesus Ressuscitado. Quando fazemos isso, estamos estreitando ainda mais os laços que nos unem a Jesus. Estamos aprofundando nossa comunhão com ele.
- Por isso, a celebração da Eucaristia é realizada não somente uma vez, como o Batismo e a Crisma, mas sempre. A Igreja recomenda que a gente celebre a Missa pelo menos nos domingos e dias santos. Isso porque a gente precisa da presença de Cristo todos os dias de nossa vida e, na Eucaristia, essa presença se renova. Participando sempre da Missa, a gente expressa a nossa fé e louva a Deus pela vida de Jesus entregue por amor a nós; a gente se fortalece e se santifica porque fica cada vez mais em comunhão com Jesus. A Eucaristia é a grande força da Igreja.
- A celebração da Eucaristia acontece desde o começo da Igreja. Ela recebe

vários nomes. Vamos entender o sentido deles?

- **Fração do Pão:** Porque o pão é partido e partilhado como a vida de Jesus, que se dá a cada um de nós por amor.
- Sacramento da Comunhão: Porque nos une a Cristo, presente entre nós sempre que nos reunimos para celebrar sua memória. E une também toda a Igreja, os irmãos que se reúnem em torno de Cristo.
- **Eucaristia:** Porque celebrar é realizar verdadeira "ação de graças". A palavra Eucaristia vem do grego e quer dizer *dar graças*. Por meio da celebração da Eucaristia nós louvamos a Deus pela vida de Jesus entregue por amor de todos.
- Missa: Porque celebrar a Eucaristia é comprometer-se com a missão de Jesus. A palavra missa vem do latim, do verbo "enviar". Significa que, toda vez que participamos da Eucaristia, somos enviados novamente em missão, para fazermos o que Jesus espera de nós. Precisamos da força de Jesus justamente para esta missão.

3. ATIVIDADE

Sugestão

- Distribuir a turma em grupos e entregar os criptogramas para serem decifrados com a ajuda da tabela que o segue. As frases mantêm sua pontuação normal, sem símbolos para o ponto, a vírgula, etc. Basta substituir os símbolos da frase pelas letras da tabela.
- Cada criptograma contém uma frase bíblica sobre a presença de Jesus e comunhão que fazemos com ele e entre nós.
- Depois de decifrar os criptogramas, os grupos retornam e partilham a frase que foi formada, dizendo o que entenderam do texto.
- As frases para os criptogramas podem ser os versículos bíblicos que seguem abaixo.
 - 1°) Mt 18,20: Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou ali, no meio deles.
 - 2°) Mt 28,20b: Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos.
 - 3°) Jo 6,35: Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim não terá mais fome e quem crê em mim nunca mais terá sede.
 - 4°) Jo 15,4: Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós.
 - 5°) Jo 17,22-23: Pai, que eles sejam um como nós somos um: eu neles e tu em mim, para que sejam plenamente unidos.
 - 6°) Jo 6,57: Como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo por meio do Pai, assim aquele que de mim se alimenta viverá por meio de mim.

	a	b	c	d	e	f	i	j	1	m	n	О	p	q	r	S	t	u	v
	1									@									§
1	9	6\$4	5	4%	<u>7∑</u>	%	+	$=\Delta$	<u>5Σ</u>	5∑=	=7§	5Δ5	<u>a</u>	Δ5-	+\$74	4%∑	5	<u>a</u>	$\overline{a5}$ +
¢	0/0(0	5	5+	5∇₌	=0/0-	L 10	7	\$0%	$\overline{\omega}$ 5	70/	4 59	5∇							

a	b	c	d	e	f	i	j	1	m	n	О	p	q	r	S	t	u	V
1	2	3	4	5	6	7	8	9	@	\$	%	&	*	Δ	\sum	=	+	§

2°) 57Σ *+5 5Σ =%+ 3%\$§% Σ 3% =%4% Σ % Σ 471 Σ , 1=5 % 67@ 4% Σ =5@&% Σ .

a	b	c	d	e	f	i	j	1	m	n	О	р	q	r	S	t	u	V
1	2	3	4	5	6	7	8	9	@	\$	%	&	*	Δ	\sum_{i}	П	+	Ş

3°) $5+\sum\%+$ % &ã% 41 §741. *+5@ §5@ 1 @7@ \$ã% =5 Δ 1 @17 \sum 6%@5 5 *+5@ 3 Δ 5 5@ @7@ \$+\$31 @17 \sum =5 Δ 1 \sum 545.

a	b	c	d	e	f	i	j	1	m	n	0	p	q	r	S	t	u	V
1	2	3	4	5	6	7	8	9	@	\$	%	&	*	Δ	\sum	Ш	+	§

 4°) &5 Δ @1\$535 $\overline{7}$ 5@ @7@, 5 5+ &5 Δ @1\$535 Δ 57 5@ §6 Σ .

	a	D	С	a	υ	I	1	J	1	m	n	O	р	q	r	S	ι	u	V	İ
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	@	\$	%	&	*	Δ	Σ	=	+	§	
5	°) 8	ر ₁₇	*	+5	59:	<u>5∑</u>	$\sum 5$	81(\overline{a}	+@	3%	600%	6 \$c	óΣ	\sum_{i}	600°	% <u>∑</u>	+(0	<u>v</u> :	5+
\$	595	$\sum f$	5 =	+ 5	\widehat{a}	\widehat{a} 270	a.	&1.	Λ1	*+5	$\sum 5$	816	28	58	1@5	5\$=5	5 +§	3749	$\sqrt{5}$	_

a	b	c	d	e	f	i	j	1	m	n	0	p	q	r	S	t	u	V
1	2	3	4	5	6	7	8	9	@	\$	%	&	*	Δ	\sum	Ш	+	§

6°) 3% @% % &17, *+5 \$7\$5, @5 5\$\$7%+, 5 5+ \$7\$% &% Δ @57% 4% &17, 1\$\sum_70 1*+595 *+5 45 @7@ \$\sum_55\$ 197@5\$=1 \$7\$5\Delta &% \Delta @57% 45 @7@.

Conclusão

Hoje refletimos sobre a Eucaristia, que é um sacramento por meio do qual Jesus fortalece e anima seus discípulos para que consigam cumprir fielmente sua missão. O mesmo Jesus, que confia a nós uma missão, acompanha-nos e fortalece-nos por meio desse sacramento. Por isso, dizemos que a Eucaristia é um alimento que nos traz força e coragem para seguir Jesus.

4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Dar as mãos e rezar. O catequista reza e a turma repete: Senhor, aumente nossa amizade. Ajude-nos a viver unidos e amigos, como um verdadeiro grupo de seguidores seus. Aumente nossa comunhão e fortalece nossos laços de fraternidade. Amém!
- De mãos dadas ainda, rezar o Pai-nosso.
- Motivar a turma a participar da celebração da comunidade. Se possível, combinar o dia e a hora para toda a turma se encontrar lá.
- Motivar a turma para o próximo encontro
- Encerrar cantando a música número 14.

Dicas para o catequista

- Batismo, Eucaristia e Crisma são chamados sacramentos da iniciação cristã. A Igreja considera iniciado na fé cristã aquele que foi mergulhado em Cristo pelo Batismo, tendo sido incorporado a Cristo e à Igreja; que foi ungido na Crisma, assumindo sua missão cristã; e que se nutre na Eucaristia, sacramento que nos mantém em comunhão com Jesus e a Igreja e que nos fortalece para o cumprimento de nossa missão. Aqui estão os fundamentos da vida cristã.
- O Batismo e a Crisma são celebrados uma só vez. A Eucaristia deve ser celebrada sempre. Por isso, a Igreja ensina que devemos sempre participar da Eucaristia. Insistimos com o catequista para que já vá conscientizando os catequizandos a respeito da importância de participar sempre das celebrações da Eucaristia na comunidade. Os que vão fazer a primeira comunhão precisam ter o propósito de viver em comunhão com a Igreja, pela participação frequente nas celebrações da Eucaristia. Cuidado para que a primeira comunhão não se torne também a última e o catequizando se afaste da vida da Igreja depois desse sacramento.
- Nem sempre se tem, nas comunidades, a celebração da missa, com a presença do padre. É bom lembrar que tem valor equivalente a celebração da Eucaristia sem a presença do padre, que alguns chamam de culto ou celebração da Palavra. Respeitados os costumes de cada lugar, seria muito bom incentivar os catequizandos a participarem dessas celebrações. O importante não é a presença do padre, mas da comunidade que reza e celebra sua fé no Cristo ressuscitado.



4º Encontro A PENITÊNCIA

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Acolher a todos com redobrada alegria.
- Conversar um pouco, informalmente. Ver quem está participando das celebrações eucarísticas da comunidade. Motivar.
- Fazer momento de animação, cantando músicas apropriadas.
- Depois, sossegar a turma para rezar. Fazer o Sinal da Cruz.
- Convidar para cantar a música 17.
- Em clima de oração, motivar a turma a rezar com confiança, entregando sua vida nas mãos de Deus. Em silêncio cada um faz sua prece.
- Depois o catequista convida para rezar com ele: Senhor Jesus, recebe nossa vida, que hoje te entregamos com confiança. Sabemos que o Senhor é o Deus da vida, que nos liberta do mal. Sabemos que o Senhor nos ama e nunca nos abandona. Sabemos que, mesmo nas nossas fraquezas e limites, o Senhor está conosco. Por isso, nós te entregamos nosso coração, nossa vida, tudo o que nós temos e somos, na certeza de que o Senhor cuida de nós. Amém!
- Cantar de novo, se for oportuno.

2. O QUE A BÍBLIA DIZ

Motivação

Vamos refletir hoje sobre o sacramento da Penitência, também chamado de Confissão. Esse sacramento é importante porque está enraizado na necessidade que a gente tem de ser perdoado e de perdoar. O perdão foi uma das atitudes mais nobres e poderosas vivenciadas e ensinadas por Jesus. Vamos ouvir um texto que mostra Jesus perdoando e ensinando a perdoar.

Texto: Jo 8,1-11

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

Partilha

- Quem levou a mulher até Jesus?
- Qual foi o pecado da mulher?
- O que a lei previa nesses casos? Qual era a punição para este pecado?
- O que os escribas e fariseus perguntaram a Jesus?
- O que Jesus disse a eles?
- Qual foi o comportamento deles, quando Jesus disse "quem não tiver pecado atire a primeira pedra"?
- O que podemos entender com isso?
- O que Jesus disse à mulher?

Aprofundamento

- Esse texto nos mostra a beleza de perdoar e de ser perdoado. Notemos o seguinte:
- A mulher tinha sido descoberta em suas fraquezas, no caso, cometendo adultério. Não há nada que nos apavora mais do que sermos flagrados em nossos pontos fracos. Todos temos fraquezas. Mas é sempre difícil lidar com elas. As autoridades fariseus e saduceus expõem mais ainda as fraquezas daquela mulher. Eles não tiveram consideração nem respeito pelas fraquezas dela. Expuseram sua vida diante da multidão. Essa é uma atitude maldosa que muitas pessoas tomam diante das fraquezas dos outros. É uma atitude nada caridosa.
- Aquela mulher, além de se ver exposta em público, ainda tinha de enfrentar a dureza da lei judaica, que mandava apedrejar e matar quem fosse pego em adultério. A dureza dessa lei revela nossa atitude diante das fraquezas das pessoas: condenamos, apedrejamos, matamos.
- A atitude de Jesus é outra:
 - Ele trata a questão com serenidade, sem fazer drama: inclina-se e passa a escrever na areia, sem se alterar. Jesus não se alarma com as fraque-

zas humanas. Ele as trata com serenidade.

- Ele faz o povo perceber que todas as pessoas têm fraquezas e cometem erros; por isso mesmo, devem ser mais caridosas com as fraquezas e falhas dos outros. Se alguém fosse perfeito, talvez pudesse censurar as imperfeições dos outros. Mas aí já não seria perfeito, por estar censurando... Seja como for, não existe ser humano perfeito.
- Ele não condena aquela mulher, porque a condenação não a ajudaria em nada. Ao contrário, ele aconselha que ela vá e tente mudar de vida. Isso significa que ele vê naquela mulher alguma esperança, algum valor. Jesus vê que ela é capaz de construir um futuro melhor. Precisa de nova chance.
- A presença amiga de Jesus, que ama e valoriza as pessoas, nos leva a descobrir dentro de nós forças para mudar de vida. Vemos, então, duas atitudes diante do pecador. A atitude do povo é apedrejar, condenar, destruir o pecador, aniquilando-o ainda mais. A atitude de Jesus é acolher, valorizar e ajudar a pessoa a mudar de vida, voltando a acreditar em si própria e a ter esperança em seu futuro.

Expor o cartaz abaixo e explicá-lo:

CONFISSÃO

- Encontro com o amor de Deus
- Valorização do pecador Orientação para a vida Perdão dos pecados

- Força que transforma
- O encontro da mulher pecadora com Jesus nos ajuda a compreender o sacramento da Penitência ou Confissão. A Confissão é um encontro com o amor de Deus. A pessoa, quando toma consciência de suas fraquezas, precisa desse encontro, para se sentir amada e acolhida. Quem não se sente amado não tem força para mudar sua vida. Com o mesmo amor com que Jesus acolheu aquela mulher, Deus acolhe aquele que se volta para ele.
- A Confissão é também um momento de valorização do pecador. Deus valoriza o pecador, acolhendo-o e acreditando nele, como Jesus acolheu aquela mulher e, olhando nela, enxergou também qualidades e valores. Quem procura a Confissão também está se valorizando, porque está reconhecendo não só que tem fraquezas, mas que é capaz de lutar para superá-las. Uma pessoa que não se valoriza não busca a Confissão, porque se acha incapaz de ser

- perdoado e de buscar uma vida nova.
- Na Confissão, a pessoa encontra uma orientação para a vida. No caso da mulher pecadora, bastaram poucas palavras: "Vai e não tornes a pecar". A Confissão não é apenas para pedir perdão. Juntamente com o perdão, e por meio do perdão, Deus orienta a vida da pessoa, apontando caminhos, fortalecendo a esperança, incentivando a pessoa a se superar.
- Na Confissão o pecador experimenta o perdão. O perdão é a certeza de que Jesus não nos condena, nem nos apedreja. Ele nos acolhe, compreende nossas falhas e nos dá nova chance, porque acredita em nós. O perdão é essa nova chance e esse olhar positivo e esperançoso que Deus lança sobre nós. Podemos até dizer que, quando buscamos a Confissão, não só nós acreditamos em Deus, mas Deus também acredita em nós. Por isso, perdoa.
- Finalmente, a Confissão nos traz aquela força que nos transforma. Sem essa força a gente continuaria se afundando cada vez mais nos próprios pecados. Era o que acontecia com a mulher pecadora. Mas, depois de seu encontro com Jesus, achou força para renovar sua vida. É por tudo isso que a Confissão é um sacramento tão importante em nossa vida.
- Estamos dizendo que os sacramentos são uma forma de celebrar a presença de Deus em momentos importantes de nossa vida. Qual seria então o momento importante celebrado no sacramento da Confissão? É o momento em que nos vemos em pecado, em que percebemos nossas fraquezas. Esse momento é importante porque nos dá a chance de nos conhecer melhor e de saber que, mesmo nas horas em que pecamos, Deus não nos abandona.
- Pelo sacramento da Confissão, a Igreja que somos nós testemunha sua fé, mostrando que cremos em Deus, que não nos condena e nos liberta dos pecados. Ao celebrar a confissão, a Igreja presta culto a Deus, pois louvamos e agradecemos a ele por sua misericórdia e seu perdão. Assim se fortalece a fé, pois cremos que "Deus é amor" (1Jo 4,8). Pelo sacramento da Confissão, toda a Igreja é santificada, pois somos libertados dos pecados que nos afligem. Quando caímos em pecado, Deus estende a mão para nos reerguer. Esse é um momento muito importante em que precisamos do socorro de Deus. E esse socorro muitas vezes nos vem pelo sacramento da Confissão.
- O sacramento da Confissão é assim chamado porque nele a gente confessa, ou seja, reconhece nossos pecados. Também é chamado de Penitência, porque a gente se compromete a se esforçar para melhorar de vida. É chamado ainda de Reconciliação, porque, vencendo o pecado, a gente se reconcilia, ou seja, se sente de novo em paz com a gente mesmo, com as pessoas, com a comunidade eclesial, com a vida e com Deus, vencendo aquela sensação estranha que o pecado nos traz.

Observação: Nas dicas para o catequista, tratamos de algumas dúvidas práticas que sempre surgem quando se fala da Confissão. O catequista poderia dar uma olhada e esclarecer para a turma o que achar mais importante. Ou pode deixar que a turma manifeste suas dúvidas fazendo perguntas.

3. ATIVIDADE

Sugestão

- Organizar uma breve gincana bíblica. Dividir a turma em grupos. As tarefas serão procurar textos bíblicos sobre o perdão e explicá-los ao restante da turma. O catequista diz qual texto deve ser procurado. O grupo que achar o texto primeiro ganha pontos, se explicá-lo de modo razoável. O próprio catequista estabeleça quantos pontos vale cada questão. O objetivo nem é tanto competir, mas animar a turma a procurar textos bíblicos sobre o perdão.
- Sugestão de textos:
 - Mt 9,1-8: O que Jesus fez ao paralítico além de curá-lo de sua doença?
 - Mt 9,10-13: Por que os fariseus estranharam o comportamento de Jesus? Como Jesus explicou seu modo de agir?
 - Mt 18,21-22: O que Jesus quis dizer nesse texto sobre nosso dever de perdoar a quem nos ofende?
 - Lc 7,36-50: O que a conversa de Jesus com o fariseu nos ensina sobre o perdão?
 - Lc 15,1-7: Qual o ensinamento desse texto sobre a alegria de Deus em nos perdoar?
 - Lc 19,1-10: Por que o povo estranhou a visita de Jesus à casa de Zaqueu? O que Jesus nos ensina com essa visita?
 - Lc 23,33-43: Segundo esse texto, qual foi a palavra de Cristo na cruz sobre o perdão? O que Jesus disse ao chamado bom ladrão?
 - Jo 1,29: No dizer de João Batista, Jesus é o Cordeiro de Deus que faz o quê?
 - Jo 12,44-47: De acordo com esse texto, porque Jesus não condena as pessoas, mas perdoa os pecados?
 - Jo 20,19-23: O que Jesus fala aos apóstolos sobre o perdão dos pecados?

Conclusão

Jesus nos deixou esse sacramento – a Confissão – porque ele quer nos proporcionar a mesma experiência transformadora que teve a mulher pecadora e tantas outras pessoas que se encontraram com ele e saíram transformadas. A Confissão é um meio de Jesus se fazer presente, com sua força e com seu consolo nos momentos em que nos debatemos com nossas fraquezas.

4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Convidar a turma para rezar a Deus, confiantes no seu perdão.
- Cantar a música número 13.
- Distribuir o Salmo 32/31 com a turma, ou rezar na própria Bíblia, caso a turma costume usá-la.
- Rezar alternando os versículos em dois coros:
 - A Feliz aquele cuja fraqueza foi perdoada Cujo pecado foi absolvido.
 - **B** Feliz o homem a quem Deus não interroga sobre suas faltas E em cujo coração não há mentira.
 - A Enquanto me conservava calado, sofria angustiado E lamentava minha sorte
 - Pois, dia e noite, sentia o peso do pecado.
 Esgotavam-se as minhas forças como em dia de forte calor.
 - A Então, eu vos confessei meu pecado E não mais escondi minha culpa.
 - **B** Disse: "Sim, vou confessar ao Senhor a minha fraqueza" E vós perdoastes todo meu pecado.
 - A Assim também todos os pecadores virão a vós no momento de necessidade
 E serão socorridos por vós.
- Vós sereis meu refúgio, das angústias me preservareis
 E me envolvereis na alegria de minha salvação.
- A Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo
- **B** Como era no princípio, agora e sempre. Amém!
 - Cada um poderá repetir o versículo de que mais gostou.
 - Cantar a música 6, agradecendo a Deus pelo perdão.
 - Motivar para o próximo encontro.
 - Encerrar, cantando músicas animadas.

Dicas para o catequista

- Confessar-se com o ministro ordenado: O ministro da Confissão é o bispo e o padre. É com eles que a gente deve se confessar. Na confissão, eles representam o Cristo que acolhe o pecador e oferece o perdão. Há pessoas que, por vergonha ou por outras razões, dizem que se confessam diretamente com Deus, fazendo uma espécie de desabafo. Esse é um modo de se extravasar, porém não pode ser chamado de sacramento, porque ficam faltando elementos importantes da Confissão. E esse sacramento, como os demais, deve ser celebrado com a Igreja e como Igreja, e não de um modo solitário. Sacramentos são ações da Igreja e não atos isolados de cada pessoa. Vale lembrar que, na Confissão, o ministro da Igreja está lá para acolher, ouvir, aconselhar a pessoa que se confessa. E tudo isso ajuda na eficácia do sacramento, que é mais que um desabafo solitário.
- Segredo da Confissão: Algumas pessoas fogem da Confissão, porque têm medo de que o padre depois conte os pecados a outros. Pelas normas da Igreja, o padre é obrigado a manter segredo de tudo o que foi falado na Confissão. O padre que violar esse segredo será punido, podendo ser proibido de atender confissões e até mesmo de exercer o seu ministério. O segredo da Confissão é algo sagrado que nenhum padre pode violar.
- Quando se confessar: A Igreja orienta as pessoas a se confessarem ao menos uma vez por ano. Mas aconselha a procurar a confissão sempre que houver um pecado grave. Nesse caso, a pessoa deve se confessar para depois participar da Eucaristia. Entende-se que não se deve, então, comungar, estando com algum pecado grave. A Igreja ainda aconselha a confessar também os pecados leves, porque isso ajuda a superá-los. Vale lembrar que os pecados que chamamos leves também precisam ser vencidos, para vivermos melhor. Mas os pecados leves não nos impedem de comungar. Então, não há uma regra rígida. Vale o bom senso. Uma dica é procurar estar sempre com a consciência tranqüila, na condição de quem pode participar da Eucaristia. Se algo nos incomoda a consciência, é melhor procurar a Confissão.
- Existe pecado sem perdão? Muita gente, quando comete um erro maior, fica achando que Deus não vai perdoar. Mas todo pecado tem perdão, porque a misericórdia de Deus é infinita e muito maior que nossos pecados. O único caso em que Deus não consegue socorrer o pecador é quando este não quer o perdão. Se a pessoa não aceita e não quer ser perdoada, Deus não pode forçá-la a isso. Essa situação costuma ser chamada de "pecado contra o Espírito Santo" que significa a pessoa rejeitar o Espírito de Deus que quer santificar sua vida. Porém, quando a pessoa muda de idéia e busca o perdão, Deus a acolhe e perdoa.



5º Encontro A UNÇÃO

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Acolher a turma com disposição.
- Iniciar o encontro, cantando músicas animadas. Veja sugestões no final do livro.
- Sossegar a turma para rezar.
- Cantar a música número 6. Repetir suavemente ajudando a turma a se concentrar.
- Convidar para rezar o Sl 103/102. Distribuir o Salmo ou apresentá-lo em cartaz com letras grandes, de forma que toda a turma possa enxergar.
- Rezar em dois coros: Sl 103/102,1-5.11-17
- A Bendize, ó minh'alma ao Senhor

E tudo o que existe em mim bendiga o seu santo nome.

- B Bendize, ó minh'alma ao Senhor
 - E jamais te esqueças de todos os seus benefícios.
- A É ele quem perdoa as tuas faltas

E sara as tuas enfermidades.

- **B** É ele quem salva tua vida da morte
 - E te coroa de bondade e misericórdia.

- A É ele quem cumula de benefícios a tua vida E renova a tua juventude como a da águia.
- B Como o céu está distante da terra

 Assim sua misericórdia é grande para com os que nele confiam
- A Tanto o Oriente está distante do Ocidente, Quanto ele afasta de nós nossos pecados.
- **B** Como um pai tem piedade de seus filhos, Assim o Senhor tem compaixão dos que nele confiam.
- A Porque ele sabe como é a nossa natureza E não se esquece de que somos fracos.
- **B** Os dias do homem são semelhantes a uma planta, Ele floresce como a flor dos campos.
- A Apenas sopra o vento, já não existe, E nem se conhece mais o seu lugar.
- **B** É eterna, porém, a misericórdia do Senhor E sua justiça é grande para com todos.
- A Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo
- B Como era no princípio, agora e sempre. Amém!
 - Depois de rezar o Salmo, dar uma pequena pausa para silenciar e meditar o texto. Cada um poderá reler o Salmo em silêncio para melhor interiorizar sua mensagem.
 - Depois, cada um poderá fazer seu louvor com a ajuda do Salmo. Poderá dizer, por exemplo:
 - Obrigado, meu Deus, porque o Senhor perdoa nossas faltas.
 - Obrigado, meu Deus, porque o Senhor sara nossas enfermidades.
 - Obrigado, meu Deus, porque o Senhor tem nos mostrado sua bondade e misericórdia.
 - Obrigado, meu Deus, porque o Senhor não se esquece de que somos fracos e por isso nos compreende e ajuda.
 - Todos poderão dizer: "Obrigado, Senhor".
 - Talvez fosse bom correr a roda, a começar por um dos catequistas. Mas é bom lembrar que ninguém deve ser obrigado a rezar caso não queira fazê-lo.

2. O QUE A BÍBLIA DIZ Motivação

Vamos hoje refletir sobre o sacramento da Unção, também conhecido como Unção dos Enfermos. Esse Sacramento significa que Deus quer estar presente em nossa vida nos momentos delicados da doença, da velhice e até mesmo da morte. Esses momentos exigem de qualquer pessoa uma compreensão muito profunda do sentido da vida. Só podem ser enfrentados com muita fé e confiança. Por isso, a Bíblia diz que onde houver um enfermo, a comunidade de fé precisa estar presente apoiando. Vamos ouvir o texto.

Texto: Tg 5,13-15

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

Partilha

- O que Tiago recomenda para quem está sofrendo?
- E para quem está alegre?
- E se alguém estiver doente, o que fazer segundo Tiago?

Aprofundamento

- Esse texto nos mostra que, desde o começo da Igreja, havia o costume de visitar os doentes e rezar por eles. Quem atravessa uma enfermidade precisa de um carinho todo especial. A Igreja expressa esse carinho aos doentes especialmente por meio do sacramento da Unção dos Enfermos.
- A enfermidade é um momento em que nosso corpo entra em crise, mostrando toda a sua fragilidade e seu caráter passageiro. Toda a pessoa se sente envolvida por essa fraqueza que parece reduzi-la a nada.
- Por isso, a Carta de Tiago recomenda que sejam chamados os anciãos, os ministros ou líderes da Igreja, para que, na solidariedade da comunidade eclesial, a pessoa debilitada pela doença se sinta fortalecida e amada. Tiago recomenda ainda que os ministros façam a unção do doente com o óleo.
- O óleo era usado com diversos fins. Primeiramente, ele servia como remédio. Num tempo em que a medicina era menos desenvolvida, pensava-se que ele tinha poderes curativos. Logo, havia uma preocupação com o corpo da pessoa e seu bem-estar físico. Uma preocupação muito justa e legítima de aliviar a dor e o sofrimento físico do doente. Em segundo lugar, o óleo era usado para mostrar a eleição de Deus. Deus zela pelos pequenos e fracos, cuida deles com amor uma preocupação espiritual de que o doente se sentisse amado e cuidado por Deus nas horas mais difíceis de sua vida. Além disso, o óleo era usado para se defender do mal. Um soldado, por exemplo, se ungia para se tornar escorregadio. Assim, numa luta, defendia-se melhor de seu inimigo. Pensava-se, pois, que o óleo podia ter poderes espirituais,

ajudando a pessoa a se libertar dos males que pudessem porventura atacá-la. Uma preocupação com o espírito, com a saúde espiritual da pessoa. *Além disso*, o óleo era usado como perfume e cosmético. Ele servia para embelezar e preservar a juventude. Normalmente, eram óleos perfumados, bem cheirosos, que davam ao doente um bem-estar psíquico, ajudando-o a recuperar sua vontade de viver. Uma preocupação com a autoestima, com a parte psicológica do doente.

- Assim, a comunidade eclesial procurava estar presente junto do doente e atendê-lo na sua totalidade corpo, mente e espírito ajudando-o a manter todo bem estar possível.
- Que bom que a comunidade de Tiago se preocupava com os doentes. A doença, principalmente se for mais grave, coloca a pessoa ainda mais fragilizada por causa do risco da morte. A morte é uma certeza. E é uma coisa boa, se compreendida aos olhos da fé, como passagem para a glória eterna. Mas, para enfrentá-la, o doente e sua família precisam de muita serenidade e compreensão, muito desapego e muita fé. A presença da comunidade de fé nesses momentos é muito importante. Normalmente, o doente não pode frequentar o templo, o culto. Então os líderes da Igreja vão visitá-lo para lembrar que o doente é Igreja; na visita dos agentes da comunidade, a solidariedade eclesial acontece.
- Além da doença, a velhice também coloca a pessoa em situação de fragilidade. A pessoa idosa adoece mais facilmente. Sua saúde não é tão resistente. O idoso costuma ter a sensação de estar mais próximo de concluir sua vida. Por isso, precisa de muito apoio e muita fé. Então, a Unção dos Enfermos é também para os idosos.
- O sacramento da Unção é isso: força de Deus na fragilidade humana, pois, quando estamos fracos, com Deus somos fortes. Então, o padre visita o doente ou idoso, conversa com ele, reza por ele e o unge com o óleo, que significa força de Deus. Juntamente com o sacramento da Unção, o padre costuma atender a Confissão do doente, se este consegue e quer fazê-lo. Isso lhe traz alívio e serenidade espiritual, dando-lhe força para enfrentar a dor.
- Mas a Unção não é para despachar a pessoa, apressando sua morte. É só para apoiar a pessoa num momento difícil. Antigamente, só se ungia quem estivesse mesmo agonizando. Por isso, esse sacramento era conhecido como *Extrema Unção*, ou seja, a unção da última hora da pessoa neste mundo. Era comum dizer que, quando o padre ia visitar o doente, já se podia encomendar o caixão.
- Hoje é diferente. A unção perdeu esse caráter extremo. E pode ser dada em muitos casos: em qualquer enfermidade mais grave, mesmo não sendo caso

- de morte; em pessoas idosas, mesmo sem estar doente; em alguém que vai se submeter a uma cirurgia mais perigosa; e, é claro, em casos mais graves que, de fato, antecedem a morte.
- O que se celebra nesse sacramento é a presença de Deus nesse momento delicado em que a vida parece oscilar, seja pela doença, seja pela idade avançada. Trata-se de um momento importante, pois a pessoa precisa da força de Deus e do apoio das pessoas. O sacramento da unção é para celebrar isso. Por meio dele, a Igreja dá seu testemunho de fé e louva a Deus pela sua presença e força nesse momento. A pessoa doente ou idosa mostra que também é Igreja, pois a Igreja não é um grupo de pessoas sãs e fortes, nem de jovens e adultos cheios de vigor. Ela é também composta por pessoas fragilizadas e debilitadas que testemunham sua fé, mesmo na dor, no sofrimento e no limite da vida. E o ministro da Unção testemunha a solidariedade da Igreja com os sofredores que ele visita, acolhe e unge. Com esse testemunho de fé, toda a Igreja é santificada e fortalecida pela ação do Espírito. E o doente também, é claro.
- Para quem tem fé, quando nossa vida terrena entra em declínio, a gente está em um momento muito importante: o momento de iniciar uma vida nova em Deus, no céu. O sacramento da Unção nos ajuda a pensar nisso e a celebrar, com fé, o declínio da vida neste mundo e nossa grande e solene passagem para a eternidade.

3. ATIVIDADE

Sugestão

- Convidar a turma para decifrar os numerogramas abaixo e debater as questões. Dividir a turma em pequenos grupos. Distribuir um numerograma para cada grupo. Cada grupo decifra a frase, substituindo os números pelas letras correspondentes. Depois, cada grupo apresenta e comenta a sua frase. Pode-se aproveitar para debater os assuntos suscitados pelas frases.
- Se parecer muito cansativo decifrar os numerogramas, o catequista pode sortear as frases com os grupos. E cada grupo comenta a frase, fazendose um debate sobre os temas suscitados pelas frases.
- As frases são as seguintes:
- 1ª) O cristão precisa encarar a morte de forma nova: sem medo e com esperança.
- 2ª) A doença não é um castigo de Deus, mas uma consequência da nossa fragilidade.
- 3ª) A Unção dos Enfermos não é propriamente para curar o doente,

mas para confortá-lo.

- 4ª) O conforto espiritual pode, em muitos casos, ajudar o doente a se recuperar.
- 5ª) A pessoa, ao chegar à velhice, precisa de muito apoio e consideração por parte de seus familiares.
- 6ª) A Unção dos Enfermos não é para apressar a morte, mas para comunicar a força da presença de Deus.

NUMEROGRAMAS

1°)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23
A	В	C	D	E	F	G	H	Ι	J	L	M	N	0	P	Q	R	S	T	U	V	X	Z
	<u>14</u>	3 -1	17-	9-	18-	19	-1-	14	15	5-17	7-5	-3-	9-1	8-1	<u> 5</u>	-13	3-3-	-1-	17-	1-1	7	1
1	2-1	14-	17	-19) -5	4	<u>-5</u>	<u>6-</u>	14-	-17	-12	<u>2-1</u>	13	-14	1-2	1-1	: <u>1</u>	8-:	5-1	2	12-	<u>5-</u>
				_	1 -1	4	<u>5</u>	3-1	4-1	12	<u>5-1</u>	18-	15-	5-1	17-	1-1	3-3	<u>3-1</u>				

2°)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23
A	В	\mathbf{C}	D	\mathbf{E}	F	G	H	Ι	J	L	M	N	0	P	Q	R	S	T	U	V	X	Z
1	4-	14	-5-	13	-3-	1	13	-1-	14	5	20	-12	2 3	-1-	18-	19	-9-	7-1	4	4-5	4-	-5-
2	20-	18	, <u>1</u>	2-1	-1	8	20-	-12	-1	3-	14-	13	-18	-5-	16-	-20	-5-	13-	3-9) -1	<u>4-</u>	1
					<u>13</u>	3-14	<u>4-1</u>	8-	18-	1	6-1	7-1	-7-	9-1	 9- 4	1- 1-	-4-:	<u>5</u> .				

3°)

1	2											12											
A	ABCDEFGHIJLMNOPQRSTUVXZ 1 20-13-3-1-14 4-14-18 5-13-6-5-17-12-14-18 13-1-14 5																						
	1 20-13-3-1-14 4-14-18 5-13-6-5-17-12-14-18 13-1-14 5																						
_	15	5 – (17	-14	1-1	5 -1	17-	9-	1-1	2-5	5-1:	3-1	9-5	<u>1</u>	5-1	-1	7-1	3-	20	-17	'-1-	17	14
4	 -	14	1-5	-1:	3-1	9-	<u>5</u> ,	12	-1-	-18	1:	5-1	-17	<u>-1</u>	3-	14-	13	-6-	14-	17-	-19	-1-	<u> 11-</u>
												1	4										

4°)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23
A	В	C	D	\mathbf{E}	F	G	H	Ι	J	L	M	N	0	P	Q	R	S	T	U	V	X	Z
1	4	3-1	4-	13.	-6-	14	-17	7-1	9-1	4	5-1	8-1	15-9	9-1	7-9	9-19	9-2	0-1	-11	1 1:	5-1	4-
4	1-5	<u>,</u>	5- 1	12	12	2-2	0-9) -1	9-1	4-	18	3- 1	1-13	8-1	4-1	<u>8</u> ,	<u>1-</u>	10-	20	-4-	1-1	<u>7</u>
		14		<u> 1-1</u>	4-:	5-1	3-	19.	<u>-5</u>	1	18-	<u>5</u>	17-	-5-3	3-2	0-1	5-5	5-1	7-1	-17	<u> 7</u>	

5°)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23

A B C D E F G H I J L M N O P Q R S T U V X Z 1 15-5-18-18-14-1, 1-14 3-8-5-7-1-17 1 21-5-11-8-9-3-5, 15-17-5-3-9-18-1 4-5 12-20-9-19-14 1-15-14-9-14 5 3-14-13-18-9-4-5-17-1-3-1-14 15-14-17 15-1-17-19-5 4-5 18-5-20-18 6-1-12-9-11-9-1-17-5-18.

6°)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23
\mathbf{A}	В	\mathbf{C}	D	\mathbf{E}	F	G	H	I	J	\mathbf{L}	M	\mathbf{N}	\mathbf{O}	P	Q	R	\mathbf{S}	T	\mathbf{U}	V	X	Z
	1	20-	-13	3-3	-1-	14	<u>- 4</u>	-14	1- 1	8 5	5-1.	3-6	5-5-	17-	-12	-14	-18	<u> 1</u>	3-1	1-1	4 5	5
1	15-	1-1	17-	1	1-	15-	17	-5-	18	-18	-1-	17	<u>1</u>	12	-14	-1	7-1	9-5	<u>i, 1</u>	2-	1-1	8
]	15-	1-	17-	<u>1</u>	3-	14-	12	-20)-1 <u>.</u>	<u>3-9</u>	-3-	1-1	7	1 6	5-1	<u>4-1</u>	7-3	<u> 3-1</u>	4-	1	
					1.	5-1	7-:	5-1	8-5	5-1:	3-3	<u>-1</u>	<u>4-:</u>	5 4	1-5-	-20	-18	<u>.</u>				

Conclusão

O sacramento da Unção ainda é pouco valorizado, porque as pessoas têm medo e constrangimento de lidar com questões como doença e morte. O desejo da Igreja é que as pessoas aprendam a valorizar esses momentos como ocasiões de verdadeiro encontro com a força de Deus que nos socorre nas horas de fragilidade. Esse é o sentido da Unção dos Enfermos.

4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Convidar a turma para rezar por todas as pessoas doentes e fragilizadas.
- O catequista pode fazer as preces e a turma repetir o refrão ou pode escrevê-las em tiras de papel e distribuir com a turma.
- As preces podem ser as que se seguem ou outras conforme criatividade do catequista:
 - Nós te pedimos, ó Deus, que o Senhor socorra todos os sofredores e angustiados.
 - Nós te pedimos, ó Deus, que o Senhor fortaleça todos os doentes.
 - Nós te pedimos, ó Deus, que o Senhor console e proteja os idosos e desamparados.
 - Nós te pedimos, ó Deus, que o Senhor nos ensine a acolher e amar o irmão sofredor.
 - Nós te pedimos, ó Deus, que o Senhor nos ajude a ser uma presença amiga para nossos parentes que se encontram enfermos.
 - Nós te pedimos, ó Deus, que o Senhor nos ajude a ser firmes na hora da doença e da morte.
 - Nós te pedimos, ó Deus, que o Senhor aumente nossa fé e esperança

- na vida eterna.
- Nós te pedimos, ó Deus, que o Senhor nos ajude a confiar sempre mais na sua misericórdia.
- O refrão poderá ser: "Senhor, escute a nossa prece".
- Encerrar cantando a música número 5, lembrando o valor da vida que é sempre dom de Deus, em todos os momentos.
- Motivar para o próximo encontro.
- Cantar à vontade, se quiser.

Dicas para o catequista

- Os sacramentos da Unção e da Confissão são chamados sacramentos de cura, porque renovam a presença de Deus nos momentos em que passamos pelas fraquezas, seja do pecado, seja da doença ou da velhice. Esses momentos são também de grande importância em nossa vida. Não porque sejam bons momentos, mas porque fazem parte da vida e a gente precisa aprender a lidar com eles, contando com a força de Deus.
- Os sacramentos são de grande importância. Mas é bom lembrar que visitar os doentes e idosos e apoiá-los é tarefa de toda pessoa de fé. Então, até as crianças podem ser incentivadas a visitarem os doentes da comunidade e a lhes agraciarem com sua amável companhia.



6º Encontro O MATRIMÔMIO

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Receber a turma com alegria e simpatia.
- Conversar informalmente, valorizando a presença de cada um.
- Fazer momento de animação com músicas apropriadas. Veja sugestões no final do livro.
- Motivar a turma para a oração.
- Cantar a música 11.
- Espontaneamente, cada um poderá fazer uma prece entregando a Deus sua vida e dizendo a ele que o ama e quer viver em sua presença. O catequista faz uma breve prece para servir de modelo e motiva a turma a fazer o mesmo. Uma boa idéia é correr a roda, por exemplo, pela direita, de forma que cada um saiba que é sua vez de fazer a prece.
- No final, repetir a música anterior ou cantar outra apropriada.

2. O QUE A BÍBLIA DIZ

Motivação

Vamos hoje conversar sobre um sacramento muito especial: o Matrimônio. Pelo Matrimônio, Deus se faz presente em nossa família, trazendo paz e união ao nosso lar. Mas o Matrimônio, para garantir a presença de Deus, precisa ser vivido na fé. Vamos ouvir um texto bíblico que nos ajudará a entender o sentido do matrimônio.

Texto: Gn 2,18-24

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

Partilha

- Numa espécie de parábola, o autor do Livro do Gênesis conta como Deus formou o homem e a mulher. Qual a metáfora, a comparação, que o autor do livro do Gênesis usa para falar da criação da mulher?
- O homem se sentiu feliz de ter os animais como companheiros? Isso bastava para complementá-lo?
- Como ele se sentiu depois de ver a mulher?
- O que os dois formam depois de unidos? O que quer dizer ser uma só carne?
- Como estavam homem e mulher? Por que não se envergonhavam disso?

Aprofundamento

- Os capítulos 1 a 11 do livro do Gênesis são uma grande parábola, que tentam responder a um montão de perguntas que o povo se fazia numa época bem diferente da nossa.
- Uma das questões que sempre intrigou o ser humano é por que motivo há homem e mulher, tão iguais em dignidade e valor, mas tão diferentes em outros aspectos, como na sua fisiologia, ou seja, no corpo, e na sua psicologia, ou seja, no jeito de entender e encarar a vida.
- Outra coisa que sempre deixou o ser humano intrigado é por que motivo o homem e a mulher se sentem tão atraídos um pelo outro, com desejos e paixões que às vezes os arrebatam. Aparece no livro dos Provérbios uma frase interessante: "Há três coisas difíceis demais para mim. São mesmo quatro, que absolutamente não entendo: o caminho da águia no céu; o caminho da cobra no rochedo; o caminho do navio no meio do mar; o caminho do homem em relação a uma mulher" (cf.: Pr 30,18-19)
- Vejam só! O autor do livro dos provérbios fica intrigado com 4 coisas que ele observa na vida: 1ª) como a águia consegue voar lá nas alturas e não cair; 2ª) como a cobra consegue subir a montanha sendo que ela não tem pés para caminhar; 3ª) como o navio não afunda no mar e flutua levemente sobre as águas; 4ª) como o homem e a mulher se sentem atraídos um pelo outro.
- Essa atração não se dá de qualquer forma. Não se dá, por exemplo, como nos animais. No livro dos Provérbios, o autor não fica preocupado com a atração que a fêmea dos animais exerce sobre o macho da mesma espécie. Ele entende isso sem maiores problemas. A questão não é a atração sexual

somente; é o amor: coisa que só os seres humanos podem viver e da qual a atração sexual está a serviço. Parece demais para a cabeça dele esse negócio de uma mulher e um homem se gostarem tanto a ponto de se unirem numa família, dedicando suas vidas a um cuidar do outro, a zelar por seus interesses, etc., coisa que não há entre os animais. Os animais se unem no ato sexual, a fêmea é fecundada e pronto! Mas entre os humanos não é assim. Mais forte que a atração sexual entre eles, é a capacidade de amar, de ser fiel, de cuidar um do outro. Isso é mesmo um mistério. Como pode, entre tantos milhões de homens, uma mulher distinguir um em especial e por ele deixar todos os outros? Como pode um homem, entre tantas mulheres que ele conhece, eleger uma como sua parceira e com ela construir e dividir sua vida? Um mistério: o mistério do amor, que é abençoado com a atração sexual, que gera alegria e prazer, e garante a procriação.

- Ao escrever o relato do Gênesis, o autor está mostrando que, na beleza da diferença, homem e mulher se complementam, se unem e decidem viver juntos, inclusive deixando para trás a família dos pais a fim de construir uma nova família.
- E diz ainda o Gênesis: "Eles estavam nus e não se envergonhavam". Não era mesmo para se envergonhar. Na nudez, fica revelada a diferença entre homem e mulher. A própria fisiologia humana, nos órgãos sexuais externos, já diz que homem e mulher são diferentes e se complementam. Não há vergonha nisso. Há só beleza e mistério que facilitam a continuidade da vida.
- Observando essa diferença e essa atração entre os sexos, a Igreja percebeu que a união de um homem e uma mulher por meio do amor só pode ser coisa abençoada por Deus, o Criador, que os fez diferentes e atraídos um pelo outro para se amarem e facilitar a continuação da vida. Então, a Igreja abençoou essa união e chamou esse mistério de Matrimônio. Duas pessoas tão diferentes se amam e prometem fidelidade e cuidado uma à outra.
- E mais: foi aí que a Igreja entendeu melhor a união de Deus com seu povo, sua Igreja. Dois seres tão diferentes Deus e a humanidade se unem no mistério do amor de Cristo que se fez homem. E por ele Deus mostra sua fidelidade e seu cuidado com cada um de nós. E convida a gente a cuidar dessa relação de amor e a ser fiel a ele. Uma união maravilhosa: um mistério, ou seja, um sacramento.
- Então, de novo a Igreja volta seu olhar para o casal que se une e deseja que, assim como Cristo amou a Igreja e deu sua vida por ela, também marido e mulher se amem e deem a vida um pelo outro. Esse compromisso fica selado no sacramento do Matrimônio ou Casamento.
- Ora, a decisão de se casar e formar uma família é um momento de grande importância na vida da pessoa de fé. Ela está dando um passo decisivo para

- construir aquele que será o grande tesouro de sua vida, pois a família é um tesouro de valor incalculável. Por isso, a Igreja convida seus fiéis a não se unir de qualquer jeito, mas a celebrar o casamento como um verdadeiro sacramento, um mistério de amor.
- Por meio dos noivos, que se dão em casamento, a Igreja exprime sua fé em Deus que desposou seu povo por amor e ela o louva por isso e pela maravilha que é poder formar uma família. Assim, o casal se santifica e se fortalece na fé, para enfrentar a missão de não somente viver debaixo do mesmo teto, mas formar uma família que viva em harmonia. E toda a Igreja fica mais santificada e fortalecida pela ação do Espírito que sela o amor e o compromisso dos noivos. E o casal também fica fortalecido, é claro!

3. ATIVIDADE

Sugestão

- Convidar a turma para encontrar, no caça-palavras, coisas que prejudicam a família.
- Distribuir um caça-palavras para cada pessoa ou para cada dupla.

P	Q	I	M	A	T	U	R	I	D	A	D	Е	N	I
V	S	D	A	F	G	A	Н	D	J	K	L	D	Q	W
I	M	В	С	N	V	L	С	Е	X	Z	R	Е	Y	T
О	L	K	Н	J	Н	С	G	S	F	D	A	S	Е	R
L	A	S	I	N	T	О	L	Е	R	Â	N	С	I	A
Ê	D	F	S	G	Н	О	J	M	K	L	P	R	О	Ι
N	Z	Q	M	W	Е	L	R	P	T	С	Y	Е	U	Ç
С	X	С	О	V	В	I	N	R	M	I	A	N	S	A
I	L	K	J	Н	G	S	F	Е	D	Ú	S	Ç	Q	О
A	Z	С	V	В	N	M	W	G	T	M	R	A	Е	W
X	Т	R	A	N	С	О	R	О	P	Е	U	R	K	L

- Encontradas as palavras, escrever uma por uma num quadro, painel ou cartaz e debater como cada uma dessas situações pode prejudicar uma família.
- Debater também, como contrapartida, sobre as coisas necessárias para a família ser feliz. Anotar isso em outro painel ou cartaz. Veja modelo abaixo:

Coisas que atrapalham a família

Traição
Machismo
Descrença
Violência
Alcoolismo
Ciúme
Imaturidade
Intolerância
Desemprego
Rancor

Coisas que ajudam a família.

Conclusão

Pelo sacramento do matrimônio, os noivos se consagram um ao outro e se prometem fidelidade e cuidado. Eles se unem e passam a ser uma só carne, ou seja, a vida deles se funde no compromisso de um amar o outro sem limites, até o fim. Isso não é nada fácil. Nessa jornada da fidelidade e do cuidado, eles não estão sozinhos. Jesus está com eles, animando-os e ajudando-os a vencerem as dificuldades. Essa unidade do casal e o amor de um pelo outro são entendidos pela Igreja como um sacramento.

4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Convidar a turma para fazer preces pela família.
- Cada um poderá olhar para os cartazes confeccionados na atividade e rezar a Deus para que ele coloque na família aquelas coisas boas que a fazem cada vez mais feliz ou, então, pedir que Deus ajude sua família a se libertar daquelas coisas que contribuem para sua destruição. Assim:
 - Abençoe nossa família, Senhor, para que viva sempre em união.

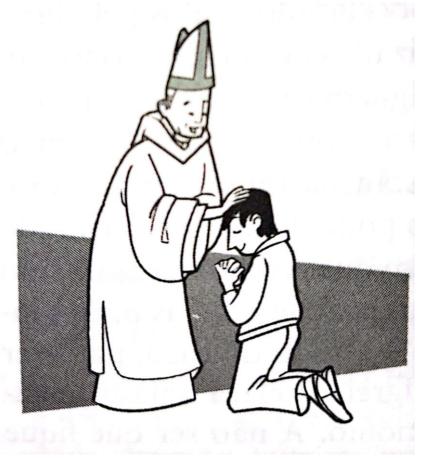
- Abençoe nossa família, Senhor, para que saiba cultivar a fé.
- Ajude nossa família, Senhor, a vencer a violência.
- Ajude nossa família, Senhor, a superar o machismo. Etc.
- Após cada prece, todos poderão repetir um refrão. Por exemplo: "Abençoe nossas famílias, Senhor".
- Cantar uma música sobre a família.
- Encerrar, cantando à vontade.

Dicas para o catequista

- A Igreja entende que os ministros do matrimônio são os noivos. Quem celebra o sacramento são os noivos. Eles fazem isso perante um representante da Igreja, que pode ser um padre, um diácono, um bispo e até um leigo, nomeado para isso em casos especiais. O ministro é apenas o assistente. Quem faz o casamento são os noivos.
- A Igreja entende também que o matrimônio é indissolúvel, ou seja, não deve ser desfeito. O casal deve se esforçar para formar uma família unida, superando tudo o que possa causar separações. Ao celebrar o matrimônio, os noivos prometem se amar e se respeitar, cuidando um do outro por toda a vida.
- Porém, a Igreja entende também que, por causa das fraquezas humanas, quando não superadas devidamente, a convivência conjugal pode se tornar impraticável e até mesmo prejudicial a uma das partes, marido ou mulher, ou até mesmo aos filhos. Por isso, em alguns casos, a Igreja reconhece que a separação é uma saída que, mesmo não desejada, pode aliviar situações extremas, como a violência conjugal ou outros casos graves. Podem surgir no casamento situações tão complexas que o casal não consegue se manter unido. A Igreja incentiva todos os casais a se esforçarem o máximo para superar as fraquezas que colocam em risco a unidade da família. Mas admite, em casos graves, que cesse o convívio sob o mesmo teto.
- É possível também que alguns casamentos sejam declarados nulos pela Igreja. A Igreja considera válidos os casamentos realizados com plena consciência, liberdade e sinceridade dos noivos. Mas se alguém se casa sem entender direito quais são as obrigações essenciais do matrimônio, ou se alguém se casa forçado por alguém ou por alguma circunstância, ou se entra para o casamento sem a devida vontade, esse casamento pode depois ser declarado nulo. O Código de Direito Canônico estabelece em que casos um casamento é nulo. Quando um casamento não dá certo, a Igreja aconselha as partes interessadas a entrar com um processo solicitando o estudo do caso, para ver se tal casamento é nulo conforme o direito. Se a Igreja declara um casamen-

to nulo, as partes podem celebrar outro matrimônio. A não ser que fique claro que determinada pessoa é incapaz de assumir o verdadeiro matrimônio cristão. A Igreja não anula os casamentos. Ela apenas estuda cada caso e declara que determinado casamento nunca existiu porque desde o começo havia alguma situação grave, incompatível com o matrimônio cristão.

- A Igreja incentiva os casais católicos a não se unirem sem o sacramento do matrimônio. Nesse sentido, a Igreja pensa que quem vive amasiado, ou seja, unido sem o sacramento, está no fundo desprezando a graça de Deus. Mas a Igreja acolhe esses casais e deseja mostrar a eles que é importante celebrar o matrimônio, como um ato de fé e consagração da família a Deus.
- Quando alguém se separa de um casamento religioso e se casa no civil com outra pessoa, a Igreja entende que essa pessoa está em situação matrimonial irregular. A Igreja convida também essa pessoa a regularizar sua situação, entrando com um pedido de nulidade matrimonial do primeiro casamento.
- O catequista deve evitar uma abordagem moralista e legalista desses temas.
 Todos sabemos que o fim de um casamento sempre é dolorido para toda a família. Ninguém se separa à toa. A Igreja tem suas normas. Mas a caridade está acima de toda norma.



7° Encontro A ORDEM

1. ACOLHIDA E ORAÇÃO INICIAL

- Acolher a turma com disposição e otimismo.
- Conversar informalmente, dando atenção a cada um.
- Fazer momento de animação com cantos apropriados.
- Sossegar a turma para rezar. Fazer o Sinal da Cruz.
- Cantar a música número 3. Cantar várias vezes, até a turma interiorizar a letra e ficar bem quietinha, em clima de oração.
- Motivar a turma a entregar sua vida nas mãos de Deus com toda confiança. Cada um poderá fazer uma prece, entregando-se a Jesus. Depois de cada prece, rezar juntos: Recebe nossa vida, Jesus.
- Cantar de novo, se for oportuno.

2. O QUE A BÍBLIA DIZ

Motivação

O sacramento da Ordem será hoje o tema de nossa reflexão. Esse sacramento é para aqueles que exercem na Igreja um ministério especial, sendo diácono, padre ou bispo. Esse sacramento nos faz pensar no chamado que Deus dirige às pessoas, para que se colocarem ao seu serviço, no trabalho humilde prestado aos irmãos. Vamos ouvir um texto que fala disso.

Texto: Mc 9,30-39

Ajudar a turma a localizar o texto na Bíblia.

Partilha

- Jesus sabia que muita gente tramava contra ele e avisa aos seus discípulos que sua hora se aproxima. Enquanto Jesus falava de sofrimento e de entrega da vida, o que os discípulos discutiam pelo caminho?
- Quando Jesus lhes perguntou o que conversavam no caminho, o que responderam? Por quê?
- O que Jesus lhes disse?
- Em seguida, o que Jesus fez então?

Aprofundamento

- Toda a vida de Jesus foi de serviço e doação. Ele ensinou esse caminho de serviço aos seus discípulos. Especialmente aos doze que caminhavam com ele, viviam mais perto dele e tinham deixado tudo para segui-lo.
- Mas parece que os doze apóstolos não entenderam bem o que Jesus havia lhes ensinado. O Evangelho de Marcos mostra essa incompreensão da importância do serviço e da doação, nesse bonito relato que acabamos de ler. Enquanto Jesus se prepara para sua entrega definitiva na morte, os discípulos disputam o primeiro lugar. Eles já haviam desconfiado que Jesus era o messias, mas não tinham entendido ainda que ele era um messias diferente.
- Pensava-se que o messias seria um grande rei, um guerreiro conquistador, que governaria sobre toda a nação. E, como um rei, ele teria muitos privilégios e daria privilégios aos seus auxiliares mais próximos. Os discípulos, como auxiliares de Jesus na sua missão, estavam achando que eles teriam alguma vantagem por causa disso. E começaram a disputar o primeiro lugar. Cada um queria ser maior que o outro. Todos queriam ser o primeiro, mas ninguém queria ser o servidor de todos.
- Então, Jesus lhes ensinou uma lição: quem está mais próximo dele, no caso os doze apóstolos, deveria ser o servidor de todos e não buscar privilégios

- para si. Deveria ser não como quem quer ser servido, mas como quem coloca sua vida a serviço de todos.
- Aqui entendemos o sentido do sacramento da ordem. Jesus deu uma ordem aos apóstolos, ou seja, uma missão importante que eles deviam desempenhar, como servidores, para a organização das tarefas confiadas à Igreja. A Igreja continua a se organizar ordenando algumas pessoas para o serviço do povo de Deus. Ao ordenar alguém, a Igreja está lembrando que essa pessoa assume a missão de servidor e deve trabalhar pelo bem de toda a Igreja. São ordenados os diáconos, os padres e os bispos. Estes, juntamente com todo o povo de Deus, assumem algumas tarefas especiais que lhe são confiadas para o bem de toda a Igreja. Das pessoas ordenadas se espera que coloquem toda a sua vida a serviço de todos. Eles são ordenados para servir com especial empenho ao povo de Deus.
- O pedido de Jesus para que sejamos servidores vale para todos os cristãos. Todos os batizados são chamados a se colocarem a serviço dos irmãos. Mas vale ainda mais para aqueles que se dedicam com especial empenho ao culto sagrado, pelo sacramento da Ordem. Porque receber o sacramento da Ordem não é conquistar privilégios, mas ser ungido por Deus para ter forças para servir mais e melhor à comunidade eclesial, na pessoa de cada irmão.

Aprofundar a reflexão, com o auxílio de cartazes.

- Jesus chamou 12 apóstolos e hoje continua chamando as pessoas para seguilo. Todos somos apóstolos de Jesus. Mas há diversos modos de seguir Jesus e de consagrar a ele a nossa vida.

Mostrar e explicar o primeiro cartaz.

Seguidores de Jesus / Servidores do povo

- **a) Os leigos:** Todos os que são consagrados a Cristo pelo Batismo e se dedicam ao serviço das comunidades.
- **b)** Os religiosos: Aqueles que se unem em comunidades através dos votos religiosos, para prestar serviços específicos à Igreja por meio do carisma de sua congregação religiosa.
- c) Os ministros ordenados: aqueles que recebem o sacramento da Ordem (diáconos, padres e bispos), e que se põem a serviço na administração e coordenação de comunidades eclesiais, dedicando-se especialmente ao

culto divino.

- Leigos, religiosos e ministros ordenados são pessoas que aceitaram o convite de Cristo para segui-lo, como os primeiros apóstolos. Pelo Batismo, todo cristão passa a ter uma missão importante na Igreja. Essa missão é confirmada no sacramento da Crisma. Mas cada missão é assumida de uma forma e cada uma tem sua especificidade. O leigo não atua na comunidade como o padre, nem como um religioso. Cada um com sua missão, com sua tarefa específica, com seu serviço. Mas todos estão a serviço do povo de Deus.
- É bom lembrar que a Igreja afirma que todos os batizados são sacerdotes, ou seja, têm a missão de santificar a vida. É costume chamar os padres de sacerdotes. Mas a missão sacerdotal, em sentido amplo, é confiada a todos os batizados. Mesmo quem não é ordenado, assume o compromisso de santificar a vida, pelo fato de ser batizado. É o sacerdócio comum dos fiéis. Quem foi ordenado tem um compromisso ainda maior com a sua santificação e a santificação de toda a Igreja. Mas todos os fiéis batizados têm uma missão sacerdotal, ou seja, uma tarefa de santificar o mundo, sendo luz.
- Vamos agora entender a presença do ministro ordenado (especialmente do padre – também chamado de presbítero) na vida da Igreja e o serviço que ele presta à sua comunidade eclesial.

Mostrar e explicar o segundo cartaz.

Serviços específicos dos ministros ordenados

- a) Presidência nas celebrações dos sacramentos.
- b) Planejamento e organização da ação evangelizadora nas comunidades eclesiais.
- Liderança participada das comunidades eclesiais.
- d) Organização e administração dos bens da Igreja nas diversas comunidades.
- Os ministros ordenados exercem algumas funções bem específicas na Igreja.
 - a) Eles presidem as celebrações dos sacramentos. Os padres presidem a Eucaristia, a Penitência e a Unção, além do sacramento do Batismo e do Matrimônio que podem ser presididos também pelos diáconos. Os sacramentos da Crisma e da Ordem são presididos em ge-

ral pelo Bispo, que também preside todos os outros sacramentos. No caso da Crisma, em algumas situações, o padre também pode presidir este sacramento. Em resumo, os ministros ordenados são incumbidos de proporcionar ao povo ocasiões para a celebração dos sacramentos, de acordo com as normas da Igreja.

- b) Compete aos ministros ordenados bispos, padres e diáconos organizar e planejar, juntamente com os leigos, a vida da Igreja nas dioceses e paróquias, vendo como em cada situação a Igreja pode exercer sua tarefa de santificar e anunciar Jesus.
- c) Os ministros ordenados também são lideranças, nas comunidades confiadas aos seus cuidados. Os bispos são responsáveis pelos cuidados pastorais na diocese que lhe foi confiada. Os padres são responsáveis pelos cuidados pastorais nas paróquias que lhes foram confiadas. Os diáconos são responsáveis pelas tarefas que foram a eles confiadas seja em uma determinada paróquia ou para além dela. Todos bispos, padres e diáconos devem trabalhar unidos pelo bem de toda a Igreja, mas com atenção especial às tarefas que assumiram, de acordo com o que lhes foi confiado. Aos ministros ordenados são confiadas tarefas específicas.
- d) Além de cuidar da parte pastoral, organizando juntamente com os leigos os trabalhos de evangelização, os ministros ordenados devem cuidar da administração dos bens da Igreja. Os bens materiais e recursos financeiros são necessários para a organização dos diversos trabalhos da Igreja. Esses bens precisam ser administrados para que cumpram sua finalidade própria que é o serviço pastoral da Igreja.

3. ATIVIDADE

Sugestão

- Que tal fazer uma gincana com questões para a turma dizer se são certas ou erradas e explicar o porquê? Sugerimos dividir a turma em duas equipes. Cada equipe pode ter um representante. Colocar cada equipe de um lado e o catequista fica no meio. Os representantes de cada equipe ficam de mãos erguidas, enquanto o catequista faz a pergunta ou diz a frase. Quando terminar, o catequista diz "valendo!". O representante que tocar primeiro a mesa com a mão conquista para a sua equipe a chance de responder a questão. Nesse caso, alguém precisa ficar de fiscal para ver quem tocou a mesa primeiro. Ou o catequista pode usar outras maneiras criativas para promover uma saudável competição. Cada questão acertada pode valer, por exemplo, dez pontos.

Sugestão de questões:

- 1. No começo da Igreja, só adultos eram batizados. O costume de batizar crianças surgiu por engano. A Igreja não deveria batizar crianças, pois isso é contra a vontade de Jesus. Certo ou errado? Valendo!
 - Comentário: Errado! Mesmo no começo da Igreja, já havia o batismo de crianças, porque as famílias pediam o batismo para os seus filhos. O costume de batizar as crianças surgiu porque a Igreja viu nisso algo positivo e desejou que as crianças fossem mergulhadas na vida nova desde cedo, mediante um compromisso da família e da comunidade de educálas em ambiente de fé. Batizar crianças não é, evidentemente, contra a vontade de Jesus.
- 2. Os padres e bispos são pessoas mais importantes que qualquer um na Igreja. Só eles podem ser chamados de sacerdotes, porque foram ordenados para o sacerdócio de Cristo. Certo ou errado? Valendo!
 - Comentário: Errado! Padres e bispos são importantes, mas não mais que os outros fiéis. Na Igreja, todos somos servidores de Cristo e temos a mesma dignidade. Pelo Batismo, todos os fiéis podem ser chamados de sacerdotes, porque assumem a missão de santificar. Os padres e bispos foram ordenados para o serviço da comunidade eclesial.
- 3. A Crisma é o sacramento que confirma o Batismo, porque, como o Batismo foi feito quando a pessoa era criança, ele não tem valor depois que a pessoa cresce. Certo ou errado? Valendo!
 - Comentário: Errado! A Crisma não é para confirmar o batismo, como se ele não tivesse valido, mas para confirmar a pessoa batizada em sua missão de fé, depois que essa pessoa cresce e já está mais madura para assumir sua missão. Mas o batismo vale pela vida inteira.
- 4. O Matrimônio celebra a união do homem e da mulher para formar uma família. Por ser tão importante, o matrimônio deve ser para toda a vida. Por isso, a Igreja não admite, em situação alguma, a separação do casal, nem mesmo quando acontecem coisas muito graves ou quando a pessoa se casou forçada. Certo ou errado? Valendo!
 - Comentário: Errado! A Igreja deseja e incentiva os casais a viverem unidos por toda a vida. Mas há situações em que a Igreja entende que a convivência se torna impossível, como nos casos de violência conjugal. Além disso, existem os casos de nulidade, quando, desde o começo, o casamento não foi válido, porque a pessoa estava se casando sem ter condições de assumir um compromisso tão sério.

- 5. A confissão é o sacramento do perdão. Como todos somos pecadores, devemos nos confessar ao menos uma vez por semana. Mas seria melhor a gente se confessar todo dia, para ter a certeza de que estamos perdoados. Certo ou errado? Valendo!
 - Comentário: Errado! A confissão é mesmo para o perdão dos pecados e todos somos pecadores. Mas isso não quer dizer que a gente precisa se confessar todo dia ou toda semana. A Igreja nos aconselha a buscar a confissão se a gente tiver um pecado grave, ou quando a gente estiver com a consciência de que cometeu um pecado maior.
- 6. A Unção é um sacramento que deve ser celebrado somente quando a pessoa está para morrer. Por isso mesmo, ele é chamado ainda de extrema unção. Certo ou errado? Valendo!
 - Comentário: Errado! A Unção não é mais chamada de Extrema Unção, justamente porque não é um sacramento para quem está diante da morte. A Unção pode ser ministrada aos idosos e doentes, como um conforto de Deus para ajudar a pessoa a lidar com as dificuldades da doença ou da idade avançada.
- 7. Toda vez que celebramos a Eucaristia, recordamos a morte e a ressurreição de Cristo e renovamos nossa união com Jesus, que quer estar sempre presente em nossa vida. Certo ou errado? Valendo!
 - Comentário: Certo! A Eucaristia é de fato um sacramento que recorda a morte e ressurreição de Cristo. Lembra que Jesus deu a vida por nós e quer estar presente sempre em nossa vida.
- 8. Uma pessoa que não foi batizada não pode receber os outros sacramentos, pois o batismo é o primeiro sacramento que todos os fiéis precisam celebrar. Certo ou errado? Valendo!
 - Comentário: Certo! O Batismo é o primeiro sacramento a ser recebido. Pois é ele que nos introduz na vida de cristo e da Igreja. Quem não foi batizado precisa procurar o Batismo antes de celebrar os outros sacramentos.
- 9. A Crisma sempre foi celebrada imediatamente depois do batismo, para mostrar que a mesma pessoa eleita por Deus é também ungida para uma missão. Certo ou errado? Valendo!

- Comentário: Errado! No começo da Igreja, a Crisma era celebrada logo depois do batismo. Mas depois a Igreja achou melhor separar esses dois sacramentos, deixando a celebração da Crisma para quando a pessoa atingisse a idade da discrição e já fosse capaz de entender o sentido de ser ungida para uma missão.
- 10. O matrimônio é chamado de sacramento da iniciação, porque, por meio dele, o casal começa a formar uma nova família. Certo ou errado? Valendo!
 - Comentário: Errado! O matrimônio não está entre os sacramentos da iniciação cristã. Eles são: Batismo, Crisma e Eucaristia.

Conclusão

Hoje acabamos de conhecer os sete sacramentos. Eles são um modo de celebrar a presença de Deus em nossa vida nos momentos mais variados, para mostrar como Deus cumpre sua promessa de estar sempre conosco. Desse modo, nos momentos mais marcantes – nascimento, doença, juventude, casamento, etc. – a Igreja nos convida a celebrar a presença de Deus por meio dos sacramentos.

4. ORAÇÃO FINAL E ENCERRAMENTO

- Convidar a turma para se comprometer com Jesus, pois ele chama cada um a ser seu discípulo. Motivar: Todos podem e devem ser discípulos de Jesus. Não só os padres, os bispos, os diáconos, ou as freiras e outros consagrados foram chamados por Jesus para segui-lo. Jesus chama cada um e devemos estar abertos para acolher seu apelo. E para ser discípulo não é necessário tornar-se um padre. É necessário somente amar a sua Palavra e acreditar na sua proposta. Por isso, hoje, todos nós vamos renovar nosso compromisso de ser apóstolos de Jesus.
- Distribuir a oração do apóstolo ou fixar cartaz contendo a oração.

ORAÇÃO DO APÓSTOLO

Senhor,

Quero ser teu apóstolo. Quero viver como tantas pessoas que encontraram em ti a razão de sua existência. Quero entregar minha vida inteiramente em tuas mãos, como fizeram Paulo, Pedro e um sem fim de apóstolos teus. Quero fazer parte da imensa multidão de fiéis que se compromete com o teu Reino e o defende e o proclama.

Senhor,

Faze com que a minha vida seja um sinal vibrante de tua presença no mundo. Transborda o meu coração de uma fé tão profunda e viva que possa levar a esperança e a salvação a tantos que se sentem desesperados e aflitos.

E, assim, Senhor,

Eu poderei contribuir para que o mundo seja mais humano e as pessoas vivam mais felizes.

Eu me comprometo, Jesus! Quero ser teu apóstolo.

Amém!

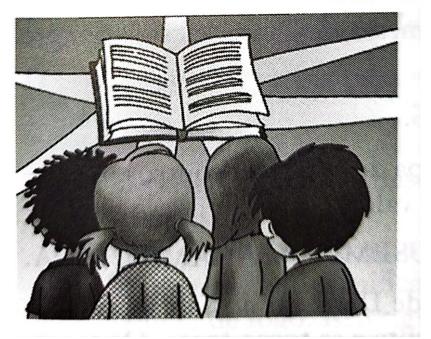
- Rezar juntos a oração do apóstolo.
- Cantar a música número 9 ou outra à escolha.
- Conferir a frequência.
- Motivar o próximo encontro, lembrando que será uma celebração.
- Combinar com a turma uma bela confraternização para encerramento das atividades do ano.

Dicas para o catequista

- Há alguns costumes da Igreja para os quais chamamos a atenção. Como são costumes, podem mudar com o tempo. Mas, no momento é assim. Um costume é que padres e bispos não se casam. É o chamado celibato. Eles ficam solteiros porque não vão se dedicar a uma família, mas a toda a família do povo de Deus. Vale lembrar que nem sempre foi assim. Houve tempos em que padres e bispos podiam ser casados. Depois, a Igreja passou a adotar o costume de que padres e bispos permanecessem solteiros. A Igreja vê nisso um simbolismo bonito, como se o padre e o bispo estivessem imitando a Cristo, que também não se casou, para se dedicar, de modo mais amplo, a todas as pessoas. Os diáconos podem ser casados. Nesse caso, a Igreja ordena homens casados para alguns serviços específicos.
- Outro costume é que somente homens são ordenados. Não temos em nossa Igreja mulheres ordenadas. Este tema vem sendo discutido. Um dia, no futuro, pode até ser que as mulheres sejam ordenadas. Mas, por enquanto, não são.
- Outro costume é que os ministros ordenados recebem, antes de sua ordenação, uma formação mais criteriosa. Também nem sempre foi assim. Hoje existem os seminários, que são comunidades onde os futuros padres convivem por algum tempo, a fim de se prepararem para a missão que lhes

será confiada. Os padres cursam filosofia e teologia, antes de se ordenarem. Os diáconos também recebem uma formação, embora, em geral, não convivam no seminário. E os bispos sempre são ordenados, pelo costume, depois de serem padres por algum tempo. Tudo são costumes que nos ajudam a entender como a Igreja funciona hoje. Mas costumes não são essenciais. Podem mudar com o tempo.

- O padre costuma ser chamado de sacerdote. Mas é bom lembrar que, pelo Batismo, todos os fiéis se tornam também sacerdotes. Ser sacerdote é assumir a tarefa de santificar a vida. Cada um, a seu modo, precisa assumir essa tarefa. Então, a palavra sacerdote designa tanto padres quanto leigos.
- O catequista pode aproveitar o encontro para falar da pastoral vocacional, conforme o costume de sua região, e motivar quem quiser ser padre ou religioso. Pode ser que, na turma de catequese, alguém se sinta chamado por Deus, vocacionado, para assumir esse ministério específico. Não nos aprofundamos nesse aspecto porque estamos falando da ordem em geral, para que todos entendam o sentido desse sacramento. Mas pode-se fazer alguma motivação e mostrar como deve agir quem desejar se aprofundar no discernimento vocacional. A Igreja renova o convite de Cristo a todos os que se sentirem tocados pelo desejo de ser padres ou de entrar em alguma congregação religiosa.



8º Encontro CELEBRAÇÃO

I. PREPARAÇÃO:

- Preparar confraternização, conforme combinado com a turma.
- Preparar um altar com um lindo arranjo de flores.
- Sete velas e lugar para fixá-las. Pode ser um castiçal ou outro suporte qualquer.
- Levar fósforos.
- Levar duas faixas para os ritos iniciais: Uma com a palavra SACRAMENTOS e outra com os dizeres: PRESENÇA DE DEUS EM NOSSA CAMI-NHADA.
- Levar sete faixas com os sacramentos: um sacramento em cada faixa.
- Levar durex.
- Treinar as crianças para entrar com as diversas faixas.
- Levar cartão de natal para cada criança, se for oportuno.

II. ROTEIRO:

1. Rito Inicial:

 Saudar a turma e fazer a motivação: Durante essa etapa, falamos sobre os sacramentos que são sinais de Deus em nossa vida. Deus quer sempre ficar junto de nós, quer manifestar a nós o seu amor. Por isso, durante toda a nossa vida celebramos essa presença amorosa através dos sacramentos da Igreja. Vamos iniciar nossa celebração, lembrando que Jesus nos chama a ser Igreja, cantando bem animados. Música nº 9.

- Vamos começar invocando a presença de Deus, fazendo o Sinal da Cruz. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.
- T Amém!
- Meus irmãos e minhas irmãs, eu desejo que a paz de Jesus, o amor de Deus e a luz do Espírito Santo estejam sempre com vocês.
- T Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.
- Deus nos reuniu porque somos o seu povo e ele quer ficar conosco, participando de nossa caminhada. Lembrando a presença de Deus, vamos receber duas bonitas faixas e fixá-las
 aqui. Durante toda a nossa celebração, vamos olhar para elas
 e lembrar a promessa de Deus de estar sempre conosco.
 - Entrar a primeira faixa: SACRAMENTOS.
 - Explicar: Esse foi o tema dessa última etapa de nossos encontros. A Igreja celebra sete sacramentos e nos convida a valorizá-los em nossa vida.
 - Entrar a segunda faixa: PRESENÇA DE DEUS EM NOSSA CAMINHADA.
 - Explicar: Os sacramentos são presença de Deus em nossa caminhada. Para aquele que caminha, Deus se faz presente e se torna força. Os sacramentos só têm sentido na vida de quem caminha na fé. Eles não são gestos isolados. São sinais de que Deus caminha conosco.
- Já que Deus se faz força na vida de quem caminha, vamos renovar nosso desejo de caminhar com ele. Em primeiro lugar, vamos fazer silêncio e pensar em quantas vezes a caminhada é difícil e parece que vai nos faltar força. (Dar uma pausa)
 - Agora, vamos erguer os braços e rezar pedindo a Deus que nos fortaleça, pois não queremos nos deixar vencer pelas dificuldades que encontramos no caminho. Repetir com o catequista: Senhor Deus, venha nos fortalecer, para que, na caminhada da vida, possamos sempre nos sentir fortalecidos pela sua presença e iluminados pela sua luz. Que nada nesse mundo nos faça desistir de viver em nossa fé, em comunhão

- com toda a Igreja. Amém.
- Vamos também rezar uns pelos outros. Nessa caminhada difícil precisamos da força da oração e do apoio dos irmãos. Vamos colocar a mão no ombro de quem está à nossa direita e rezar juntos, bem forte. Repetir com o catequista: Senhor, venha abençoar também essa pessoa ao meu lado. Ilumine, Senhor, sua vida; abençoe os seus passos; fortaleça sua fé. Faça, Senhor, que dela se afaste todo desânimo e todo cansaço, para que juntos possamos perseverar na fé. Amém.
- Cantar a música 14.
- Oremos: Ajudai-nos, ó Deus de amor, a ficar sempre firmes no caminho que começamos a trilhar e iluminai nossos passos com vossa presença. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, na unidade do Espírito Santo.

T - Amém!

2. Rito da Palavra:

- Convidar a turma para se assentar e escutar a Palavra de Deus.
 - Comentar: Vamos ouvir, agora, um trecho da Bíblia que vai nos falar da caminhada do povo e da presença de Deus no seu meio.
 - Pode-se fazer uma entrada com a Bíblia Sagrada. Cantar música à escolha.
- L Proclamação do livro do Êxodo (Ex 13,17-22) Sugerimos ler na Bíblia.
- D Convidar a turma para entender melhor o texto.
 - Explicar:
 - O povo caminhava buscando a libertação. Precisava vencer um imenso deserto.
 - O Senhor não deixou o povo sozinho. Ia com ele. De dia, numa coluna de nuvens. Isso significa que Deus os guiava e protegia. De noite, numa coluna de fogo. Isso significa que Deus os iluminava.
 - Deus se faz presente na forma necessária: se é noite, Deus ilumina; se é dia, Deus conduz.
 - Assim, é em nossa vida. Em nossa caminhada, não estamos sós. Seja qual for nossa situação, nossas necessidades, Deus

- saberá nos socorrer.
- É isso o que celebramos pelos sacramentos: quando nascemos, Deus nos acolhe e nos revela seu amor no batismo; quando entramos na juventude, Deus nos acompanha; quando nos casamos, ele estará conosco; se enfrentarmos o pecado, ele nos fortalece; se enfrentarmos a doença, ele enfrentará conosco. Dessa forma, ele se faz sempre presença na vida de quem caminha na fé.

3. Louvor a Deus pelos sacramentos

- Depois de perceber que Deus está sempre acompanhando e iluminando nossa caminhada de fé, através dos sacramentos, vamos agradecer-lhe por essa presença constante em nossa vida.
 - O altar deve estar forrado, com um lindo arranjo de flores e sete velas apagadas. O catequista deverá ter combinado previamente com sete crianças para trazer as sete faixas com os sacramentos.
 - Entrar a primeira criança com a faixa BATISMO. Mostrar à turma e fixar junto da vela (diante, embaixo, como for possível). Depois, acender a vela.
 - O catequista convida a turma para agradecer a Deus por sua presença desde o começo de nossa vida. Todos podem rezar de modo espontâneo ou repetir breve prece com o catequista. Ou o catequista prepara preces e reparte com a turma.
 - Fazer o mesmo com as outras faixas: EUCARISTIA, CRIS-MA, CONFISSÃO, MATRIMÔNIO, UNÇÃO, ORDEM.
 Cada faixa seja afixada no altar, uma a uma. Ao afixar cada faixa, acender as velas, uma de cada vez, e rezar de acordo com a inspiração de cada sacramento.
 - Ao final, cantar a música 16.

4. Ritos Finais:

Oremos: Estamos contentes, ó Deus, porque sabemos que estais sempre conosco iluminando nossa vida e fortalecendo nosso ânimo. Ajudai-nos a prosseguir nessa caminhada de Igreja, sem jamais nos esquecermos de vossa misericórdia. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

T - Amém!

C - Avisos: A catequese continua no ano que vem. Motivar a turma.

- Pedir que não deixem de frequentar a comunidade durante as férias, principalmente a celebração da Eucaristia.

D - O Senhor esteja convosco.

T - Ele está no meio de nós.

Abençoe-nos o Deus todo poderoso que é Pai, Filho e Espírito Santo.

T - Amém!

- Obs.: Fazer animada confraternização e entregar cartão de natal a cada um, se for o caso.

Retiros para a Primeira Comunhão

Nossa sugestão é que se celebre a primeira Comunhão durante o ano em que se faz o módulo 4. O momento fica à escolha de cada paróquia ou diocese, conforme o costume. Pode ser no fim ou no meio do ano, como parecer melhor.

Antes de fazer a Primeira Comunhão, sugerimos que se faça uma preparação próxima para este sacramento, bem como para a primeira Confissão, por meio de um retiro.

Um retiro é um encontro diferente, com mais tempo para rezar e meditar. Cada turma pode fazer o seu retiro. Ou podem se juntar duas ou três turmas de uma paróquia ou comunidade para fazerem juntas essa preparação próxima.

Sugerimos aqui alguns temas para o retiro. O catequista fique à vontade para ver o que é melhor para este momento. Sugerimos também que se veja antes como serão atendidas as confissões das crianças. A primeira confissão marca muito. É um momento decisivo. É preciso preparar as crianças para este momento. E também o padre, que deve ser alguém paciente e habilidoso para lidar com as crianças. É preciso pensar com o padre que vai atender as confissões, como tudo será organizado.

Antigamente, havia um costume de se fazer às crianças, no momento da primeira confissão, um monte de perguntas, para avaliar se estão mesmo preparadas para a primeira comunhão. Lembramos humildemente que o sacramento da confissão não deve ser confundido com um momento de arguição. A primeira confissão, como as demais, deve ser para pedir perdão dos pecados e agradecer a Deus por seu amor, simplesmente.

Pensamos que a melhor avaliação para a primeira comunhão é a demonstração de boa vontade de cada criança, avaliada pela sua participação nos encontros da catequese. Quem participou bem dos encontros está certamente motivado a comungar. Exigir que a criança decore uma série de questões doutrinárias não nos parece sensato e destoa da proposta de catequese que estamos fazendo.

Nem mesmo sentido, o ato de contrição não precisa ser recitado de cor. Não há nenhuma exigência da Igreja nesse sentido. E o fato de ter de recitar algo de cor deixa as crianças nervosas, dificultando mais ainda sua primeira confissão. Uma sugestão é levar o ato de contrição por escrito. Com o tempo, a criança acaba aprendendo a rezar essa oração.

Mas tudo isso precisa ser combinado antes com o padre que vai atender as confissões. O importante é proporcionar às crianças uma experiência salutar desse sacramento que é tido como muito difícil, porque exige que a gente abra o coração para outra pessoa, e ainda para falar de pecados e fraquezas.

É preciso combinar também, com as crianças e com o padre, como será celebrada a primeira comunhão. Detalhes da celebração podem ser importantes e tudo sai melhor quando combinado com antecedência: vai haver entrada solene das crianças? Elas ocuparão um lugar específico dentro da igreja? Elas vão ajudar na liturgia? Alguém vai filmar ou fotografar? Haverá normas para isso? A comunhão será dada em duas espécies? São detalhes que precisam ser acertados com antecedência.

Uma coisa que costuma funcionar bem é envolver os que já fizeram primeira comunhão e convidá-los para renovar o compromisso com Jesus. Desse modo se incentiva a perseverança deles. Com criatividade, pode-se criar, na missa da primeira comunhão, um momento e um rito próprio para que os catequizandos perseverantes depois da comunhão renovem seu compromisso. Eles podem também ser atendidos antes em confissão, se necessário for, para que comunguem nessa missa. Um bom costume é fazer o beijo da Bíblia. A turma da perseverança ocupa lugar de destaque na celebração e, depois da profissão de fé, faz o beijo da Bíblia. Põe-se a bíblia em lugar de destaque e cada um vai lá dar o beijo na bíblia em sinal de compromisso com a Palavra de Deus. Enquanto isso se canta algo bacana. Aqueles que perseveram depois da primeira comunhão servem de testemunho para os outros que estão fazendo a primeira comunhão agora.

Muito importante também é ver como se dará a continuidade da catequese depois da primeira comunhão. Os encontros de catequese devem continuar. Esse é o propósito de nossa coleção que se intitula Catequese Permanente, justamente porque prevê que os encontros continuem, afinal a amizade com Deus precisa ser sempre alimentada para crescer cada vez mais.

O retiro que estamos propondo pode ser desmembrado, se parecer melhor, para ser feito em mais de um momento. Em vez de um grande retiro, podem-se fazer dois ou três encontros menores, mas sempre lembrando que esses encontros devem ser feitos com um tom diferente dos demais. São encontros especialmente para rezar, meditar e preparar o coração para a primeira confissão e para a primeira comunhão.

O catequista – que já está bem acostumado com o tom orante dos encontros – prepare momentos de oração para iniciar e terminar o retiro – ou os retiros. Também é bom preparar músicas, alguma brincadeira ou dinâmica, lanche, local apropriado etc. Há várias sugestões no roteiro abaixo.

1º RETIRO DE PREPARAÇÃO PARA A PRIMEIRA COMUNHÃO

Tema: EUCARISTIA

I) Preparação

- Escolher com antecedência um lugar tranquilo, de preferência em contato com a natureza e não um lugar fechado. Deve ser um lugar silencioso e sem movimento de gente estranha para facilitar o recolhimento.
- Marcar com bastante antecedência o local do retiro, a hora, o ponto onde todos vão se encontrar para sair. Seria bom que ninguém faltasse ao retiro, pois este é um momento especial de oração e reflexão, muito importante para a turma.
- Preparar lanche, combinando tudo com a turma. Alguns catequistas preferem fazer os dois retiros de uma vez só, então ele deve durar o dia todo: manhã e tarde. A equipe deve se prevenir para receber os catequizandos, inclusive preparando lanche e até almoço.
- Preparar folhas com os textos que deverão ser usados na reflexão: textos bíblicos, questões para partilha, orações da missa, etc. Confira o roteiro abaixo.
- Fazer cartazes com os diversos ritos da missa, conforme sugerido no roteiro abaixo, na terceira reflexão.
- Estudar bem o roteiro e preparar-se pessoalmente para esse momento com a turma. Não basta ir com a turma para um lugar diferente. É preciso aproveitar o momento para rezar, dialogar, fazer a experiência do Deus vivo e amoroso presente entre a turma. Este momento pode ser especial não só para a turma, mas para o catequista também.

II) Desenvolvimento

1) Acolhida e oração

- Cantar músicas animadas, acolhendo a turma.
- Motivar: Nós estamos nos aproximando do dia da nossa primeira comunhão. Vamos receber o sacramento da Eucaristia pela primeira vez. Isso é muito importante. E sempre que estamos às vésperas de um momento importante, precisamos parar um pouco para pensar, para rezar, para preparar nosso coração para esse momento. É o que viemos fazer aqui hoje: um retiro. Vamos, pois, passar esse momento juntos, bem unidos uns com os outros e bem unidos a Jesus, aquele a

quem nós queremos seguir. Vamos iniciar nosso encontro rezando, colocando toda a nossa vida nas mãos de Jesus e pedindo a ele que fique sempre conosco.

- Fazer o Sinal da Cruz.
- Erguer as mãos e rezar com o catequista: Ó bom Jesus, nós estamos aqui para mais um encontro, para mais um momento de amizade e comunhão com o Senhor. Nós te pedimos que o Senhor venha nos iluminar e nos ajudar a abrir nossos corações para acolher sua presença. Queremos que o Senhor esteja sempre presente em nossa vida, queremos ser seus seguidores, seus discípulos. Nós te pedimos força e coragem nessa caminhada de discípulo. Amém!
- Cantar a música número 15 ou 18.
- Rezar uns pelos outros. Colocar a mão no ombro do irmão que está à sua direita e rezar por ele. O catequista reza e a turma repete: Senhor Jesus, venha abençoar a todos nós, de modo especial, a esse amigo que está ao meu lado. Que ele siga seus passos, acolha sua palavra e viva sempre na amizade com o Senhor. Fortaleça sua fé, ilumine sua vida e dê a ele muita paz. Amém!
- Dar o abraço da paz.
- Cantar. Que tal a música número 13?

2) Primeira reflexão

A IMPORTÂNCIA DA EUCARISTIA EM NOSSA VIDA

(Assentar a turma em círculo, entregar a folha com textos bíblicos. Pedir que não leiam ainda. Cada texto vai ser lido ao longo da reflexão desenvolvida pelo catequista. Desenvolver a reflexão seguindo os passos abaixo.)

- Jesus, quando viveu em Nazaré, chamou muitos discípulos. Ele nunca quis estar sozinho. Sempre estava rodeado de pessoas, cercado de gente. Eram os discípulos de Jesus. Ele irradiava uma paz diferente; ele transmitia uma confiança em Deus que todos admiravam; ele contagiava com uma alegria que vinha de Deus. As pessoas sabiam que para experimentar essa paz, essa confiança e essa alegria, precisavam seguir Jesus sempre de perto, sem jamais se afastar dele. Precisavam ser discípulos de Jesus.
- Discípulo é aquele que segue o mestre. Mas não segue à toa. Ele encontra no seu mestre uma força transformadora, encontra em suas palavras um sentido novo para a vida. Por isso o segue. Por isso se compromete com o mestre. Então, entra na intimidade do mestre. Jesus era esse mestre em torno do qual muita gente se ajuntou. Muitos deixaram sua vida, sua rotina, seus afazeres para seguir Jesus e conhecê-lo mais de perto. Havia algo especial em Jesus que encantava, que atraía e as pessoas iam curiosas atrás dele para descobrir que força era essa que havia em Jesus.

(Ler o texto número 1: Jo 1,35-39)

"Certa vez, João Batista estava com dois de seus discípulos e, avistando Jesus que ia passando, disse-lhes: 'Eis o cordeiro de Deus'. Os dois discípulos ouviram João falar e seguiram Jesus. Então Jesus olhou para trás e vendo que o seguiam, perguntou-lhes: 'O que vocês procuram?'. Eles disseram: 'Mestre, onde moras?'. Jesus respondeu: 'Venham comigo e vocês verão'. Eles foram, então, aonde Jesus morava e ficaram com ele aquele dia".

- Esse texto mostra o interesse de dois discípulos de seguir Jesus. Vendo Jesus que eles estavam interessados em segui-lo, disse-lhes: "Venham comigo!". Jesus e aqueles dois discípulos passaram o dia juntos. E daquele dia em diante, nunca mais eles abandonaram Jesus. A amizade que surgiu entre eles foi tão grande que uniu suas vidas para sempre. Jesus já não vivia sem seus discípulos. Os discípulos já não queriam mais viver sem Jesus. Eles não ficaram olhando Jesus de longe, como um simpatizante que observa, mas não se compromete. Não. Eles foram atrás do mestre, tornaram-se íntimos dele, amigos do peito, seguidores fiéis de Jesus.
- Nós também somos convidados a entrar na intimidade de Jesus. Ele nos chama. Ele nos diz: "Venham comigo". Se a gente aceitar esse chamado, então entraremos em comunhão com Jesus.
- Mas o que é comunhão? Nós dizemos que vamos fazer a primeira comunhão. Mas o que é isso? Comunhão significa união, no caso união com Jesus. Os discípulos entraram em comunhão com Jesus porque passaram a ser seus amigos do peito. Eles se tornaram inseparáveis. Nós vamos fazer a comunhão, isso significa que haverá uma união ainda maior, mais estreita e mais comprometedora entre nós e Jesus. Seremos seus discípulos; vamos segui-lo por seus caminhos. Vamos viver unidos ao mestre Jesus, numa amizade que não deve ser rompida por nada. É assim que vivem os discípulos de Jesus. Então, faremos não só a primeira comunhão, mas viveremos em comunhão, o que é muito mais importante ainda.
- Com isso, percebemos duas coisas muito importantes:
- A comunhão é para quem quer ser discípulo de Jesus.
- A comunhão não é uma festa para receber a hóstia pela primeira vez. É um compromisso de viver a vida em união com Jesus.

(Conversar um pouco com a turma sobre esses dois itens acima.

Ver o que eles acham disso. Deixar que eles falem)

- Foi para ficar sempre conosco que Jesus nos deixou o sacramento da Eucaristia, a comunhão. Sacramento quer dizer sinal: sinal de união do discípulo com o mestre, sinal do amor de Jesus por nós que não quer nos deixar sozinhos. Eucaristia quer dizer "ação de graças", ou seja, a alegria do discípulo que agradece a Deus por poder viver unido a Jesus. (*Frisar bem esses conceitos*)

- Os sinais são muito importantes. Eles tocam fundo o nosso coração. Uma rosa, por exemplo, pode ser só uma flor lá no jardim. Mas, quando ofertada por alguém que ama, é sinal do amor entre as duas pessoas. Um abraço, por exemplo, pode ser só uma formalidade. Mas, se acontece entre duas pessoas que se amam e que estavam distantes, ele é sinal de uma grande amizade. E assim vai: um presente pode ser sinal de gratidão, um gesto comum pode ser um sinal especial. Assim, a Eucaristia é sinal da união com Jesus, sinal de seu grande amor por nós e de sua presença nos fortalecendo.
- Mas quando foi que Jesus instituiu a Eucaristia?

(Ler o texto número 2: Mt 26,20.26-28)

"Ao anoitecer, Jesus se pôs à mesa com seus discípulos. Enquanto estavam comendo, Jesus tomou o pão e pronunciou a benção, partiu-o e deu-o aos discípulos dizendo: 'Tomai e comei, isto é meu corpo'. Em seguida, pegou um cálice, deu graças e passou-o a eles dizendo: 'Bebei dele todos, pois este é o meu sangue, o sangue da nova e eterna aliança, que é derramado por todos para remissão dos pecados'".

- Jesus sabia que havia chegado sua hora de morrer. Não porque ele adivinhasse as coisas, mas porque ele via que suas palavras e obras estavam incomodando muita gente poderosa que queria matá-lo. Então, antes que eles botassem as mãos em Jesus, ele fez um jantar especial com seus amigos. E foi nesse jantar que tudo aconteceu. Jesus tomou o pão e o vinho e disse que eles seriam sinais da sua vida doada por amor a nós. A partir daquele momento, o pão e o vinho passaram a ser algo mais que um simples alimento e uma simples bebida para quem se reúne para celebrar a fé em Jesus. Estes pequenos e corriqueiros símbolos ganharam novo significado: tornaram-se para nós o corpo e o sangue de Jesus, sinais da sua presença no meio de nós. Então, Jesus, mesmo morrendo, continuou entre nós. Pois o corpo e o sangue significam a vida da pessoa toda.
- E foi assim que aconteceu. Depois que Jesus morreu, ressuscitou e voltou para junto de Deus, os discípulos não podiam mais ver Jesus, mas podiam continuar unidos a Jesus pelos diversos sinais que ele deixou. Eles se reuniam para rezar e celebravam a Eucaristia. E isso era força para eles. Os discípulos enfrentavam provações, dificuldades e até perseguições, mas não desanimavam. Sabiam que Jesus estava com eles, presente em suas vidas, em seus corações, e ainda mais no sinal da Eucaristia.
- Então, vamos recapitular:
- A eucaristia ou Comunhão foi instituída por Jesus pouco antes de sua morte.
- Ele instituiu a eucaristia para nos deixar um sinal da sua presença.

- Desde o início da Igreja, os cristãos se reúnem para celebrar a Eucaristia e manter acesa a amizade com Jesus.
- Essa celebração é o que hoje chamamos de Missa e da qual devemos sempre participar, ainda mais depois de fazermos nossa primeira comunhão.
- (Conversar um pouco sobre esses pontos. Ver as dificuldades para participar da Missa, o que acham da missa, suas dificuldades nesse sentido.)
- Celebrando a primeira comunhão, nós estaremos também fazendo um propósito de viver mais intensamente como discípulos de Jesus. Vamos nos juntar ao imenso grupo de pessoas que se esforçam para viver em união com Jesus e buscam na Eucaristia a força para esse seguimento.
- Muita gente de fé tem encontrado na Eucaristia a força para o seguimento. O discípulo de Jesus tem um longo caminho pela frente, tem uma missão muito bonita e importante. Como nós somos fracos e muitas vezes desanimamos da jornada, precisamos da força de Jesus. A comunhão é o alimento que nos fortalece. Quem participa da Eucaristia sai da celebração mais animado, mais fortalecido para enfrentar as dificuldades da vida, porque ela nos une a Jesus.
- Jesus disse no Evangelho de João que sua presença, no corpo e no sangue, alimentaria nossa vida, nos daria a força da qual precisamos.

(Ler o texto seguinte: Jo 6,35.39.51.56)

"Jesus disse: 'Eu sou o pão da vida. Aquele que vem a mim não terá mais fome e aquele que crê em mim jamais terá sede. A vontade do Pai é que não se perca nenhum daqueles que me seguem. Eu sou o pão vivo descido do céu. Quem come deste pão viverá eternamente. E o pão que eu darei é a minha própria carne para a salvação do mundo. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele'".

- Jesus sabia que nós precisamos de algo forte para nos alimentar na fé. Ele próprio resolveu ser nosso alimento. Sua presença nos alimenta, sua força nos contagia, sua amizade nos revigora. Através da comunhão, ou seja, da união profunda com Jesus, ele permanece em nós e nós permanecemos nele.
- É por isso que é tão importante o sacramento da Eucaristia. A Eucaristia é a presença de Jesus nos alimentando e animando na caminhada. Um discípulo de Jesus não se contenta em fazer a primeira comunhão. Ele quer mais: ele quer viver em comunhão profunda com Jesus. Por isso, ele participa sempre da Eucaristia, para fortalecer esses laços de amizade com seu mestre.

3) Atividade

- Dividir a turma em duplas. Cada dupla receberá uma folha com algumas perguntas sobre as quais deverá conversar. Poderão escolher um lugar bem tranquilo para uma conversa amiga e sincera. Na folha, estarão as seguintes questões:
- Por que a Eucaristia é importante para minha vida?
- Eu quero, do fundo do coração, ser discípulo de Jesus?
- Por que vou fazer a primeira comunhão?

4) Intervalo

- Lanche, brincadeiras, descontração, músicas, tudo a critério do catequista e da turma. Ao final do intervalo, reunir a turma no local da próxima reflexão, sossegar os ânimos, cantar música suave (que tal a número 7 ou 8?). Fazer breve oração a critério do catequista.

5) Segunda reflexão

A VIDA FRATERNA DOS SEGUIDORES DE JESUS

(Novamente em círculo, iniciar a reflexão conversando sobre a partilha que foi feita em duplas. Ver a profundidade das respostas, ajudar a turma a repensar essas questões, insistir nos pontos que parecem ainda frágeis. Depois, convidar para um segundo momento, também muito importante: uma breve reflexão sobre a vida dos seguidores de Jesus.)

- Nós somos discípulos de Jesus. Mas como vivem os discípulos de Jesus? Ser discípulo de Jesus é viver de qualquer modo ou os amigos de Jesus têm um modo próprio de vida, um estilo de vida de acordo com os ensinamentos do mestre? Vamos ver na Bíblia um bonito relato sobre a vida dos seguidores de Jesus. Esse texto vai nos ajudar a perceber as características dos discípulos de Jesus.

(Ler At 2,42-47: primeiro alguém proclama o texto em voz alta, depois cada um pode ler de novo em silêncio)

"Os discípulos perseveravam fiéis à doutrina pregada pelos apóstolos, participavam das reuniões em comum, da fração do pão e das orações. Todos eles estavam cheios de grande respeito pelas coisas de Deus; e os apóstolos realizavam numerosos prodígios e sinais. Todos os que abraçavam a fé viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um. Perseverantes e bem unidos, frequentavam o templo, partiam o pão pelas casas e tomavam a refeição com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e conquistavam a simpatia de todo o povo. E a cada dia mais pessoas eram atraídas pelo Senhor para se ajuntarem a eles".

(Fazer breve partilha. Cada um poderá dizer o que achou mais importante no modo de vida dos seguidores de Jesus. Depois fazer a reflexão abaixo.)

- A primeira característica dos seguidores de Jesus que o texto dos Atos dos Apóstolos nos mostra é a perseverança. De nada adianta receber Jesus pela primeira vez, se não for para perseverar na amizade com ele. Essa é uma qualidade muito importante que os seguidores de Jesus precisam ter. O texto fala principalmente da perseverança nos ensinamentos de Jesus. Isso significa que o discípulo nunca aprendeu tudo do mestre. Ele é um eterno aprendiz. Ele deve continuar sempre procurando se aprofundar nas coisas do mestre. A caminhada de seguidores de Jesus não é como um curso que tem fim, quando a gente recebe um diploma e já é doutor naquilo que estudou. No seguimento de Jesus, somos sempre discípulos e não mestres, somos aprendizes, somos pessoas sempre abertas a aprender mais e mais, pois a vida é cheia de desafios que não cessam de se apresentar a nós. Por isso é tão importante perseverar na catequese depois da primeira comunhão. Não estamos formados. Não terminamos um curso. Começamos uma caminhada de discipulado com Jesus e é preciso perseverar nesse caminho, sem desanimar.
- Outra característica dos apóstolos era a comunhão deles com a comunidade de fé. Eles participavam das reuniões em que se celebrava a fração do pão, que é a Eucaristia. Quem faz a primeira comunhão precisa continuar em comunhão, por isso precisa participar da Missa sempre, pelo menos uma vez por semana. Não adianta comungar uma vez e depois desaparecer. A frequência na comunidade é muito importante.
- Os discípulos tinham outra característica importante: eram pessoas de oração. Estavam sempre unidos rezando com seus irmãos de fé ou rezando em suas casas, no silêncio de seu quarto ou com suas famílias. A oração é uma forma de melhorar nosso diálogo com Deus e estreitar mais nossa amizade com ele. É muito importante rezar sempre para manter a comunhão com Jesus.
- Os discípulos eram também pessoas generosos, fraternas, que partilhavam suas vidas e seus bens. Para seguir Jesus, é preciso saber partilhar a vida como ele mesmo fez. Quem se fecha em seu egoísmo e só pensa em si não consegue seguir Jesus. Sente-se um estranho no grupo, porque a fraternidade é a marca dos seguidores de Jesus. Partilhar nossos bens e nossos dons não é uma obrigação; é uma graça que nos foi dada. Ver os amigos e irmãos vivendo felizes sem passar necessidades é uma alegria incomparável. É por isso que o texto termina dizendo que eles viviam felizes, louvando a Deus pela sua amizade. E cada dia mais gente queria viver assim: sendo discípulo de Jesus.
- Que tal cantar algo bem bonito depois da reflexão?
- Se for conveniente, fazer breve intervalo.

6) Terceira reflexão

A CELEBRAÇÃO DA MISSA

(Pode ser que a turma já tenha boa vivência litúrgica e não precise desta parte do retiro. Como estamos acolhendo na catequese todas as pessoas de boa vontade, independente da vivência religiosa familiar, anexamos essas informações que podem ser úteis na formação dos catequizandos, que a partir de agora devem ser incentivados ainda mais que antes a participarem da Missa na comunidade á qual pertencem. O catequista faça com sua coordenação o discernimento sobre a importância dessa reflexão, mantendo-a ou eliminando-a conforme sua realidade catequética)

- Vamos agora conversar sobre a celebração da missa. A gente comunga dentro de uma grande celebração, que chamamos Missa ou Eucaristia. A missa é dividida em várias partes. Vamos entender melhor? (O catequista pode fazer cartazes. Isso ajuda a entender melhor).
- Primeira parte da missa: RITOS INICIAIS

Ritos iniciais:

- Canto inicial
- Sinal da cruz
- Saudação
- Ato penitencial
- Glória
- Oremos
- A missa começa com um canto. A gente, nessa hora, fica em pé. Enquanto todos cantam, entra o padre ou bispo que presidirá a celebração, acompanhado dos ministros e demais pessoas que vão se envolver no desenrolar dos ritos.
- O padre começa a missa, fazendo o sinal da cruz: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A gente responde: Amém. O sinal da cruz é para lembrar que a gente se reúne em nome de Deus. Esse Deus é nosso Pai criador, é Jesus o filho de Deus nosso Salvador e é Espírito que nos santifica. É Deus quem nos convida para a celebração da eucaristia e é por causa dele que estamos ali.
- Depois o padre faz uma saudação com palavras tiradas da Bíblia. São palavras mais ou menos assim: "A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a força do Espírito Santo estejam com vocês". A gente res-

- ponde: "Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo". Vejam que bonita a resposta: A gente está louvando a Deus, porque ele nos reuniu no amor de Cristo. É muito bom viver unido com os irmãos no amor de Jesus.
- Depois o padre convida o povo para um momento penitencial. A gente reconhece que Deus é bom e nos acolhe, para nos ajudar a superar nossas fraquezas. Vamos à missa em busca da força de Deus. Precisamos dessa força, porque somos fracos. Deus sabe disso e quer nos ajudar. O momento penitencial é para a gente invocar a misericórdia e a ajuda de Deus. Nessa hora, pode-se cantar uma música ou fazer orações. Uma oração muito comum nessa hora é aquela em que o padre reza com o povo: Senhor, tende piedade de nós. Cristo, tende piedade de nós. Senhor, tende piedade de nós.
- Terminado o canto ou a oração, o padre diz: "Deus todo poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna". A gente diz: "Amém". Vejam que a gente está lembrando a vida eterna, porque Jesus disse que a gente devia celebrar a ceia eucarística, até o dia em que vamos cear com ele no céu. A eucaristia nos sustenta enquanto estamos nesse mundo, caminhando com fé e esperança para a glória eterna.
- Depois desse momento, a gente reza ou canta o glória, que é um hino de louvor a Deus. Se possível, é bom também a gente saber de cor o Hino do Glória, que é uma oração muito antiga de nossa Igreja.

Glória a Deus nas alturas! E paz na terra aos homens por ele amados. Senhor Deus, rei dos céus, Deus Pai todo poderoso. Nós vos louvamos. Nós vos bendizemos. Nós vos adoramos. Nós vos glorificamos. Nós vos damos graças por vossa imensa glória. Senhor Jesus Cristo, filho unigênito. Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai. Vós que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós. Vós que tirais o pecado do mundo, acolhei a nossa súplica. Vós que estais à direita do Pai, tende piedade de nós. Só vós sois o santo. Só vós o Senhor. Só vós o Altíssimo, Jesus Cristo. Com o Espírito Santo, na glória de Deus Pai. Amém.

- Depois, o padre diz "oremos" e faz uma oração que se chama coleta. Ele recolhe todas as nossas preces e reza a Deus em nosso nome: daí o nome coleta. A gente acompanha em silêncio e responde "amém" no final. Assim, terminam os ritos inicias.
- Segunda parte da Missa: RITO DA PALAVRA

Rito da Palavra:

- Primeira Leitura
- Salmo
- Segunda Leitura
- Aclamação
- Evangelho
- Homilia
- Profissão de Fé
- Preces
- O Rito da Palavra é a segunda parte da missa. Ele começa com o povo escutando a Palavra de Deus. São feitas duas ou três leituras da Bíblia, sendo que a última é sempre uma leitura do Evangelho. É a leitura principal da missa. Depois da primeira leitura, costuma ser rezado um salmo. O povo fica assentado durante essas leituras, mas se levanta para ouvir o Evangelho, o que simboliza a prontidão necessária para cumpri-lo.
- Após as leituras, o leitor diz: "Palavra do Senhor!" e o povo responde: "Graças a Deus!". Após o Evangelho, o leitor diz: "Palavra da Salvação!" e o povo diz: "Glória a vós, Senhor!".
- Depois, o povo se senta e o padre faz a homilia ou pregação, para ajudar o povo a compreender o sentido das leituras e a mensagem de Jesus para aquele dia. Afinal é preciso viver a Palavra de Deus! Então, é hora de prestar muita atenção.
- Depois disso, o povo se levanta e faz a profissão de fé e as preces. A profissão de fé é para dizer que a gente crê na Palavra de Deus que acabou de ouvir e se compromete com ela. É costume rezar uma profissão de fé que faz um resumo dos pontos mais importantes da nossa fé. É bom até saber de cor:

Creio em Deus Pai, todo poderoso, criador do céu e da terra, e em Jesus Cristo, seu único filho, nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu à mansão dos mortos; ressuscitou ao terceiro dia; subiu aos céus; está sentado à direita de Deus Pai todo poderoso, donde há de vir a julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo, na santa Igreja Católica, na comunhão dos san-

tos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne e na vida eterna. Amém.

- As preces são para a gente pedir a Deus a força para por em prática o que ele nos ensinou.
- Quando o padre anuncia o Evangelho, é costume a gente fazer três cruzes: uma na testa, outra na boca e outra no peito. Esse gesto é para pedir a Deus que purifique nossa mente, nossos lábios e nosso coração para escutarmos a Palavra que vai ser anunciada no Evangelho. A gente pode fazer as cruzes em silêncio ou dizer: "Purificai, Senhor, a minha mente, os meu lábios e o meu coração, para que eu possa amar, acolher e anunciar vossa Palavra."
- Terceira parte da Missa: RITO SACRAMENTAL

Rito sacramental

- Ofertório
- Oração Eucarística
 - Prefácio
 - Santo
 - Consagração
 - Intercessões
 - Conclusão
- Rito da Comunhão
 - Pai nosso
 - Oração pela paz
 - Cordeiro de Deus
 - Comunhão
 - Momento de silêncio
 - Oremos
- O Rito Sacramental começa com o ofertório. É o momento de ofertar a Deus a nossa vida. Nessa hora, pode-se ficar sentado. Ou fazer a procissão do ofertório, se for esse o costume. Durante o canto, o padre prepara o altar e oferta a Deus o pão e o vinho que serão, depois, consagrados e se tornarão corpo e sangue de Cristo, na comunhão. O padre encerra o ofertório, lavando as mãos, em um gesto simbólico que lembra a pureza de

- coração. Enquanto lava as mãos, o padre diz assim: "Lavai-me, Senhor, das minhas faltas e purificai-me dos meus pecados". Ele se lembra de que ele também é pecador.
- Então, o padre diz "Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo poderoso!". O padre está nos convidando a rezar para que Deus aceite com bondade a nossa oração. O sacrifício é o sacrifício de Jesus, que se entregou na cruz por amor a nós. O sacrifício é a eucaristia toda, que torna presente a entrega de Jesus na cruz. A gente se levanta e diz: "Receba, o Senhor, por tuas mãos, este sacrifício, para glória do seu nome, para o nosso bem e de toda a santa Igreja!" .O povo diz isso para o presidente da celebração, no caso, o padre: Que o Senhor receba, pelas mãos do padre, a oração que todo o povo apresenta na celebração da eucaristia.
- Aí começa a Oração Eucarística. Primeiro vem o Prefácio, que é a abertura da Oração Eucarística. O padre diz: "O Senhor esteja convosco". O povo responde: "Ele está no meio de nós". O padre: "Corações ao alto". O povo: "O nosso coração está em Deus". O padre: "Demos graças ao Senhor nosso Deus". O povo: "É nosso dever e nossa salvação".
- São palavras bonitas que fazem a abertura do Prefácio, lembrando que Jesus está no meio de nós, que nós estamos com o coração no alto, ou seja, em Deus, e que nos sentimos felizes em dar graças, em agradecer ao Senhor nosso Deus. Depois o padre reza o prefácio e nos convida a cantar ou rezar o santo.
- Trata-se de uma oração antiga para lembrar a santidade e a bondade de Deus. É bom saber de cor:

"Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus do universo. O céu e a terra proclamam a vossa glória. Hosana nas alturas. Bendito o que vem em nome do Senhor. Hosana nas alturas."

- "Hosana" é um pedido de ajuda. Significa: "Salvai-nos, Senhor." Foi isso que o povo pediu a Jesus, quando ele entrou em Jerusalém e o povo o recebeu e festejou com ramos. A gente recorda isso em toda Missa. Essa oração lembra que Deus é santo e que ele nos socorre. Jesus é aquele que veio em nome do Senhor, para socorrer o seu povo.
- Depois do Santo, vem a consagração. A gente se ajoelha nessa hora, em sinal de adoração. Nesse momento, o padre invoca o Espírito Santo para que o pão e o vinho se tornem corpo e sangue de Cristo. O padre diz então as palavras de Jesus que estão relatadas nos Evangelhos quando narram a

última ceia. "Tomai e comei... Tomai e bebei..." Quando o padre ergue a hóstia consagrada, a gente acompanha e reza em silêncio. Se o padre ergue é para que todos olhem. Não é hora de abaixar a cabeça. A mesma coisa se faz quando o padre ergue o cálice. Ergue para que seja visto. Então, a gente olha e reza em silêncio.

- Então, o padre diz ou canta: Eis o mistério da fé. A gente se levanta e responde, rezando ou cantando, uma oração que lembra o sentido da eucaristia.

Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus.

- O sentido é simples: celebrando a eucaristia, fazemos presente a morte e a ressurreição de Jesus e ficamos esperando sua vinda, ou seja, o dia em que vamos cear com ele na eternidade. Há outras respostas, que podem ser cantadas ou rezadas, sempre com o mesmo sentido: lembrar que ao celebrar a eucaristia a gente faz memória de Jesus que deu a vida por nós, ressuscitou e por isso está vivo junto de nós e nos aguarda, para participar um dia com ele da vida eterna.
- A seguir, o padre faz diversas orações, pedindo a Deus pela Igreja, pelo povo, pelos mortos, etc. É o que chamamos de intercessão.
- No final, o padre ergue o cálice e a hóstia consagrada e diz: "Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a vós Deus Pai todo poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda honra e toda glória, agora e para sempre". O povo diz ou canta o "Amém". É a conclusão da Oração Eucarística.
- Começa, agora, o Rito da Comunhão. São orações que preparam nosso coração para receber Jesus na eucaristia.
 - O Pai Nosso, oração que Jesus nos ensinou, lembra que todos somos irmãos, filhos do mesmo Deus Pai e, por isso, devemos estar em comunhão também com as pessoas com quem convivemos. A eucaristia é comunhão com Jesus e com as pessoas. Depois do Pai Nosso, quando rezado na missa, não se diz o "amém", porque o padre dá sequência à oração, dizendo: "Livrai-nos, ó Pai, de todos os males..." E o povo responde: "Vosso é o reino, o poder e a glória para sempre". Quando se reza o Pai Nosso fora da missa, diz-se o "amém".
 - Depois, o padre reza a oração da paz: "Senhor Jesus Cristo, dissestes aos vossos apóstolos, eu vos dou a paz, eu vos deixo a minha paz. Não olheis os nossos pecados, mas a fé que anima vossa Igreja. Dai-lhe,

- segundo vosso desejo, a paz e a unidade. Vós que sois Deus com o Pai e o Espírito Santo". Todos respondem: "Amém".
- Depois, pode-se fazer uma saudação (abraço da paz) que é facultativa. Quando feita, serve para mostrar que queremos a paz não somente para nós, mas para os outros também.
- Depois se reza o "Cordeiro de Deus" ou se canta, lembrando que Jesus é o cordeiro que se parte e se reparte entre nós. Ele se doa e tira o pecado do mundo.
- O padre ergue a hóstia e convida a todos, em nome de Jesus, para a comunhão: "Felizes os convidados para a ceia do Senhor. Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo".
- E a gente responde: "Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dizei uma palavra e eu serei salvo". Essa frase é muito importante. Somos convidados por Jesus para participar da ceia da eucaristia. Diante desse convite, a gente reconhece, com humildade, que nem é digno de participar da ceia com Jesus. Mas ele nos torna dignos. Por maior que seja a nossa fraqueza, para Deus basta uma simples palavra, ou um simples gesto e somos salvos e santificados para participar da eucaristia.
- Depois disso, a gente vai comungar. O padre ou ministro ergue a hóstia e diz: "O corpo de Cristo". A gente diz: "Amém". E recebe a hóstia, na mão ou na boca, e comunga ainda diante do padre ou do ministro. Não é correto sair carregando a hóstia pela igreja afora.
- A gente volta para o lugar e continua cantando o canto da comunhão. Depois do canto, haverá um breve momento de oração em silêncio, para que cada um converse com Deus, renove sua fé, agradeça a Jesus pela presença que fortalece nossa vida.
- O padre dirá "Oremos", convidando o povo a rezar. O povo fica em pé. O padre faz uma breve oração que o povo acompanha em silêncio, dizendo "amém" ao final. Termina aqui o Rito Sacramental.

- Quarta parte da Missa: RITOS FINAIS

Ritos Finais

- Avisos
- Homenagens
- Bênção final
- Os Ritos Finais são o encerramento da Missa. É hora de dar os avisos de

- interesse da comunidade. É hora de fazer também as homenagens devidas: cantar parabéns para os aniversariantes, por exemplo.
- Depois, o padre dá a bênção final e sai. Enquanto isso, canta-se. O certo é o povo esperar o padre sair do altar para só então ir embora, sem muita correria.

7) Oração e despedida

- Convidar a turma para encerrar o retiro rezando.
- Cantar alguma música apropriada.
- Fazer preces espontâneas pedindo a Jesus as qualidades necessárias para ser bom discípulo. A resposta poderá ser; "Venha nos ajudar, senhor!".
- Encerrar rezando o Pai Nosso.
- Despedir alegremente. Conduzir a turma de volta até o local combinado com os pais.

2º RETIRO DE PREPARAÇÃO PARA A PRIMEIRA COMUNHÃO

Tema: CONFISSÃO

I) Preparação

- Marcar local e data com antecedência.
- Preparar lanche, brincadeiras e músicas.
- Levar o texto do Ato de contrição um para cada pessoa. Juntamente com ele, haverá breve roteiro para exame de consciência.
- Fazer uma faixa com os seguintes dizeres: "Sejam santos como o pai celeste é santo".
- Levar Bíblia, fósforo e vasilha para a queima dos papéis.
- Levar lápis ou caneta um para cada pessoa.
- Estudar bem o roteiro antes, preparando-se para o retiro.

II) Desenvolvimento

1. Acolhida e oração

- Iniciar o retiro com muita animação, cantando à vontade.
- Fazer motivação: Como já dissemos, é muito importante nos prepararmos para a primeira comunhão, pois ela marca nossa caminhada de compromisso com Jesus. Nossa vida inteira deve estar entregue nas mãos de Deus

com muita confiança, pois neste caminho da vida não estamos sós: Jesus está conosco nos iluminando e animando nossa vida.

- Cantar a música número 3.
- Convidar para rezar, entregando a vida a Deus com muita confiança. Fazer preces espontâneas. A resposta poderá ser: "Recebe, Senhor, toda a minha vida".
- Cantar novamente a música anterior.

2. Primeira reflexão

O PECADO NA VIDA DO DISCÍPULO

(Estando a turma assentada em círculo e bem quieta, o catequista inicia a reflexão dialogando com a turma).

- Vamos procurar refletir sobre o sacramento da Confissão ou Penitência. Normalmente, ficamos com um frio na barriga, quando dizemos que vamos confessar. A confissão parece um bicho de sete cabeças. Mas nós vamos ver que não é bem assim. Ao contrário, a confissão é uma das coisas mais tranquilas e benéficas que podemos fazer.
- No outro retiro, refletimos sobre a vida do discípulo de Jesus e sua comunhão com o mestre. Vimos que ser discípulo é viver em comunhão sempre. Hoje vamos ver que Jesus conta conosco como discípulos, mas, já sabendo de nossas fraquezas, ele vai nos ajudar neste caminho com o sacramento da Confissão.
- Jesus quer discípulos que assumam pra valer a missão de segui-lo. O discípulo deve então ser esforçado, íntegro, honesto, dedicado, santo. O desafio do discípulo é ser como seu mestre. No nosso caso, nosso desafio é ser santo. Mas o que é ser santo?

(Entrar alguém com a faixa: "Sede santos como o Pai celeste é Santo" e colocar em destaque no centro da roda.)

- Essa é uma frase bonita, tirada do Evangelho de Lucas. Será difícil ser santo? Será possível? Será que Jesus nos pediria algo impossível? Mas o que é mesmo ser santo?

(Deixar que eles partilhem e falem à vontade)

- Ser santo é ser bondoso como Deus é. Jesus nos desafia a ser fiel ao Pai como ele mesmo fez. Ele foi sempre bondoso cumprindo assim a vontade do Pai. O desafio de Jesus é algo para cada dia: um passo de cada vez, uma superação depois da outra. Afinal tudo evolui; tudo se aperfeiçoa. Nós não podemos ficar parados. Precisamos ampliar nossa capacidade de amar, de perdoar, de compreender e amparar as pessoas.
- E para que essa santidade cresça, é preciso combater tudo aquilo que estraga

nossa vida e nos faz regredir no amor: é o que nós chamamos de pecado. O pecado estraga nossa vida e causa sofrimento a nós e aos outros. Então, todo discípulo de Jesus deve combater o pecado e o mal que estão ao seu alcance. E deve aprender a conviver com os limites e as fraquezas que não podem ser vencidos. Para ajudar o discípulo de Jesus a superar o pecado, nossa igreja tem o sacramento da Confissão. Esse sacramento não é o sacramento da fraqueza, da miséria, da vergonha. Ao contrário, é o sacramento do amor, do perdão de Deus que é sem limites. Deus está sempre disposto a perdoar os nossos pecados e a renovar nossas forças para não pecarmos mais. Deus é rico em misericórdia, amor, perdão. Aliás, o perdão de Deus é uma alegria. Ele tem alegria em perdoar.

- Vejamos isso na Bíblia: Lc 15,1-7.

(Ler e comentar o texto, deixando que a turma se expresse. Veja reflexão a seguir).

- Jesus sempre convivia com pecadores, pessoas de má fama. Por que Jesus agia assim? Certamente porque queria ajudar essas pessoas a buscarem uma vida melhor.
- Jesus não abandona sequer uma ovelha que se perdeu. Essa ovelha perdida somos cada um de nós, quando nos afastamos de Deus e rompemos nossa amizade com ele. Mas Jesus vai atrás de cada ovelha perdida. Ele sabe que longe dele nós não conseguimos ser felizes de verdade.
- Jesus se alegra ao perdoar, como o pastor se alegrou ao encontrar a ovelha perdida. Essa alegria é imensa. É tão grande que é maior que a alegria sentida por noventa e nove justos. Esse é um jeito bonito de dizer o quanto Deus é bom e se alegra em perdoar. O Evangelista Lucas está dizendo que a alegria de Deus em perdoar é de fato verdadeira; seu perdão é garantido, pois sua misericórdia e amor são sem fim.
- Mas por que o perdão é tão importante? Porque o perdão refaz a vida, reconstroi amizades perdidas, une famílias separadas, religa a gente com Deus. O pecado destrói, separa, divide. O perdão une, refaz, renova.
- Nós também precisamos nos alegrar com o perdão. Ser perdoado é uma experiência maravilhosa. Todos nós precisamos do perdão de Deus. Ele é uma força incrível que refaz nossa vida e renova nossa disposição de ser discípulo de Jesus.
- Cantar: música número 13.

3. Atividade

- Distribuir com os catequizandos uma folha em branco e lápis ou caneta. Cada um vai procurar um lugar bom e ficar sozinho e em silêncio por alguns minutos. Nesse momento vamos pensar na nossa vida: vamos ver o que temos feito

de bom e o que temos feito que não é tão bom assim e precisa ser corrigido. Então, vamos escrever isso no papel. De um lado, as coisas boas. Do outro, os erros, pecados, coisas que podem ser melhoradas e superadas, gestos e palavras que prejudicam nossas vidas e a vida de quem convive conosco. Ao final, vamos escrever o que precisamos fazer para superar esses erros, para melhorar nossa vida.

- Terminando de escrever, cada um dobrará o papel e ninguém deverá ler o papel do outro. São segredos nossos e de Deus. Cada um deverá guardar esse papel até a hora oportuna de utilizá-lo novamente.

4. Intervalo

- Lanche, músicas e brincadeiras por conta da turma e do catequista.

5. Segunda reflexão

O SACRAMENTO DA CONFISSÃO

(Reunir a turma novamente, assentar em círculo e cantar algo bem suave para recomeçar)

- Já falamos que o pecado está presente na vida do discípulo. E vimos que o perdão de Deus é o meio de nos libertarmos de nossos pecados. Ninguém precisa ficar escravo do pecado. Deus, com seu perdão, nos liberta de todo pecado. Foi pensando nisso que se instituiu o sacramento da confissão, também chamado de reconciliação ou penitência. A Igreja sempre acreditou que o perdão de Deus é algo fundamental no caminho do discípulo, que está sempre sujeito a errar e a desanimar no propósito de seguir Jesus.
- E foi inspirada em textos do Evangelho que falam sobre a necessidade do perdão que a Igreja se fundamentou para incentivar a prática da confissão. Vejamos por exemplo o texto de Jo 20,19-23. (*Ler o texto na Bíblia*)
- Jesus ressuscitado se manifesta entre os apóstolos. A primeira coisa da qual ele fala é da paz. Não dá para viver bem sem a paz. Os apóstolos de Jesus haviam fugido na hora da cruz. E tinham deixado Jesus sozinho, sem amparo, sem amizade, sem socorro. Foi um pecado muito grande, uma traição a uma amizade tão sincera e tão verdadeira que Jesus tinha lhes dedicado.
- Então, eles estavam meio sem jeito com Jesus. Eles estavam sentindo a presença de Jesus. Eles sabiam que ele tinha ressuscitado. Mas eles não estavam em paz: suas consciências os acusavam, seus pecados os atormentavam. Então foi preciso Jesus lhes devolver a paz, a paz que vem do perdão, do amor misericordioso de Jesus que tudo perdoa. Só assim eles estariam prontos para retomar o caminho do discipulado. Só assim eles poderiam viver em comunhão, em amizade com Jesus ressuscitado.
- E depois disso, Jesus ainda lhes pediu que também perdoassem as pessoas. A

- experiência do perdão que eles fizeram, eles deveriam transmitir. Daí nasceu o sacramento da confissão. Da vontade da Igreja de devolver a paz a todos os corações e do desejo de partilhar a alegria de ser perdoado.
- O sacramento da confissão é um sacramento de amor; só quem ama perdoa. E por que se chama confissão? Porque nesse sacramento nós procuramos um representante da Igreja (um ministro ordenado – padre ou bispo) e confessamos nossos pecados.
- Mas será que é preciso mesmo contar os pecados? Não dá para contar diretamente para Deus? A gente tem sempre medo de falar das coisas ruins e difíceis que existem em nossa vida. Gostamos apenas de falar das coisas boas. Mas é importante a gente ter alguém de confiança para nos orientar, para nos ouvir e conversar conosco. É bom ter com quem falar abertamente das nossas dúvidas, dos nossos problemas, dos nossos limites e pecados; alguém capacitado para ajudar a avaliar a nossa vida e, principalmente, alguém de fé que nos ajude a nos aproximar de Deus quando estamos mais fragilizados por nossas misérias.
- Na confissão, o padre é esse alguém que tem a tarefa de nos ouvir, nos acolher e nos orientar no caminho de volta para Deus. Ele representa Jesus, que sempre acolheu e perdoou os pecadores. Por isso, devemos nos aproximar do padre com tranquilidade e confiança. Ele não vai se assustar com nossos pecados. Ele já conhece a fraqueza humana e sabe que Jesus sempre foi misericordioso com os pecadores e é assim que ele deve ser também. E não é preciso ter medo de o padre contar tudo para os outros. A confissão goza do maior sigilo. Ninguém vai ficar sabendo de suas fraquezas e pecados.
- Mas, como confessar? Bom, primeiramente é preciso saber que a confissão não é uma arguição ou prova. O Padre não vai fazer perguntas sobre os mandamentos, nem sobre os sacramentos, nem sobre as leis da Igreja. A confissão não é um teste para saber se vocês podem comungar. Não é isso. Ela é um momento para avaliar, diante do ministro da Igreja, os caminhos que a gente vem seguindo, as escolhas que a gente vem fazendo. Por isso, é preciso falar das faltas, dos pecados, dos enganos que a gente pode ter cometido.
- Então, vamos lá. Vejamos alguns passos da confissão.
 - 1°) Exame de consciência: a primeira coisa importante para fazer uma boa confissão é parar um pouco, pensar na vida, nos enganos, nos erros que cometemos. Foi o que fizemos há pouco. É preciso ver o que há de bom em nós para poder valorizar isso; e é necessário também ver o que há de mau para poder enfrentar com coragem essas fraquezas. Quem nunca avalia sua vida corre o risco de ir caminhando sem saber para onde vai. Um bom costume é sempre fazer essa avaliação antes de dormir: a gente agradece a Deus o que teve de bom no dia, pede perdão

pelo que teve de ruim e busca a força do seu Espírito para vencer as dificuldades.

- 2°) **Confissão**: o segundo passo é procurar o padre e conversar com ele sobre a avaliação que a gente fez e falar como anda nossa vida. Pode ser que o padre faça alguma pergunta, mas só para entender melhor o que a gente diz, é só para nos ajudar melhor. A gente pode falar tudo, sem medo.
- 3°) Contrição: é costume o padre pedir para a gente rezar uma oração, que se chama "Ato de contrição". É uma oração bonita que a gente faz, pedindo perdão pelos pecados e prometendo se esforçar para vencê-los. Essa oração pode ser alguma que a gente sabe de cor, ou uma oração espontânea, conversando com Deus. Se a pessoa ficar insegura, pode até levar o ato de contrição escrito, para não correr o risco de esquecer na hora.

(Segue abaixo um modelo de Ato de contrição, que pode ser decorado por todos, pois é muito simples e fácil.)

Meu Deus e meu Pai, eu lhe agradeço porque o Senhor me ama e me ajuda sempre. Peço sua força para vencer minhas fraquezas e superar os meus pecados. Venha me ajudar com sua luz e me perdoar pelas vezes que errei. Prometo me esforçar para melhorar cada vez mais. Amém.

- 4°) **Absolvição**: terminada a conversa, o padre faz uma oração perdoando os pecados em nome de Deus e da Igreja.
- 5°) **Penitência**: é costume o padre dar uma penitência para quem se confessa, ou seja, sugerir que a gente faça alguma coisa para mostrar que estamos agradecidos a Deus. É preciso fazer um gesto concreto que mostre nossa boa vontade e gratidão. Significa o nosso compromisso de melhorar, corrigindo aquelas coisas que estão meio esquisitas em nossa vida.

6. Esclarecendo questões

- Talvez a turma tenha dúvidas sobre estes assuntos. O catequista ajude a esclarecer. Eis alguns pontos que costumam gerar dúvidas.
- A comunhão pode ser recebida na boca ou na mão. O mais comum atualmente é receber na mão. Coloque a mão esquerda por cima da mão direita.
 O padre colocará a hóstia na sua mão esquerda. Com a mão direita, você pega a hóstia e a coloca na boca, ainda diante do padre ou do ministro.

Não saia carregando a hóstia pela igreja afora. Nem pegue a hóstia diretamente da mão do padre. Estenda a sua mão e o padre colocará nela a hóstia. Isso evita que a hóstia caia no chão. Se a comunhão for dada em duas espécies (o corpo e o sangue de Cristo), o padre vai pegar a hóstia e molhar no cálice. Nesse caso, o costume é receber a comunhão na boca, porque não tem como pegar a hóstia molhada. Diga amém e abra a boca. O padre ou ministro colocará a hóstia diretamente em sua boca.

- E se a hóstia grudar no céu da boca? Não tem problema. Isso pode acontecer. Aja com naturalidade e retire a hóstia com a língua. Melhor do que enfiar o dedo na boca.
- E se a hóstia cair no chão? Se isso acontecer, o padre pegará a hóstia e te dará outra. Se a hóstia cair, não é porque a pessoa tenha pecados. É porque, na hora de comungar, às vezes, a mão do padre tremeu ou você não estendeu a mão direito. É comum acontecer, por causa da pressa de comungar. Mas não é sinal de pecado.
- E se o padre me der duas hóstias coladas uma na outra? Comungue as duas, não tem problema. Acontece que as hóstias podem colar uma na outra e não tem como separar. Então, comungue as duas, sem problema.
- Posso mastigar a hóstia? Em geral, a hóstia se derrete facilmente na boca. Mas se a boca estiver seca, ela pode agarrar. Você pode mastigar e engolir, como faz com os alimentos. Mas faça isso discretamente. Não fique mascando, como se fosse chiclete. (Aliás, por falar nisso, nunca se deve participar da celebração mascando chiclete. É uma falta de educação imensa. Ao entrar na igreja, jogue a bala ou chiclete fora).
- O que faço depois da comunhão? Volte para o seu lugar e continue cantando. Depois do canto, haverá um momento de oração para agradecer a Deus. Não se deve comungar e ir para a capela do Santíssimo, até porque, nesse momento, o santíssimo não está na capela. Também não parece bom comungar e ficar ajoelhado rezando, quando todos estão cantando. O certo é comungar, voltar para o lugar e continuar cantando. Pode ficar assentado mesmo. Depois se faz o momento de oração em silêncio.
- O que faço se esquecer algum pecado na confissão? É comum esquecer pequenos pecados. Para evitar isso, você pode fazer uma lista por escrito. Mas na confissão Deus perdoa também os pecados que foram esquecidos. Em geral, quando a gente esquece, é porque o pecado não tinha tanta importância assim. Se tiver esquecido um pecado e achar que é importante, pode voltar e dizer ao padre o que esqueceu. O que não pode é deixar de contar alguma coisa, quando está lembrando, por causa de medo, vergonha ou outra razão. Omitir um pecado, sem esquecimento, é um erro grave.

- Não precisa ter vergonha. Conte tudo, abra o seu coração, como se estivesse diante do próprio Jesus que acolhe e aconselha a todos.
- Toda vez que for comungar eu preciso me confessar antes? Não. A gente comunga toda vez que participar da celebração da eucaristia. E só precisa se confessar quando tiver um pecado mais grave. Depois da primeira comunhão, deve-se comungar sempre. Se tiver cometido apenas pequenos pecados, pode comungar também. Se cometer um pecado mais grave, então procure a confissão de novo, para pedir perdão e renovar o propósito de vencer as fraquezas.
- Ao procurar a confissão novamente, o padre vai perguntar quanto tempo tem que você não se confessa. Tente se lembrar disso antes. O padre quer saber disso para avaliar se você está pecando muito em pouco tempo ou se, tendo passado muito tempo sem se confessar, você tem apenas pecados leves. Isso ajuda a entender como anda a sua vida espiritual, se você precisa de alguma ajuda especial para superar algum pecado que venha se repetindo muito. Ao falar do tempo, seja claro: diga há quantos meses ou anos você se confessou pela última vez. Procure evitar expressões vagas, como "tem um tempão que não me confesso!" O padre não saberá o que é um tempão ou um tempinho.
- Preciso me confessar todo ano? A Igreja aconselha a fazer a confissão dos pecados ao menos uma vez por ano. Mas isso se você tiver pecados mais graves. É bom confessar uma vez por ano, ao menos. Mas se você conseguir passar o ano todo sem pecado, ou até mais, não está obrigado a se confessar de novo. Pode continuar comungando.
- Se eu estiver com pecado grave, posso comungar? Não. Nesse caso, procure antes a confissão, para depois comungar. Pode falar com o padre que você deseja se confessar. Ele vai encontrar um momento para atender você.
- A catequese acaba depois da primeira comunhão? Não! Vamos guardar com muito carinho que a comunhão não é o fim da catequese. Ao contrário, ao comungarmos assumimos um compromisso com Jesus. Passamos a ter a obrigação de comungar sempre. Todo domingo ou em toda celebração. A Igreja diz que a gente deve participar da missa todo domingo, ou ao menos uma vez na semana. Para quem mora longe, às vezes só é possível participar da missa uma vez por mês. Na falta da missa, se houver celebração na comunidade, deve-se participar e comungar também. Também a catequese continua. Não acaba depois da primeira comunhão. Não vale mais afastar-se da catequese depois da primeira comunhão. A gente continua porque tem muita coisa ainda para aprender.

7. Oração final e despedida

- Convidar a turma para rezar.
- Cantar uma música bonita que fale de perdão. Que tal a número 13?
- Terminada a música, o catequista convida a turma para refletir sobre os seus pecados. Sugerir que pensem em tudo que escreveram no papel na hora da reflexão pessoal. O catequista pode motivar: O que temos feito de bom? O que temos feito que não é tão bom assim? Temos desejado mal para os outros? Temos maltratado as pessoas? Temos sido grosseiros, rudes, mal-educados com as pessoas com quem convivemos? Temos nos dedicado à nossa família, aos amigos? Temos gastado tempo para rezar, para frequentar a comunidade, para fazer bem aos mais necessitados?
- Em silêncio, cada um poderá pedir perdão a Deus. Depois, rezar juntos o ato de contrição.
- O catequista coloca no centro da roda uma vasilha apropriada e convida a turma para queimar nessa vasilha o papel com as anotações que fez durante a reflexão pessoal. Cada um vai à frente e coloca na vasilha o papel no qual escreveu os seus pecados. Depois o catequista vai lá e coloca fogo nos papéis. (Cuidado: Nada de álcool ou outro produto inflamável. Os papéis se queimam facilmente!). Esse gesto simboliza o perdão de Deus que destrói todo nosso pecado.
- Depois da queima, podem ser feitas preces espontâneas de agradecimento pelo perdão.
- Concluir rezando o Pai Nosso.
- Cantar algo animado e bonito.
- Dar os avisos sobre a celebração da primeira comunhão.
- Encerrar o encontro levando de volta a turma para o local combinado com os pais.

Celebrações de encerramento do ano

Recomendamos que a primeira comunhão não seja feita no fim do ano, mas durante o transcorrer do ano catequético. No final do ano, pode ser feita uma bela celebração, para fazer a entrega de algum símbolo que recorde as experiências vividas durante o ano e o compromisso assumido com Jesus.

Isso, porém, em paróquias maiores pode acabar gerando muito tumulto, por causa do grande número de crianças. Para evitar isso, talvez fosse melhor fazer uma celebração – ou mais de uma – para encerrar o ano, separada da primeira comunhão.

Se a primeira comunhão tiver sido feita no meio do ano, será bom fazer uma celebração para encerrar o ano envolvendo os que fizeram a primeira comunhão ou os que concluíram o módulo 4. Eles poderiam, nesse caso, receber também algum símbolo do seu compromisso de perseverar com Jesus. Que tal a entrega do Credo? O Credo é a Profissão de Fé da Igreja. Agora que as crianças já participam da mesa da Eucaristia, está na hora de professar com a igreja e como Igreja essa fé. Os catequistas podem mandar fazer um cartão bonito com o credo e ele pode ser rezado de forma especial e solene por eles na celebração.

Músicas

1. VIVA A VIDA

- Viva a vida! / Como é bom sonhar / E o tempo todo estar / Com o coração feliz. / Por isso a gente veio aqui buscar a paz / Que só Deus pode nos dar.
- Viva a vida! / Como é bom sorrir / E a paz de Deus sentir em cada um de nós. / Há uma alegria invadindo nosso ser / É a paz que Deus nos dá.
- Por isso, vem, meu irmão, / Vem se alegrar, meu irmão! / Iremos juntos ao encontro do Senhor, / Meu irmão, ele é por nós, / Ele está junto de nós.
 - Me dê a mão, meu irmão! / Solte sua voz, meu irmão! / Não tenha medo de abrir seu coração, meu irmão! / É o próprio Deus, Deus de amor / Que abre seus braços pra acolher a todos nós.
 - Me dê um abraço, meu irmão! / Solte sua voz...
 - Louve o Senhor, meu irmão! / Solte sua voz...

2. VOCÊ É IGREJA

- Você é Igreja, quando acredita na força, / Na força da fé que nos une e nos faz ser irmãos. / Você é Igreja, quando acredita na vida, / Na vida que, mesmo sofrida, não é um sonho em vão.
- Você é Igreja também pelo seu Batismo, / Batismo que é compromisso com o Cristo Jesus. / Você é Igreja porque se apaixonou por Cristo/ E agora carrega também, cada dia, sua cruz.
- R.: Você é Igreja! Nós somos Igreja! / Igreja de Cristo, de irmãos que se unem pra juntos sonhar. / E a nossa Igreja/ vai ser mais Igreja, / se você também assumir esse sonho e por ele lutar.

- Você é Igreja, irmão, pois você tem um sonho,/ Um sonho de ver este mundo mais justo e fraterno. / E, além desse sonho, você alimenta a esperança / De um novo mundo futuro, infinito e eterno.
- Você é Igreja também, quando se compromete / Sem medo de se arriscar a serviço do bem. / Por ser esta Igreja, irmão, você luta e se doa, / Levando amor e esperança a quem não os tem.
- Você é Igreja, na força da Eucaristia, / pois quando do Corpo de Cristo você se alimenta, / Recebe em seu corpo o mistério infinito, profundo / Que a nossa união como Igreja realiza e aumenta.
- Você é Igreja também, quando em suas fraquezas, / Acaba sentindo cansaço, vacila e cai. / Pois, sendo cristão, você nunca deixou de ser gente. / Mas ergue-se, vence a queda, caminha e vai.

3. CONFIA EM DEUS

- Confia em Deus, meu coração, / Confia em Deus, não estás sozinho. /
 Confia em Deus, meu coração, / Teu Deus é luz, ele é farol em teu caminho.
- Tem fé em Deu, meu coração...
- Repousa em Deus, meu coração...
- Tem força e fé, meu coração...

4. VEM, MEU IRMÃO

- Vem, meu irmão / Oh! Vem, meu irmão / Vem soltar a sua voz nessa canção / Vem unir a sua vida em oração / Vem abrir de uma vez seu coração / Vem encontrar a paz / Vem partilhar o amor / Vem se juntar ao povo eleito do Senhor.
- Seja bem-vindo, meu irmão / Jesus te acolhe com alegria / Braços abertos noite e dia / Alguém espera por você / E esse alguém tão importante / Já reservou um bom lugar / Pra quem quiser participar / Das alegrias do Senhor.
- Vem, meu irmão / Oh! Vem, meu irmão / Entre nós ninguém se sinta excluído / Mal-amado, rejeitado ou esquecido / Pois Jesus pediu que todos fossem irmãos / Vem partilhar sua fé / Curar a sua dor / Vem se juntar ao povo eleito do Senhor.

5. A MINHA VIDA É DOM DE DEUS

- A minha vida é dom de Deus, / É dom de Deus que me amou. / Em qualquer situação, / A vida é dom de Deus, / A vida é dom de amor. /
- E vida a vida (A vida é dom de Deus) / E viva a vida (A vida é dom de amor) / E viva a vida (A vida é dom de Deus) / E viva com amor.
- A minha vida é dom de Deus, / É dom de Deus que me elegeu. / Em qualquer situação...

- A minha vida é dom de Deus, / É dom de Deus que me enviou. / Em qualquer situação...
- A minha vida é dom de Deus, / É dom de Deus que me ungiu. / Em qualquer situação...

6. OBRIGADO, MEU SENHOR

- Deus nos trata sempre com amor / Deus concede sempre o seu perdão / Tudo isso eu quero agradecer.
- Ó,ó,ó Deus, Deus de amor, Deus bom / A minh'alma está em paz, obrigado meu Senhor. (bis)
- Deus não abandona os filhos seus / Deus estende a nós a sua mão / Tudo isso eu quero agradecer.
- Deus sempre nos dá uma nova chance / Deus não tarda em nos socorrer / Tudo isso eu quero agradecer.
- Deus restaura o nosso coração / Deus protege contra todo o mal / Tudo isso eu quero agradecer

7. EU AMO A DEUS

- Eu amo a Deus, / porque meu Deus é bom (2x)
- R.: Sem Deus não sou ninguém. / Sem seu amor meu coração / Não repousa em paz.
- Eu creio em Deus... / Eu busco a Deus... / Eu louvo a Deus... / Eu sigo a Deus... / Eu sirvo a Deus... / Eu vivo em Deus...

8. SENHOR, EU ESTOU AQUI

- Senhor, eu estou aqui./ Em ti, venho buscar consolação. / Quero mergulhar em teus mistérios, / Quero que o teu amor venha conquistar meu coração.
- Eu me coloco em tua presença, / Eu me ponho diante de ti / Pois só tu és minha força, meu Senhor.

9. JESUS TE CHAMA

- Amigo, Jesus te chama pra ser Igreja. / Ele chama porque precisa de pedras vivas nessa construção.
- **R.:** Pois a Igreja somos nós, povo escolhido / para publicar ao mundo as maravilhas do Senhor.
- Amigo, Jesus te fala pela palavra. / Ele fala porque precisa de pedras vivas nessa construção.
- Amigo, Jesus te envia a ser Igreja. / Ele envia porque precisa de pedras vivas nessa construção.

10. NÓS SOMOS UM SÓ CORAÇÃO

 Nós somos um só coração e uma só alma. / Uma só fé, um só caminho, um só Senhor. / Nós somos um só coração e uma só alma. / O que nos

- une é a força do amor.
- Nós cremos na união, / Nós cremos no perdão, / Cremos na força do diálogo e na compreensão. / Nós cremos no Senhor, / Cremos em paz e amor. / Podem ser muitos nossos sonhos, / Mas é um só nosso Salvador.

11. EIS-ME AQUI

- Eis-me aqui (2x) / Oh! meu Senhor (2x) / Quero entregar / Minha vida.
- Junto de ti (2x) / Encontro a paz (2x) / Ah! Meu Senhor / Viverei feliz.
- Tudo o que tenho, o que eu faço, o que eu sou, eu te dou. / Meu coração, minha vida, meu ser, eu te dou. / No desejo de viver aos teus pés, junto de ti. / Eu me entrego, em tuas mãos, Senhor.

12. TODOS JUNTOS VAMOS TE ADORAR

- Todos juntos vamos te adorar / Nossa voz se elevará num só louvor. Temos muito pra te agradecer / Pois nos deste muitas provas de amor.
- Glória, glória, glória Aleluia / Glória ao Pai e a Jesus, o Salvador. Glória, glória, glória Aleluia / Glória ao Santo Espírito Consolador
- Sim, Senhor, é grande o teu poder / És a fonte de onde jorra a nossa paz / A alegria invade o nosso ser./ Pois em ti a nossa vida se refaz.

13. PERDÃO, MEU SENHOR

- Perdão, meu Senhor, / Sou um pobre pecador. / Tantas vezes, no caminho, / Me perdi, me vi sozinho. / Mas eu tenho um coração / Que é repleto de amor. / Se eu errei, quero, então, suplicar o teu perdão.
- Não olhe minhas faltas, Senhor, / não olhe os meus erros, Deus de amor. / Segura a minha mão, / me ergue desse chão / em que caí. / E, com a tua força, Senhor, / Eu vou me transformar, Deus de amor, / de novo terei paz, / caminharei feliz / junto de ti.

14. OH, COMO É BOM

- Oh! Como é bom viver em união. / Oh! Como é bom viver em comunhão. Bis)
- Nada se compara a um abraço. / Nada se compara ao abraço de um irmão. / Nada se compara ao abraço de um irmão querido. / Oh! Como é bom viver em comunhão.
- Nada se compara à amizade. / Nada se compara à amizade de um irmão.
 / Nada se compara à amizade de um irmão querido. / Oh! Como é bom viver em comunhão.
- Nada se compara ao sorriso. / Nada se compara ao sorriso de um irmão.
 / Nada se compara ao sorriso de um irmão querido. / Oh! Como é bom viver em comunhão.

15. DEUS ME CHAMA

- Deus me chama / Ele me ama / E me diz: "Filho tu és meu". (bis)

- Eu me alegro e respondo: / "Meu Senhor e meu Deus".
- Meu Senhor, meu Senhor, / Meu Senhor e meu Deus.

16. EU VIVO NA PRESENÇA DE JESUS

- Eu vivo na presença de Jesus / Na presença de Jesus que está comigo / Minha vida em suas mãos / Sua força está no meu coração.
- Caminho, mas, na estrada, não estou só. / Sou Igreja e nunca ando sozinho. / Sigo em frente, sou irmão; / Vivo sempre em comunhão / Com o povo que crê no Senhor.
- Eu sou Igreja, vivo como Igreja; / Faço parte desse povo que caminha na fé. / Eu sou Igreja, creio como Igreja; / Comunhão do povo santo que se une / No senhor.

17. DEUS, Ó DEUS DA VIDA

- Deus, ó Deus da vida, liberta-nos do mal.
- Deus, ó Deus da vida, restaura nosso ser.
- Deus, ó Deus da vida, renova nossa fé.
- Deus, ó Deus da vida, mantenha-nos unidos no amor.

18. SE JESUS ME CHAMA

- Se Jesus me chama eu vou / Eu vou aonde ele for. (bis)
- Não estou sozinho no caminho. / Muita gente vem comigo, vem. / Somos seguidores de Jesus. / Carregamos, com ele, nossa cruz. (bis)
- Se Jesus me ama, eu vou...
- Se Jesus me escolhe, eu vou...
- Se Jesus me envia, eu vou...